

CONTOS 3 FANTASTICOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CONTOS
FANTÁSTICOS
03

A GALINHA DEGOLADA – Horácio Quiroga



O dia inteiro sentados num banco do pátio, ficavam os quatro filhos idiotas do matrimônio Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos vazios e se voltavam com a boca aberta. O pátio era de chão batido, fechado a oeste por um muro de ladrilhos. O banco ficava paralelo a ele, a uma distância de cinco metros, e ali os filhos se mantinham imóveis, com os olhos fixos nos ladrilhos. O sol desaparecia detrás do muro e, ao declinar, os idiotas faziam festa. A princípio, a luz alucinante chamava sua atenção e, pouco a pouco, seus olhos se animavam: riam finalmente estrepitosos, congestionados pela mesma hilaridade ansiosa, contemplando o sol com uma espécie de alegria bestial..

Outras vezes, alienados no banco, zumbavam horas inteiras, imitando o bonde elétrico. Os ruídos violentos sacudiam desta forma sua inércia e então corriam, mordendo a própria língua e bramando, ao redor do pátio. Contudo, quase sempre estavam apagados, imersos na profunda letargia do idiotismo, e passavam todo o dia sentados em seu banco, com as pernas suspensas e quietas, empapando a calça de uma saliva grossa.

O mais velho tinha doze anos e o menor, oito. Em todo seu aspecto sujo e miserável, notava-se a falta absoluta de um mínimo cuidado maternal..

Esses quatro idiotas, no entanto, tinham sido um dia o encanto de seus pais. Com três meses de casados, Manzini e Berta orientaram seu estreito amor de marido e mulher, mulher e marido, para um futuro muito mais vital: um filho. Que maior felicidade para dois apaixonados que essa honrosa consagração de seu carinho, libertado já do vil egoísmo de um mútuo amor sem fim nenhum e o que é pior para o amor mesmo, sem esperanças possíveis de renovação?

Assim estavam Mazzini Berta, e quando o filho nasceu, aos catorze meses de casamento, acreditaram cumprida sua felicidade. A criança cresceu bela e radiante, até um ano e meio. Porém, no vigésimo mês, sacudiram-na uma noite convulsões terríveis, e na manhã seguinte não conhecia mais seus pais. O médico examinou-o com essa atenção profissional de quem está visivelmente buscando o mal nas enfermidades dos pais.

Depois de alguns dias, os membros paralisados recuperaram o movimento; porém a inteligência, a alma, até o instinto se haviam ido tudo: tinha ficado profundamente idiota, babão, pendente, morto para sempre sobre os joelhos da sua mãe.

– Filho, meu filho querido! – soluçava esta, sobre aquela espantosa ruína de seu primogênito. O pai, desolado, acompanhou-a ao médico.

– A você se pode dizê-lo. Creio que é um caso perdido. Poderá melhorar, educá-lo com todas as limitações de seu idiotismo, porém não mais longe.

– Sim...! Sim – assentia Mazzini. – Porém, diga-me: você acredita que é hereditário, que...?

– Quanto à hereditariedade paterna, já lhe disse o que acreditava quando vi seu filho. Respeito sua mãe, mas há ali um pulmão que não sopra bem. Não vejo nada mais, porém há um sopro um pouco áspero. Faça com que ela o examine bem.

Com a alma destroçada pela aflição, Mazzini redobrou o amor a seu filho, o pequeno idiota que pagava pelos excessos do avô. Teve assim mesmo que consolar, prestar apoio sem trégua a Berta, ferida no mais

profundo por aquele fracasso de sua jovem maternidade.

Como é natural, o casamento pôs todo seu amor na esperança de outro filho. Nasceu este, e sua saúde e seu riso límpido reacenderam o futuro entinto. Porém, aos dezoito meses as convulsões do primogênito se repetiram, e no dia seguinte amanheceu idiota.

Desta vez, os pais mergulharam em profundo desespero. Logo seu sangue, seu amor estavam malditos! Seu amor, sobretudo! Vinte e oito anos ele; vinte e dois, ela, e toda sua apaixonada ternura não conseguia criar um átomo de vida normal. Já não pediam mais beleza e inteligência como no primogênito; mas apenas um filho! Um filho, como todos!

Do novo desastre brotaram novas labaredas do dolorido amor, um louco desejo de redimir uma vez para sempre a santidade de sua ternura. Vieram gêmeos, e ponto por ponto, repetiu-se o processo dos dois mais velhos.

Mas, por cima de sua imensa amargura, ficava em Mazzini e Berta uma grande compaixão por seus quatro filhos. Teve que arrancar do limbo da mais funda animalidade, não já suas almas, senão o instinto mesmo abolido. Não sabiam deglutir, trocar de lugar, nem mesmo sentar-se. Aprenderam finalmente caminhar, porém se chocavam contra tudo, por não se dar conta dos obstáculos. Quando os banhavam, mugiam até injetar-se de sangue o rosto. Animavam-se somente ao comer, ou quando viam cores brilhantes ou quando ouviam trovões. Riam-se, então, jogando para fora a língua e rios de baba, radiantes de frenesi bestial. Tinham, em troca, certa faculdade imitativa; porém não se pode obter nada mais. Com os gêmeos parecia haver-se concluído a aterradora descendência. Contudo, transcorridos três anos, desejaram de novo ardentemente outro filho, confiando em que o longo tempo transcorrido houvesse serenado a fatalidade.

Não satisfaziam suas esperanças. E nesse ardente desejo que se exasperava, em razão de sua infrutuosidade, acidularam-se. Até esse momento, cada qual havia tomado sobre si a parte que lhe correspondia na miséria de seus filhos; porém a desesperança de redenção ante as quatro bestas que haviam nascido deles, jogaram fora essa imperiosa necessidade de culpar aos outros, que é patrimônio específico dos corações inferiores..

Iniciaram-se com a troca do pronome: teus filhos. E, além do insulto, havia a insídia, a atmosfera se carregava.

—Me parece – disse-lhe uma noite Mazzini, que acabava de entrar e lavava as mãos – que poderias deixar mais limpos os meninos.

Berta continuo lendo como si não o houvesse ouvido.

– É a primeira vez – refez-se a tempo – que te vejo inquietar-te pelo estado de teus filhos.

Mazzini voltou um pouco a cara para ela com um sorriso forçado:

– De nossos filhos, me parece?

– Bom; de nossos filho. Fica bem assim? —levantou ela os olhos.

Desta vez, Mazzini expressou-se claramente:

– Creio que não vais dizer que eu tenho a culpa, não?

—Ah, não! – sorriu Berta, muito pálida – porém eu tampouco, suponho...! Não faltava mais...! — murmurou

– O quê, não faltava mais?

– Que se alguém tem a culpa, não sou eu, entenda-o muito bem! Isso é o que queria te dizer.

Seu marido olhou-a por um momento, com um brutal desejo de insultá-la.

– Deixemos! – articulou, secando-se por fim as mãos.

– Como quiseres; porém se quiseres dizer....

– Berta!

– Como quiseres!

Este foi o primeiro choque, e lhes sucederam outros. Porém, nas inevitáveis reconciliações, suas almas uniam-se com duplo arrebatamento e loucura por outro filho.

Nasceu assim uma menina. Viveram dois anos com a angústia à flor da pele, esperando sempre outro desastre. Nada aconteceu, entretanto, e os pais puseram nela toda sua complacência, que a pequena levava ao mais extremos limites do mimo e da má criação.

Se assim nos último tempo Berta cuidava sempre de seus filhos, ao nascer Bertita, esqueceu-se quase de todo dos outros. Só sua recordação a horrorizava, como algo atroz que a houvessem obrigado a cometer. A Mazzini, bem que em menor grau, acontecia o mesmo.

Não por isso a paz havia chegado a suas almas. À menor indisposição de sua filha, corria para fora, com o terror de perdê-la, os rancores de sua descendência podre. Tinham acumulado ressentimento de sobra para que o vaso ficasse tenso, e ao menor contato o veneno o veneno se esvaziava para fora. Desde o primeiro desgosto inoculado, haviam-se perdido o respeito; e se há algo que o homem se sente trasladado com cruel gozo é quando já se começou a humilhar de todo a uma pessoa. Antes se continham pela mútua falta de êxito; agora que este havia chegado, cada qual, atribuindo-o a si mesmo, sentia maior a infâmia das quatro aberrações que o outro lhe havia forçado a conceber.

Com estes sentimentos, não houve já para os quatro filhos maiores nenhum afeto possível. A empregada doméstica os vestia, dava-lhes de comer, deitava-os, com visível brutalidade. Quase nunca os banhava. Passavam quase todo o dia sentados de frente para o muro, abandonados de qualquer remota carícia.

Deste modo, Bertita cumpriu quatro anos, e nessa noite, por causa dos doces que era aos pais absolutamente negar-lhe, a menina teve calafrios e febre. O temor de vê-la morrer ou tornar-se idiota, tornou a reabrir a eterna ferida.

Fazia três horas que não se falavam e o motivo foi, como quase sempre, os fortes passos de Manzini.

– Meu Deus! Não podes caminhar mais devagar? Quantas vezes...?

– Bem, é que me esqueço. Acabou-se. Não o faço de propósito.

Ela sorriu com desdém:

– Não, não te acredito tanto!

– Nem eu, jamais, tinha acreditado tanto em ti....tisiquinha!

– Quê! Quê disseste...?

– Nada!

– Sim, ouvi algo de ti! Olha, não sei o que disseste; porém te juro que prefiro qualquer coisa a ter um pai como o que tens tido tu!

Manzini ficou pálido.

– Por fim! —murmurou com os dentes cerrados. – Por fim, víbora, há dito o que querias!

– Sim, víbora, sim! Porém eu tive pais sadios! Ouves? Sadios! Meu pai não morreu de delírios! Eu havia de ter tido filhos como os de todo o mundo! Esses são filhos teus, os quatro, teus!

Mazzini explodiu por sua vez:

– Víbora tísica! Isso é o que lhe disse, o que quero te dizer! Pergunta-o ao médico, pergunta ao médico quem tem a maior culpa da meningite de teus filhos: meu pai ou teu pulmão doente, víbora!

Continuaram cada vez mais com maior violência, até que um gemido de Bertita selou instantaneamente suas bocas. À uma da manhã, a ligeira indigestão havia desaparecido, como acontece fatalmente com todos os casais jovens que têm se amado intensamente uma vez sequer, a reconciliação chegou, tanto mais efusiva quanto mais ofensivos foram os ultrajes.

Amanheceu um dia esplêndido, e enquanto Berta se levantava, cuspiu sangue. As más emoções e a má noite passada tinham, sem dúvida, grande culpa. Mazzini a reteve abraçada um longo tempo, e ela chorou desesperadamente, porém sem que nenhum se atrevesse a dizer uma palavra..

Às dez decidiram sair, depois de comer. Como mal tinham tempo, ordenaram à empregada que matasse uma galinha.

O dia radiante havia arrebatado os idiotas de seu banco. De modo que enquanto a empregada degolava na cozinha a ave, dessangrando-a com parcimônia (Berta havia aprendido de sua mãe este bom modo de conservar a carne mais fresca), acreditou sentir algo como respiração atrás dela. Voltou-se, e viu aos quatro idiotas, com os ombros emparelhados um ao outro, olhando estupefatos a operação...Vermelho...Vermelho....

– Senhora, os meninos estão aqui na cozinha.

Berta chegou; não queria que jamais pisassem ali. E nem ainda nessas horas de pleno perdão e felicidade reconquistada, podia evitar-se essa horrível visão! Porque, naturalmente, quando mais intensos eram os êxtases de amor a seu marido e sua filha, mais irritado era seu humor com os monstros.

– Que saiam, Maria! Expulse-os! Expulse-os, lhe digo!

As quatro pobres bestas, sacudidas, brutalmente empurradas, foram para seu banco.

Depois de almoçar, saíram todos. A empregada foi a Buenos Aires, e o casal a passear pelas chácaras. Quando o sol baixou voltaram, porém, Berta quis saudar um momento suas vizinhas de frente. Sua filha escapou-se em seguida rumo a casa.

Entretanto os idiotas não se haviam movido todo o dia de seu banco. O sol já havia transposto o muro, começava a fundir-se, e eles continuavam contemplado os ladrilhos, mais inertes do que nunca.

De repente, algo se interpôs entre seu olhar e o muro. Sua irmã, cansada de cinco horas junto ao pai, queria observar por sua conta. Parada ao pé do muro, olhava pensativa o cume. Queria subir, isso não oferecia dúvida. Por fim decidiu-se por uma cadeira, sem fundos, porém faltava mais. Recorreu então a uma caixa de querosene e seu instinto topográfico fez-lhe colocar o móvel na vertical, com o qual triunfou.

Os quatro idiotas, com o olhar indiferente, viram como sua irmã lograva pacientemente dominar o equilíbrio, e como, na ponta dos pés, apoiava a garganta sobre o topo do morro, entre suas mãos

delicadas. Viram-na olhar para todos os lados, e buscar apoio com o pé para elevar-se mais.

Porém o olhar dos idiotas havia se animado. Uma mesma luz insistente estava fixa em suas pupilas. Não afastavam os olhos de sua irmã, enquanto uma crescente sensação de gula bestial ia transtornando cada linha de seus rostos. Lentamente avançaram até o muro. A pequena, que tendo conseguido calçar um pé, ia já montar a cavalo no muro e a cair do outro lado, seguramente, mas sentiu-se segura pela perna. Debaixo dela, os oito olhos cravados nos seus lhe deram medo.

– Solta-me! Deixa-me! —gritou sacudindo a perna. Porém foi atraída.

– Mamãe! Ai, Mamãe! Mamãe, papai! – chorou imperiosamente. Tratou ainda de agarrar-se à borda, porém sentiu-se arrancada e caiu.

– Mamãe, aí! Ma... – Não conseguiu gritar mais. Um deles lhe apertou o pescoço e os outros arrastaram-na por uma só perna até a cozinha, onde essa manhã haviam dessangrado a galinha, bem submissa, arrancando-lhe a vida por segundos.

Mazzini, na casa em frente, acreditou ouvir a voz de sua filha.

– Me parece que te chama – disse-lhe Berta.

Prestaram atenção, inquietos, porém não ouviram mais nada. Contudo, um instante depois se separaram, e enquanto Berta ia deixar seu chapéu, Manzini avançou no pátio:

—Bertita!

Ninguém respondeu.

– Bertita! —elevou mais a voz, já alterada.

E o silêncio foi tão fúnebre para seu coração sempre aterrorizado, que a coluna se lhe gelou de um horrível pressentimento

– Minha filha! – correu já desesperado até os fundos. Porém ao passar em frente da cozinha, viu no piso um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta entreaberta, e lançou um grito de horror.

Berta, que já se havia lançado correndo por sua vez ao ouvir o aflito chamado do pai, ouviu o grito e respondeu com outro. Porém ao precipitar-se na cozinha, Manzini, muito lívido, interpôs-se, contendo-a.

– Não entres! Não entres!

Berta conseguiu ver o piso inundado de sangue. Só pôde jogar seus braços sobre a cabeça e abraçar-se ao marido com um áspero suspiro.

O TRAVESSEIRO DE PENAS - Horacio Quiroga



Sua lua-de-mel foi um longo arrepio. Loura, angelical e tímida, o temperamento rude de seu marido enregelou seus sonhos infantis de noiva. Amava-o muito, entretanto, às vezes com um leve estremecimento quando, voltando à noite juntos pela rua, lançava um olhar furtivo à alta estatura de Jordán, silencioso já há uma hora. Ele, por sua vez, a amava profundamente, sem revelar seu amor.

Durante três meses – casaram-se em abril – viveram uma felicidade toda especial. Ela sem dúvida desejaria menos rigidez naquele austero céu de amor, uma ternura mais atrevida e expansiva, mas o impassível semblante do marido sempre a continha.

A casa em que viviam influía um pouco em seus tremores. A brancura do pátio silencioso – frisos, colunas e estátuas de mármore – produzia uma outonal impressão de palácio encantado. Dentro, o brilho glacial do gesso, sem o mais leve arranhão nas altas paredes, acentuava aquela sensação de frio desagradável. Ao passar de um cômodo a outro, os passos ecoavam por toda a casa, como se um longo abandono tivesse acentuado sua ressonância.

Nesse espantoso ninho de amor, Alicia passou todo o outono. Entretanto, acabou por lançar um véu sobre seus antigos sonhos e vivia entorpecida na casa hostil, sem querer pensar em coisa alguma até que chegasse o marido.

Não era estranho que emagrecesse. Contraindo uma leve gripe que se arrastou insidiosa por dias e dias; Alicia não se recuperava. Finalmente, uma tarde pôde ir ao jardim apoiada no braço do marido. Olhava indiferente de um lado para outro. De repente, com profunda ternura, Jordán passou-lhe a mão na cabeça, e Alicia imediatamente começou a soluçar, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Chorou longamente todo o seu medo silencioso, redobrando o pranto à menor tentativa de carícia. Então os soluços foram rareando e ela ficou ainda por algum tempo escondida em seu colo, sem se mexer ou falar.

Foi esse o último dia que Alicia passou de pé. No dia seguinte amanheceu desfalecida. O médico de Jordán examinou-a com todo o cuidado, ordenando-lhe calma e descanso absolutos.

– Não sei – disse a Jordán na porta da casa, com a voz ainda baixa. – Ela sofre de uma grande debilidade que não consigo explicar, e sem vômitos, nada... Se amanhã acordar como hoje, me chame imediatamente.

No dia seguinte, Alicia continuava a piorar. Nova consulta. Constatou-se uma anemia de evolução agudíssima, completamente inexplicável. Alicia não sofreu outros desmaios, mas estava visivelmente a caminho da morte. Durante todo o dia o quarto esteve com as luzes acesas e em total silêncio. Passavam-se horas sem que se ouvisse qualquer ruído. Alicia dormitava. Jordán praticamente vivia na sala, também com todas as luzes acesas. Andava sem parar de um extremo a outro, com incansável obstinação. O tapete abafava seus passos. De vez em quando, entrava no quarto e continuava seu mudo vaivém ao lado da cama, olhando para a mulher sempre que caminhava na sua direção.

Logo Alicia começou a ter alucinações, confusas e nebulosas no início, e que logo desceram ao nível do chão. A jovem, olhos esbugalhados, só fazia olhar para o tapete dos dois lados da cabeceira da cama. Uma noite, parou de repente com o olhar fixo. Imediatamente abriu a boca para gritar e suas narinas e lábios se cobriram de suor.

– Jordán! Jordán! – gritou, tensa de espanto, sem parar de olhar para o tapete. Jordán correu para o quarto e, ao vê-lo, Alicia deu um grito de horror.

– Sou eu, Alicia, sou eu!

Alicia olhou-o aturdida, olhou para o tapete, olhou de novo para ele e, depois de um longo momento de perplexa comparação, acalmou-se. Sorriu e tomou entre as suas a mão do marido, acariciando-a tremendo.

Entre suas alucinações mais frequentes havia um macaco, apoiado no tapete sobre os dedos, que mantinha os olhos fixos nela.

Os médicos voltaram inutilmente. Ali estava, diante deles, uma vida que se acabava, definhando dia a dia, hora a hora, sem que se soubesse como.

Na última consulta, Alicia jazia em estupor enquanto eles lhe tomavam o pulso, passando uns aos outros o punho inerte. Observaram-na por muito tempo em silêncio e se dirigiram à sala de jantar.

– Xi... – ergueu os ombros o médico, desanimado. É um caso sério... quase nada a fazer...

– Era só o que me faltava! – grunhiu Jordán. E tamborilou bruscamente sobre a mesa.

Alicia foi se extinguindo em seu delírio de anemia, agravado à tarde, mas que sempre cedia nas primeiras horas. Durante o dia sua enfermidade não avançava, mas todas as manhãs amanhecia lívida, quase em síncope. Parecia que durante a noite se lhe esvaía a vida em novas ondas de sangue. Tinha sempre ao despertar a sensação de estar derrubada na cama com um milhão de quilos por cima. A partir do terceiro dia esse desmoronamento não mais a abandonou. Mal conseguia mover a cabeça. Não quis que tocassem na cama, nem que lhe arrumassem o travesseiro. Seus terrores crepusculares avançaram em forma de monstros que se arrastavam até a cama e subiam com dificuldade pela colcha.

Logo perdeu a razão. Nos dois dias finais delirou sem parar, a meia voz. As luzes continuavam funebremente acesas no quarto e na sala. No silêncio agonizante da casa, nada se ouvia além do delírio monótono que saía da cama e do ruído abafado dos eternos passos de Jordán.

Finalmente morreu. A criada, que entrou depois para desfazer a cama, já vazia, olhou surpresa para o travesseiro.

– Senhor! – chamou Jordán em voz baixa. – No travesseiro há manchas que parecem de sangue.

Jordán aproximou-se rapidamente e se inclinou por sua vez. De fato, sobre a fronha, em ambos os lados do buraco deixado pela cabeça de Alicia, viam-se manchinhas escuras.

– Parecem picadas – murmurou a criada depois de um instante de imóvel observação.

– Levante-o perto da luz – disse-lhe Jordán.

A criada levantou-o, mas logo o deixou cair e ficou olhando para aquilo, lívida e tremendo. Sem saber por quê, Jordán sentiu que seus pêlos se eriçavam.

– O que há? – murmurou com voz rouca.

– Está muito pesado – balbuciou a criada, sem parar de tremer. Jordán levantou-o; estava pesadíssimo. Saíram com ele e, sobre a mesa de jantar, Jordán cortou fronha e capa de um só golpe. As penas superiores voaram e a criada deu um grito de horror com a boca muito aberta, levando à cabeça as mãos crispadas: no fundo, entre as penas, movendo lentamente as patas peludas, havia um animal monstruoso,

uma bola viva e viscosa. Estava tão inchado que mal se distinguiu sua boca.

Noite após noite, desde que Alicia caíra de cama, aplicara secretamente sua boca, sua tromba, melhor dizendo – às têmporas da moça, chupando-lhe o sangue. A picada era quase imperceptível. A remoção diária do travesseiro sem dúvida impedira seu crescimento, mas desde que a jovem deixou de se mover, a sucção foi vertiginosa. Em cinco dias, em cinco noites, esvaziara Alicia.

Esses parasitas das aves, diminutos em seu habitat natural, chegam a adquirir, em determinadas condições, proporções enormes. O sangue humano lhes parece ser especialmente favorável, e não é raro encontrá-los em travesseiros de penas.

O MEL SILVESTRE – Horácio Quiroga



Tenho em Salto Oriental dois primos — hoje já homens feitos — que, aos doze anos, e por decorrência das profundas leituras de Júlio Verne, meteram-se no profícuo desafio de abandonar a casa para viver na mata. Esta fica a duas léguas da cidade. Ali, viveriam primitivamente da caça e da pesca. Certo é que os garotos não se lembraram de levar consigo escopeta e anzóis; mas, de toda forma, a mata estava ali, com sua liberdade como fonte de felicidade, e seus perigos como encanto.

Infelizmente, no segundo dia, foram encontrados por quem os procurava. Estavam bastante atônitos ainda, não pouco debilitados e, para o grande assombro dos irmãos menores — iniciados também em Júlio Verne —, ainda conseguiam andar sobre os dois pés e ainda sabiam falar.

Mas a aventura dos dois “robinsons” teria sido mais adequada se tivesse por teatro outra mata menos domingueira. Aqui, nas Missões, as escapadas conduzem a limites imprevistos, e a eles foi impelido Gabriel Benincasa, justamente pelo orgulho que tinha de suas botas de tempestade.

Tendo Benincasa concluído os seus estudos de Contabilidade Pública, sentiu um fulminante desejo de conhecer a vida da selva. A isto não o induziu o seu temperamento, já que, devido à sua excelente saúde, Benincasa era um rapaz pacífico, gordalhão e de face rosada. Portanto, era suficiente lúcido para preferir um chá com leite e pasteizinhos a quem sabe que fortuita e infernal comida das matas. Mas, à semelhança de um solteiro ajuizado, que acredita ser o seu dever, à véspera do casamento, despedir-se da vida livre com uma noite de orgia em companhia de seus amigos, Benincasa, de igual modo, quis honrar a sua vida regrada com dois ou três choques de vida intensa. Por esse motivo, subia ele o Paraná, a caminho de um obraje — estabelecimento de exploração florestal — com as suas famosas botas de tempestade.

Mal saíra de Corrientes, calçara as suas botas robustas, pois os jacarés da margens já esquentavam a paisagem. Apesar disso, o contador público cuidava muito bem de seu calçado, evitando os arranhões e os sujos contatos.

Deste modo, chegou ao obraje de seu padrinho, que, desde então, teve de conter a afoiteza de seu afilhado:

— Para onde você vai agora? – perguntou, surpreso.

— À mata. Quero percorrê-la um pouco — respondeu Benincasa, que acabara de pendurar o winchester no ombro.

— Mas, infeliz! Você não vai conseguir dar um passo. Siga a picada, caso queira. Ou melhor: deixe essa arma e amanhã eu lhe mando um peão para acompanhá-lo.

Benincasa abdicou do passeio. Entretanto, foi até a beirada do mato, detendo-se ali mesmo. Intentou, vagamente, um passo adentro, mas prostrou-se, quieto. Enfiou a mão nos bolso e olhou detidamente aquele emaranhado inextricável, assoviando, baixinho, sopros incompletos. Depois de observar novamente, de um lado a outro, a mata, retornou bastante desiludido.

Entretanto, no dia seguinte, percorreu a picada central por uma légua. Benincasa não lamentou o passeio, embora o seu fuzil tenha voltado profundamente adormecido. Pouco a pouco, as feras viriam.

Na segunda noite, elas chegaram, embora tivessem características um tanto peculiares.

Benincasa dormia profundamente quando foi acordado pelo padrinho.

— Ei, dorminhoco! Levante-se, senão elas o comem vivo !

Benincasa sentou-se bruscamente na cama, deslumbrado pela luz de três lanternas de vento que se moviam de um lado para o outro na peça. Seu padrinho e dois peões lavavam o chão.

— O que foi? O que foi? — perguntou, pondo-se de pé.

Benincasa já havia sido instruído acerca das curiosas formigas a que chamamos tanoca. São pequenas, negras, brilhantes e marcham velozmente e em colunas mais ou menos largas. São essencialmente carnívoras. Avançam devorando tudo o que encontram em seu caminho: aranhas, grilos, escorpiões, sapos, serpentes e qualquer ente vivo que não possa resistir a elas. Não há animal, grande ou forte que seja, que não fuja delas. A invasão doméstica supõe o extermínio absoluto de todo ser vivente, pois não há canto ou buraco profundo em que não se precipite a coluna devoradora. Os cães uivam, os bois mugem e a todos é imperioso abandonar a casa, sob pena de serem roídos, em dez horas, até o esqueleto. Permanecem no mesmo lugar um, dois, ou até cinco dias, conforme a sua abundância em insetos, carne ou gordura. E, tendo devorado tudo, partem. Mas não resistem à creolina ou substância similar. E como no obraje há sempre creolina, em menos de uma hora o chalé ficou livre da tanoca.

Benincasa observava, de pertinho, a placa lívida de uma mordedura no pé.

— Realmente, picam muito forte — disse, surpreso, erguendo a cabeça para o padrinho.

O padrinho, para quem a observação não tinha qualquer valor, não respondeu; ao revés, felicitou-se por haver contido a tempo a invasão. Benincasa reatou o sonho, mesmo que sobressaltado, toda a noite, por pesadelos topicais.

No dia seguinte, adentrou mata, desta feita empunhando facão, pois afinal compreendera que este lhe seria muito mais útil do que o fuzil. Mas é certo que o seu pulso não era nenhuma maravilha, e a sua habilidade, muito menos. De qualquer maneira trinchava os ramos, açoitava o rosto e talhava a bota. Tudo de uma só vez.

A mata crepuscular e silenciosa logo o enfadou. Dava-lhe a impressão — exata, de resto — de um cenário visto de dia. Da ativa vida tropical não há, nesta hora, mais que o teatro gelado. Nem um animal, nem um pássaro, quase nenhum ruído. Benincasa já retornava quando um zumbido lhe chamou a atenção. A dez metros, num tronco oco, pequenas abelhas aureolavam a entrada do buraco. Aproximou-se com cautela e viu, no fundo da abertura, doze bolas escuras, do tamanho de um ovo.

— É mel — disse a si mesmo o contador público, com íntima gula. — Devem ser bolsinhas de cera, cheias de mel...

Mas entre ele — Benincasa — e as bolsinhas interpunham-se as abelhas. Depois de um momento de descanso, pensou em fogo. Faria uma boa fumarada. Quis a sorte que, ao se acercar o ladrão, cautelosamente, com a folhagem úmida, quatro ou cinco abelhas pousassem na sua mão, mas sem picá-la. Em seguida, Benincasa colheu no ar uma delas e, pressionando-lhe o abdome, constatou que não tinha ferrão. Sua saliva, já leve, se refinou em melífica abundância. Maravilhosos e bons animaizinhos!

Num instante, o contador desprende as bolsinhas de cera e, afastando-se um bocadinho, para escapar ao pegajoso contato das abelhas, sentou-se numa raiz de árvore. Sete das doze bolas continham pólen, mas as demais estavam repletas de mel. Um mel escuro, de sombria transparência, que Benincasa

experimentou gulosamente. Tinha o gosto de alguma coisa. De que seria? O contador não conseguia apurar. Certamente de resina de frutas ou eucalipto. Por igual motivo, o denso mel deixava na boca um ranço acre. Mas, em compensação, que perfume!

Benincasa, uma vez bem seguro de que umas cinco bolsinhas já lhe seriam úteis, pôs as mãos à obra. Sua ideia era simples: manter suspenso sobre a boca o favo gotejante. Mas, como o mel era espesso, teve, depois de haver permanecido meio minuto com a boca inutilmente aberta, de ampliar o buraco. Então o mel aflorou, adelgaçando-se em pesado fio até a língua do contador.

Um após o outro, os cinco favos se esvaziaram na boca de Benincasa. Foi inútil suspender os favos por mais tempo, sobretudo porque já espremera as bolsinhas até esgotá-las. Teve que resignar-se.

Entretanto, a posição da cabeça, virada para o alto, o deixara um pouco tonto. Pesado de mel, quieto e com os olhos bem abertos, Benincasa contemplou novamente a mata crepuscular. As árvores e o sol adquiriam posturas demasiadamente oblíquas e sua cabeça acompanhava o oscilar da paisagem.

- Que tontura estranha — pensou o contador. E o pior de tudo é que...

Ao levantar-se e intentar um passo, viu-se obrigado a cair de novo sobre o tronco. Sentia o corpo como chumbo, sobretudo as pernas, como se estas estivessem imensamente inchadas. E os pés e as mãos formigavam.

— É muito esquisito, esquisito, esquisito! — repetiu estupidamente Benincasa, sem perscrutar o motivo daquela estranheza. Era como se houvesse formigas... A tanoca — concluiu.

E, de súbito, secamente, num espanto, faltou-lhe a respiração.

— Deve ser o mel! É venenoso! Estou envenenado!

E num segundo esforço para reerguer-se, os seus cabelos eriçaram-se de terror. Não podia sequer se mover. Agora a sensação de chumbo e o formigueiro subiam até a cintura. Por um instante, o horror de morrer ali, miseravelmente só, longe de sua mãe e de seus amigos, lhe coibiu qualquer meio de defesa.

— Vou morrer agora! Já, já, morrerei! Não consigo sequer mover a mão!

Constatou, em seu pânico, que não tinha febre nem ardor na garganta e que o coração e os pulmões conservavam o ritmo normal. Sua angústia mudou de forma.

— Estou paralítico! É a paralisia! E ninguém vai me encontrar!

Mas uma visível sonolência começava a apoderar-se dele, deixando-lhe intactas, todavia, as faculdades mentais, ao passo que a tontura se acelerava. Assim, acreditou notar que o solo oscilante tornava-se negro e se agitava vertiginosamente. Outra vez veio-lhe à memória a lembrança da tanoca, e em seu pensamento fixou-se, como uma suprema angústia, a possibilidade de que aquilo negro que invadia o solo era...

Ainda teve força para suplantar este último espanto, e, então, lançou um grito, um verdadeiro alarido, em que a voz de um homem recobra a entonação de uma criança apavorada: por suas pernas subia uma célere coluna de formigas negras. Em sua volta, a tanoca devoradora escurecia o solo, e o contador sentiu, sob a cueca, um rio de formigas carnívoras a subir.

Finalmente, dois dias depois, o padrinho encontrou, sem a menor partícula de carne, o esqueleto vestido com as roupas de Benincasa. A tanoca — que ainda zanzava pelo lugar — e as bolsinhas de cera deram-lhe claramente a explicação.

Não é comum que o mel silvestre contenha tais propriedades narcóticas ou paralisantes, mas pode-se encontrá-lo, ainda assim. Flores com iguais características abundam nos trópicos e o sabor do mel denuncia, na maioria dos casos, a sua condição: como o ranço de resina eucalipto que Benincasa julgou sentir.

O FILHO – Horácio Quiroga



É um poderoso dia de verão nas Missões, com todo sol, calor e calma que a estação pode proporcionar. A natureza, plenamente aberta, sente-se satisfeita consigo mesma.

Com o sol, o calor e o calmo ambiente, o pai abre também o seu coração à natureza.

— Tenha cuidado, garoto — diz ao filho, condensando nessa frase todas recomendações, e o seu filho a entende perfeitamente.

— Sim, papai — responde a criança, enquanto pega a escopeta e carrega de cartuchos os bolsos da camisa, fechando-os com cuidado.

— Volte na hora do almoço — observa ainda o pai.

— Sim, papai — repete o garoto.

Equilibra a escopeta na mão, sorri ao pai, beija-o na cabeça e parte. O pai o segue por um instante com os olhos, e volta aos afazeres do dia, feliz com a alegria do seu menino.

Sabe o que o filho é educado desde a mais tenra infância no hábito e na precaução ao perigo: pode manejar um fuzil e caçar qualquer coisa. É alto para a idade, mas tem apenas treze anos. E parecia ter menos, a julgar pela pureza dos olhos azuis, ainda frescos de surpresa infantil. O pai não precisa desviar os olhos dos afazeres, porque segue com a mente a marcha do seu filho.

Já cruzou a picada vermelha e agora segue direto para o mato, através do caminho aberto entre as touceiras de capim.

Para caçar no mato — caça de pelo — é preciso mais paciência que o seu menino pode render. Depois de atravessar essa ilha de mato, o filho contornará os limites de cacto até o charco, procurando pombos, tucanos ou certo casal de garças, que Juan, amigo dele, descobrira há alguns dias. Somente agora o pai esboça um sorriso à lembrança da paixão cinegética das crianças. Às vezes, caçam somente um jacu-touro, um surucuá — até menos ainda — e regressam triunfantes: Juan à fazenda, com o fuzil de nove milímetros, que ele lhe deu de presente; o filho, à planície, com a grande escopeta Saint-Étienne, calibre 16, ferrolho quádruplo e pólvora branca.

Também com ele era assim. Aos treze anos, daria a vida para ter uma escopeta. Seu filho, daquela idade, já tem uma, e o pai sorri.

Todavia, não é fácil para um pai viúvo, sem outra fé ou esperança que não a vida de seu filho, educá-lo como ele o tem feito, livre em seu curto raio de ação, seguro de seus pequenos pés e mãos desde que tinha quatro anos, consciente da imensidão de certos perigos e da insuficiência de suas próprias forças.

Esse pai teve de lutar bravamente contra o que ele considerava seu egoísmo. Uma criança facilmente calcula mal, pisa no vazio e se perde um filho!

O perigo subsiste sempre para o homem em qualquer idade; mas sua ameaça arrefece se desde pequeno o filho é acostumado a contar apenas com as próprias forças.

Deste modo, tem o pai educado o filho. E, para consegui-lo, teve de resistir não apenas ao próprio coração, mas também aos tormentos morais; porque esse pai, de estômago e vista débeis, sofre, já há

algum tempo, de alucinações.

Viu, transmutadas em dolorosa ilusão, as recordações de uma felicidade que não mais deveria brotar do nada em que se enclausurara. A imagem de seu próprio filho não escapou a esse tormento. E viu o garoto rolar, coberto de sangue, no momento em que percutia, no torno da oficina, uma bala parabellum; mas, na verdade, a criança apenas limava a fivela do cinturão de caça.

Um acontecimento terrível... Mas hoje, com o ardente e vital dia de verão, que parece uma herança do amor a seu filho, o pai se sente feliz, tranquilo e seguro do futuro.

Neste instante, não muito longe, soa um tiro.

— É a Saint-Étienne... — cogita o pai, ao reconhecer a detonação. Dois pombos a menos na mata.

Sem mais atentar ao ínfimo acontecimento, o homem se abstrai de novo em seu trabalho.

O sol, já muito alto, continua a subir. Para onde quer que se olhe — pedra, terra, árvores —, o ar rarefeito, como em um forno, vibra com o calor. Um profundo zumbido, que toca a plenitude, e impregna a atmosfera até onde a vista alcança, concentra nessa hora toda a vida tropical.

O pai consulta o pulso: doze horas. Então, levanta os olhos para a mata. Seu filho já devia estar de volta. Na mútua confiança que depositaram um no outro — o pai de têmporas prateadas e a criatura de treze anos —, não há lugar para mentiras. Quando o filho responde: “sim, papai”, cumprirá com a palavra. Ele disse que voltaria antes do meio-dia, e o pai sorriu ao vê-lo partir. Mas não voltou.

O homem retoma os afazeres, esforçando-se em concentrar a atenção em sua tarefa. É mesmo fácil, tão fácil, perder a noção do tempo dentro da mata, e sentar-se um pouquinho no chão, enquanto se descansa, imóvel, não é?

O tempo passou. São doze e meia. O pai sai da oficina e, ao apoiar a mão no balcão de mecânico, ressoa, do fundo de sua memória, o estampido de uma bala parabellum. Instantaneamente, pela primeira vez, já passadas três horas, dá-se conta de que, depois do tiro da Saint-Étienne, não ouviu nada mais. Não ouviu rolar o pedregulho sob um passo conhecido. Seu filho não voltou e a natureza se acha imóvel na margem do bosque, a esperá-lo.

Oh! Um caráter tranquilo e uma cega confiança na educação de um filho não são suficientes para afugentar o espectro da fatalidade que um pai de vista fraca vê erguer-se dos confins da mata. Distração, esquecimento, demora fortuita: nenhum desses insignificantes motivos, que podem retardar a chegada de seu filho, encontra acolhida naquele coração.

Um tiro... Só um tiro ecoou, e há muito tempo. Depois do estampido, o pai não mais ouviu um ruído, não mais viu um pássaro, sequer uma só pessoa cruzou a clareira para anunciar-lhe que, ao cruzar uma cerca, uma grande desgraça...

Sem chapéu e sem facão, o pai ganha caminho. Transpõe a clareira de touceiras, entra no mato e contorna o muro de cactos, mas sem achar o menor sinal de seu filho.

E a natureza continua estática. Mas quando o pai percorre as sendas conhecidas e, em vão, explora o charco, adquire a certeza de que cada passo que dá o leva, fatal e inexoravelmente, ao cadáver do filho.

Nenhuma censura a ser feita, é lamentável. Só a realidade fria, terrível e consumada: seu filho morreu ao cruzar uma cer... Mas, onde, em que lugar? Há tantas cercas ali, e é tão, tão sujo o matagal! Oh, muito sujo! Por pouco que ele se descuide ao cruzar os fios com a escopeta à mão...

O pai reprime um grito. Viu levantar-se no ar... Oh, não é o seu filho, não! E volta-se para outro lado, e para outro e outro ainda...

Nada se ganharia em ver a cor de sua pele e a angústia em seus olhos. Esse homem ainda não chamou pelo filho. Embora o seu coração clame por ele aos gritos, a boca continua muda. Sabe bem que o tão só ato de pronunciar o seu nome, de chamá-lo em voz alta, será a confissão da morte do filho.

— Meu garotinho! — escapa-lhe de repente. E se a voz de um homem enérgico é capaz de chorar, tapemos os ouvidos por misericórdia, ante a angústia que clama naquela voz.

Ninguém respondeu. Pelas picadas rubras de sol, envelhecido dez anos, segue o pai procurando pelo filho que acabara de morrer.

— Meu filho! Meu menininho! — clama ele num diminutivo que irrompe do fundo de suas entranhas.

Já antes, em plena felicidade e paz, esse pai sofrera uma alucinação, em que seu filho rolava com a fronte traspassada por uma bala de cromo-níquel. Agora, em cada rincão sombrio do bosque, ele vê chispas de arame. E, ao pé de um poste, com a escopeta descarregada ao lado de si, ele vê seu...

— Garotinho! Meu filho!

As forças que permitem entregar um pobre e alucinado pai ao mais atroz pesadelo também têm um limite. E o nosso sente que as suas forças se lhe escapam, quando vê repentinamente assomar, de uma vereda lateral, o seu filho.

Para um garoto de treze anos é bastante ver, a cinquenta metros, a expressão de seu pai sem facão, dentro da mata, para apressar o passo com os olhos úmidos.

— Garoto... — murmura o homem. E, exausto, deixa-se cair sentado na areia alvejante, cingindo com os braços as pernas de seu filho.

A criatura, assim cingida, fica de pé; e, como compreende toda a dor de seu pai, lhe acaricia lentamente a cabeça:

— Pobre papai...

Enfim, o tempo passou. Já eram quase três horas.

Agora juntos, pai e filho empreendem o regresso a casa.

— Por que você não se guiou pelo sol para saber a hora? — murmura ainda o primeiro.

— Eu me guiei, pai. Mas, quando ia voltar, vi as garças de Juan e fui atrás delas.

— O que você me fez passar, garoto!

— Paizinho... — murmura também o garoto.

Depois de um longo silêncio:

— E as garças... Matou-as? — pergunta o pai.

— Não.

Detalhe sem importância, afinal. Sob o céu e o ar incandescentes, a descoberto pela clareira de touceiras, o homem volta a casa com seu filho, sobre cujos ombros, quase tão altos quanto os seus, repousa o feliz braço de pai. Regressa encharcado de suor e, embora alquebrado de corpo e alma, sorri de felicidade.

Sorri de alucinada felicidade... Pois esse pai segue sozinho.

Afinal, ele não encontrou ninguém, e seu braço se apoia no vazio. Porque atrás dele, ao pé do poste, com as pernas erguidas, enredadas no arame farpado, seu adorado filho jaz ao sol, morto desde as dez horas da manhã.

À DERIVA – Horácio Quiroga

O homem pisou algo brando e mole e, em seguida, sentiu a picada no pé. Saltou para frente, e ao se voltar com um palavrão, viu a jararacuçu que se recolhia sobre si mesma; preparava outro ataque.

O homem lançou uma rápida olhada a seu pé, de onde duas gotinhas de sangue engrossavam dificultosamente, e então sacou o facão da cintura. A víbora viu a ameaça, e fundiu mais a cabeça no centro mesmo de sua espiral; porém o facão caiu sobre ela, deslocando-lhe as vértebras.

O homem abaixou-se para olhar a mordida, limpou as gotinhas de sangue, e durante algum tempo contemplou. Uma dor aguda nascia dos dois pontinhos violeta, e começava a expandir-se por todo o pé. Apressadamente, amarrou o tornozelo com o lenço que trazia amarrado à cintura, e seguiu pela picada até seu rancho.

A dor no pé aumentava, e de repente, o homem sentiu dois ou três fulgurantes pontadas que como relâmpagos haviam-se irradiado da ferida, até a metade da panturrilha. Movia a perna com dificuldade; uma sede metálica na garganta, seguida de uma sede ardente, arrancou-lhe outro palavrão.

Chegou finalmente ao rancho, e abraçou a roda do moinho. O dois pontinhos violeta desapareciam agora na monstruosa inchação do pé inteiro. Parecia-lhe enfraquecida, e a ponto de ceder, de tão tensa. O homem quis chamar sua mulher, mas sua voz se quebrou num grunhido rouco de garganta ressecada. A sede o devorava.

– Dorotea! – consegui lançar um grito. – Me dá cachaça!

Sua mulher correu com um copo cheio, que o homem sorveu de três tragos. Porém não havia sentido gosto algum.

– Te pedi cachaça, não água! – rugiu de novo. – Quero cachaça!

– Mas é cachaça, Paulino! – protestou a mulher, espantada.

– Não, me deste água! Quero cachaça, te digo!

A mulher correu outra vez, voltando com o garrafão. O homem bebeu um atrás do outro três copos, porém não sentiu nada na garganta.

– Bom, isto está feio... – murmurou então, olhando seu pé lívido e já com um brilho gangrenoso. Sobre a intensa atadura do lenço, a carne transbordava como uma pavorosa morcela.

As dores fulgurantes sucediam-se em relâmpagos contínuos, e chegavam agora à virilha. Além disso, a atroz sequidão da garganta que o esforço parecia esquentar mais, aumentava. Quando pretendia encorporar-se, um fulminante vômito manteve-o meio minuto com a testa apoiada na roda de madeira.

Mas o homem não queria morrer, e descendo à costa, subiu em sua canoa. Sentou-se na popa e começou a remar até o centro do Paraná. Ali, a correnteza do rio, que nas imediações do Iguazu corre por seis milhas, o levaria antes de cinco horas a Tacurú-Pucú.

O homem, com fatigada energia, pode efetivamente chegar até o meio do rio; no entanto, ali suas mãos dormentes deixaram cair o remo na canoa, e por causa de um novo vômito – de sangue esta vez –, dirigiu um olhar ao sol que transpunha a montanha.

A perna inteira, até metade da coxa, era já um pedaço disforme e duríssimo que rompia a roupa. O homem cortou a ligadura e abriu a calça com a faca: a parte inferior desbordou inchada, com grandes manchas lívidas e terrivelmente dolorosas. O homem pensou que não poderia jamais chegar sozinho a Tacurú-Pucú, e decidiu pedir ajuda a seu compadre Alves, embora fizesse muito tempo estivessem intrigados um com o outro.

A correnteza do rio precipitava-se agora para a costa brasileira, e o homem pode facilmente atracar. Arrastou-se pela picada costa acima, porém a vinte metros, exausto, ficou estendido de costas.

– Alves! – gritou com a força que pode; e prestou atenção em vão.

– Compadre Alves! Não me negue este favor! – clamou de novo, levantando a cabeça do solo.

No silêncio da selva, não se ouviu um só rumor. O homem teve ainda forças para chegar até sua canoa, e a correnteza, apoderando-se dela de novo, levou-a à deriva.

O Paraná corre ali no fundo de uma imensa depressão, cujas paredes, com altura para lá de cem metros, estreitam funebrememente o rio. Desde as margens cercadas de negros blocos de basalto eleva-se o bosque, negro também. Adiante, às costas, sempre a eterna muralha lúgrube, em cujo fundo o rio afunilado se precipita em incessantes erupções de água lodosa. A paisagem é agressiva, contudo, sua beleza sombria e calma cobra uma majestade única.

O sol havia já caído, quando o homem, estendido no fundo da canoa, teve um violento calafrio. E, de repente, com assombro, pôs na vertical pesadamente a cabeça: sentia-se melhor. Somente a perna lhe doía, a sede apagava-se, e seu peito, livre já, abria-se em lenta inspiração.

O veneno começar a ir-se, não havia dúvida. Achava-se quase bem, e embora não tivesse forças para mover a mão, contava com a vinda do orvalho para repor-se todo. Calculou que antes de três horas estaria em Tacurú-Pucú.

O bem-estar progredia e, com ele, uma letargia cheia de recordações. Não sentia mais nada na perna nem no ventre. Viveria ainda seu compadre Gaona em Tacurú-Pucú? Por acaso veria também seu ex-patrão, mister Dougald, e o encarregado de obras?

Chegaria repentinamente? O céu, a poente, abria-se agora num resplendor de sangue, e o rio se havia avermelhado também. Da costa paraguaia, já em trevas, a montanha deixava cair sobre o rio sua frescura crepuscular, em penetrantes eflúvios de flores de laranjeiras e mel silvestre. Um casal de araras cruzou o céu muito alto e em silêncio até o Paraguai.

Lá embaixo, sobre o rio de ouro, a canoa derivava velozmente, girando de tempos em tempos sobre si mesma, ante a erupção de um remoinho. O homem que ia nela se sentia cada vez melhor, e pensava no tempo justo em que havia passado sem ver seu ex-patrão Dougald. Três anos? Talvez, não tanto. Dois anos e nove meses? Talvez. Oito meses e meio? Isso sim, certamente.

De repente, sentiu que estava gelado até o peito. Que seria? E a respiração...

Ao madeireiro de mister Dougald, Lorenzo Cubilla, havia conhecido em Puerto. Esperança em Sexta-feira Santa...Sexta-feira? Sim, ou quinta-feira...

O homem estendeu lentamente os dedos da mão.

– Uma quinta-feira...

E parou de respirar.

O HOMEM ADRENOTRÓPICO – Keith Brooke



Assassinaram-me a 22 de Junho de 1997, por volta do meio dia. Encontra-va-me a caminho de um almoço de trabalho na baixa, com o director regional, destacado durante alguns dias para se submeter àquilo a que chamamos de “consultas”, ou seja, a minha missão era verificar-lhe todas as contas bancárias cujo saldo demasiado elevado não correspondia ao respectivo salário. Detive-me durante alguns instantes na New Carnaby Street, para espreitar por uma montra o fim dos saldos da Boutique Macco Man’s. Esbocei um sorriso. Tinha acabado de vender por bom preço, ainda há poucas semanas, todas as acções da Macco; pelos vistos o meu empurrãozinho foi o suficiente para lhes deitar abaixo todo o castelo de cartas. Dentro de mais um ou dois meses, contava apanhar do chão todos os pedacinhos ao preço da chuva. Mas isto foi antes de ser assassinado.

O reflexo sorriu-me do outro lado do vidro. Um reflexo com trinta e seis anos, mas que ainda parecia estar na casa dos vinte; nem sinais da barriga dos executivos.

Sempre gostei de me manter em boa forma. Se controlarmos o corpo, também podemos controlar a mente. Desde a adolescência que me tenho vindo a sujeitar a um rigoroso regime de exercício físico, acompanhado de comida saudável. De facto, atribuo mesmo o meu recente sucesso nos negócios a esta força interior de corpo e alma.

Virei as costas à loja e prossegui passeio abaixo. O reflexo acompanhou-me, saltando de montra em montra.

Estremeci quando alguém esbarrou comigo. Era um indivíduo pequenote, com um fato às riscas, cara de fuinha, cabelos brancos colados à cabeça por uma mistura de Brylcream e óleos naturais. “Mas que merda vem a ser esta?”, berrei, recuando aos tropeções, sob a força inesperada do impacto. “Mil desculpas, chefe”, murmurou o tipo, para logo de seguida se perder no meio da multidão que andava às compras na hora de almoço. Durante alguns instantes, no momento em que ele se desculpava, os nossos olhares cruzaram-se e eu percebi *tudo*. Percebi mesmo. Este tipo era suposto assassinar-me. Limpar-me o sarampo com uma pistola automática da janela de um Cadillac negro, ou estoirar com o meu apartamento. Enfim, coisas que deviam ser feitas com um certo *estilo*. Mas comigo não aconteceu assim. Afinal enviaram-me um meia leca de um Cockney jarreta, que estaria mais à vontade na bancada de um mercado, do que a fazer as vezes de assassino. O meu antebraço exposto doía-me e eu comecei a esfregá-lo, preocupado.

Max Riesling, jovem empresário americano, fundador e director administrativo da GenGen. Sabia perfeitamente que andavam atrás de mim, sabia que tinham posto a correr o anúncio da minha execução desde os finais de Maio, e mesmo assim continuei a expor-me à vista de todos. Nem sequer contratei seguranças para tomar conta dos meus interesses. Não fiz coisa nenhuma, abri-lhes todas as portas.

Vamos lá manter a calma, toda esta excitação não serve para nada. Excitação sim, é esse o termo correcto. Acalma-te. Vai mais devagar.

Mandaram-me a notícia pelo correio. Nada de vidfonemas, nem 'lecmails, limitaram-se a enviar-me um papel no interior de um envelope, entregue pelos serviços do Pronto Postal Co., correio normal.

Mr. Riesling:

As suas acções não nos deixaram outra alternativa. Discutir pessoalmente estes assuntos não serve de nada com gente da sua índole. Pode ter a certeza que já não vai estar vivo para falar no Inquérito. Seguem-se os devidos pormenores.

Com os melhores cumprimentos,

Grupo da Acção Verde.

Mas não havia pormenores nenhuns incluídos na carta, à excepção de um clipe de papel. Espreitei no interior do envelope e descobri lá dentro o documento solto, um folheto promocional sobre investimentos lucrativos. O panfleto tinha sido modificado para se ajustar à presente situação.

Passei a maior parte da minha infância nos States, principalmente nas cidades de Washington e New York. Foi então que Rick, o meu pai, conseguiu um bom trabalho na indústria e mudámo-nos para Chicago. Esta cidade ventosa é um lugar duro para se crescer. O nosso apartamento estava situado num condomínio um tanto ou quanto chungoso lá para o Southside, um bairro agressivo, mas cujas ruas são uma boa escola da vida. Tive uns quantos empregos nos States, fui subindo a pulso as escadas das corporações, mas, quando a oportunidade surgiu, mudei-me logo para Londres. Já aqui tinha passado dois anos, quando era puto, e o Rick trabalhava no corpo diplomático da Embaixada. Gostei tanto da cidade, que procurei sempre continuar a par das novidades sobre o que acontecia na Inglaterra. No início do ano de 89, o Evening Post que costumava receber pelo correio, publicou um artigo sobre os Bioconstrutores, uma pequena firma de biotecnologia que tinha fechado por motivos de falência.

Contactei o meu banco mas eles nem queriam saber. Então dirigi-me pessoalmente ao Banco do Rick. “Maxwell Riesling. Filho de Mister Riesling? Ora essa, claro que lhe prestamos toda a assistência, meu caro senhor.” Logo que consegui comprar os Bioconstrutores, arrendei um apartamento no bairro de Chelsea. Depois transferi a firma de Ealing para a zona rural do Dorset, apanhando pelo caminho vários subsídios do Estado. Novos trabalhadores, um local diferente, nova administração.

Afinal tudo o que eu realmente tinha comprado não passava de umas quantas peças de equipamento, já de si obsoletas, e o nome da companhia. Nome que mudei logo de seguida.

A General Genetics Research teve um começo humilde. Depois tudo mudou. Os Bioconstrutores tinham-se especializado na produção em massa de produtos medicinais. Os microorganismos biotransformados produziam plasma sanguíneo, insulina, e esse tipo de derivados. Tudo isto com um esforço mínimo, especialização nula e inovação zero. Era uma empresa de segunda categoria. De início, quando a GenGen me passou para as mãos, continuou a agarrar-se aos contratos de natureza médica. Depois, logo que pudemos, deixámo-nos disso e fomos procurar aventuras mais alargadas. Em vez de nos limitarmos a

produzir, agarrámo-nos à *investigação* médica. Estudámos novos meios de desenvolvimento agrícola e toda uma nova gama de produtos cosméticos biodegradáveis capazes de se dissolverem no espaço de uma noite.

Porém, aquilo que nos transformou numa das melhores empresas do mercado foi um produto característico dos nossos tempos. Como a SIDA ainda continuava activa no final da década, nós não fizemos mais do que receber os dividendos desta explosão comercial. Com a ajuda da tecnologia disponível, foi muito fácil separar uns quantos microorganismos — com o respectivo complexo genético — e contactar os melhores fabricantes de látex. As manipulações seguintes produziram um neolátex merecedor de toda a confiança. Uma alteraçãozinha na habitual lata de aerossol, mais uns quantos testes rigorosos e a GenGen acabou por ser dona do primeiro preservativo do mundo em spray, por nós chamado *Vemdaí*. De natureza orgânica, geralmente não alérgico, bastava aspergir e descascá-lo logo que o entusiasmo faltasse.

Selámos o nosso sucesso ao contratar a Anita Alveaux para fazer os anúncios. Uma Anita que espreitava pelo ecrã do televisor a sussurrar: “Diz-lhe *Vem daí* e espera pela resposta”. Uma resposta que garantiu o futuro das vendas da GenGen por muitos anos. A partir dessa altura, quem quer que dissesse *vem daí*, com todas as sílabas bem articuladas, estava a proferir a maior das piadas dos anos 90.

O único fracasso comercial da GenGen encontrou-se no produto seguinte. As massas acéfalas simplesmente não gostaram da ideia de se construírem microorganismos dedicados à higiene pessoal. Garantimo-lhes que não seria mais preciso lavar o cabelo ou escovar os dentes. Os microorgs dariam conta do recado. Mas não vendeu.

O Alimentos Não-Cê, o nosso novo produto, tornou-se num tremendo sucesso.

Uma vez mais, não foi necessária nenhuma grande revolução tecnológica — bastou-nos ter uma boa ideia com um desenvolvimento e produção relativamente simples.

Todas as moléculas orgânicas têm certas características comuns. Os açúcares, por exemplo, tendem a ser D ou dextrorrotatórios; por outro lado, a maior parte dos aminoácidos são L ou levorrotatórios; tudo isto se relaciona com a estrutura tridimensional das moléculas. Como os enzimas digestivos operam numa base estrutural, não conseguem agarrar-se às moléculas L: açúcares L, proteínas D, tudo o que não se adequa ao sistema, passa por ele sem ser digerido. Resultado: alimentos com zero calorias.

Em 96, Mel Slaney, um dos nossos geniozinhos de serviço, então a trabalhar no novo laboratório de Buxton, iniciou uma outra linha de desenvolvimento. Os infusores já existiam há muito tempo, mas nunca se tinha conseguido arranjar uma aplicação prática para eles, num esquema à larga escala. A Mel mudou tudo isto. A versão dela parecia-se com uma esferográfica com almofadinha, com cerca de um centímetro quadrado numa das pontas. O cartucho com a droga era inserido na outra extremidade enquanto que a almofada era comprimida contra a superfície apropriada do corpo: depois, bastava uma pequenina descarga eléctrica para transferir a droga através da pele até ao interior do corpo. Depois disto, à excepção do terceiro Mundo, as injeções passaram à história.

Após este sucesso, Mel e o seu grupo recém transferido, criaram logo um outro, com uma variedade de drogas infusíveis. Como seria de esperar, depois dos sucessos do *Vemdaí*, a GenGen colocou no mercado um contraceptivo infusível para as mulheres, *Ovoidance*. Este era um mercado em vias de crescimento

depois da morte da SIDA.

Outra das nossas drogas infusíveis, produzida sob contrato com o governo, também se vendeu muito bem no estrangeiro. O Disciplinafusor é uma obra-prima da biotecnologia. Infunde adrobato, uma droga adrenotrópica desenvolvida pelo grupo da Mel. O adrobato permanece adormecido no sangue até que a produção de adrenalina atinja um certo nível. Nesse momento a droga entra em acção, anulando os efeitos da adrenalina e voltando a pôr o corpo num estado normal e relaxado. A Corporativa das Prisões Nacionais viu logo o potencial do Disciplinafusor. Os seus clientes deixaram de ter acessos de violência. O Disciplinafusor tornou-se também parte integrante das alas psiquiátricas dos hospitais. Alguns grupos de pressão ideológica causaram problemas quando os usos do Disciplinafusor foram publicitados. Insistiam eles que os acessos de adrenalina não eram só resultantes dos estados de raiva, uma posição válida, mas que nada tinha a ver com o caso. Estes grupos tinham pouca influência; bastou prender alguns dos contestatários mais barulhentos e dar-lhes pessoalmente um antegosto do Disciplinafusor. E os protestos desapareceram como por encanto.

A circular que o Grupo de Acção Verde me mandou referia-se ao Disciplinafusor. As alterações que eles tinham feito no panfleto indicavam que seria eu o próximo a ser infundido. Só que tinham cortado todas as referências ao adrobato. Não citavam a substância que era suposto infundir-me. Limitavam-se a descrevê-la nuns rabiscos à margem do papel:

A nossa droga vai matar-te. A adrenalina, acima de uma concentração Fulviana de 0.36, despoleta uma reacção em cadeia. A tua produção de adrenalina vai crescer a um ritmo exponencial, até atingir a overdose. Por isso tem muita calminha, meu...

E tudo isto por causa das chatices da burocracia relacionadas com o Inquérito Público. Aqui para nós, considero que a sentença não é verdadeira. A minha situação é o resultado inevitável de anos de batalhas entre a Indústria e os ecomarados. Ou melhor, eco-fascistas, como costumavam chamar-lhes. Comportavam-se como se tivessem todas as respostas e as pessoas devessem obedecer-lhes em tudo. *Que se fodam!* O que eles não gostam é das mudanças, do progresso.

Calminha. Vê lá se te acalmas, sim?

Isto não está a servir de nada. Não posso excitar-me. O controlo do corpo é o controlo da mente. Isto tem sido o meu mantra desde o dia 22. *O controlo do corpo é o controlo da mente.*

Melhor assim. Não vou deixar que eles ganhem. Já passaram 27 horas desde o meu assassinato e ainda continuo aqui. O meu espírito está relaxado. A adrenalina não atingiu aquele nível fatal. Sou eu quem continua a mandar.

A minha primeira reacção foi pensar na vingança, mas logo percebi que ela me seria fatal. Demasiada excitação. O primeiro antegosto bastou para me avisar contra os malefícios deste tipo de atitudes. Falhei o encontro com o director regional, mas mais tarde informaram-me que a conta bancária dele tinha sido engordada por um certo indivíduo abastado que era suposto ter ligações próximas com grupos ambientalistas. O meu ex-empregado foi disciplinado. Ou melhor, *disciplifusado*. Mas só o estímulo de instigar tal acção foi quase demasiado para a minha saúde. As pulsações aceleraram, a testa enrugou-se, a adrenalina correu-me nas veias. Demorei vários minutos a recuperar o controlo, com o problema a ser

exacerbado pelo medo de que tivesse ido demasiado longe. Mas permaneci dentro dos limites. Continuei vivo.

Esta experiência ensinou-me que o nível 0.36 é um nível elevado. Eles não queriam que eu batesse a bota só por chocar contra o assassino. Deram-me um certo espaço de manobra.

Planeio agora uma vingança bem mais doce: vou vencê-los. Vou conseguir sobreviver até à data do Inquérito. Felizmente a minha presença só vai ser necessária durante uma curta sessão. Não vai haver problemas.

O Inquérito não passa de um teste. Há muito que eles andavam a pedir um confronto directo. Tudo o que o Inquérito visa é examinar um caso de libertação-de-organismos-geneticamente-transformados-no-meio-ambiente. E até é irónico pensar que as nossas algas modificadas foram feitas apenas com a intenção de processar dejectos e, terminado este serviço, até podiam ser recolhidas e transformadas em papel.

Tudo para proteger o meio ambiente. Mas não era essa a opinião dos verdes. Eles insistiam que as algas podiam começar a gostar de comer outras coisas, despoletando assim uma nova ameaça imprevisível sobre o nosso frágil mundo. O fim está próximo! (*Tem calma, meu! Tem calma...*)

Mas a questão é de facto um bocadinho mais complicada do que as algas da GenGen. Se eles conseguirem parar este projecto, conseguem parar com todos os outros. Já há muito tempo que nos andam a fazer a cama. Vamos ter de os calar de uma vez por todas. Mas eu posso resolver o assunto. O juiz disse-me que era fácil.

Pode ser que todos os grupos de pressão andem a juntar-se contra mim, mas a verdade é que também tenho gente poderosa do meu lado. Gente com ligações. Somos demasiado grandes para os verdes. O que o juiz mais quer é que haja boas razões para votar em nosso favor. O que é compreensível. Tudo o que ele pede é um discurso firme da parte da GenGen. Um discurso capaz de por o povo — ou pelo menos parte dele — do nosso lado. Esse dever coube-me a mim. Uma escolha mais que óbvia. Além de eu ser o director administrativo desta empresa, sou bom naquilo que faço. Aconselharam-me a meter-me na política, disseram-me que eu tinha aquele tipo de carisma que funciona muito bem na TV. Com toda a honestidade sou forçado a concordar. Desde a adolescência que consigo dar a volta a toda a gente. O discurso que vou proferir no Inquérito vai ser gravado e transmitido para milhares de lares, vai aparecer em todos os noticiários. Não vai haver problemas. Os verdes vão ficar encostados.

Só me resta sobreviver até lá. Entretanto permaneço fechado em casa, no meu apartamento. Ninguém me pode deitar a mão. A segurança aqui sempre foi boa, mas agora tenho o conforto acrescentado de haver guarda-costas aqui mesmo junto à porta e junto à entrada do prédio. Mandeï a Mel e o grupo dela investigar uma cura e multipliquei amostras do meu sangue de modo a poderem testar as respectivas poções. A Mel disse-me que eu devia infundir algum adrobato de modo a manter em baixa os níveis de adrenalina, mas eu respondi-lhe que não. Não me costumo apoiar em meros palpites, verifico sempre tudo antes de agir. E desta vez estava certo. O adrobato produz bolhas de nitrogénio no meu sangue contaminado. Examinei a amostra: toda ela borbulhava. As perspectivas para uma cura não são boas. Tenho a certeza que nada será descoberto antes do Inquérito.

Continuo aqui. Estou a aprender a meditar. É fácil, quando se tem tanto controlo do corpo como eu tenho do meu. O controlo do corpo é o controlo da mente.

Há já cinco dias que permaneço aqui. As meditações estão cada vez melhores. O controlo do corpo é o

controlo da mente.

A minha vida mudou radicalmente desde o dia 22. Até aí sempre fui aquele tipo de homem de negócios hipercinético: cinco horas de sono, pequeno almoço de trabalho, trabalho propriamente dito, almoço de negócios, mais trabalho, ceia com clientes e depois recuperar o tempo perdido noutros trabalhos, antes das minhas próximas cinco horas de sono. Agora já não me posso arriscar a ter todas estas actividades. O estímulo poderia ser fatal: adrenalina a mais. E ficaria exposto ao Grupo de Acção Verde. Há muita coisa que eu posso fazer através do computador, com a consola à minha frente. Mas não me parece certo. Não consigo trabalhar num sistema de part-time. Sinto-me demasiado isolado para mexer no computador, sabendo que a verdadeira GenGen se encontra muito para além das minhas possibilidades.

Continuo sem ter grandes perspectivas de cura. Tenho de permanecer calmo.

Respirar fundo. Às vezes até isso custa. Uma descontração permanente causa muita ansiedade. Sinto o pulso a acelerar-se, o suor a perlar-me a pele. Calma, calma...

Leio muito. Chamo os livros na consola, mando imprimir tudo e que se fodam as despesas. Pushkin, Dostoievsky, Tolstoi, gosto dos velhos russos, são tão densos, tão distantes do meu modo de vida. Também oiço música, igualmente a partir da consola, já percorri todos os clássicos, coisa que nunca tinha feito antes. Até agora o Mozart foi o melhor de todos, as melodias dele assombram-me sem que eu consiga explicar porquê. Sinto que chamam por mim. Baixinho.

Às vezes sou assolado por crises de escuridão. Certo dia invoquei uma Enciclopédia Médica. *Adrenalina*. Hormona estimulante segregada pelas glândulas supra-renais, de acção simpaticomimética. Também chamada de epinefrina. Acelera o coração, dilata os vasos sanguíneos do coração e dos músculos, contraindo todos os outros; daí o aumento da pressão sanguínea. Eleva o teor de açúcar no sangue, produz calor (*calorigénica*, é o termo), dilata as pupilas. Aumenta a produção de suor e saliva enquanto contrai os músculos lisos da pele. Já chega, tenho de permanecer calmo.

Quais seriam os resultados de uma overdose? Demasiado calor, excesso de suor... Será possível morrermos afogados na nossa própria saliva? Será que a pele era capaz de contrair-se tanto ao ponto de me estrangular? Tensão arterial já de si elevada, a crescer exponencialmente. Visões de veias estoiradas e capilares rasgados. Ou limitar-me-ia apenas a morrer de um simples enfarte? *Calma*. O pulso a acelerar, a pele tensa, pensar nestas coisas pode ser o fim. Preocupo-me demasiado.

“*Om mane padme hum*”. Aqui está uma frase que apanhei nas minhas leituras.

Servem-se dela para meditar, para focar o espírito no nada. É boa. Ajuda a descontrair-me.

Om mane padme hum.

Vejo pássaros através do vidro à prova de bala. Existe um, especialmente, num ninho feito de lama, junto à minha janela, por baixo do telheiro. De um azul escuro, com a barriguinha branca, a esvoaçar nos céus deste fim de Junho. A consola diz-me que é uma andorinha. Que nome tão estúpido para uma criatura tão bonita^[1]. Fico sentado a observá-la.

Batem à porta e um dos seguranças entra com um pedacinho de papel na mão.

Sem grandes dificuldades reprimo um acesso de raiva por esta falta de civismo. Não posso deixar que ele abuse da minha condição para ganhar um ascendente sobre mim.

Nenhum deles sabe o que realmente se passa. Trata-se de um segredo bem mantido.

Entrega-me o papel — percebo agora que se trata de um envelope — e diz-me: “O *Correio Pronto trouxe isto*”. Depois vira-me as costas e vai-se embora. A carta seguiu em correio normal.

Om mane padme hum. O controlo do corpo é o controlo da mente. Todas as mantras às minhas ordens. Tem calma.

E fazendo os possíveis para me acalmar, abro o envelope e desdobro a única folha de papel que se encontra no interior.

Mr. Riesling,

Parabéns. Ainda está vivo. Deve ter uma personalidade forte. Mas a excitação do Inquérito vai dar cabo de si. Se nós não dermos antes.

Com os nossos melhores cumprimentos.

O Grupo de Acção Verde

Desta vez não vem nada em anexo. Assustei-os. Estou a ganhar.

O Inquérito começa amanhã, mas são apenas os preliminares. O meu discurso só será no dia seguinte. Estou morto por isso. Entretanto, fico à espera.

Om mane padme hum.

Amanhã vou discursar. Estou mais que treinado. O fluxo de adrenalina continua a crescer, tal como eu já esperava. Mas já sei controlá-lo. Medito, deixo o mundo andar às voltas, enquanto me concentro em coisa nenhuma. *Om mane padme hum. O essencial da meditação é sermos um com o mundo. Com o Cosmos. Deixar as coisas correr. Desliga o espírito, descontra-te, deixa-te ir na corrente. Isto não é morrer.*

Não é, garanto. O âmbito da minha música expandiu-se. O Lennon sabia o que estava a dizer. *Abandona os pensamentos, rende-te ao vazio. Um vazio que brilha.* Podem crer que é verdade. Eu vi tudo isso.

Nada parece ter sentido. Toda essa gente sempre a correr de um lado para o outro. Sempre julguei que tinha tudo o que queria ter. Mas a verdade é que não tinha nada. Só podemos ir na corrente, acompanhar o ritmo das coisas. As meditações mostraram-me o vazio que era a minha vida. Tratou-se de uma experiência transcendental. *Om mane padme hum.*

Neste estado de meditação o tempo nada significa. Levanto os olhos e lá fora faz escuro. Amanhã. Amanhã tenho de... fazer o quê?

A escuridão forma um padrão curioso de sombras sobre sombras. Ainda há um minuto não fazia escuro.

Deve ter sido um minuto muito grande.

Sinto-me incomodado por ruídos que vêm do exterior. O céu está a tingir-se de um azul delicado que pressagia a manhã. Entra um segurança logo seguido de um tipo mais pequeno. O fuinha. Ainda vestido

com o fato às riscas e transportando — vejam lá — um saco de plástico dos Harrods. Sorrio.

“Este cavalheiro diz que tem uns assuntos para tratar consigo, Mr. Riesling”. O segurança mal pode conter um esgar de satisfação, de poder. Depois vai-se embora.

Tenho pena dele.

E o mundo continua a girar.

“Recebeu a nossa carta?”

Sorrio, e o fuinha parece incomodado. Pela minha parte sinto-me feliz, contente.

Pela primeira vez estou em paz com o mundo. Preparado para receber o brilho desse vazio. *Om mane padme hum.*

O fuinha ajoelha-se e começa a mexer no saco de plástico verde. Pergunto a mim mesmo como é que me vão matar desta vez.

O AUTOR FALA DE SUA OBRA:

Por um triz não me tornei contabilista...

Isso ainda me parece uma ideia horrível, mesmo agora passados quinze anos. Em meados dos anos 80, a contabilidade era uma opção popular para estudantes que não se decidiam sobre as suas carreiras futuras — popular para os conselheiros vocacionais, pelo menos, já que havia vagas aos montes. Fui a algumas entrevistas, foram-me oferecidos alguns empregos, aceitei um deles e foi então que o horror me atingiu: contabilidade! Uma vida inteira de fato e gravata, sem tirar os olhos de folhas de cálculo, estudando leis fiscais e estratégias de investimento. Aquilo simplesmente não era eu.

A minha noiva empurrou-me na direcção certa. Farta de me ouvir resmungar acerca da perspectiva de passar uma vida na contabilidade, disse: "Bem, porque não tiras um ano?

Podes escrever aquele livro que andas sempre a dizer que queres escrever". Nessa altura já escrevia há um par de anos. Tinha vendido algumas histórias a revistas pequenas mas não mais do que isso: escrever a tempo inteiro era um risco enorme, mas a Alison falava a sério — ela iria sustentar-me enquanto eu escrevia.

Acabámos os cursos, casámos e o meu ano de escrita começou. Escrever um romance parecia-me um passo demasiado grande, portanto comecei a pensar em ideias para contos.

O Homem Adrenotrópico apareceu-me um belo dia: a ideia de um homem a contar o seu próprio assassinio e sendo transformado pela experiência de formas insuspeitadas. Assim que tive esta ideia soube que era muito melhor que qualquer ideia que tivera até então. À medida que ia escrevendo essa sensação ia aumentando, e quando acabei soube que a minha escrita tinha subido a um novo patamar.

Enviei o conto à Interzone e o sub-editor, Simon Ounsley, respondeu dizendo que tinha gostado mas que havia uma ou duas falhas na lógica. Tinha razão, portanto fiz algumas pequenas alterações ao conto, reenviei-o e ele foi aceite: a primeira história que produzira como escritor

a tempo inteiro transformara-se na minha primeira venda profissional.

A história era futuro próximo quando a escrevi, mas actualmente as datas situam-se no passado próximo — todas as histórias de futuro próximo acabam desta forma, como uma espécie de história alternativa. Não me parece que tenha envelhecido muito mal: algo como isto poderia facilmente ter acontecido nos anos 90.

Keith Brooke, Outubro de 2001

O CASO DO DESFILADEIRO COULTER – Ambrose Bierce

– Você acredita, coronel, que seu valente Coulter gostaria de colocar um de seus canhões aqui? - perguntou o general.

Não parecia falar sério: aquele, verdadeiramente, não parecia um lugar onde nenhum artilheiro, por valente que fosse, gostasse de colocar um canhão. O coronel pensou que possivelmente seu chefe de divisão queria lhe dar a entender, em tom de brincadeira, que em uma recente conversação entre eles e se exaltou muito o valor do capitão Coulter.

– Meu general - replicou, com entusiasmo - Coulter gostaria de colocar um canhão em qualquer parte que alcançasse essa gente - com um gesto da mão apontou em direção ao inimigo.

– É o único lugar possível - afirmou o general.

Falava sério, então.

O lugar era uma depressão, uma «fenda» na cúpula escarpada de uma colina. Era um passo pelo qual se chegava a uma rota de pedágio, que alcançava o ponto mais alto de seu trajeto serpenteando por um bosque grande e logo havia descida similar, embora menos abrupta, em direção ao inimigo. Em uma extensão de quilômetro e meio à direita e quilômetro e meio à esquerda, a cadeia de montanhas, embora ocupada pela infantaria federal, assentada justamente detrás da escarpada cúpula como mantida pela só pressão atmosférica, era inacessível à artilharia.

O único lugar utilizável era o fundo do desfiladeiro, apenas o bastante largo para estabelecer o caminho. Do lado dos confederados, esse ponto estava dominado por duas baterias apostadas sobre uma elevação um pouco mais baixa, ao outro lado de um arroio, em meio quilômetro de distância. As árvores de uma granja dissimulavam todos os canhões exceto um que, como com descaramento, estava colocado em uma clareira, justo em frente de uma construção bastante destacada: a casa de um plantador. O canhão, entretanto, estava bastante protegido em sua exposição porque a infantaria federal tinha recebido a ordem de não atirar. O desfiladeiro de Coulter, como chamou depois, não era um lugar, naquela agradável tarde do verão, onde a ninguém «agradasse colocar um canhão».

Três ou quatro cavalos mortos jaziam no caminho, três ou quatro homens mortos estavam ordenadamente colocados em fileira um do lado do outro, um pouco para trás, no pendente da colina. Todos menos nós eram soldados de cavalaria da vanguarda federal. Nós éramos Furriel. O general que comandava a divisão e o coronel em chefe da brigada, seguidos de seu estado maior e de sua escolta, tinham cavalgado até o fundo do desfiladeiro para examinar a bateria inimiga, que se tinha dissimulado imediatamente depois de umas altas nuvens de fumaça. Seria inútil bisbilhotar sobre uns canhões que se camuflavam como as sépias, e o exame tinha sido breve. Quando terminou, a pouca distância do lugar onde tinha começado, produziu-se a conversação que relatamos parcialmente. «É o único lugar - repetiu o general com ar pensativo - de onde chegaremos a eles.»

O coronel olhou-o com gravidade.

– Só há espaço para um canhão, meu general. Um contra doze.

– É verdade... para um só cada vez - disse o comandante da divisão esboçando algo parecido a um sorriso-. Mas, então, seu bravo Coulter... tem uma bateria nele mesmo.

Seu tom irônico não deixava lugar a dúvidas. Ao coronel ele irritou, mas não soube o que dizer. O espírito de subordinação militar não promove a réplica, nem sequer a tácita desaprovação.

Naquele momento, um jovem oficial de artilharia subia lentamente a cavalo pelo caminho, escoltado por seu clarim. Era o capitão Coulter. Não devia ter mais de vinte e três anos. De média estatura, muito esbelto e flexível, montava seu cavalo com algo do ar de um civil. Em seu rosto havia algo singularmente distinto dos homens que o rodeavam; era magro, tinha o nariz grande e os olhos cinzas, um ligeiro bigode loiro e um comprido, bastante desordenado cabelo, também loiro. Seu uniforme mostrava sinais de descuido: a viseira do gasto quepe estava ligeiramente inclinada; a jaqueta, só abotoada à altura do cinturão, deixava ver bem uma camisa branca, bastante limpa para aquela etapa da campanha. Mas aquela indolência só afetava seu traje e seu porte: a expressão de seus olhos cinzas demonstrava um profundo interesse para tudo quanto o rodeava: escrutinavam como faróis a paisagem a direita e esquerda; depois se detinham um momento no céu que se via sobre o desfiladeiro: até chegar ao ponto mais alto do caminho, não havia nada mais que ver naquela direção.

Ao passar em frente a seus chefes de divisão e de brigada pelo lado do caminho, os saudou mecanicamente e se dispôs a prosseguir. O coronel lhe indicou por gestos que parasse.

– Capitão Coulter – disse - o inimigo situou doze peças de artilharia na colina contígua. Se compreender bem ao general, ordena a você que convoque um canhão aqui e inicie o combate.

Houve um inexpressivo silêncio. O general olhou, impassível, um regimento distante que subia apertadamente e muito devagar pela colina, através da densa mataria, em espiral, como uma desalinhavada nuvem de fumaça azul. Pareceu que o capitão Coulter não tinha observado o general. Depois falou, lentamente e com aparente esforço:

– Na próxima colina, diz você, meu coronel? Estão os canhões perto da casa?

– Ah, já percorreu você este caminho antes! Sim, bem diante da casa.

– E é... necessário... abrir fogo? A ordem é formal?

Falava com voz rouca e entrecortada. Tinha empalidecido visivelmente. O coronel estava surpreso e mortificado. Lançou um olhar de nojo ao general. Nenhum indício naquele rosto imóvel, tão duro como o bronze. Um momento depois, o general se afastava cavalgando, seguido dos membros de seu estado maior e de sua escolta.

O coronel, humilhado e indignado, dispunha-se a ordenar que prendessem o capitão Coulter quando este pronunciou em voz baixa umas poucas palavras dirigidas a seu clarim, saudou e se dirigiu cavalgando em linha reta para o desfiladeiro. Quando chegou ao topo do caminho, com os gêmeos ante os olhos, mostrou-se recortado contra o céu, e ele e seu cavalo desenharam uma nítida figura equestre.

O clarim tinha baixado o pendente a toda carreira e desapareceu detrás de um bosque. Então, ouviu-se soar seu clarim entre os cedros e, em incrivelmente pouco tempo, um canhão seguido de um furgão de munições, cada qual tirado por seis cavalos e dirigido por sua equipe completa de artilheiros, apareceu estralando e arrasando a costa em meio de um torvelinho de pó. Então, foi empurrado a mão até a cúpula fatal, entre os cavalos, que ficaram mortos. O capitão fez um gesto com o braço, os homens que carregavam o canhão se moveram com assombrosa agilidade e, quase antes que as tropas que seguiam o

caminho tivessem deixado de escutar o ruído das rodas, uma enorme nuvem branca se abateu sobre a colina com um ensurdecido estrondo: o combate do desfiladeiro de Coulter tinha começado.

Não se pretende aqui relatar com detalhe os episódios e as vicissitudes deste horrível combate, um combate sem incidentes e com as únicas alternâncias de diferentes graus de desespero. Quase no momento em que o canhão do capitão Coulter lançava sua nuvem de fumaça como um desafio, doze nuvens se elevaram em resposta por entre as árvores que rodeavam a casa da plantação, e o rugido profundo de uma detonação múltiplo ressonou como um eco quebrado. Desde esse momento até o final, os canhões federais lutaram sua batalha sem esperança, em uma atmosfera de ferro candente cujos pensamentos eram relâmpagos e cujas façanhas eram a morte.

Como não desejava ver os esforços que não podia apoiar, nem a matança que não podia impedir, o coronel tinha escalado a cúpula até um ponto situado a quatrocentos metros à esquerda, de onde o desfiladeiro, invisível mas impulsionando sucessivas massas de fumaça, assemelhava-se a cratera de um vulcão em erupção. Observou os canhões inimigos com seus prismáticos, constatando até onde podia os efeitos do fogo de Coulter - se Coulter vivia ainda para dirigi-lo. Viu que os artilheiros federais, ignorando as peças do inimigo cuja posição só podiam determinar pela fumaça, consagravam toda sua atenção ao que continuava convocado no terreno aberto: a grama de diante da casa.

Ao redor e por cima deste duro canhão explodiam os obuses a intervalos de poucos segundos. Alguns fizeram explosão na casa, como se pôde ver por umas magras colunas de fumaça que subiam pelas brechas do teto. Viam-se claramente formas de homens e cavalos prostrados no chão.

– Se nossos homens estão fazendo tão bom trabalho com um só canhão - disse o coronel a um ajudante de campo que estava perto - devem estar sofrendo como o demônio o fogo de doze. Baixe e apresente a quem dirige esse canhão minhas felicitações pela eficácia de seu fogo.

Voltou-se para seu ajudante maior e adicionou:

– Observou você a maldita resistência de Coulter em obedecer ordens?

– Sim, meu coronel.

– Bom, não fale disto com ninguém, por favor. Não acredito que o general se preocupe de formular acusações. Terá sem dúvida bastante o que fazer para explicar seu papel neste modo tão pouco usual de divertir à retaguarda de um inimigo em retirada.

Um jovem oficial se aproximou da parte de baixo, escalando sem fôlego o morro.

Quase antes de saudar, exclamou, ofegando:

– Meu coronel, envia-me o coronel Harmon para lhe informar que os canhões do inimigo se acham ao alcance de nossos fuzis e quase todos são visíveis desde numerosos pontos da colina.

O chefe de brigada olhou-o sem demonstrar o menor interesse.

– Sei - respondeu, tranquilamente.

O jovem ajudante estava visivelmente sobressaltado.

– O coronel Harmon quer autorização para silenciar esses canhões.

– Eu também - replicou o coronel no tom de antes-. Saúde de minha parte ao coronel Harmon e lhe diga que ainda reinam as ordens do general para que a infantaria não abra fogo.

O ajudante saudou e se retirou. O coronel afundou os calcanhares em terra e deu meia volta para

continuar olhando os canhões do inimigo.

– Coronel - disse o ajudante maior, não sei se deveria dizer, mas há algo estranho em tudo isto. Sabia você que o capitão Coulter é do Sul?

– Não. É mesmo?

– Ouvi que o verão passado, a divisão que o general comandava então se encontrava nas cercanias da plantação de Coulter; acampou ali durante umas semanas e...

– Escute! - interrompeu o coronel levantando a mão. – Ouve isso?

Isso era o silêncio do canhão federal. O estado maior, os assistentes, as linhas de infantaria situadas detrás da cúpula, todos tinham «ouvido» e olhavam com curiosidade na direção da cratera, de onde não ascendia já fumaça a não ser só algumas nuvens esporádicas procedentes dos obuses inimigos. Então chegou o toque de um clarim e o ruído débil de umas rodas. Um minuto mais tarde, as agudas detonações começaram com redobrada atividade. O canhão destruído tinha sido substituído por outro, intacto.

– Sim - disse o ajudante maior, continuando sua história-, o general conheceu a família Coulter. Houve problemas, ignoro de que natureza... Algo que concernia à esposa de Coulter. É uma raivosa secesionista, corno quase todos na família, exceto Coulter, mas é uma boa esposa e uma dama muito educada. No quartel geral do exército se recebeu uma queixa. O general foi transferido a esta divisão. Parece estranho que depois disso a bateria de Coulter tenha sido atribuída a ela.

O coronel se levantou da rocha onde estava sentado. Seus olhos flamejavam de generosa indignação.

– Diga-me, Morrison - disse, olhando seu fofoqueiro oficial do estado maior diretamente à cara-, contou-lhe essa história um cavalheiro ou um embusteiro?

– Não quero revelar como me chegou, meu coronel, a menos que seja preciso – avermelhou ligeiramente - mas por minha vida que é verdade.

O coronel se virou para um carriola de oficiais que estava a certa distância.

– Tenente Williams! -gritou.

Um dos oficiais se separou do grupo e, adiantando-se, saudou e disse:

– Desculpe-me, meu coronel, acreditava que estava você informado. Williams morreu abaixo, ao pé do canhão. No que posso lhe servir, senhor?

O tenente Williams era o ajudante que tinha tido o prazer de transmitir ao oficial que comandava a bateria as felicitações de seu chefe de brigada.

– Vá -disse o coronel - e ordene a retirada dessa peça imediatamente. Não... Irei eu mesmo.

Desceu correndo a encosta que conduzia à parte de atrás do desfiladeiro, franqueando rochas e moitas, seguido de sua pequena escolta, entre uma tumultuosa desordem.

Quando chegaram ao pé da encosta, montaram Seus cavalos, que os esperavam, enfiaram a trote rápido pelo caminho; dobraram uma curva e desembocaram no desfiladeiro. O espetáculo que encontraram ali era horripilante!

Naquele desfiladeiro, apenas suficientemente largo para um só canhão, tinham amontoado os restos de

pelo menos quatro peças. Tinham percebido o silêncio de apenas o último inutilizado, era porque tinham faltado homens para substituí-lo rapidamente por outro. Os refugos se pulverizavam de ambos os lados do caminho; os homens tinham conseguido manter um espaço livre no meio em que a quinta peça estava agora fazendo fogo. Os homens? Pareciam demônios do inferno!

Todos sem boina, todos nus até a cintura, sua pele, fumegante, negra de manchas de pólvora e salpicada de gotas de sangue. Todos trabalhavam como dementes, dirigindo o aríete e os cartuchos, as alavancas e o gancho de disparo. A cada golpe de retrocesso, apoiavam contra as rodas seus ombros tumefactos e suas mãos ensanguentadas, e encaixavam de novo o pesado canhão em seu lugar. Não havia ordens. Naquela enlouquecida revoada de alaridos e explosões de obuses; entre o assobio agudo das lascas de ferro e das lascas que voavam por toda parte, não se tinha ouvido nenhuma ordem. Os oficiais, se é que ficaram oficiais, não se distinguiram dos soldados. Todos trabalhavam juntos, cada um, enquanto aguentava, dirigido por olhadas. Quando o canhão era vazio, carregava-se; quando estava carregado, apontava-se e se atirava. O coronel viu algo que não tinha visto jamais em toda sua carreira militar, algo horrível e misterioso: o canhão sangrava pela boca! Em um momento em que faltava água, o artilheiro que esponjava a peça tinha empapado a esponja em um atoleiro de sangue de um de seus camaradas. Não havia nenhum conflito em todo aquele trabalho. O dever do instante era óbvio. Quando um homem caía, outro, pouco mais limpo, parecia surgir da terra em lugar do morto, para cair por sua vez.

Com os canhões desfeitos jaziam também os homens desfeitos, ao lado dos restos, por cima e por debaixo. E, retrocedendo pelo caminho, uma horripilante procissão!

Arrastavam-se com as mãos e os joelhos os feridos capazes de mover-se. O coronel, que compassivamente tinha enviado a sua escolta para a direita, teve que passar com seu cavalo por cima dos que estavam definitivamente mortos para não esmagar aqueles que ainda conservavam um resto de vida.

Manteve seu caminho com tranquilidade em meio daquele inferno, aproximou-se do lado do canhão e, na escuridão da última descarga, golpeou na bochecha ao homem que sustentava o aríete, que se caiu acreditando que tinha morrido. Um demônio sete vezes condenado brotou entre a fumaça para ocupar seu posto, mas se deteve e fixou no oficial a cavalo um olhar inumano; os dentes lhe brilhavam entre os lábios negros; os olhos, selvagens e exagerados, ardiam como brasas sob as sobranceiras ensanguentadas. O coronel fez um gesto autoritário lhe apontando a parte de atrás. O demônio se inclinou, em sinal de obediência. Era o capitão Coulter.

Simultaneamente ao sinal de alto do coronel, o silêncio caiu sobre todo o campo de batalha. A procissão de projéteis deixou de correr naquele desfile de morte porque o inimigo também tinha deixado de atirar. Seu exército tinha desaparecido há horas; o comandante da retaguarda, que tinha mantido sua posição com a esperança de silenciar o canhão federal, também tinha feito calar suas peças naquele estranho minuto.

– Não estava consciente do alcance de minha autoridade -disse o coronel sem dirigir-se a ninguém, enquanto cavalgava para o topo da colina para averiguar o que tinha ocorrido.

Uma hora mais tarde, sua brigada entrava no campo inimigo, e os soldados examinavam com respeito quase religioso, como fiéis ante as relíquias de um santo, os corpos de uma vintena de cavalos escancarados e os restos de três canhões imprestáveis. Os feridos tinham sido retirados; seus corpos desmembrados e rasgados teriam satisfeito muito ao inimigo.

Naturalmente, o coronel se alojou com sua família militar na casa da plantação.

Embora bastante ruída, era melhor que um acampamento ao ar livre. Os móveis estavam muito desarrumados e quebrados. As paredes e os tetos tinham cedido em algumas partes e um aroma de pólvora o impregnava tudo. As camas, os armários para a roupa feminina e as despensas não estavam muito danificados. Os novos inquilinos de uma noite se instalaram como em sua casa, e a virtual aniquilação da bateria de Coulter lhes brindou um animado tema de conversação.

Durante o jantar, um assistente que pertencia à escolta apareceu na sala de jantar e pediu permissão para falar com o coronel.

– O que ocorre, Barbour? -perguntou o coronel amavelmente, tendo escutado suas palavras.

– Meu coronel, no porão se passa algo estranho. Não sei o que... acredito que há alguém ali. Eu tinha descido para registrar.

– Descerei para ver - disse um oficial do estado maior, levantando-se.

– Eu também - repôs o coronel. – Que outros fiquem. Guie-nos.

Tomaram um castiçal da mesa e desceram as escadas do porão. O assistente tremia visivelmente. O castiçal iluminava fracamente, mas em seguida, enquanto avançavam, seu estreito círculo de luz revelou uma forma humana sentada no chão contra a parede de pedra negra que eles tinham seguido.

Tinha os joelhos em alto e a cabeça arremessada para trás. O rosto, por ver-se de perfil, permanecia invisível porque o homem estava tão inclinado para diante que seu comprido cabelo o ocultava. E, de um modo estranho, sua barba, de uma cor muito mais escura, caía em uma grande massa enredada e se desdobrava sobre o chão a seu lado.

Detiveram-se involuntariamente. Depois, o coronel, tomando o castiçal da trêmula mão do assistente, aproximou-se do homem e lhe examinou com atenção. A barba negra era a cabeleira de uma mulher morta. A mulher morta apertava entre seus braços um bebê morto. E o homem estreitava os dois entre seus braços, apertava-os contra seu peito, contra seus lábios. No cabelo do homem havia sangue. A meio metro, perto de uma depressão irregular da terra fresca que formava o chão do porão - uma escavação recente, com um pedaço convexo de ferro e nas beiradas visíveis em um dos lados-via-se o pé de um menino. O coronel elevou o castiçal o mais alto que pôde. O piso do quarto de cima tinha desabado e as lascas de madeira penduravam-se apontando em todas direções.

– Esta casa não é à prova de bombas – disse o coronel gravemente. Não lhe ocorreu que seu resumo do assunto tinha certa frivolidade.

Permaneceram um momento ao lado do grupo sem dizer uma palavra: o oficial do estado maior pensava em seu jantar interrompido; o assistente, no que podia conter um tonel que havia no outro lado do porão. De repente, o homem que acharam estar morto levantou a cabeça e os olhou tranquilamente à cara. Tinha a pele negra como o carvão; suas bochechas pareciam tatuadas por irregulares linhas brancas. Os lábios também eram brancos, como os de um negro de teatro. Tinha sangue na fronte.

O oficial do estado maior retrocedeu um passo e o assistente, dois.

– O que faz você aqui, amigo? - perguntou o coronel, imutável.

– Esta casa me pertence, senhor – foi a réplica, deliberadamente cortês.

– Pertence-lhe? Ah, entendo! E estes?

– Minha mulher e minha filha. Sou o capitão Coulter.

COMEÇA COÇANDO – Robert Sheckley



Na noite passada tive um sonho muito estranho. Sonhei que uma voz me dizia:

– Perdoe que interrompa seu sonho anterior, porém tenho um problema urgente para resolver e você é a única pessoa que pode ajudar-me.

Sonhei que respondia:

– Não é necessário pedir desculpas, de qualquer forma não era um sonho tão agradável, e se posso ser útil de alguma forma...

– Você é a única pessoa que pode ajudar-me – disse a voz -. E se não ajudar, tanto eu como todo meu povo estaremos condenados.

– Senhor! – disse.

Chamava-se Froka, e pertencia a uma raça muito antiga. Viviam desde tempos imemoriais em um imenso vale rodeado de gigantescas montanhas. Era um povo pacífico que, ao longo do tempo, havia produzido alguns artistas extraordinários. Suas leis eram exemplares e educavam a seus filhos de forma carinhosa e tolerante. Embora alguns deles fossem chegados na bebida, e inclusive haviam conhecido casos de assassinatos, consideravam-se uns seres sensíveis, bons e respeitáveis que...

– Escute – interrompi – porque não vai direto ao assunto?

Froka novamente pediu desculpas por mostrar-se tão falador, e me explicou que em seu mundo a fórmula normal de um pedido de ajuda exigia uma longa exposição dos fundamentos que motivavam a súplica.

– Está bem – disse -. Mas vamos ao problema.

Froka inspirou profundamente e começou. Contou que há uns cem anos (isso na sua própria medida de tempo), um enorme cilindro vermelho e amarelo desceu dos céus, caindo perto da estátua ao Deus Desconhecido, bem em frente à prefeitura de sua cidade, que ocupava o terceiro lugar em importância no estado.

O cilindro não era perfeitamente circular e tinha aproximadamente três quilômetros de diâmetro. Elevava-se muito além do alcance dos seus instrumentos e desafiava todas as leis naturais. Havia realizado alguns experimentos onde descobriram que o cilindro era insensível ao frio, ao calor, às bactérias, ao bombardeio com prótons, e resumindo, a tudo que se pudesse imaginar. E ele permaneceu cravado ali, imóvel e inacreditável, durante exatamente cinco meses, dezenove horas e seis minutos.

Logo, sem nenhuma razão aparente, o cilindro começou a mover-se na direção norte-noroeste. Sua velocidade média era de 125 quilômetros por hora (segundo sua forma de calcular a velocidade). Ele deixou um sulco de 292 quilômetros de comprimento por 3 de largura. Em seguida desapareceu.

As reuniões das autoridades científicas não chegaram a nenhuma conclusão a respeito do fenômeno. Terminaram declarando que se tratava de um fenômeno inexplicável, único, e que com certeza, não se repetiria jamais.

Porém voltou a acontecer. Um mês mais tarde, e desta vez em plena capital. O cilindro deslocou-se ao

largo de 1.320 quilômetros, e de uma maneira aparentemente sem rumo. Os danos materiais foram incalculáveis e milhares de pessoas perderam a vida.

Dois meses e um dia mais tarde, o cilindro voltou e alcançou as três maiores cidades, em sequência.

Agora todos sabiam que não somente a vida das pessoas, mas também a sobrevivência de sua civilização, sua existência como raça, estava ameaçada por um fenômeno desconhecido e talvez nem mesmo identificável.

Aquela certeza levou ao desespero o conjunto da população. Houve diversas manifestações alternadas de pânico e de apatia.

O quarto ataque ocorreu nos descampados, ao leste da capital. Quase não houve danos materiais. Mesmo assim, rompeu um pânico geral e o resultado foi um número aterrador de suicídios.

A situação era desesperadora. Juntamente com as ciências oficiais começaram a nascer uma multidão de pseudociências. Não se rejeitava nenhuma forma de ajuda, não se deixava de se estudar nenhuma hipótese, fosse de um bioquímico, de um astrônomo ou de um cartomante. Nem sequer podiam descartar as ideias mais alouçadas, especialmente depois da terrível noite de verão na qual ocorreu a aniquilação da antiga cidade de Raz e de seus principais núcleos periféricos.

– Perdão – disse -. Lamento profundamente que vocês tenham sofrido todas essas calamidades, porém não vejo que relação pode ter tudo isso comigo.

– Estava chegando lá – disse a voz.

– Então prossiga. Porém sugiro que se apresse, pois acho que não vou demorar muito para acordar.

– Acontece que é bastante difícil de explicar o meu papel em tudo isso – continuou Froska -. Minha profissão é de técnico contábil. Porém, como hobby, me interesso pelos métodos de ampliação das percepções mentais. Recentemente estava realizando umas experiências com um composto químico que chamamos kola, o qual provoca estados de profunda iluminação...

– Nós também temos compostos parecidos – interrompi.

– Então você já entende o que eu quero dizer. Bom, durante a viagem... Vocês usam o mesmo termo? Ou, dizendo de outro modo, enquanto eu estava sob sua influência, adquiri um conhecimento, uma compreensão total e imensa... Mas é tão difícil de explicar...

– Vamos! – cortei impaciente -. Vamos ao fundo do assunto.

– Bom – prosseguiu a voz -, percebi que o meu mundo existia em diversos níveis... atômico, subatômico, em planos vibratórios, em um número infinito de planos de realidades, que por sua vez também formam parte de outros níveis de existência.

– Já estou a par – disse, interessado -. Há pouco tempo cheguei ao mesmo conceito no meu próprio mundo.

– E com isso me ocorreu claramente a hipótese – continuou Froka – que um dos nossos níveis sofre algum tipo de desajuste.

– Pode ser um pouco mais preciso – pedi.

– Em minha opinião é que o meu mundo sofre de um tipo de inclusão ao nível molecular.

– Fantástico – observei -. E pode localizar essa invasão?

- Creio que sim – disse a voz -. Porém não tenho nenhuma prova. Tudo isso não é mais que pura intuição.
- Eu também acredito na intuição. Conte-me o que descobriu.
- Bem, senhor – prosseguiu a voz, vacilante -. Cheguei à conclusão, intuitivamente falando, que o meu mundo é um parasita microscópico do seu.
- Repita isso de uma forma mais clara, por favor.
- De acordo. Descobri que sob o aspecto do meu plano de realidade, meu mundo existe entre a segunda e a terceira articulação da sua mão esquerda. Existe aí há milhões dos nossos anos, que são minutos para vocês. Não posso provar, obviamente, e não o acuso em absoluto...
- Bom – disse -. Quer dizer então que o seu mundo está situado entre a segunda e a terceira articulação da minha mão esquerda. Muito bem. E o que eu posso fazer a respeito?
- Então, senhor, minha hipótese é de que recentemente você começou a coçar a região do meu mundo.
- A coçar?
- Creio que sim.
- E isso que você chama de grande cilindro é um dos meus dedos?
- Precisamente.
- Então, o que vocês querem é que eu pare de me coçar.
- Somente nessa região – disse rapidamente a voz -. É um pedido bastante embaraçoso para mim, porém não há outra maneira de salvar o meu mundo da destruição total. Eu peço que me perdoe...
- Não se preocupe com isso. As criaturas inteligentes não devem envergonhar-se de nada.
- É muito bom ouvir isso – murmurou a voz -. Nós não somos humanos, sabe, somos uns parasitas, e não possuímos nenhum direito sobre você...
- Todas as criaturas inteligentes devem ajudar-se – afirmei -. Você tem a minha palavra de que nunca mais, pelo resto da minha vida, me coçarei entre a primeira e a segunda articulação de minha mão esquerda.
- A segunda e a terceira – retificou a voz.
- Nunca, jamais me coçarei entre as articulações da minha mão esquerda, sejam quais sejam. É uma promessa solene que mantereí enquanto viver.
- O senhor salvou o nosso mundo – disse a voz -. Nenhum agradecimento jamais será o suficiente. Porém eu agradeço de todos os modos.
- Não falemos mais nisso – disse.

E a voz sumiu, e despertei.

Assim que me lembrei do sonho, coloquei uma fita de esparadrapo sobre as articulações da minha mão esquerda. Desde então, me recuso a prestar atenção às diversas coceiras que me incomodam nessa região, e nem sequer mais lavo a mão esquerda. Deixo o esparadrapo preso o tempo todo.

No próximo final de semana o tirarei. Imagino que até lá hajam transcorrido a eles vinte ou trinta milhões

de anos, segundo a sua maneira de calcular o tempo, o qual deve ser o suficiente para qualquer raça, não importa qual seja.

Entretanto o meu problema não é esse. Meu problema é que começo a ter uma desagradável intuição sobre uns tremores de terra que estão se propagando na região da Falha de San Andreas, assim como a inusitada atividade vulcânica que aumenta no centro do México. O que quer dizer tudo isso? Na verdade eu não sei, mas está acontecendo novamente, e isso me dá medo.

– Perdoe que interrompa seu sonho anterior, porém tenho um problema urgente para resolver e você é a única pessoa que pode ajudar-me.

A MENSAGEM – Frederik Pohl

A mensagem começa:

"NÃO PODEMOS SABER COM CERTEZA SE VOCÊS ESTÃO EVOLUÍDOS O BASTANTE PARA PODEREM ENTENDER ESTA MENSAGEM. INFELIZMENTE, NÃO SOUBEMOS DA SUA EXISTÊNCIA ATÉ O MOMENTO DA EXPLOSÃO".

O general entrou na sala de guerra e deu sua capa ao ordenança. As estrelas nas ombreiras tilintavam umas nas outras. – Que descaramento! – murmurou. – Quem eles acham que são?

O técnico oficial de serviço ergueu os olhos do seu computador. – Com o devido respeito, senhor – disse –, parece evidente que eles são bem mais avançados que nós.

– Mas avançados? Ah, você quer dizer que possuem melhores equipamentos, se refere a isso naturalmente. Bem, está bem, continue decifrando.

– Sim, senhor.

"NÃO É IMPORTANTE QUE ENTENDAM ESTA MENSAGEM. DE QUALQUER FORMA OS SALVAREMOS, COM OS MESMOS MEIOS QUE USAMOS PARA ATRAVESSAR O ESPAÇO E CHEGAR ATÉ AQUI. NÃO TENHAM MEDO".

– Medo! – bufou o general escandalizado.

"O TRANSLADO SERÁ INSTANTÂNEO. NÃO SERÁ NECESSÁRIA NENHUMA AÇÃO DA PARTE DE VOCÊS, E NEM SEQUER SE DARÃO CONTA QUE OCORRE ALGO ATÉ QUE CHEGUEM À NOSSA NAVE".

– Tem certeza que isso não é uma piada? – perguntou o general, sem muita esperança.

– Não creio que seja senhor. "Vigia Espacial" informou a onze horas que havia rastreado um objeto não identificado em órbita cislunar. A mensagem começou a chegar... a mesma mensagem, seguidamente... desde mais ou menos... vejamos – teclou rapidamente na sua calculadora de bolso – desde quinze para uma desta manhã. Em seguida a enviamos a Washington, senhor.

– Sei perfeitamente o que fizeram – berrou o general –. Os russos também estão recebendo isso?

O oficial técnico se entusiasmou. – Creio que não, senhor – respondeu –. Pusemo-nos em ação imediatamente. Não creio que os russos possam interpretar os verdadeiros sinais sem isso – apalpou o teclado que se conectava com a sala de guerra em Denver e com os gigantescos computadores instalados

sob as montanhas Rochosas no Colorado—. E sabemos que ele não tem nada parecido!

– Mmmmm – disse o general, um pouco mais calmo—. Diz algo mais essa mensagem?

– Oh, sim, senhor – o oficial técnico recomeçou a imprimir o texto:

"TENHAM EM CONTA QUE SÓ PODEREMOS SALVAR A VOCÊS DOS EFEITOS DA EXPLOSÃO DA ESTRELA ALFA DE CENTAURO. PODEREMOS CHEGAR A SEU SISTEMA MUITO POUCO ANTES DA ONDA FRONTAL. NÃO PODEREMOS SALVAR A TEMPO NEM SEUS ANIMAIS NEM SEUS OUTROS PERTENCES".

– Se deixarem que os russos se queimem – sorriu o general –, que importa se não salvem os cães? Mas, e Alfa do Centauro? Que acontece se ela explodir?

– Bem, senhor – respondeu o oficial técnico, incerto–, não sou eu quem afirma, mas o pessoal do Conselho Nacional de Ciências diz que, se isso for verdade, será uma explosão tão grande que poderia chegar a queimarmos. Mesmo de tão longe.

– E isso quando ocorrerá? – perguntou o general inquieto.

A mensagem do objeto na órbita cislunar dizia: "QUANDO LHES ALCANCE A ONDA FRONTAL". Nosso pessoal está trabalhando nisso, senhor, mas poderia tentar efetuar o calculo agora...

– Faça-o!

– Sim, senhor – respondeu o oficial técnico, e pôs a mão no bolso, mas não encontrou a calculadora –. Que estranho? – disse, procurando em volta aonde havia posto; não teve êxito–. Bom, general, o farei no computador central...

Porém o teclado de comunicação com o centro de computação também havia desaparecido. Também o modem, o monitor e a impressora. E quando o oficial técnico, com uma repentina sacudida de espanto, conseguiu improvisar uma ligação pelo circuito fechado de TV no centro de computação das Rochosas, encontrou as enormes salas de rocha completamente desertas. Não haviam as fitas magnéticas, nem os processadores. Não havia nada que tivesse relação com computadores, calculadoras, ou qualquer outra forma de inteligência artificial. Tudo isso havia desaparecido. Restavam apenas os animais domésticos, polindo as estrelas dos seus uniformes, com os olhos esbugalhados de espanto e cravados nos aparelhos de comunicação... enquanto isso, lá fora o céu se ascende um pouco mais. E continua iluminando com crescente intensidade.

DOMINÓS – C.M. Kornbluth

Dinheiro! – gritou-lhe sua mulher. – Você está se matando, Will. Arranque-se a esse mercado e vamos para algum lugar onde possamos viver como seres humanos. . .

Ele bateu a porta do apartamento sobre as censuras dela e fez um esgar, de pé, sobre o corredor atapetado, sentindo a pungência de uma úlcera atravessar-lhe o corpo. A porta do elevador abriu-se, e o ascensorista disse, sorridente:

– Bom dia, Sr. Born. O dia está lindo, hoje.

– Muito me alegro, Sam – falou W. J. Born, azedamente. – Acabo de ter um lindo, um muito lindo pequeno almoço.

Sam não soube como deveria receber aquilo, e resolveu a questão com um sorriso amarelo.

– Que tal está o mercado Sr. Born? – sugeriu ele, quando o elevador parou no primeiro andar. – Meu primo disse-me que eu deixasse a Divertimento Lunar, ele está estudando para piloto, mas o Jornal diz que as ações dela vão subir.

W. J. Born rosou:

– Se eu soubesse, não lhe diria. Você não tem nada a fazer no mercado. Nada, se pensa que pode jogar ali como joga dados.

Durante todo o tempo que o táxi levou para alcançar seu escritório, ele bufou de cólera. Sam, um milhão de Sams, nada tinham a fazer no mercado. Mas estavam metidos nele, e tinham levado a cabo a Grande Baixa de 1975 em cujas águas as Associadas W. J. Born iam navegando alegremente. Por quanto tempo? Nova pungência da úlcera seguiu-se àquele pensamento.

Chegou às 9,15. O escritório já era um sorvedouro. Os estrepitosos receptores elétricos de cotações e notícias, os quadros indicativos pestanejantes e os mensageiros a correr, transmitiam as últimas e mais quentes palavras dos mercados de Londres, Paris, Milão, Viena. Breve seria Nova York a chamar, depois Chicago, e então São Francisco.

Talvez aquele fosse o dia. Talvez Nova York abrisse com um declínio significativo na mineração e Fundição da Lua. Talvez Chicago respondesse nervosamente com uma baixa repentina das mercadorias, e a Utah Urânio de São Francisco fizesse nível com ele, como solidariedade. Talvez pânico na Bolsa de Tóquio, seguindo de perto as notícias alarmantes dos Estados Unidos – e o pânico, expedido através da Ásia com o nascer do sol em Viena, Milão, Paris, Londres, viesse rebentar novamente, como o impacto de um vagalhão, sobre o mercado de Nova York, em sua abertura.

"Dominós" – pensava W. J. Born. – "Uma fileira de dominós. Derrube um, e todos tombarão, amontoados." Talvez que aquele fosse o dia.

A Senhorita Illig tinha uma dúzia de chamados de seus clientes pessoais, que tinham a prioridade nas baixas, já anotados no bloco de sua secretária. Ele ignorou-os e disse, ao mesmo tempo que ela lhe dava um sorridente "bom dia":

– Chame o Sr. Loring ao telefone.

O telefone de Loring tocou e tocou enquanto W. J. Born fervia por dentro. Mas o laboratório era um lugar impossível, e quando aquele homem mergulhava em trabalho duro, ficava surdo e cego para qualquer distração. Era preciso fazer-lhe essa justiça. Sujeito misterioso, insolente, com um complexo de inferioridade que se via de longe, mas um trabalhador.

A voz insolente de Loring disse-lhe ao ouvido:

– Quem é?

– Born – estalou ele. – Como vai isso?

Houve uma longa pausa, e Loring disse, desinteressadamente:

– Trabalhei a noite inteira. Penso que dei no couro.

– Que é que você quer dizer com isso?

O outro, muito irritado:

– Eu disse que penso que dei no couro. Mande um relógio, um gato e uma gaiola de ratos brancos para fora, durante duas horas. Voltaram todos muito bem.

– Você quer dizer... – começou W. J. Born, rouco, e umedecendo os lábios. – Quantos anos? – perguntou, em tom neutro.

Os ratos não o disseram, mas acho que passaram duas horas em 1977.

– Vou já para aí – disse rapidamente W. J. Born, desligando. O pessoal do escritório ficou a olhar para ele, vendo-o sair a passos largos.

Se o homem estivesse mentindo!... Não, ele não mentia. Tinha estado absorvendo dinheiro havia seis meses, desde que forcara sua entrada no escritório de Born, com seu projeto da máquina do tempo, mas não mentira uma só vez. Admira com franqueza brutal seus próprios malogros e suas dúvidas sobre se a coisa viria a funcionar algum dia. Mas agora, e W. J. Born regozijava-se, aquilo se tornara o jogo mais inteligente de sua carreira. Seis meses e um quarto de milhão de dólares – e uma previsão com dois anos de antecedência sobre o mercado, o que valia um bilhão! Quatro mil por um, rejubilava-se ele, quatro mil por um! Duas horas para saber quando a Grande Alta da Bolsa de 1975 estouraria, e depois voltar para seu escritório, armado com aquela informação, pronto para comprar até a própria crista do estouro, retirar-se, então, no auge, rico para sempre, para sempre fora do alcance da sorte, boa ou má!

Subiu com dificuldade para o sótão de Loring, na Rua 70, Oeste.

Loring estava se excedendo na representação do papel do fanfarrão displicente. Esguio e desajeitado, cabelos vermelhos e barba por fazer, careteou um sorriso para Born e disse:

– Que acha do futuro da soja, W. J? Mantém-se ou muda?

W. J. Born começou, automaticamente:

– Se eu soubesse, não... oh! não seja tolo. Mostre-me essa desgraçada coisa.

Loring mostrou-lha. Os geradores cheios de guinchos não tinham sido mudados. O alto acumulador Van de Graaf ainda parecia algo saído de um filme de terror de terceira classe. Os trinta pés quadrados de válvulas a vácuo, resistências e arames de embalagem, ainda eram a mesma incompreensível barafunda.

Mas, coisa que ali não havia quando de sua última visita, uma cabina telefônica, sem telefone, fora acrescentada. Um disco feito de uma lâmina de cobre, colocado no forro dela, ficava ligado à máquina por um cabo resistente. O piso era uma placa de vidro polido.

– Aí está – disse Loring. – Arranjei isto num ferro-velho e adaptei-o lindamente. Quer ver uma experiência com os ratos?

– Não – disse W. J. Born. – Quero experimentar pessoalmente. Para que é que você pensa que eu o estou pagando?

Fez uma pausa e perguntou:

– Garante que não há perigo?

– Ouça, W. J. – disse Loring – eu não garanto coisa alguma. Penso que isto o mandará para dois anos além, no futuro. Penso que se estiver de volta, aqui, dentro dessas duas horas tornará a sentir-se de volta, ao presente. Uma coisa eu lhe direi: se isto chegar a mandá-lo, realmente, para o futuro, o melhor é que retorne à máquina, dentro de duas horas. De outra forma você pode recuar para o mesmo espaço, como um pedestre que passeia ou um carro que se move – e uma bomba H estará em seu caminho.

A úlcera de W. J. Born doeu. Com dificuldade, êle perguntou: – Há alguma outra coisa que eu não deva saber?

– Nenhuma – disse Loring, depois de pensar um momento.

– Você é apenas um passageiro que paga.

– Então, vamos.

W. J. Born verificou se trazia consigo seu caderno de apontamentos e se levava uma caneta de pena macia no bolso, metendo-se, depois, na cabina telefônica.

Loring fechou a porta, careteou um sorriso, fez um gesto de adeus e desapareceu, literalmente desapareceu, enquanto Born olhava para ele.

Born escancarou a porta da cabina e disse:

– Loring, mas que diabo...

E então viu que já ia avançada a tarde, não mais era manhã. E que Loring não se encontrava em lugar algum do celeiro. Que os geradores estavam silenciosos e as válvulas escuras e frias. Que havia ali uma capa de poeira e um leve cheiro de mofo.

Saiu correndo do grande aposento e desceu as escadas. Era a mesma rua 70, Oeste. "Duas horas", pensou ele, e olhou para seu relógio. Marcava 9,55, mas o sol, indubitavelmente, dizia que a tarde se adiantava. Algo acontecera. Resistiu ao impulso de agarrar um menino de ginásio que passava e perguntar em que ano estavam. Havia um ponto de venda de jornais, ao fim da rua, e Born caminhou para ali mais depressa do que tinha andado nos últimos anos. Atirou uma moeda de dez centavos e apanhou um Post, datado de 11 de setembro de 1977. Tinha chegado.

Ansiosamente, correu para a mesquinha página financeira do Post. A Mineração e Fundação da Lua abrira a 27. À Urânio a 19. A United Comp a 24. Baixas catastróficas! O estouro viera!

Olhou novamente para seu relógio, em pânico. Nove e cinquenta e nove. Marcava 9,55, antes. Precisava voltar à cabina telefônica às 11,55, ou... Ele teve um frêmito. Uma bomba H estaria em seu caminho.

Agora, devia tratar de saber justamente como fora o estouro.

– Táxi! – gritou ele, sacudindo seu jornal. O carro parou na sarjeta.

– Biblioteca pública – rosnou W. J. Born, recostando-se para ler o Post com júbilo.

A manchete dizia: 25.000 PESSOAS LUTAM AQUI A FIM DE CONSEGUIR O AUMENTO DAS VERBAS OFICIAIS PARA AUXÍLIO AOS DESEMPREGADOS. Naturalmente, naturalmente. Suspirou, ao ver quem tinha vencido as eleições presidenciais de 1976. Deus, quanto poderia ganhar, de volta a 1975, se quisesse fazer apostas sobre a eleição! NÃO HA ONDA DE CRIMES, DIZ O COMISSÁRIO. As coisas não tinham mudado muito, afinal. LOURA MODELO RETALHADA NO BANHEIRO. PROCURA-SE O MISTERIOSO NAMORADO. Aquela notícia ele leu toda, interessado pela fotografia em duas colunas da loura modelo que trabalhava para uma casa de meias. E percebem, então, que o táxi não se estava movendo. Fora apanhado por um congestionamento de trânsito, duro como pedra. Eram 10 horas e cinco minutos.

– Chofer! – chamou ele.

O homem voltou-se, apaziguador e assustado. Uma corrida era uma corrida e o tempo de depressão.

– Não se preocupe, senhor. Vamos sair daqui num minuto. Eles fazem a volta em Drive, e isso congestiona a avenida por alguns minutos. É só isso. Logo estaremos correndo.

Correram logo, realmente, mas apenas por alguns segundos. O táxi andou polegada por polegada, agonizando pelo caminho, enquanto W. J. torcia o jornal entre as mãos. As 10,30 atirava uma nota ao chofer e saltava para fora do táxi.

Arquejando, alcançou a biblioteca as 10,46 pelo seu relógio. Pelas horas que o resto do mundo seguia naquele dia, era o momento em que se fechavam os escritórios no centro da cidade. Ele esbarrara num bando de moças que usavam vestidos surpreendentemente curtos e chapéus surpreendentemente grandes.

Perdeu-se na marmórea imensidão da biblioteca e de seu próprio pânico. Quando encontrou a secção de jornais, seu relógio marcava 11,03. W. J. Born arquejou, para a moça da recepção:

– Fichário do Jornal da Bolsa, em 1975, 1976 e 1977.

– Temos os microfilmes de 1975 e 1976, senhor, e cópias soltas deste ano.

– Diga-me – falou ele – qual foi o ano do grande estouro do mercado? É isso que eu quero saber.

– Foi 1975, senhor. Quer ver esses?

– Espere – disse ele. – Por acaso recorda-se em que mês foi? – Penso que foi em março ou agosto, ou alguma coisa assim, senhor.

– Dê-me todo o fichário, por favor – disse ele. Mil novecentos e setenta e cinco. Seu ano, seu próprio ano. Teria ele um mês? Uma semana? Ou...?

– Assine este cartão, senhor – disse a moça, pacientemente. – Há uma máquina de leitura, o senhor apenas precisa sentar-se ali e eu lhe trarei o carretel.

Ele rabiscou seu nome e foi ter à máquina, única disponível numa fila onde havia doze. Seu relógio marcava 11,05. Tinha cinquenta minutos.

A moça mexeu em cartões que estavam sobre sua secretária, conversou com um jovem e simpático assistente, que trazia uma pilha de livros, enquanto o suor porejava na testa de Born. Por fim, desapareceu atrás das pilhas, em sua secretária.

Born esperou. E esperou. E esperou. Onze e dez. Onze e quinze. Onze e vinte.

Uma bomba H estaria em seu caminho.

Sua úlcera pungia quando a moça tornou a aparecer, trazendo delicadamente um carretel de filme de 35 milímetros, entre o polegar e o indicador, e sorrindo alegremente para Born.

– Aqui estamos – disse ela, colocando o carretel na máquina e apertando um botão. Nada aconteceu.

– Oh! Que coisa! – disse ela. – A luz não funciona. Eu falei com o eletricista.

Born teve vontade de gritar, e depois de explicar, o que teria sido da mesma maneira uma coisa tola.

– Ali está um leitor livre – e ela apontou a fila. Os joelhos de W. J. Born fraquejavam, quando ele se dirigia para lá. Olhou para seu relógio: 11,27. Vinte e oito minutos para voltar. A tela de vidro iluminou-se com a sombra de um formato de jornal familiar. 1º de janeiro de 1975.

– Basta o senhor virar a manivela – disse ela, mostrando-lhe como se fazia. As sombras passaram na tela com velocidade estonteante, e a moça voltou depois para a sua secretária.

Born fez girar o filme até abril de 1975, o mês que deixara havia 91 minutos, e até o décimo–sexto dia, que era aquele próprio em que partira. A sombra no vidro era do mesmo jornal que ele vira naquela manhã: ALTA DAS SINTÉTICAS E BAIXA DA NOVA VIENA.

Tremendo, ele moveu a manivela para uma visão do futuro: o Jornal da Bolsa de Valores para o dia 17 de abril de 1975.

Em tipos de três polegadas as letras gritavam: ESTOURO DE TÍTULOS EM CRISE MUNDIAL – BANCOS SE FECHAM – CLIENTES ARMAM TUMULTO ENTRE FIRMAS CORRETORAS!

Subitamente, ele sentiu-se calmo, sabendo o futuro e livre de seus golpes. Levantou-se do leitor e caminhou com firmeza para o vestíbulo de mármore. Tudo estava em ordem, agora. Vinte e seis minutos era tempo bastante para voltar à máquina. Teria um intervalo de várias horas no mercado e seu dinheiro estaria seguro e ele poderia tirar seus clientes pessoais daquele gancho.

Tomou um táxi com milagrosa facilidade e mandou tocar diretamente para o edifício da Rua 70, Oeste, sem estorvo. Às 11,50, pelo seu relógio, estava fechando a porta da cabina de telefone no laboratório empoeirado e cheirando a mofo.

As 11,55 notou súbita mudança na luz do sol que filtrava através das janelas sujas, e calmamente saiu da cabina. Era, de novo, o dia 17 de abril de 1975. Loring estava profundamente adormecido junto de um aquecedor de gás onde o café se aquecia. W. J. Born apagou o gás e desceu as escadas, sem fazer ruído. Loring era um jovem misterioso, insolente e inseguro, mas seu gênio tinha habilitado W. J. Born a colher uma fortuna, em áureo momento de perfeição.

De volta a seu escritório chamou seu corretor e disse, com firmeza:

– Cronin, preste bastante atenção. Quero que você venda todas as ações e todos os bônus de minha conta pessoal, imediatamente, no mercado, e que peça cheques certificados em pagamento.

Cronin perguntou, de chôfre:

– Chefe, o senhor enlouqueceu?

– Não. Vá me transmitindo o movimento de vez em quando e não perca tempo. Faça seus rapazes

trabalharem. Largue tudo o mais. Born almoçou alimentos leves que mandou buscar, e recusou-se a ver fosse quem fosse e a atender telefonemas, a não ser de seu corretor. Cronin ia transmitindo que a venda prosseguia, que o Sr. Born devia estar louco, que aquela nunca ouvida exigência de cheques certificados estava causando alarma, e, finalmente, por ocasião do fechamento, que os desejos do Sr. Born iam sendo realizados. Born disse-lhe que lhe trouxesse os cheques imediatamente.

Dentro de uma hora eles chegavam, contra uma dúzia de Bancos de Nova York. W. J. Born chamou uma dúzia de primeiros mensageiros, e entregou os cheques para cobrança, um a cada mensageiro. Disse-lhes que retirassem o dinheiro, alugassem depósitos de segurança do tamanho necessário nos bancos onde ele já não os tivesse, e ali guardassem o dinheiro.

Telefonou então aos Bancos para confirmar o extravagante arranjo. Ele tinha relações pessoais com pelo menos um vice-presidente de cada Banco, e aquilo ajudou-o muitíssimo.

W. J. Born recostou-se em sua cadeira, um homem feliz. Que viesse o estouro. Voltou-se para seu indicador luminoso pela primeira vez naquela manhã. O fechamento de Nova York estava descendo bruscamente. O de Chicago mostrava-se pior. São Francisco estava abalado – e enquanto ele olhava as cifras luminosas que representavam os preços em São Francisco, elas começaram a cair. Cinco minutos depois era um escandaloso pique para o abismo. A campanha de fechamento deteve aquele mercado à beira da catástrofe.

W. J. Born saiu para jantar, depois de ter telefonado à sua mulher, avisando que não iria para casa. Voltou para o escritório e observou um indicador num dos aposentos externos, e que dava as cifras da Bolsa de Tóquio através das horas da noite, congratulando-se consigo mesmo quando aquelas cifras revelaram pânico e ruína. Os dominós estavam tombando, tombando, tombando.

Passou a noite no seu clube e levantou-se cedo, comendo sozinho na sala de refeições quase deserta. O transmissor de notícias, no vestíbulo, soltou um bom-dia, enquanto ele calçava as luvas para proteger-se do ar gelado, naquela manhã de abril. Born parou para ouvir. O transmissor começou a contar uma história de desastre nas grandes bolsas da Europa, e W. J. Born saiu para seu escritório. Uma porção de corretores estava chegando cedo, murmurando entre si em pequenos aglomerados, no vestíbulo e nos elevadores.

– Que acha disso, Born? – perguntou um deles.

– O que sobe deve descer – disse ele. – Eu estou seguro, estou de fora.

– Ouvi, mesmo, dizerem isso – falou o homem, com um olhar que Born considerou de inveja.

Viena, Paris, Milão e Londres estavam contando sua triste história nos indicadores, pelos escritórios dos clientes. Havia alguns deles acumulados já por ali, e o pessoal do serviço noturno estivera ocupado, recebendo ordens para a abertura. Todos deviam vender.

W. J. Born fez um sorriso para um dos funcionários da noite e disse uma piada, coisa rara nele:

– Quer comprar uma casa de corretagem, Willard?

Willard relanceou o olhar para o indicador e respondeu:

– Não, muito obrigado, Sr. Born. Mas foi gentil de sua parte lembrar-se de mim.

A maior parte do pessoal saiu para a Bolsa bem cedo: havia, pesando no ar, a sensação da crise. Born instruiu seu pessoal a fim de que fizesse o possível, antes de mais nada pelos seus clientes pessoais, e

meteu-se no seu escritório.

A campanha de abertura foi o sinal para que o inferno se desencadeasse. Os transmissores não tiveram a sombra de uma oportunidade de se manterem em nível com o estouro, inquestionavelmente o maior e o mais escabroso na história das finanças. Born teve certo prazer ao saber que a prontidão com que seus rapazes tinham agido havia permitido diminuir um tanto os prejuízos de seus clientes. Um banqueiro muito importante telefonou para ele durante a manhã, pedindo-lhe que se juntasse a um bolo de um bilhão de dólares, que ergueria o mercado, como exibição de confiança. Born recusou, sabendo que não havia exibição de confiança que pudesse impedir a Mineração e Fundição da Lua de abertura no dia 27 de setembro de 1977. O banqueiro desligou, bruscamente.

A Senhora Illig perguntou:

– O senhor quer receber o Sr. Loring? Ele está aqui.

– Mande entrar.

Loring estava mortalmente pálido, com um exemplar do jornal enrolado e apertado na mão.

– Preciso de algum dinheiro – disse ele.

W. J. Born sacudiu a cabeça:

– Você está vendo como as coisas estão – disse ele.

– O dinheiro está curto. Tive prazer com a nossa sociedade, Loring, mas acho que é tempo de terminá-la. Você recebeu um quarto de milhão de dólares, limpo. Não reclamo nada do seu trabalho...

– Ele lá se foi – disse Loring, rouco. – Não tinha pago o desgraçado equipamento – nem dez centavos de dólar ainda. Estive jogando no mercado. Perdi cento e cinquenta mil na soja, esta manhã. Eles vão desmontar minha máquina e levá-la embora. Preciso de algum dinheiro.

– Não! – praticamente ladrrou W. J. Born. – Absolutamente não!

– Vão vir com um caminhão para buscar os geradores esta tarde. Eu os escondi. Minhas ações continuam subindo. E agora... Tudo quanto eu queria era ter o necessário em reserva, para continuar trabalhando. Eu preciso de dinheiro.

– Não – disse Born. – Afinal, a culpa não é minha.

O rosto feio de Loring estava junto do dele.

– Não é? – escarneceu ele. E estendeu o jornal sobre a mesa. Born leu as manchetes – mais uma vez – do Jornal da Bolsa de Valores, do dia 17 de abril de 1975: ESTOURO DE TÍTULOS EM CRISE MUNDIAL – BANCOS SE FECHAM – CLIENTES ARMAM TUMULTO ENTRE FIRMAS CORRETORAS! Dessa vez, porém, ele não estava apressado demais para ler o resto: "Uma queda mundial de títulos ao iniciar-se um pouco antes do fechamento da Bolsa de Valores de Nova York, ontem, fez desaparecer bilhões de dólares em papel. Não se vê ainda o final do catastrófico dilúvio de ordens de venda. Observadores veteranos de Nova York concordam em que a venda em massa de títulos feita por W. J. Born, da Associadas W. J. Born, ontem, à tarde, foi o primeiro motivo a determinar o grande estouro que deve agora ser enfrentado. Os Bancos foram duramente atingidos pelo..."

– Não é? – rosnou Loring. – Não é?

Seus olhos pareciam loucos, quando ele estendeu as mãos para o pescoço fino de Born.

"Dominós" – pensou Born, vagamente, através da dor, e conseguindo, ainda assim, atingir um botão em

sua secretária.

A Senhorita Illig entrou, deu um grito, saiu, e tornou a voltar com dois robustos clientes. Mas era tarde demais.

ANTIGAS BRUXARIAS – Algernon Blackwood

I

Há, ao que parece, certas pessoas totalmente vulgares, sem nenhuma característica que as faça propícias para viver aventuras, que, entretanto, sofrem uma ou duas vezes em suas vidas aprazíveis uma experiência tão estranha que obrigaria o mundo inteiro a conter a respiração... E a pensar mais à frente!

E são casos fundamentalmente deste tipo os que foram cair, por regra geral, dentro da jurisdição de John Silence. Investigador do sobrenatural que, apelando para seu profundo humanitarismo, para sua paciência inesgotável e para suas grandes qualidades de simpatia espiritual, consegue com freqüência a solução de problemas da mais estranha complexidade e do mais profundo interesse humano.

Gostaria de seguir a pista e rastrear, até suas fontes ocultas, os casos mais curiosos e fantásticos, tão estranhos que às vezes eram quase incríveis.

Para ele constituía uma verdadeira paixão desentranhar conflitos adjacentes na mais íntima natureza da vida, aliviando, de passagem, os sofrimentos de uma alma humana atormentada. E, certamente, os nós que desfazia eram estranhos com muita freqüência.

A gente, é obvio, necessita uma base plausível para dar crédito a certas coisas, ao menos algo que pretenda as explicar. Todo mundo pode compreender facilmente que tais casos ocorram a um aventureiro: estas pessoas levam em si mesmos a adequada explicação de suas vidas excitantes; seus caracteres lhes impulsionam continuamente à busca de certas circunstâncias propícias à aventura. Não confiam a não ser em si mesmas e isto as satisfaz. Mas as pessoas vulgares e correntes não parecem ter direito a sofrer experiências do mais à frente; e, se as tiverem, a gente, que não espera tal coisa delas, fica abismada, para não dizer ofendida. Seu esquema do mundo se viu rudemente transtornado.

— Que tal coisa tenha acontecido a esse indivíduo! – exclamam – A um homem tão vulgar! É muito absurdo! Deve haver algum equívoco!

Entretanto, não cabe dúvida de que ao insignificante Arthur Vezin aconteceu efetivamente algo, um pouco extremamente curioso, pelo qual foi consultar ao Dr. Silence, que o examinou minuciosamente. Não cabe dúvida de que aquilo lhe aconteceu realmente, ao menos na aparência ou possivelmente em seu interior, mas lhe aconteceu sem nenhum gênero de dúvidas, apesar das brincadeiras dos poucos amigos que escutaram o relato, os quais observaram jocosamente que "tal coisa possivelmente tivesse ocorrido a Iszard, a aquele louco do Iszard, ou a aquela velha raposa do Minski, mas nunca ao vulgar e insignificante Vezin, que estava destinado a viver e a morrer da forma mais anônima".

Não se sabe como será sua morte, mas indubitavelmente Vezin não viveu "da forma mais anônima", ao menos no referente a este episódio de sua vida, que pelo resto é perfeitamente aprazível. Ao ouvi-lo contar sua experiência e observar a mudança que se verificava em seus olhos pálidos e delicados, ao escutar como sua voz se fazia mais suave e sossegada à medida que avançava no relato, adquiria-se o convencimento de que suas vacilantes inábeis palavras eram incapazes de transmiti-la. Cada vez que a

contava, voltava a viver sua experiência. Durante o relato se apagava até sua personalidade própria.

Afundava-se na narração, a qual quase chegou a converter-se em uma espécie de larga desculpa por ter vivido tal aventura. Parecia pedir desculpas e perdão por haver-se atrevido a tomar parte em um episódio tão fantástico. Pois o insignificante Vezin possuía uma alma tímida, bondosa, sensível, pouco apta para a luta, tenra para com os homens e os animais; e era incapaz, quase constitucionalmente, de dizer que não ou de reclamar os direitos que em justiça lhe deveriam ter correspondido. Todo seu plano de vida parecia excluir dela por completo qualquer episódio mais emocionante que perder um trem ou deixar esquecido o guarda-chuva no ônibus. E quando se viu misturado naqueles estranhos sucessos, já tinha ultrapassado os quarenta anos mais do que ele admitia ou suspeitavam seus amigos.

John Silence, que o ouviu falar de sua aventura em mais de uma ocasião, disse que às vezes omitia certos detalhes ou introduzia outros novos; mas que, entretanto, todos eles eram notoriamente certos. Toda a aventura estava gravada indelevelmente em sua memória. Nenhum de seus detalhes era imaginário ou inventado. E quando relatava a história completa, com todos seus pormenores, o efeito que produzia no auditório era inegável. Reluziam seus expressivos olhos castanhos e tirava o chapéu e revelava a parte mais cordial de sua personalidade, que de ordinário estava cuidadosamente reprimida. Nunca perdia, é obvio, sua excessiva modéstia; mas, enquanto falava, esquecia-se do presente e se mostrava quase apaixonado ao reviver de novo sua passada aventura.

Quando começou esta se achava cruzando o norte da França, de retorno a seu lar, depois de uma dessas excursões campestres a que se entregava, solitário, todos os verões. Só levava uma maleta pequena na rede de bagagens; o trem estava sufocante devido à enorme quantidade de viajantes, a maior parte dos quais eram impenitentes turistas ingleses.

Estes o desgostavam muito, mas não porque fossem compatriotas, mas sim porque eram ruidosos e impertinentes e conseguiam apagar, com suas largas pernas e trajes gritões, todo o encanto daquele dia que, do contrário, tanto prazer o teria produzido, inundando-o docemente em sua própria insignificância e fazendo-o esquecer-se de seu próprio ser. Estes ingleses armavam a seu redor, um fragor insuportável e o fizeram pensar vagamente em que deveria mostrar-se, em geral, mais enérgico e menos tímido e ser capaz de exigir com decisão algumas coisas que, embora não lhe eram necessárias e careciam realmente de importância, constituíam pequenas satisfações das que tampouco tinha por que privar-se, como, por exemplo, sentar-se junto à janela, subir ou descer a persiana conforme lhe conviesse, etc.,.

De tal modo se sentia desgostoso no trem, que desejava ardentemente a chegada do final da viagem e encontrar-se de novo em sua cômoda casinha de Surbiton, em companhia de sua irmã solteira.

E quando o trem, ofegante, deteve-se por dez minutos naquela pequena estação do norte da França e ele desceu à plataforma a estirar um pouco as pernas e viu, consternado, como uma nova remessa das Ilhas Britânicas transbordava do outro trem ao dele, sentiu subitamente que lhe era impossível continuar a viagem. Inclusive sua alma abúlica se revoltou ante tal perspectiva; e a idéia de passar a noite na pequena cidade e prosseguir a viagem no dia seguinte, em um trem mais lento e menos lotado, foi se apropriando de sua mente.

Quando lhe ocorreu esta idéia, o corredor que conduzia ao seu compartimento estava já totalmente bloqueado e o empregado gritava já “*en voiture*!”^[2]. Mas, por uma vez, atuou com decisão e lutou impetuosamente por recuperar sua maleta.

Vendo que o corredor e as plataformas estavam entupidos, bateu na janela (pois junto a ela estava seu

assento) e rogou ao francês que ia sentado frente a ele que lhe alcançasse sua bagagem, explicando mal e mal, por suas dificuldades no idioma, que desejava interromper ali sua viagem. E conforme declarou, este francês, homem já de idade amadurecida, arrojou-lhe um olhar, metade de advertência, metade de recriminação, que não poderá esquecer nunca até o dia de sua morte. Deu-lhe a maleta através da janela do trem já em movimento e ao mesmo tempo deixou cair em seus ouvidos uma frase, dita rapidamente e em voz baixa, da que tão somente foi capaz de compreender as

últimas palavras: "*Á cause du sommeil et á cause dê chats*".

Em resposta à pergunta feita pelo Dr. Silence, que, graças à sua singular acuidade psíquica, em seguida tinha compreendido que este francês representava um ponto vital da aventura, Vezin confessou que o homem o tinha impressionado favoravelmente de princípio, embora não fosse capaz de explicar por que.

Tinham estado sentados um diante do outro durante as quatro horas que tinha durado a viagem e, embora não tendo iniciado conversação —Vezin era tímido, e mais ainda agora devido a sua estupidez no idioma — tinha tido a vista continuamente fixa na cara do francês, quase até parecer insolência; ambos tinham evidenciado, com toda classe de pequenas cortesias e cuidados, seu desejo de mostrar-se amáveis. Atraíram-se mutuamente e suas personalidades não tinham se chocado ou, melhor dizendo, não teriam tido atrito se houvessem chegado a conversar. O francês parecia, certamente, ter exercido uma silenciosa influência protetora sobre o pequeno e insignificante inglês; e, sem palavras nem gestos, tinha dado a entender que o agradava e que lhe teria feito qualquer favor.

— E a frase que pronunciou ao lhe passar a maleta? —perguntou John Silence, sorrindo com essa simpatia habitual com que sempre conseguia vencer as defesas de seus pacientes— é capaz de recordá-la exatamente?

— Foi tão rápida, tão veemente, em voz tão baixa —explicou Vezin com sua vozinha —, que não me inteirei de nada. Só pude compreender umas poucas palavras, as últimas, e isso porque as pronunciou muito claramente e tirando a cabeça pela janela para que lhe ouvisse melhor.

— "*A cause du sommeil et á cause dê chats*"? —repetiu o Dr. Silence, como se falando consigo mesmo.

— Isso, exatamente —disse Vezin—, será que quer dizer algo assim como "a causa do sonho e por causa dos gatos", não é assim?

— Certamente, assim o traduziria eu —observou brevemente o doutor, que não desejava fazer mais interrupções que as imprescindíveis.

— E o resto da frase, quer dizer, todo o princípio que não pude compreender, era como uma advertência de que não fizesse não sei o que, de que não ficasse naquele povoado ou talvez, em algum lugar próximo dele. Esta foi a impressão que me deu. Depois, é obvio, tinha partido aquele trem buliçoso e Vezin tinha ficado, só e bastante esquecido, na plataforma. O povinho subia, disperso, por uma escarpada colina que se levantava além da planície onde estava a estação, e o coroavam as torres gêmeas da arruinada catedral, aparecendo por cima da cúpula. Da estação, o povoado parecia moderno e desprovido de interesse; mas a verdade é que a parte antiga, medieval, achava-se fora do campo da vista, depois da crista da colina. E uma vez que chegou à cúspide e penetrado nas velhas ruelas da parte antiga, viu-se de repente introduzido na vida de um século passado, longe de sua habitual e cotidiana realidade moderna. Recordou o bulício e a agitação do trem lotado como se fosse um episódio ocorrido muitos dias atrás. Envolveu-lhe o espírito desta silenciosa cidade da colina, alheia a turistas e automóveis, que sonhava sua própria vida aprazível sob o sol de outono, e se sentiu enfeitiçado por ele. Sob este feitiço ele esteve envolvido, durante muito tempo sem dar-se conta. Andou meigamente, quase nas pontas dos pés, pelas

estreitas e tortuosas ruelas, cujos cobertos quase se tocavam de um a outro lado, e entrou no alpendre da solitária estalagem com atitude modesta e implorante, como que pedindo desculpas por introduzir-se naquele lugar e perturbar seu sono aprazível.

— A princípio — conforme disse Vezin — se fixou muito pouco nestas coisas. Foi muito depois que começou a tentar analisar. De momento, só o que o impressionou foi o delicioso contraste entre aquele silêncio e aquela paz, e o ruidoso bulício do trem. Sentiu-se aliviado e acariciado como um gato.

— Como um gato, diz você? — Interrompeu John Silence, agarrando a palavra rapidamente.

— Sim. No primeiro momento senti essa impressão —riu Vezin, como desculpando-se—. Senti como se o calor e o silêncio e o bem-estar me fossem fazer ronronar. Assim parecia, por outra parte, o ambiente do lugar... então.

A estalagem, uma casa antiga, retorcida, sobre a qual flutuava ainda a atmosfera de longínquos dias passados, não pareceu lhe dispensar uma acolhida muito calorosa. Conforme disse, sua sensação foi ser simplesmente tolerado.

Mas era uma estalagem cômoda; e a deliciosa xícara de chá que pediu assim que pôde, fê-lo sentir-se realmente satisfeito consigo mesmo por ter deixado aquele trem de uma maneira tão atrevida e original. Pois lhe tinha parecido atrevida e original. Sentia-se audaz. Sua estalagem, além disso, agradou-lhe muito, com seu escuro e baixo teto irregular; e o corredor, comprido, um pouco tortuoso, que a ela conduzia, pareceu-lhe o caminho mais adequado para levar àquela verdadeira Câmara do Sonho, pequeno e escuro retiro afastado do mundo, onde nenhum ruído podia entrar. Dava a parte traseira da casa, a um pátio aprazível. Tudo isso era delicioso e, sem saber por que, sentiu-se como se estivesse vestido com um suave veludo e como se os chãos fossem atapetados, e as paredes, almofadadas.

Os ruídos da rua não podiam entrar ali. Rodeava-lhe uma atmosfera de absoluta paz.

Para tomar aquela casa de dois francos se teve que entender com a única pessoa que parecia haver na estalagem, naquela tarde adormecida, um velho senhor de bigodes felinos e sonolenta cortesia, que, ao lhe ver, dirigiu-se perezosamente para ele através do pátio de pedra. Porém mais tarde, quando desceu de seu quarto a dar um passeio pelo povoado antes de jantar, encontrou-se com a dona da pousada em pessoa.

Era uma mulher enorme, cujos pés, mãos e feições pareciam flutuar, como se nadasse para ele, através do mar de sua corpulenta pessoa. Emergiam em sua direção, por assim dizer, mas tinha ambos os olhos grandes, escuros e vivazes que neutralizavam em parte a impressão produzida por sua corpulência e revelavam que sua proprietária era mulher vigorosa e alerta. Quando a viu pela primeira vez, estava sentada em uma cadeira baixa, ao sol, fazendo tricô; e havia algo em seu aspecto ou atitude, que lhe sugeriu imediatamente a idéia de um enorme gato listrado, dormitando, mas ainda acordado, muito sonolento, mas, entretanto, ao mesmo tempo, preparado para uma ação instantânea. Fez-lhe pensar em algo como um grande caçador de ratos à espreita.

A mulher o abrangeu de uma só e minuciosa olhada, cortês até sem ser cordial. Vezin observou que seu pescoço devia ser extraordinariamente flexível, apesar de suas proporções, pois foi girando com facilidade, para lhe seguir com a vista à medida que ele caminhava; e também a cabeça, que se inclinava com grande flexibilidade.

— Mas quando me olhou, sabe... —disse Vezin com aquele sorrisinho suplicante em seus olhos castanhos

e aquele leve gesto de seus ombros, como de quem tira importância de algo, tão característico nele— tive a estranha convicção de que, na verdade, tinha tentado fazer um movimento completamente diferente, e que de um só salto poderia ter cruzado todo o pátio para cair sobre mim, como um enorme gato sobre um camundongo.

Deu um risinho leve e o Dr. Silence, sem interromper, apontou algo em seu livro de notas, enquanto Vezin prosseguia no tom de voz de quem teme ter falado muito e dito mais do que pudessem acreditar.

— Era muito gorda, mas muito ativa para seu volume e massa; e me dava a sensação de que sabia o que eu fazia, inclusive quando eu estava às suas costas e não podia vê-la. Sua voz era melosa e suave quando me falou. Perguntou-me se tinham levado já minha bagagem e se me encontrava cômodo em meu quarto; e logo acrescentou que o jantar era às sete e que nesse povoado a gente era muito madrugadora. Tentava dar a entender às claras que as últimas horas do dia não eram muito sugestivas naquele lugar.

Evidentemente, esta mulher contribuiu não pouco, com sua voz e maneiras, a lhe dar a impressão de que ali ia ser "dirigido" por outros; que outros se ocupariam de arrumar e planejar as coisas por ele, e que não teria mais que fazer a não ser adaptar-se, como uma roda dentada em seu entalhe correspondente, e obedecer. Não se esperava dele nenhuma ação enérgica nem nenhum esforço pessoal. Tudo isto constituía o exato reverso do malfadado trem.

Saiu à rua aprazível e caminhou lenta e prazenteiramente. Percebeu que se achava em um local muito apropriado à sua maneira de ser: sempre lhe tinha repellido a ação direta. Era muito mais agradável obedecer. Começou de novo a ronronar e sentiu que toda a cidadezinha ronronava com ele. Vagou sem rumo pelas ruas da pequena cidade, e cada vez se foi afundando mais profundamente na atmosfera de repouso que a caracterizava.

Sem rumo fixo vagabundeou de cima a baixo e daqui para lá. O sol de setembro caía obliquamente sobre os telhados. Descendo por ruas tortuosas orladas de beirais ruinosos e abertas janelas, captou vistas fantásticas da extensa planície, dos prados e dos amarelos matagais que se estendiam lá abaixo igual ao mapa de um sonho na névoa.

Sentiu que naquele lugar atuava poderosamente o feitiço do passado.

As ruas estavam cheias de homens e mulheres pitorescamente vestidos, todos eles muito atarefados em seus respectivos quefazeres; mas nenhum pareceu fixar-se nele nem se voltou a olhar seu aspecto tão inglês. Foi inclusive capaz de esquecer que, com seu marcado aspecto de turista, constituía uma nota discordante naquele quadro encantador; e se foi fundindo cada vez mais com o ambiente, sentindo-se deliciosamente insignificante e sem consciência de si. Era como se fosse pouco a pouco entrando em um sonho de cores suaves, mas de forma tão gradual que nem sequer notava que era um sonho.

Para o Leste, a colina caía mais verticalmente e a planície de baixo se afundava subitamente em muito densas sombras, onde os pequenos bosques formavam ilhas e os campos de restolho eram como águas profundas.

Vagabundeou ao longo de velhas fortalezas, antigas, que sem dúvida alguma vez foram formidáveis, mas que agora só constituíam um fantástico mistério de rotas muralhas cinzas cobertas de indômitas heras e trepadeiras. Do largo parapeito em que se sentou um momento, e que estava ao mesmo nível que as arredondadas taças dos plátanos recém podados da planície, viu lá embaixo a esplanada que se estendia nas sombras. Aqui e lá pousava nas folhas caídas um amarelo raio de sol; e olhou para baixo e viu que a gente do povoado passeava por ali, sem rumo, ao fresco do entardecer. Pôde ouvir o som de seus passos lentos; e o murmúrio de suas vozes se elevou até ele através das frestas da ramagem. Lá embaixo, as

figuras de calmosos movimentos lhe pareceram sombras, logo que entrevista através dos claros da folhagem.

Ali esteve sentado durante muito tempo, pensativo, submerso nas ondas de murmúrios e ecos quase perdidos que chegavam até ele e rodeado das folhas dos plátanos. Toda a cidade e a pequena colina em que se elevava com a mesma naturalidade que um antigo bosque, pareceram-lhe como um enorme ser que jazesse meio adormecido na planície e ronronasse para si enquanto dormitava.

E, de repente, enquanto se fundia prazerosamente com seus próprios sonhos, chegou até seus ouvidos um som de trombetas e instrumentos de corda e madeira; e a banda do povoado começou a tocar no longínquo extremo do passeio cheio de gente, acompanhada por tambores de som apagado e acariciador. Vezin era muito sensível para a música; era um inteligente aficionado e inclusive se aventurou, sem que soubessem seus amigos, a compor algumas aprazíveis melodias de graves acordes, que ele mesmo tocava para si, delicadamente matizadas com o pedal, quando se achava a sós.

E esta música que se elevava entre as árvores, tocada por uma banda invisível, mas sem dúvida muito pitoresca, enfeitiçou-o. Não reconheceu nenhuma das peças que tocaram, as quais lhe deram a impressão de que estavam sendo simplesmente improvisadas por uma banda sem diretor. Ao longo das distintas melodias não havia nenhum movimento marcado, e começavam e terminavam de uma maneira singular e caprichosa, igual ao vento soprando através de uma harpa eólia. A música formava parte integrante da cena, e da hora — tão parte integrante da cena e da hora como a moribunda luz do dia ou a tênue brisa — e as doces notas das trombas arcaicas e chorosas, atravessadas pelo som mais agudo da corda, e tudo isso quase afogado pelo contínuo retumbar do grave tambor, enfeitiçaram-no de uma forma curiosamente intensa, quase excessiva, para ser totalmente agradável.

Havia certamente em tudo isto uma estranha atmosfera de feitiço. A música lhe evocava o mistério da natureza. O fazia pensar em árvores varridas pelo vento, em brisas noturnas cantando nas cordas de roupa e nos canhões das chaminés ou entre os equipamentos de barco de invisíveis navios: também lhe sugeria — a similitude irrompeu em seus pensamentos com violenta intensidade — um coro de animais, de selvagens criaturas reunidas em alguma das mais desolados paragens do mundo, uivando e cantando como cantam ou uivam à lua os animais. O parecia ouvir inclusive os gemidos chorosos e semihumanos dos gatos nos telhados noturnos; e esta música, de intervalos fantásticos, apagada pelas árvores e a distância, fê-lo pensar em uma estranha reunião destas criaturas em algum remoto telhado do céu, cantando em coro sua música solene a si mesmos e à lua.

Ao momento se deu conta de que era muito estranha a imagem que a música lhe sugeria, posto que sua sensação se expressava melhor de uma maneira visual que de qualquer outra. Os intervalos executados pelos instrumentos eram estranhos e sugeriam imagens de gatos sobre telhados noturnas, tão velozmente subiam os crescendos, tão bruscamente se precipitavam os diminuendos nas notas mais graves, e tão louco, confuso e discordante resultava o total. Mas, ao mesmo tempo, da melodia se desprendia uma doçura chorosa; e, por outra parte, as discordâncias dos instrumentos eram tão singulares que não feriam seu sentido musical como tivesse feito, por exemplo, um violino desafinado.

Durante longo momento esteve escutando, com total abandono de si mesmo; e logo voltou lentamente para a estalagem, envolto no crepúsculo e no ar que se ia tornando frio.

— Não sentiu nenhum alarme? — interrompeu brevemente o doutor Silence.

— Nada absolutamente — disse Vezin — mas, sabe, era tudo tão fantástico e encantador que fiquei profundamente impressionado. Possivelmente muito — continuou explicando amavelmente — e então

talvez fosse esta violenta impressão, causa-lhe predisponham para outras impressões que fui recebendo logo; pois enquanto retornava à estalagem, o feitiço do lugar começou a apoderar-se de mim de uma dúzia de maneiras, e todas elas distintas. Houve outras coisas que nem pude explicar.

—Você quer dizer incidentes?

— Não, quase não foram nem incidentes. Foram-se sobrepondo em minha mente uma turba de vívidas sensações que não pude desentranhar. Acabava de por-se o sol, e os velhos e desmantelados edifícios recortavam silhuetas mágicas sobre um vermelho e dourado céu opalescente. A escuridão se derramava pelas ruelas retorcidas. A colina estava rodeada em todo seu contorno por um escuro mar, cujo nível crescia com as trevas. O encanto de uma cena como esta, sabe, pode chegar a ser muito grande; e assim foi aquela noite para mim. Entretanto, dava-me conta confusamente de que o que eu sentia não estava diretamente relacionado com o mistério e maravilha da cena.

— Quer dizer, as sutis transformações do espírito não provinham unicamente da beleza — indicou o doutor ao notar que vacilava.

— Exatamente — prosseguiu Vezin, animando-se de novo e sem medo já de que nos ríssemos às suas custas —. Minha sensação procedia de alguma outra coisa. Por exemplo, ao descer pela buliçosa rua principal, onde homens e mulheres retornavam alegremente do trabalho a casa, compravam coisas em lojas e bancas, e conversavam ociosamente formando grupinhos, vi que eu não despertava o menor interesse e que ninguém se fixava em mim como forasteiro e estrangeiro. Era totalmente ignorado e minha presença entre eles não excitava nenhum interesse especial ou atenção.

"E então, de repente, veio-me a convicção de que essa indiferença e falta de curiosidade eram simplesmente fingidas. Todo mundo, sem dúvida, estava-me espiando furtivamente. Cada movimento que eu fazia era observado. Sua indiferença não senão fingida, cuidadosamente fingida.

Fez uma pausa para ver se nos ríamos dele; depois continuou, tranqüilizado.

— É inútil me perguntar como percebi isso, porque, simplesmente, não posso explicá-lo. Mas a descoberta produziu uma grande impressão. Antes de chegar à estalagem, entretanto, houve outra coisa que me colocou irresistivelmente na imaginação e que não pude por menos de reconhecer como certa. E também esta era igualmente inexplicável. Quero dizer que não posso fazer mais que relatar o fato, o fato tal como me aconteceu. O homenzinho se levantou da poltrona e ficou em pé, sobre o tapete e ante o fogo. Seu acanhamento desaparecia por momentos, à medida que se perdia de novo na magia da velha aventura. Inclusive seus olhos lhe brilhavam ao falar.

— Bem — prosseguiu, levantando, em sua excitação, sua débil voz — quando me ocorreu pela primeira vez, acabava de entrar em uma loja... embora ache que a idéia já estaria forjando-se subconscientemente antes de surgir-me em tão súbita e completa maturidade. Estava comprando meias três-quartos, parece-me — riu — e lutando com meu detestável francês, quando percebi que a mulher da loja pouco se importava o que eu comprasse ou deixasse de comprar. Não importava a ela vender ou não vender. Só o que fazia ali era simular vender.

"Isto possivelmente lhes pareça um incidente muito corriqueiro e caprichoso para edificar sobre ele tudo o que segue. Mas na realidade não teve nada de corriqueiro. Quero dizer que foi a faísca que prendeu o reguero de pólvora que chegou a produzir o enorme incêndio de minha mente.

"Acabava-me de dar conta, de repente, que a realidade daquele povoado era bem outra da que eu tinha

percebido até então. As atividades verdadeiras e os interesses autênticos da gente eram outros e muito distintos do que parecia. A realidade de suas vidas ficava oculta em algum lugar invisível, atrás do cenário. Seu bulício e atividade não eram senão aparência externa, que mascarava suas verdadeiras intenções. Compravam e vendiam, e comiam e bebiam, e passeavam pelas ruas; mas, entretanto, a corrente fundamental de sua existência discorria por leitões subterrâneos, por gargantas secretas, fora do alcance de minha vista. Nas lojas e praças não se preocupavam se eu sentia ou não interesse por seus artigos; na estalagem, eram indiferentes a se ia ou ficava; o curso de sua vida discorria remoto para mim, brotava de ocultas fontes misteriosas, fluía longe de minha vista, desconhecido. Tudo era uma farsa enorme e deliberada, possivelmente montada em meu benefício ou possivelmente para seus próprios fins. Mas o curso principal de seu estoque discorria por outro lado. Eu sentia algo assim como o que poderia sentir uma substância estranha e hostil introduzida em um organismo humano, quando este trata por todos os meios de expulsá-la ou absorvê-la. Isto mesmo estava fazendo aquele povo comigo.

"Esta estranha certeza se apoderou de mim em forma irresistível quando retornava passeando à estalagem; comecei a tentar imaginar apressadamente onde poderia residir a vida autêntica deste povo e quais poderiam ser os interesses e atividades reais de sua vida escura.

"E agora que meus olhos estavam já parcialmente abertos, pude observar três detalhes que me intrigaram, o primeiro dos quais acredito que foi o extraordinário silêncio que reinava em todo o lugar. Todos os ruídos da vila eram positivamente afogados, sufocados. Embora todas as ruas estivessem empedradas com calhaus irregulares, as pessoas se moviam silenciosamente, meigamente, com passos felpudos, igual a gatos. Tudo era sossegado, mudo, amortecido. As mesmas vozes eram baixas, sussurrantes como ronroneios. Não parecia haver nada clamoroso, veemente nem enérgico naquela atmosfera adormecida, de sonho aprazível, que envolvia vilazinha adormecida na colina. Era como a mulher da estalagem: quietude aparente que oculta uma intensa atividade e desconhecidos propósitos.

"Entretanto, não percebi nenhuma letargia ou preguiça. A gente era ativa e acordada. Mas tudo, mesmo bulício da rua, estava envolto em uma amortização mágica e desconhecida, como em um feitiço.

Vezein passou um momento a mão pelos olhos, como se suas lembranças se fizessem muito dolorosas. Sua voz se foi convertendo em um sussurro, pelo qual tínhamos escutado com certa dificuldade a última parte de seu relato. Era evidente que o que nos estava contando era certo, e também que se tratava de algo que ele ao mesmo tempo, desejava e odiava contar.

—Völtei para a estalagem —proseguiu em voz mais alta— e jantei. Sentia a meu redor um mundo novo e estranho. Ia apagando meu antigo mundo de realidades. Ali, eu gostasse ou não, tinha que enfrentar com algo novo e incompreensível. Lamentei ter deixado o trem tão impulsivamente. Achava-me metido em uma aventura e eu fui sempre inimigo de toda classe delas. Mais ainda, sentia que me achava às portas de uma aventura muito sombria e funda a acontecer dentro de mim, que ia ter lugar em um terreno que eu não podia controlar nem medir; e a meu assombro se mesclou um sentimento de angústia, angustia pela integridade e estabilidade do que durante quarenta anos tinha considerado minha "personalidade".

"Subi e me deitei, enquanto minha cabeça transbordava de pensamentos estranhos a mim, de caráter obsessivos. Para me aliviar, obriguei-me a pensar naquele trem encantador, prosaico e ruidoso, e em todos seus são e tumultuosos passageiros. Quase desejava voltar a estar com eles. Mas meus sonhos conduziram a outros terrenos. Sonhei com gatos, com criaturas de movimentos felpudos, e com o silêncio de uma vida escura e amortecida que se estendia além de nossos sentidos.

II

Vezin permaneceu ali dia após dia. Indefinidamente, muito mais tempo de que tinha pensado ficar. Sentia-se sonolento e aturdido. Não fazia nada em particular, mas o lugar o fascinava e não podia decidir-se a abandoná-lo. Sempre lhe tinha sido muito difícil tomar decisões e, por isso, assombrava-se às vezes do bruscamente que tinha decidido descer do trem. Parecia como se alguém a tivesse tomado por ele; e, em uma ou duas ocasiões, seus pensamentos voaram para aquele bronzeado francês do assento fronteiro ao dele. Oxalá tivesse entendido aquela frase que terminava, tão estranhamente, com um "*a cause du sommeil et a cause dê chats*"! Perguntava-se qual seria seu exato significado.

Enquanto isso, tinha-o dominado por completo a felpuda calma da cidade, e tentava em meio daquela paz e tranqüilidade, descobrir onde residia o mistério e no que consistia. Mas sua limitação no idioma e sua constitucional aversão às investigações ativas, o impediram de abordar as pessoas e lhes fazer perguntas diretas. Contentava-se observando, vigiando e permanecendo em estado negativo.

O tempo prosseguiu sendo tranqüilo e nebuloso, e isto o ajudou.

Vagabundeou pela cidade até que conheceu cada rua e cada passeio. As pessoas lhe permitiam ir e vir sem lhe estorvar; mas, cada dia que passava, se fazia mais evidente que não deixavam de vigiá-lo nenhum momento.

O povo o espiava como o gato espia o camundongo. E ele não conseguiu adiantar nenhum passo para descobrir o por que estavam todos tão atarefados nem por onde discorria a corrente real de suas atividades. Tudo isto permanecia em trevas. A gente era tão suave e misteriosa como os gatos.

Mas que estava continuamente sob vigilância, foi se fazendo mais evidente de dia para dia.

Por exemplo, quando ia dando um passeio, até o extremo do povoado e ali entrava em um jardimzinho público, sob as muralhas, e se sentava a tomar o sol em um de seus vazios bancos, via-se completamente sozinho... a princípio.

Não estava ocupado nenhum outro assento; o parque estava deserto; os caminhos, vazios. Entretanto, ao cabo de uns dez minutos de sua chegada, havia já muito bem vinte pessoas ao seu redor, umas passeando sem rumo fixo pelos atalhos de cascalho ou contemplando as flores, e outras sentadas nos bancos de madeira, tomando agradavelmente o sol. Nenhuma delas parecia reparar nele; apesar disto, compreendia perfeitamente que tinham ido ali para o espiar.

Mantinham-no submetido a estreita vigilância. Na rua lhe tinham parecido bastante atarefados e ativos; entretanto, agora pareciam haver-se esquecido subitamente de suas obrigações e já não tinham nada que fazer a não ser descansar ociosamente ao sol, sem lembrar-se de seus trabalhos e tarefas. Cinco minutos depois de ele sair, o jardim voltava a ficar deserto, os assentos vazios.

Mas, em troca, na rua, agora repleta de gente atarefada, sucedia o mesmo; nunca estava sozinho. Sempre estavam ocupando-se dele.

Pouco a pouco, além disso, foi começando a compreender de que modo tão inteligente o espiavam, que não parecia. Aquela gente não fazia nada de uma maneira direta. Atuavam de um modo oblíquo. Riu para si mesmo quando expressou esta idéia, circunscrevendo-a em palavras, mas a verdade é que esta frase o descrevia com exatidão. Olhavam-no desde ângulos dos quais, logicamente, só se tivesse podido dirigir a

vista para outro sítio muito distinto.

Seus movimentos, além disso, eram misteriosos em tudo o que se referia a ele.

Era evidente que das coisas diretas, não gostavam. Não faziam nada com clareza. Quando entrava em comprar algo em uma loja, a mulher ia rapidamente ao extremo longínquo do balcão e ali ficava a fazer algo; entretanto, respondia-lhe imediatamente — assim que ele dizia algo, demonstrando com isso que notara sua presença, e era esta unicamente sua maneira de atender. Era a atitude do gato a que adotavam. Inclusive no restaurante da estalagem, o garçom, cortês e bigodudo, flexível e silencioso em todos seus movimentos, parecia incapaz de chegar diretamente até sua mesa para atender um chamado ou levar um prato. Ia fazendo ziguezagues, indiretamente, vagamente, de maneira que parecia estar indo a qualquer outra mesa, só que de repente, no último momento, voltava-se e já estava ali junto a ele.

Vezezin sorria de uma forma singular ao descrever como foi começando a notar estas coisas. Não havia mais turistas além dele na hospedaria, mas recordava que um ou dois velhos do povoado foram ali tomar seu desjejum e jantar; e também recordava quão fantasticamente entravam no refeitório, em atitude similar a de todos outros. Primeiro se detinham na soleira da porta, espionando a sala; logo, depois de uma cuidadosa inspeção, entravam de lado, por assim dizer, colados à parede de tal maneira que Vezezin nunca sabia a que mesa se estariam dirigindo; e, no último momento, quase se equilibravam para suas respectivas cadeiras. E de novo isto lhe sugeriu as maneiras e métodos dos gatos.

Também lhe chamaram a atenção outros pequenos incidentes que ocorriam por toda parte naquele povoado estranho e sigiloso, de vida indireta, amortecida. A gente aparecia e desaparecia com uma extraordinária rapidez, que lhe intrigava sobremaneira. Sabia que era possível que o fenômeno fosse perfeitamente natural; mas não podia decifrar como a rua engolia ou jogava pessoas em um instante, sem portas visíveis nem aberturas suficientemente próximas para explicar racionalmente o fenômeno. Em certa ocasião foi seguindo duas mulheres de idade que tinha surpreendido examinando-o com um interesse tão particular como dissimulado do outro lado da rua. Era muito perto de sua estalagem, e as viu dobrar a esquina só uns poucos passos diante dele.

Pois bem, quando ele, que ia lhes nos calcalnhares, entrou pela mesma esquina, não viu mais que uma rua deserta, sem o menor sinal de vida. E a única abertura por onde podiam haver-se escapulido era um portal que havia a uns cinquenta metros adiante e ao qual, nesse instante, não teria chegado o mais rápido dos corredores humanos.

E da mesma forma súbita apareciam pessoas quando menos o esperava.

Uma vez ouviu o ruído de uma grande disputa que procedia de detrás de pequena cerca; apressou-se a ver o que acontecia e conseguiu ver um grupo de mulheres e jovens encetadas em acalorada discussão, que se apagou ao momento, até converter-se no murmúrio habitual da cidade, assim que sua cabeça surgiu por cima da cerca. E inclusive então, nenhuma delas se voltou para olhar diretamente, mas todas escaparam através do pátio com grande rapidez e desapareceram por portas e portões. E suas vozes — pensou — eram muito parecidas, estranhamente parecidas com grunhidos coléricos de animais irritados, quase como de gatos.

Apesar de tudo, a alma autêntica do povo seguia evitando-o, esquiva, variável, escondida do mundo exterior, e, ao mesmo tempo, intensa e genuinamente vital; e, do momento em que ele, agora, pertencia à vida do povo, esta retração e escuridão o intrigavam e o irritavam; mais ainda, começavam já a assustá-lo.

Através das névoas que lentamente se foram acumulando em seus pensamentos habituais, começou a surgir a idéia de que os habitantes do povoado estavam esperando algo dele, esperando que se decidisse, que tomasse uma atitude, que fizesse uma coisa ou outra; e que, quando ele se definiu, eles, por sua vez, dariam por fim uma resposta direta e o aceitariam ou rechaçariam.

Mas não podia imaginar sobre que assunto concreto se esperava sua decisão.

Uma ou duas vezes ficou a seguir a pequenas comitivas ou grupos de cidadãos com o propósito de descobrir, se possível, o que é que pretendiam; mas sempre o descobriram a tempo e se dispersaram, tomando cada um seu caminho distinto. Sempre era assim: não havia maneira de saber onde residia a vida real desta gente. A catedral sempre estava vazia e a velha igreja de São Martín, que estava no outro extremo do vilarejo, deserta. Comercializavam porque tinham que fazê-lo, não porque desejassem comprar nada.

Os botequins estavam solitários, as bancas não eram visitadas, os pequenos cafés permaneciam vazios. Apesar disto, as ruas sempre se encontravam cheias e a gente sempre buliçosa.

— É possível — disse, embora com um sorriso de indulgência por haver-se atrevido a pensar uma coisa tão estranha — é possível que esta gente seja gente do crepúsculo, que só de noite vivam sua vida real, que só se manifestem sinceramente na escuridão? Estão durante o dia fazendo uma simples farsa, insincera mas valente, e só quando se afunda o sol começam sua vida autêntica? Têm alma, possivelmente, de coisa noturna, e está toda a bendita cidade nas mãos dos gatos?

Sua fantasia as arrumava para lhe torturar continuamente com calafrios e pequenas crises de espanto. Mas, embora fingisse rir, dava-se conta de que estava começando a sentir-se ali bem desconfortável, e de que forças estranhas o estavam prendendo com mil cordas invisíveis.

Um pouco remotamente longínqua, a sua ordinária vida cotidiana, algo que tinha permanecido adormecido durante anos, começou a insinuar-se pouco a pouco no mais fundo de sua alma, lançando sutis tentáculos ao seu cérebro e coração, moldando idéias extravagantes e influenciando inclusive em alguns de seus menores atos. Sentia que na balança estava em jogo algo extraordinariamente vital para ele, para sua alma.

E sempre que voltava para a estalagem, à hora do crepúsculo, via as figuras dos habitantes do povo escapando furtivamente na escuridão das lojas, passeando como sentinelas daqui para lá nas esquinas das ruas, e sempre desvanecendo-se em silêncio, como sombras, assim que ele tentava aproximar-se.

E como a estalagem fechava invariavelmente suas portas às dez, nunca tinha encontrado a oportunidade, que temia e desejava, de descobrir se por acaso mesmo as revelações que poderia lhe fazer de noite a própria cidade.

— "*A cause du sommeil et á cause dê chats*" — as palavras soavam em seus ouvidos cada vez com maior freqüência, embora continuassem desprovidas ainda de toda significação definida.

Mais ainda, havia algo que o fazia dormir como um morto.

Acredito que foi no quinto dia de sua estada ali — embora neste detalhe às vezes variasse seu relato — quando fez um descobrimento definitivo, que aumentou sua inquietação e o conduziu ao mais vivo da ansiedade. Antes disto já havia sentido que se estava verificando uma mudança dentro de si mesmo e que tinham acontecido certas sutis transformações em seu caráter, modificando-se inclusive alguns de seus pequenos hábitos. E ele tinha fingido ignorá-lo. Isto entretanto, não o pôde ignorar por muito tempo; e o assustou.

Ao longo de toda sua vida quase nunca se mostrou muito positivo, porém mas bem francamente negativo, acessível e complacente; entretanto, quando a necessidade obrigava a isso, era capaz de atuar com razoável vigor e tomar uma decisão relativamente enérgica. O descobrimento que acabava de fazer, e que tão viva angustia lhe tinha produzido, era que esta capacidade tinha diminuído realmente até desaparecer por completo. Era-lhe impossível reagrupar sua mente dispersa. Porque neste quinto dia se deu conta de que já tinha permanecido bastante tempo na cidade e de que, além disso, por razões que só vagamente podia intuir, o mais prudente e seguro era abandoná-la.

E percebeu que não podia deixá-la!

Tudo isto é muito difícil de expressar em palavras, e foi mais, o gesto e a expressão de sua cara o que fez compreender ao doutor Silence o grau de impotência a que Vezin tinha chegado. Toda aquela vigilância, toda aquela espionagem — disse — tinham-lhe envolto, por assim dizer, em uma densa rede que lhe tinha apanhado e lhe impossibilitava toda fuga; sentia-se como uma mosca enredada em uma enorme teia; estava preso, apressado, e não se podia escapar. Era uma sensação angustiosa. Tinha sido invadida sua vontade por um insidioso entorpecimento que a deixava incapaz da menor decisão. A simples idéia de ação — no sentido de escapar começava a lhe causar terror. Todas suas forças vitais estavam dirigidas agora para as profundidades de si mesmo, lutando por arrastar para a superfície algo que jazia enterrado ali, quase além de seus próprios alcances. Viu-se obrigado a reconhecer a indubitável existência de algo que ele, sem dúvida, havia já esquecido há muito tempo, possivelmente anos ou, mais ainda, possivelmente séculos. Parecia como se estivesse abrindo uma janela nas profundidades de seu ser, janela que ia possivelmente a revelar um mundo completamente distinto e desconhecido, embora em, certo modo, vagamente familiar também.

Ainda além deste mundo, imaginava uma cortina enorme; e, quando esta se abrisse, ofereceria-se a seus olhos um panorama mais amplo desta mesma região; e, por último, seria capaz de começar a compreender a vida secreta daquela esquisita cidade.

—Terá isto alguma relação com sua vigilância? — perguntava-se com o coração encolhido — Será que estão aguardando o momento em que eu me una a eles... ou os rechace definitivamente? Então, em última instância, a decisão depende de mim e não deles?

E foi então quando pela primeira vez lhe apareceu o verdadeiro caráter sinistro da aventura, por isso sentiu uma angústia sufocante. Estava em jogo a estabilidade de sua pequena e vacilante personalidade, e sentiu pavor no fundo de seu coração.

Por que, se não, teria adquirido o costume de caminhar furtivamente, sigilosamente, fazendo o menor ruído possível e olhando constantemente detrás dele? Por que, se não, teria andado sempre quase nas pontas dos pés pelos corredores da estalagem virtualmente deserta, e quando estava na rua, não cessava de procurar deliberadamente um refúgio em que poder-se eventualmente proteger? E por que, de não ter estado assustado, lhe teria parecido tão subitamente judiciosa e desejável a precaução de não sair à rua

depois do entardecer? Por que tudo isso, ora?

E quando John Silence insistiu, com tato, em que desse alguma possível explicação destas coisas, confessou, desculpando-se, que não podia dar nenhuma.

— Era simplesmente o terror de que em qualquer momento podia me acontecer alguma coisa, a menos que me mantivesse sempre alerta. Sentia medo. Era instintivo — foi tudo o que pôde dizer—. Tinha a impressão de que toda a cidade estava atrás de mim, que me queriam para algo, e que, se conseguissem me pegar, já podia me dar por perdido, a mim ou, ao menos, a meu eu conhecido, para cair em um desconhecido estado de consciência. Mas eu não sou psicólogo — acrescentou humildemente, e não sei explicá-lo melhor.

Fez este, seu grande descobrimento uma tarde que se dedicava a vadiar pelo pátio em espera até que lhe chamassem para jantar; e imediatamente subiu a sua aprazível habitação, ao fundo do tortuoso corredor, para pensar a sós sobre aquilo. Certo que o pátio também estava vazio, mas nele sempre existia a possibilidade de que aquela enorme mulher, tão temida por ele, saísse de qualquer porta, com o pretexto de fazer ponto de tricô, e se sentasse ali a lhe espiar. Isto já tinha ocorrido várias vezes e não podia suportar já nem a simples vista da corpulenta mulher. Ainda se lembrava daquelas estranhas fantasias que lhe tinham ocorrido ao princípio, de que ela ia saltar sobre ele no momento em que a voltasse as costas, e que cairia sobre seu pescoço de um só salto demolidor. É óbvio, não era mais que uma tolice, mas não podia tirar isso da cabeça; e, quando uma idéia se começa a se comportar desta forma, deixa já de ser uma tolice para converter-se em algo importante e real.

Subiu, pois, pelas escadas. Estavam escuras e ainda não tinham acendido os abajures de azeite no corredor. Andou a tropicões pela desigual superfície do velho assoalhado e passou junto às sombrias silhuetas das portas do corredor — que nunca havia visto abertas — que sem dúvida davam a quartos que nunca pareciam ter ocupante. Andou, segundo seu novo costume, sigilosamente e nas pontas dos pés.

A metade de caminho do último lance de corredor, precisamente a que conduzia ao seu quarto, havia uma brusca curva, e foi nele onde, enquanto tentava às cegas as paredes com as mãos estendidas, tocaram seus dedos algo que não era parede, algo que se movia. Era algo suave e quente, fragrante, e que lhe chegaria à altura de seu ombro; e ele, imediatamente, pensou em um gatinho peludo e perfumado. No momento seguinte se deu conta de que se tratava de um pouco radicalmente distinto.

Entretanto, em vez de investigar mais — seus nervos, conforme confessou, estavam muito super excitados para isso — o que fez foi encolher-se tudo o que pôde contra a parede oposta. A coisa, fosse o que fosse, passou a seu lado, deslizando-se com um murmúrio suave, e logo, retirando-se com passos leves pelo corredor por onde ele acabava de chegar, desapareceu. Chegou-lhe uma rajada de ar quente e perfumado.

Durante um momento, Vezin conteve a respiração e permaneceu em silêncio total, médio apoiado na parede; e logo, de repente, cruzou quase correndo a distância que ficava, entrou precipitadamente em seu quarto e fechou rapidamente a porta. Entretanto, não tinha sido o medo o que o tinha feito correr: Era excitação, uma excitação estranha. Seus nervos formigavam e um fogo delicioso lhe percorria todo o corpo. Como em um relâmpago, deu-se conta de que isto era precisamente o mesmo havia sentido há vinte e cinco anos, quando, sendo um moço, apaixonou-se pela primeira vez. De cima a abaixo lhe percorriam cálidas quebras de onda de vida que o inundavam em um redemoinho de doce prazer. De repente, tornou-se terno, amoroso, apaixonado.

A casa estava completamente às escuras, e se deixou cair no sofá que havia junto à janela, tentando elucidar o que lhe tinha acontecido e seu possível significado. Mas só o que naqueles momentos podia

compreender claramente é que nele acabava de verificar uma mudança etérea, mágica: já não queria ir embora dali, nem sequer pensar nisso. O encontro no corredor tinha mudado tudo. Ainda flutuava a seu redor o estranho perfume que enfeitiçava sua razão e sua alma. Pois sabia perfeitamente que tinha sido uma moça quem tinha passado junto a ele e um rosto de moça o que seus dedos haviam tateado na escuridão, e se sentia, estranhamente, como se a tivesse beijado, como se a tivesse beijado totalmente nos lábios.

Tremendo, sentou-se no sofá junto à janela e se esforçou em pôr em ordem suas idéias. Era completamente incapaz de compreender como a simples passagem de uma jovem junto a ele na escuridão de um estreito corredor podia ter comunicado um estremecimento tão fulgurante a todo seu ser, até o ponto de estar ainda agitado pela doce impressão.

Entretanto, assim era! Era tão inegável como impossível de analisar. Em suas veias tinha penetrado alguma espécie de fogo antigo que agora corria tumultuosamente por seu sangue, e o fato de que tivesse quarenta e cinco em vez de vinte anos não significava nada. Acima de tudo, de sua tortura interior e confusão emergia um único fato importante e definitivo: a mera presença, o contato meramente casual com aquela moça desconhecida, invisível na escuridão, tinha sido suficiente para despertar fogos adormecidos no fundo de seu coração e lhe levantar todo o ânimo, de um estado de preguiçosa debilidade a outro de dilaceradora e tumultuosa excitação.

Ao cabo de um momento, entretanto, a idade de Vezin começou a manifestar seus poderosos efeitos, tranqüilizou-se um pouco. E quando por fim houve um ruídozinho na porta e ouviu a voz do garçom lhe notificando que o jantar estava já disposto, fez um esforço e desceu lentamente as escadas que conduziam ao restaurante.

Quando entrou, todos levantaram a vista para ele, pois chegava com muito atraso; mas ele ocupou seu assento de costume, no rincão afastado e começou a comer. Ainda lhe perdurava um certo tremor nos nervos, mas o fato de ter cruzado pátio e vestíbulo sem ver nenhuma mulher havia contribuído para lhe acalmar um pouco. Comeu tão depressa que quase pareceu estar representando a cena habitual da mesa redonda tão freqüente em muitas estalagens, e, de repente, atraiu sua atenção uma leve mudança acontecida na estalagem.

Sua cadeira estava colocada de tal maneira que a maior parte da larga sala de jantar ficava a suas costas; mas não precisou voltar-se para saber que a mesma pessoa com que cruzou no corredor acabava de entrar ali. Sentiu sua presença muito antes de ver ou ouvir algo.

Logo ficou tenso quando os velhos, únicos hóspedes além dele, foram-se levantando um a um de seus lugares e trocaram saudações com alguém que vinha a eles, de mesa em mesa. E quando, por último, com o coração lhe pulsando furiosamente, voltou-se para certificar-se por si mesmo.

Viu a figura de uma jovem flexível e esbelta que atravessava a sala para a mesa no lado que ele ocupava. Andava maravilhosamente com a graça sinuosa de uma jovem pantera. Sua proximidade lhe encheu de um delicioso atordoamento que a princípio, foi totalmente incapaz de fixar-se em seu rosto e de pensar o que significava ali a presença daquela criatura, que de novo o fazia sentir-se cheio de calor e felicidade.

—Ah, Ma'mselle est de retour! —ouviu murmurar a seu lado ao velho garçom; e só lhe tinha dado tempo de pensar que devia ser a filha da proprietária, quando já estava ela a seu lado e ouviu sua voz. Dirigia-se a ele.

Viu confusamente uns lábios vermelhos, dente brancos, e uns descuidados cachos de fino cabelo escuro em torno de suas têmporas; todo o resto era como um sonho no que sua própria emoção se interpunha como uma pesada nuvem ante seus olhos e lhe impedia de ver os detalhes daquele rosto e dar-se conta também do que ele mesmo fazia. Entretanto, percebeu que lhe estava saudando com uma graciosa e leve reverencia, que seus olhos grandes e belos se olhavam profundamente nos seus, que o perfume que tinha sentido no corredor escuro chegava de novo até ele, e que ela se inclinava para seu rosto, apoiando uma mão na mesa, junto a seu braço. Achava-se muito perto —isto era o principal— e lhe estava explicando que ela sempre se interessava muito pelo bem-estar dos hóspedes de sua mãe e que agora devia oferecer seus serviços ao último chegado, quer dizer, a ele.

— *M'sieur* está aqui há uns poucos dias — ouviu dizer ao garçom; e logo ouviu a voz dela, doce, musical, que replicava:

— Ah, mas *M'sieur* não irá deixar-nos precisamente agora. Minha mãe é muito velha e muitas vezes não pode atender devidamente ao conforto de nossos hóspedes; mas já estou aqui e darei um jeito em tudo — riu deliciosamente. — *M'sieur* ficará satisfeito.

Vezein, pugnando com sua emoção e seu desejo de mostrar-se educado, se levantou para agradecer tão aduladoras palavras e conseguiu gaguejar uma espécie de resposta; mas, ao fazê-lo, sua mão roçou casualmente a dela, que estava apoiada em sua mesa, o que lhe transmitiu uma descarga elétrica por todo o corpo. Os mesmos alicerces de sua alma se cambalearam em suas profundidades.

Viu os olhos dela fixos nos seu com um olhar de atenta curiosidade; e, um momento depois, observou que, em sua confusão, tornou a sentar na cadeira, incapaz de falar, que a moça já se ia, atravessando de novo o restaurante, e que ele se pôs a comer a salada com uma faca de sobremesa e uma colherinha de café.

Desejando que voltasse e temendo-o, ao mesmo tempo, engoliu de qualquer maneira o resto do jantar e em seguida partiu o seu quarto, para ficar a sós com seus pensamentos. Desta vez os corredores estavam iluminados e não teve neles nenhum contratempo excitante, apesar de que o tortuoso corredor se achava cheio de sombras e, de que o último lance, da curva em adiante, pareceu-lhe mais comprido que nunca. O corredor não era plano, mas sim tinha um certo declive, como um atalho na ladeira de uma montanha; ao percorrê-lo brandamente, nas pontas dos pés, teve a sensação de que em realidade aquele passadiço lhe ia conduzir ao exterior da casa, ao coração de um grande bosque antigo. O mundo cantava em sua alma. Por seu cérebro revoavam estranhas fantasias; e uma vez em seu quarto, não acendeu as velas, mas sim se sentou junto à aberta janela e esteve pensando longamente, sonhando sonhos remotos que espontaneamente e em bandos lhe iam à mente.

IV

Toda esta parte do relato foi contada ao doutor Silence sem fazer-se muito rogar, é certo, embora não sem grande embaraço e muitas hesitações. Não podia explicar de nenhum modo — disse — como tinham arrumado a garota para lhe afetar tão profundamente, inclusive antes de ter posto seus olhos nela. Sua simples proximidade nas trevas foi suficiente para acender a fogueira. Não sabia o que era uma flechada; e, durante anos, se havia mantido afastado de toda relação sentimental com qualquer mulher, pois vivia encerrado em seu acanhamento e era excessivamente consciente de seus próprios defeitos.

Apesar de tudo, esta jovem feiticeira o tinha procurado deliberadamente. Seu comportamento não oferecia dúvida, pois sempre ia procurá-lo, em qualquer ocasião. Casta e doce era sem dúvida, mas francamente incitante também; e lhe dominava por completo com um simples olhar de seus olhos brilhantes, se é que não lhe tinha já dominado desde a primeira vez, na escuridão, com a única magia de sua invisível presença.

— Dava-lhe a sensação de que ela era sã e boa? — inquiriu o doutor — Você não teve nenhuma reação do tipo... por exemplo, de alarme?

Vezein levantou vivamente a cabeça, com um de seus inimitáveis sorrisos de desculpa. Demorou um pouco em responder. A simples lembrança de sua aventura fez avermelhar suas tímidas feições, e seus olhos pardos olharam para o chão quando respondeu.

— Não me atreveria a afirmá-lo — explicou por fim. — Tive que confessar a mim mesmo, algumas noites, que não podia dormir e ficava acordado na cama até muito tarde, que sentia certos escrúpulos de consciência. Tinha a certeza de que nela havia algo... Como diria eu?... Bom, algo ímpio. Não é que fosse impureza de nenhuma classe, nem física nem mental, o que quero dizer, mas outra coisa, meio indefinível, que me dava uma espécie de sensação vaga de réptil. Ela me atraía e ao mesmo tempo me repelia porem... porém...

Vacilou, terrivelmente ruborizado, e não pôde acabar a frase.

— Nunca me aconteceu nada igual, nem antes nem depois — concluiu confusamente. — Creio que terá sido, como acaba você de sugerir, semelhante a uma flechada. De toda forma, fosse o que fosse, era algo suficientemente forte para me fazer desejável aquele espantoso povoado encantado e ficar nele durante anos e anos só para vê-la diariamente, ouvir sua voz, contemplar seus maravilhosos movimentos e, de vez em quando, talvez tocar sua mão.

— Poderia me explicar como sentiu de onde vinha seu poder sobre você? — perguntou John Silence, olhando para qualquer lugar, menos ao acanhado narrador.

— Surpreende-me que você pergunte isso — respondeu Vezein, com a máxima dignidade que pôde expressar—. Acredito que nenhum homem pode explicar convincentemente a outro onde está a magia da mulher que o capturou em suas redes. Eu, certamente, não posso. Só posso dizer é como não dizer nada: que uma mulher me enfeitiçou, que simplesmente o saber que ela vivia e dormia sob o mesmo teto me enchia de uma extraordinária sensação de prazer.

— Mas há algo que posso dizer — prosseguiu gravemente, com os olhos acesos. — E é que ela parecia resumir e sintetizar todas as estranhas forças ocultas que tão misteriosamente atuavam na cidade. Quando caminhava de um lado para outro, tinha os sedosos movimentos de uma pantera, suave, silenciosa, e os mesmos procedimentos indiretos, oblíquos, dos habitantes dali; dava a impressão de ocultar, igual a estes, algum propósito secreto, propósito que, não me cabia dúvida, tinha-me como objetivo. Para meu terror e prazer, sentia-me constantemente vigiado por ela, e eram tais sua mestria e dissimulação que outro homem menos suscetível que eu, por assim dizer — fez um gesto suplicante—, ou menos escaldado, nunca se teria dado conta de nada. Sempre calada, sempre calma, parecia, entretanto, estar em todas partes de uma vez, de maneira que nunca podia escapar de sua vigilância. Continuamente me encontrava com o olhar fixo e risonho de seus grandes olhos — nos lugares de qualquer sala, nos corredores, me contemplando tranqüilamente de uma janela, ou em uma das ruas mais buliçosas da cidade.

A intimidade entre ambos parece que fez rápidos progressos desde aquele primeiro encontro que tão violentamente tinha alterado o equilíbrio interior do homenzinho.

Era este homem muito acanhado, e pessoas assim estão acostumadas a viver habitualmente em um mundo tão reduzido que algo violento e inusitada lhes pode tirar brusca e completamente dele; por isso, esta classe de gente está acostumada a desconfiar instintivamente de tudo o que represente uma certa originalidade. Entretanto, ao cabo de certo tempo, Vezin começou a esquecer-se de seu acanhamento. A garota se comportava sempre modestamente e além disso, como representante de sua mãe, era lógico que tratasse com os hóspedes do hotel. Que entre ambos brotasse um espírito de camaradagem não tinha nada de particular. Além disso, era jovem, era encantadoramente bonita, era francesa, e, evidentemente, gostava.

Ao mesmo tempo, havia em tudo isso algo indescritível — uma certa atmosfera indefinível, própria de outros lugares e outras cidades — que o fazia manter-se alerta e às vezes chegava até a lhe cortar a respiração com um brusco sobressalto. Conforme confiou em um sussurro ao doutor Silence, era algo assim como um sonho ou um delírio, metade delicioso, metade terrível; e mais de uma vez se deu conta bruscamente de que estava dizendo ou fazendo algo, obrigado por uns impulsos que logo que reconhecia como próprios.

E, embora às vezes lhe voltasse a idéia de partir, cada vez o fazia com menos insistência, de modo que seguia ali dia após dia, fundindo-se cada vez mais com a sonolenta vida daquela estranha cidade medieval e perdendo cada vez mais sua própria personalidade. Sentia que logo ia se abrir a cortina das profundidades de sua alma, com horrível ímpeto, e que se veria de repente admitido no segredo da escura vida que se estendia ao outro lado. Mas, para então, já se teria convertido em um ser completamente distinto.

Enquanto isso, notava, por vários pequenos detalhes, que tentavam fazer agradável sua estadia ali: flores no quarto, uma poltrona mais confortável em seu canto, e inclusive pratos especiais, extraordinários, em sua mesa do restaurante.

Além disso, as conversações com "*Mademoiselle* Ilsé" foram fazendo cada vez mais freqüentes e prazenteiras; e, embora quase sempre fossem sobre o tempo ou detalhes locais, observou que a garota nunca tinha pressa em terminar e que com freqüência arrumava motivo para interpolar pequenas e estranhas sentenças, que, embora nunca ele entendesse, dava-se conta de que eram muito significativas.

E foram precisamente estes incisivos ocasionais, cheios de um significado que lhe escapava, os que lhe fariam suspeitar nela algum propósito oculto e encontrar-se meio desconfortável. Todos pareciam querer deixá-lo seguro, lhe dando mil razões para prolongar indefinidamente sua permanência no lugar.

— E por que, ainda não tomou M'sieur uma decisão? — indagou ela brandamente ao seu ouvido, um dia, sentada junto a ele no pátio ensolarado, antes do desjejum. A familiaridade entre eles tinha progredido com rapidez significativa. — Porque, se for tão difícil tomá-la, podemos tentar lhe ajudar!

A pergunta o sobressaltou, porque calcava seus próprios pensamentos.

Tinha sido acompanhada de um lindo sorriso; e ao voltar-se ela para lhe lançar um olhar, uma mecha de cabelo rebelde caiu sobre um de seus belos olhos. Ele possivelmente não conseguiu captar o pleno sentido da pergunta, pois a proximidade da moça sempre confundia seu curto conhecimento do francês.

Mas suas palavras, sua atitude e algo mais que não aparecia nas palavras, mas permanecia oculto na mente da jovem, assustaram-no. Já que apoiavam sua velha sensação de que a cidade inteira estava aguardando que ele se decidisse em algum importante assunto.

E ao mesmo tempo, sua voz cálida, sua presença tão próxima, o suave vestido escuro que levava,

excitavam-no profundamente.

— É certo que me parece difícil ir embora – balbuciou, abandonando-se voluptuosamente dentro das profundidades de seus olhos encantadores – e especialmente agora que chegou mademoiselle Ilsé.

Ficou surpreso pelo quão bem tinha saído a frase e encantado de sua própria galanteria. Mas, depois, queria ter cortado a língua por havê-la dito.

— Então, é que você gosta de nossa pequena cidade, do contrário não se alegraria de ficar aqui – disse ela, ignorando totalmente o resto.

— Estou encantado dela e encantado com você – gritou ele, sentindo que perdera plenamente o controle de seu cérebro. E estava já disposto a começar a dizer as coisas mais ardentes e apaixonadas, quando a moça se levantou agilmente da cadeira e se dispôs a ir-se.

— Hoje temos *soupe á l'oignon* — exclamou sorrindo, gloriosamente iluminada pelo sol – e tenho que ir à cozinha ver como estão as coisas. Se não, talvez *M'sieur* não goste da comida e queira nos deixar.

Olhou-a enquanto cruzava o pátio, movendo-se com toda a graça e ligeireza da raça felina, e lhe ocorreu que seu traje negro a rodeava exatamente como a pele desses ágeis animais. Ao chegar ao alpendre da porta de vidro, voltou-se ela para lhe sorrir, e depois se deteve a falar um momento com sua mãe, que estava fazendo tricô como de costume, sentada em frente da porta do salão.

Mas por que no mesmo instante em que quando seus olhos caíram sobre esta desajeitada mulher lhe pareceram ambas de repente mudadas, diferentes? De onde procedia aquela impressão de dignidade que as transfigurava, aquela sensação de poder que as envolvia, como magia? O que havia naquela mulherona maciça que a fazia de repente, parecer régia, como se estivesse sentada em um trono, em meio de algum tenebroso e sinistro cenário, empunhando um cetro sobre o vermelho resplendor de alguma tempestuosa orgia? E por que esta jovem delicada, grácil como um salgueiro, elástica como um leopardo jovem, adotava de repente aquele ar de sinistra majestade e parecia mover-se com a cabeça aureolada de fogo e de fumaça, e a escuridão da noite sob os pés?

Vezin conteve a respiração e se sentou, transpassado. Então, quase no mesmo instante de aparecer, desvaneceu-se esta visão estranha e a clara luz do sol envolveu ambas as mulheres; ouviu a voz que falava com sua mãe da *soupe á l'oignon*, e captou o sorriso que lhe dirigiu por cima de seu delicado ombro adorável, a qual o fez pensar em uma rosa coberta de orvalho sob a brisa do verão.

É obvio, a sopa de cebola esteve especialmente excelente aquele dia; além disso, Vezin viu outro talher em sua mesma mesa, e, com o coração palpitante, ouviu o garçom murmurar, como explicação, que "*MA'mselle Ilsé acompanharia hoje a M'sieur no almoço, conforme acostuma fazer às vezes com os hóspedes de sua mãe.*"

De modo que esteve sentada com ele durante aquele almoço de sonho, falou-lhe docemente em seu fluido francês,..cuidou de que fosse bem servido, alinou-lhe a salada e o ajudou com suas próprias mãos em tudo. E depois, pela tarde, enquanto se achava fumando no pátio, sonhando vê-la quando terminasse suas tarefas caseiras, voltou de novo ao seu lado; e quando ele se levantou da cadeira para saudá-la, pareceu-lhe indecisa, como cheia de um doce acanhamento que a impedisse de falar.

— Crê minha mãe – disse por fim – que você deveria conhecer todas as belezas que há em nossa pequena cidade, e eu também acredito nisso. O senhor me aceita como sua guia? Eu posso mostrar-lhe tudo, porque conheço bem o lugar. Minha família vive aqui há muitas gerações.

Antes que ele fosse capaz de encontrar uma palavra para expressar seu prazer, ela já o tinha pego pela mão e, sem que ele fizesse nada por resistir, tinha-o conduzido à rua, embora de uma maneira tão espontânea que seu comportamento pareceu completamente natural e desprovido da mais leve insinuação de atrevimento ou descaramento. Seu rosto estava iluminado de prazer e interesse e, com seu vestido curto e o cabelo revoltado, representava perfeitamente a encantadora menina de dezessete anos, que era inocente, travessa, orgulhosa de sua cidadezinha, cuja arcaica beleza tinha aprendido a sentir no transcurso de seus poucos anos.

Assim foram juntos pela cidade, e lhe ensinou o que considerava mais importante: a velha casa em ruínas onde tinham vivido seus antepassados, a sombria e aristocrática mansão em que tinha vivido durante séculos a família de sua mãe e a velha praça do mercado onde, há várias centenas de anos tinham sido queimadas as bruxas na fogueira.

De tudo isso fez um relato muito vivo e fluído, mas do qual não compreendeu ele a décima parte, enquanto caminhava pensosamente ao lado da mocinha, amaldiçoando seus quarenta e cinco anos e sentindo que reviviam todos seus desejos da adolescência. Enquanto ela falava, Inglaterra e Surbiton lhe pareciam algo tremendamente longínquo, algo que pertencesse quase a outra idade da história do mundo. A voz da jovem removia algo muito velho que dormia em suas profundidades. Arrulhava a parte mais superficial de sua consciência, adormecendo-a, mas fazia despertar o mais fundo, longínquo, ancestral. Igual a cidade, com sua fingida pretensão de ativa vida moderna, os estratos superiores do pobre homem estavam cada vez mais embotados, amortecidos, apaziguados; mas o que havia debaixo começava a remover-se em seu sonho. Aquela enorme cortina começava a agitar-se um pouco. Em qualquer momento podia abrir-se para sempre...

Começou por fim a ver um pouco mais claro. O que acontecia na cidade se estava reproduzindo nele. Sua vida externa habitual cada vez se encontrava mais afogada, enquanto aquela outra vida secreta, interna, muito mais real e vital, ia afirmando cada vez mais e mais. E esta jovenzinha provavelmente era a suma sacerdotisa, principal instrumento de sua consumação. Novos pensamentos, novas interpretações, alagavam sua mente enquanto caminhava a seu lado pelas retorcidas ruelas; e então, a cidade velha e pitoresca, de telhados bicudos, iluminada brandamente pela luz do crepúsculo, pareceu-lhe mais maravilhosa e sedutora que nunca.

Mas durante o passeio só surgiu um incidente inquietante e perturbador; o incidente foi corriqueiro em si, mas completamente inexplicável, e fez aparecer um terror ao rosto infantil, e um grito nos risonhos lábios da moça. De repente, tinha observado ele uma coluna de fumaça azul que se elevava de uma fogueira de outonais folhas secas e se recortava contra os vermelhos telhados; logo, tinha se deslocado junto à fogueira e a chamou para que se aproximasse a ver as chamas que brotavam de entre o montão de refugos.

Ela, ao dar-se conta do que se tratava, alarmou-se terrivelmente, sua cara se alterou em forma espantosa, e tinha fugido como o vento, lhe gritando enquanto corria, e ele não entendeu nada, exceto que o fogo parecia assustá-la e que queria afastar-se rapidamente, levando ele consigo.

Mas cinco minutos depois já estava outra vez tão tranqüila e feliz como se nada a tivesse assustado ou desagradado, e ambos esqueceram o incidente.

Foram logo juntos, caminhando à beira das ruinosas muralhas, escutando aquela música fantástica, tal como a ouviu o dia de sua chegada. Comoveu-lhe profundamente, como à primeira vez, e as arrumou para recuperar o uso da palavra e, com esta, seu melhor francês. A jovem caminhava sobre as pedras, ao fio

da muralha, junto dele. Ninguém havia nos arredores. Arrebatado por cruéis mecanismos internos começou a balbuciar algo sobre sua estranha admiração por ela. Logo que começou a falar, saltou ela agilmente do muro e o olhou cara a cara, sorrindo e quase lhe roçando os joelhos quando ele se sentou. Como de costume, ela ia sem chapéu, e o sol caía totalmente em seu cabelo, iluminando também uma de suas bochechas e parte do pescoço.

— Como estou feliz! – exclamou batendo palmas – e estou tão contente porque isso quer dizer que, se me quiser, também terá que querer tudo o que eu faço e aquilo a que pertencço.

Lamentou ele amargamente sua impensada perda de controle. Pois naquela frase havia algo que lhe gelou. Soube então o que era o medo de embarcar em um mar perigoso e desconhecido.

— Quero dizer que você deve tomar parte em nossa vida real – acrescentou ela, como lhe enrolando, como se tivesse dado conta do susto que lhe tinha percorrido. – Ficaré conosco.

Outra vez se sentiu dominado por aquela infantil indecisão; sentia-se cada vez mais preso nas redes da moça; dela emanava algo que se apoderava de seus sentidos; sentiu que a personalidade daquela garota, apesar de toda sua graça singela, continha em si forças imponentes, majestosas, augustas. De novo a viu rodeada de fumaça e chamas, em um cenário tempestuoso, dotada de força espantosa, e acompanhada de sua terrível mãe. Tudo isto se entevia sinistramente em meio de seu sorriso e seu aspecto de encantadora inocência.

— Ficaré, eu sei – repetiu, o subjugando com o olhar.

Estavam completamente sozinhos, no alto das muralhas, e a sensação de que o dominava despertou uma selvagem sensualidade em seu sangue. Sua mescla de abandono e reserva o atraiu furiosamente e toda sua dignidade se encrespou contra esta crescente influencia, de uma vez que a desejava com todo o ímpeto de sua esquecida juventude. Veio-lhe um desejo irresistível de lhe fazer uma pergunta, para a qual teve que reagrupar os restos de sua antiga, minúscula e desintegrada personalidade, em um esforço por manter a estabilidade de seu próprio ser.

A moça, já tranqüila, estava de novo apoiada na larga muralha, junto a ele, os cotovelos na ladeira, imóvel como uma figura cinzelada em pedra, contemplando a planície que se ia cobrindo de sombras. Ele lançou mão de toda sua coragem.

— Me diga, Ilsé – disse, imitando inconscientemente a voz ronronada da jovem e dando-se conta, entretanto, de que se tratava de um assunto de absoluta seriedade – o que significa esta cidade e qual é essa vida real de que me fala? E por que me vigiam todos, da manhã de noite? Me diga, o que significa tudo isto? E me diga – acrescentou apressadamente, com um tremor de paixão na voz – quem é você na realidade... você... você mesma?

Ela se voltou para ele e olhou através de suas pálpebras, apesar da sombra de rubor que traiu sua crescente excitação interna.

— Parece-me – balbuciou sob o olhar dela – que tenho certo direito, ou seja...

De repente, ela abriu os olhos de todo.

— Então, você me quer? – perguntou brandamente.

— Juro que sim! – exclamou ele respeitosamente, dominado pela força de uma maré crescente... –. Nunca havia sentido antes... nunca conheci outra mulher que...

— Então tem direito ou seja – interrompeu ela, cortando tranqüilamente sua tola confissão – pois o amor nos faz partícipes de todos os segredos.

Deteve-se e lhe correu um estremezimento como de fogo por todo o corpo. As palavras da jovem o tinham elevado sobre a terra; sentiu uma radiante felicidade seguida quase instantaneamente, em horrível contraste, da idéia da morte. Soube então que ela havia tornado seus olhos para os seus e que lhe estava falando de novo.

— A vida real de que falava – murmurou – é a velha, a antiga vida daqui, a vida de há muito tempo... A vida a que também você pertenceu uma vez e a que ainda pertence.

Ao afundar-se em sua alma a voz da moça, um leve ondulação alterou as profundidades negras de sua memória. Sabia instintivamente que o que lhe estava dizendo era verdade, mas não podia compreender exatamente a que se referia. Sua vida atual parecia fugir dele, deslizando, enquanto escutava, e se sentia afundar em outra personalidade muito mais antiga e poderosa. Era precisamente esta perda de seu ser a que lhe tinha sugerido a idéia da morte.

—Veio – continuou ela – com o propósito de procurar esta vida, e o povo se deu conta e ficou a esperar a ver o que decidia, se os abandonava sem havê-la encontrado ou se...

Seus olhos seguiam fixos nos dele, mas seu rosto começou a mudar, a fazer-se muito maior e escuro, adquirindo uma expressão de mais idade.

— Eram seus pensamentos, girando constantemente em torno de sua alma, o que o fazia se sentir vigiado. Não o vigiavam com os olhos. Aquilo a que se dirige sua vida interior te chamava, tentava fazer-se ouvir por você. Você tomou parte da vida antiga do lugar; e agora querem que volte de novo entre eles.

Ao ouvir isto, o tímido coração do Vezin se afogou de pavor; mas os olhos da moça o mantinham preso em uma rede de prazer da que não desejava escapar. Fascinava-o; fazia-o sentir-se fora de si, de seu ser habitual.

— Por si só, entretanto, nunca teriam conseguido te possuir e te reter – continuou. – As forças repulsivas não são bastante fortes; foram-se debilitando ao cabo dos anos. Mas eu – se calou um momento, olhando-o com uma expressão em seus olhos esplêndidos, de total confiança – eu possuo o feitiço para o conquistar e reter: O feitiço do velho amor. Eu posso obter que volte e venha viver comigo a vida antiga, porque a força da Velha atadura que há entre você e eu, é irresistível. E me decidi a usá-la. Preciso de você, querida alma de meu passado sombrio – se apertou junto a ele tanto que seu fôlego lhe roçava os olhos, e sua voz cantou literalmente ao dizer: Tenho-o, porque você me ama e está por completo a minha mercê.

Vezin ouvia e, entretanto, não ouvia; compreendia, mas sem compreender. Estava na plenitude da exaltação. O mundo jazia sob seus pés, feito de música e flores; e ele voava muito por cima, através de um crepúsculo de pura delícia. Ficou sem respiração, desacordado ante a maravilha de suas palavras. Estas o tinham intoxicado. Mas ainda continuavam oprimindo-o, por debaixo do prazer daquelas frases maravilhosas, o terror e a horrível idéia da morte. Pois trás daquela voz brotavam chamas e fumaça negra que lambiam sua alma.

Dava-lhe a impressão de que entre eles existia uma espécie de rápida telepatia; com seu péssimo francês nunca teria dito tudo o que havia dito.

Entretanto, a entendia perfeitamente; e as palavras da jovem lhe soavam como um recitado de versos conhecidos e esquecidos fazia muito tempo, versos cuja intensa dor e ternura eram quase intoleráveis

para sua débil alma.

— Entretanto, eu vim aqui por uma completa casualidade – se ouviu dizer a si mesmo.

— Não – exclamou ela com paixão – veio porque eu te chamei. Estive te chamando durante anos e veio empurrado por toda a força do passado. Tinha que vir, porque eu te possuo e eu te chamei.

Ergueu-se e se aproximou mais, olhando-o com uma certa insolência: a insolência do poder.

O sol se havia atrás das torres da velha catedral e cada vez foi subindo mais o nível da escuridão, que se elevava da planície, até los envolver por completo. Tinha cessado a música da banda. Pendiam, imóveis, as folhas dos plátanos; mas o frio do outono despertou e estremeceu Vezin. Não se ouvia mais som que o de suas vozes e, em ocasiões, o suave roçar do vestido da moça.

Podia ouvir o batimento do coração de seu próprio sangue nos ouvidos. Apenas se dava conta de onde estava ou que fazia. Alguma terrível magia lhe arrastava para as profundidades, para os alicerces de sua própria personalidade, e lhe assegurava que as palavras que ela dizia eram verdade. E viu como esta singela mulherzinha francesa, que com tanta autoridade lhe falava, convertia-se ali mesmo, a seu lado, em um ser muito distinto. Enquanto a olhava totalmente nos olhos, cresceu e se precisou a visão que já antes o tinha assaltado e que desta vez foi se fazendo mais vívida e clara em seu interior, até que alcançou um grau tal de realismo que não teve mais remédio que aceitá-la como autêntica. Igual à outra vez, viu agora a jovem, alta e majestosa, em um selvagem e íngrime cenário de bosques e cavernas rochosas, aureolada sua cabeça pelo resplendor das chamas e seus pés envoltos em nuvens de fumaça. Grinaldas de folhas escuras ornavam seu cabelo, que flutuava abandonado ao vento; e seus membros brilhavam entre os farrapos que a cobriam. Havia outros a seu redor, também; e, por toda parte, olhos ardentes lançavam sobre ela olhares delirantes; mas ela não olhava mais ninguém, apenas um que lhe segurava a mão.

Pois era ela quem dirigia a dança, em meio de uma tempestuosa orgia, sob a música de um coro de vozes; e a dança que dirigia era uma roda que corria em torno de uma grande e espantosa figura que, desde seu trono, dominava a cena e brotava de entre resplendores e vapores. Enquanto, na dança, uma infinidade de rostos e formas bestiais se amontoavam furiosamente a seu redor.

E Vezin se deu conta de que o homem que ela segurava pela mão era ele, e também de que a espantosa figura do trono era a mãe dela.

Esta visão alagou seu interior, o jogando nas profundidades do tempo esquecido, lhe troando com a voz poderosa da memória que acordara. E então a cena se apagou e dissolveu, e só viu outra vez diante si, os claros olhos da moça que o olhavam profundamente; e ela se converteu de novo na linda filha da dona da pensão, e ele recuperou o uso da palavra.

— E você — sussurrou — você, menina de visões e encantamentos, como me enfeitiçou que te adorei, até antes de conhecê-la?

Ela se ergueu junto a ele, com um ar de estranha dignidade.

— O chamado do passado – disse – além disso – acrescentou altivamente – na vida real sou uma princesa...

— Uma princesa! – gritou ele.

—... e minha mãe, uma rainha!

Para ouvir isto, Vezin perdeu totalmente a cabeça. O prazer alagou seu coração e o arrastou a um êxtase total. Ouvir aquela doce voz cantarina e ver aqueles lábios adoráveis expressando tais coisas transtornou

seu equilíbrio além de toda esperança de recuperação. Agarrou-a entre seus braços e cobriu de beijos seu rosto e lábios, sem que ela resistisse.

Mas então, apesar de estar dominado pela mais ardente paixão, sentiu que ela era tão mórbida como aborrecível, e que os beijos com que lhe respondeu lhe manchavam a alma... Quando enfim, a garota se liberou de seu abraço e se desvaneceu na escuridão, ele permaneceu ali, apoiado no muro, em um estado de aniquilamento total. Estremecia de horror ante a lembrança do contato com aquele corpo complacente, e encolerizado contra sua própria debilidade, que — se dava conta disso — ia ser causa de sua ruína.

E das sombras dos velhos edifícios entre os que tinha desaparecido a moça, elevou-se, no silêncio da noite, um grito singular e prolongado, que ele tomou ao princípio por gargalhadas, mas que mais tarde, e já com toda segurança, reconheceu como o quase humano soluço de um gato.

V

Durante longo momento permaneceu ali Vezin, apoiado no muro, a sós com o caudal de seus pensamentos e emoções. Compreendia que acabava de fazer o mais adequado para atrair sobre si todas as forças deste passado ancestral.

Pois naqueles beijos apaixonados tinha reconhecido a atadura de dias remotos e a havia sentido reviver. E lhe veio, com um estremecimento, a lembrança daquela leve carícia impalpável que tinha tido lugar, no escuro corredor da estalagem. A garota o tinha dominado desde o começo e o tinha dirigido, até o fazer consumir, enfim, o ato que precisavam seus propósitos. Depois de um lapso de séculos tinha sido espreitado, pego e conquistado.

Disto se dava conta perfeitamente e tentava tramar algum plano de fuga.

Mas naqueles momentos era incapaz de dominar suas idéias ou sua vontade, pois todo o doce e fantástico frenesi de sua aventura lhe inundava o cérebro como uma cura e não podia senão ser recrear-se no glorioso sentimento de que se achava enfeitiçado. Em um mundo imensamente mais amplo e selvagem que o seu habitual.

Começava já a elevar-se lua pálida e enorme sobre aquela planície que parecia um mar, quando, por fim, decidiu partir. Os raios oblíquos da lua emprestavam às casas um novo aspecto, de modo que os telhados, brilhantes já de robusto, pareciam muito mais altos e afundados no céu que de costume, e as cúpulas e velhas torres fantásticas se estendiam até a lonjura de sua abóbada purpúrea.

A catedral era irreal entre a névoa de prata. Andou com sigilo, ocultando-se nas sombras; mas as ruas estavam desertas e silenciosas; as portas, fechadas; os portões, trancados. Não se movia uma alma. A quietude da noite reinava sobre o lugar. Parecia a cidade dos mortos ou um cemitério de lápides grotescas.

Fazendo conjeturas sobre aonde e como teria ido parar o bulício da vida pequena porta traseira que dava aos estábulos, com o propósito de alcançar sua habitação sem que ninguém o visse. Chegou sem novidade ao pátio e o cruzou mantendo-se à sombra da parede. Assim, pois, rodeou todo o pátio, caminhando nas pontas dos pés e a passos curtos, meio de lado, igual aos velhos quando entravam na sala de jantar.

Horrorizou-se ao dar-se conta disso. Sentiu então um impulso estranho e violento, que se apoderou de todo seu corpo: o impulso de deixar cair a quatro patas e correr ligeiro e silencioso nesta posição. Olhou ao alto e lhe veio a idéia de saltar até o parapeito de sua janela, lá em cima, em vez de dar o rodeio natural para subir pelas escadas. Pensou em dar o salto, como se este fosse o procedimento mais singelo e natural. Era como se estivesse começando a transformar-se espantosamente em outra coisa. Afogava-se de terror.

A lua estava já no alto do céu e as sombras eram muito escuras pelo sítio por onde ia ele. Manteve-se resguardado pelas mais profundas e assim chegou ao alpendre onde estava a porta de vidro.

Mas ali havia luz; desgraçadamente, ainda deviam achar-se acordados os hóspedes. Confiando em poder deslizar pelo vestíbulo sem ser visto e chegar assim às escadas, abriu com cuidado a porta e entrou furtivamente. Então viu que o vestíbulo não estava vazio. No chão, junto à parede de sua esquerda, havia uma coisa grande e escura. A princípio pensou que devia tratar-se de algum utensílio do móveis da casa. Então, aquilo se moveu, e se deu conta de que era um gato imenso, distorcido de uma maneira estranha por um jogo de luzes e sombras. Depois, elevou-se, erguendo-se diante ele, e viu que era a proprietária da casa.

Sobre o que tivesse estado fazendo essa mulher naquele lugar e posição, só pôde aventurar uma suspeita horrível; e no momento em que ela se ergueu ante ele, deu-se conta de que estava revestida de uma estranha dignidade que instantaneamente lhe recordou a afirmação de sua filha de que era uma rainha.

Ali permaneceu — enorme e sinistra, à luz da vela, a sós com ele no deserto vestíbulo. O espanto lhe fazia palpitar o coração e lhe removia até as raízes de seus medos ancestrais. Sentiu que devia inclinar-se diante dela e lhe render alguma espécie de homenagem. O impulso era veemente e irresistível, como um antigo hábito. Jogou um rápido olhar a seu redor. Não havia ninguém mais.

Então, lenta e deliberadamente, inclinou sua cabeça ante ela. Fez-lhe uma reverência.

— *Enfin! M'sieur s'est donc décidé. C'est bem alors. J'em suis contente.*

Suas palavras ressoaram como através de um amplo espaço aberto.

Logo, a enorme figura atravessou subitamente o lajeamento vestíbulo e o agarrou nas mãos trementes. Dela emanava uma força irresistível que o dominou.

— *On pourrait faire un p'tit tour ensemble, n'est—c ps. Nous e allons cette nuit et IL faut s'exercer um peu d'avance pour zela, Ilsé, Ilsé, viens donc ici. Viens vete!*

E então o obrigou a virar, nos primeiros passos de uma dança que lhe pareceu singular e horrivelmente familiar. O estranho casal, tão desigual, não fazia o menor ruído sobre as pedras do piso. A dança era suave e furtiva. E então, quando o ar parecia espessar-se como fumaça, e um vermelho resplendor de fogo semelhava brotar da escuridão, deu-se conta Vezin de que com eles havia alguém mais, e que sua mão, que a mãe tinha soltado, estava agora apertada estreitamente pela filha. Ilsé tinha vindo em resposta à chamada de sua mãe e se encontrava ali, prendendo seu escuro cabelo com folhas de verbena, vestida com os restos andrajosos de alguma estranha roupa antiga, bela como a noite, e horrível, odiosa, terrivelmente sedutora.

—Ao Sabá! Ao Sabá! — gritavam — Vamos ao Sabá das Bruxas.

Dançaram de um extremo a outro do estreito vestíbulo, uma mulher de cada lado do homem. Até alcançarem o ritmo mais selvagem que jamais pôde imaginar — e que, entretanto, temerosamente, despertava escuras reminiscências no fundo de sua alma — até que o candeeiro da parede vacilou e por

último se apagou, e ficaram abandonados na escuridão total. E o demônio despertou em seu coração, com mil perversas sugestões que o aterrorizavam..

De repente sentiu que lhe soltavam as mãos, e ouviu a voz da mãe gritando que já era hora de partir. Que caminho tomaram é coisa que não teve tempo de ver. Só se deu conta de que já estava livre; e se afastou a tropeções pela escuridão até encontrar a escada; e então se lançou por ela, a seu quarto, como se o perseguissem todos os diabos do inferno.

Jogou-se no sofá, com a cara entre as mãos, e soluçou. Depois de pensar em uma dúzia de modos de fugir imediatamente dali, todos eles igualmente impraticáveis, chegou à conclusão de que só o que podia fazer de momento era sentar-se tranqüilo e esperar. Tinha que ver o que aconteceria a seguir.

Pelo menos, na intimidade de seu próprio quarto estaria a salvo. A porta estava fechada. Atravessou o quarto e abriu sigilosamente a janela que dava ao pátio e lhe permitia ver parcialmente o vestíbulo através da porta de cristais.

Ao fazê-lo, chegou a seus ouvidos o rumor de uma grande atividade nas ruas: sons de passos e vozes amortecidas pela distância. Apoiou-se com precaução no batente e escutou. A luz da lua era agora clara e forte, mas sua janela estava em sombras, pois o disco de prata ficava detrás da casa. Não lhe cabia dúvida de que os habitantes do povoado, que um momento antes estavam invisíveis atrás das portas fechadas, lançaram-se à rua para levar a cabo algo secreto e ímpio. Escutou, esforçando-se.

Ao princípio, tudo estava silencioso ao seu redor, mas logo começou a notar movimento na própria casa. Ouviu ruído e rangidos através daquele pátio calado e lunar. Um conjunto de seres vivos enviava de noite o rumor de sua atividade. Tudo estava em movimento. Um aroma agudo, atravessou o ar, procedente não sabia de onde. De repente, seus olhos ficaram fixos nas janelas da parede de frente, iluminadas totalmente pela luz da lua. O telhado da casa, a parte situada em cima e detrás dele, refletia-se claramente nos vidros, e neles viu silhuetas de corpos escuros caminhando a compridos passados sobre as telhas e pelo beiral. Passavam rápidos e silenciosos, como enormes gatos, em procissão interminável pelo vidro cinematográfico, e, por último, pareciam saltar a um sítio mais baixo, onde os perdia de vista. Só ouvia o ruído felpudo, brando, de seus saltos. Às vezes, suas sombras caíam sobre a branca parede de frente e então não era capaz de distinguir se eram sombras de seres humanos ou de gatos. Pareciam poder mudar-se instantaneamente daqueles nestes. A transformação parecia espantosamente real, pois, embora saltassem como seres humanos, mudavam no ar, no salto, e caíam já como animais.

Também o pátio, sob sua janela, bulia agora, vivo de movimentos, restantes e formas escuras que se dirigiam furtivamente ao alpendre da porta de vidro.

Mantinhm-se tão grudados à parede que não pôde distinguir sua forma; mas, quando os viu unir-se à grande congregação do vestíbulo, compreendeu que aquelas eram as criaturas cujos saltos e sombras tinha visto refletidos nos vidros das janelas em frente. Vinham de todas as partes da cidade e iam ao lugar de reunião caminhando por telhas e telhados e saltando cada vez mais baixos até chegar ao pátio.

Então chegou um novo ruído a seus ouvidos, e viu que as janelas ao seu redor se foram abrindo brandamente e que em cada abertura aparecia um rosto. Um momento depois as figuras começaram a saltar apressadamente ao pátio. E estas figuras, ao desprender-se das janelas, eram humanas. Ele viu. Mas, uma vez no pátio, caíam a quatro patas e se transformavam, em um instante fugaz, em gatos, em

enormes gatos silenciosos. Corriam em bandos, para reunir-se na congregação do vestibulo.

Assim, na verdade, as salas da casa não tinham estado tão vazias e desocupadas.

O mais terrível é que tudo aquilo não lhe parecia tão estranho...

Confusamente o recordava tudo. Era-lhe familiar. Tudo tinha acontecido já anteriormente, centenas de vezes, e ele mesmo tinha tomado parte nisso e conhecido seu selvagem frenesi. Mudou a silhueta do velho edifício, o pátio se fez maior, e lhe pareceu estar contemplando a cena de uma altura muito maior e através da fumaça e vapores. E, enquanto olhava e quase recordava, assaltaram-lhe furiosamente, violentos e doces, os velhos dores dos tempos idos, e lhe ferveu o sangue para ouvir de novo em seu coração a Chamada à Dança e recordar a magia antiga de Ilsé, dançando e girando junto dele.

De repente, teve que dar um salto atrás. Um gato grande e elástico tinha saltado silenciosamente das sombras do pátio até o parapeito da janela, e ali, junto ao seu rosto, olhava-lhe fixamente com olhos humanos.

—Venha — parecia dizer— venha conosco à dança! Transforme-se como fazia antes! Transforme-se depressa e venha!

Compreendeu muito bem o sentido da silenciosa chamada sem palavras daquela criatura.

Desapareceu esta de novo, em um abrir e fechar de olhos, sem fazer um só ruído com suas garras felpudas sobre as pedras; e então saltaram outros mais pela canaleta da esquina, diante de seus olhos, e, à medida que caíam, foram se transformando; e, como dardos ligeiros e silenciosos, corriam ao ponto de reunião. Novamente sentiu o pavoroso desejo de fazer de novo: murmurar o velho canto e saltar depois, caindo sobre as quatro patas e correr veloz, para dar o grande salto e voar pelo ar.

Oh, como ele queria fazer aquilo! Era como uma enchente em seu interior que lhe retorcia as vísceras e lançava de noite a paixão ardente de seu coração! Como desejava lançar-se à velha Dança dos Bruxos no Sabá! A seu redor iravam as estrelas; uma vez mais sentiu a magia da lua. O poder do vento que se precipitava desde abismos e bosques, saltando de penhasco em penhasco por cima dos vales, arrastou-o... Ouviu os gritos dos dançarinos e suas selvagens gargalhadas; e ele dançava furiosamente com essa selvagem moça, abraçando-a, em redor do trono em que se sentava a sombria figura do cetro real...

De repente, subitamente, tudo se aquietou e ficou em silêncio; e se esfriou um pouco a febre de seu coração. A paz da lua alagava um pátio vazio e deserto. Todos tinham partido. A procissão sulcava o espaço. E ele tinha ficado atrás, sozinho.

Vezezin atravessou a casa, nas pontas dos pés, sigilosamente, e abriu a porta. Chegou a seus ouvidos o rumor das ruas, que cada vez se fazia mais forte à medida que avançava. Percorreu o corredor com a maior precaução. Ao chegar à escada se deteve e escutou. A seus pés, o vestibulo onde antes se reuniram estava escuro e silencioso; mas, através das portas e janelas abertas na parte mais afastada do edifício, chegava o ruído de uma grande turba que se perdia cada vez mais na distância.

Desceu a velha e rangente escada de madeira, temendo e, entretanto, desejando encontrar algum atrasado que lhe indicasse o caminho; mas não encontrou nenhum. Atravessou o escuro vestibulo, um momento antes ocupado por aquela imensa turba de seres vivos que tinha pirado pelas abertas portas que davam à rua. Não podia acreditar que lhe tivessem deixado atrás, que realmente se esqueceram dele, que deliberadamente lhe permitissem escapar. Não podia compreender.

Esteve bisbilhotando pelo vestíbulo e espiou a rua de cima a baixo; então, ao não ver nada de particular, começou a caminhar lentamente pelo pavimento.

Toda a cidade lhe aparecia, ao caminhar, deserta e vazia, como se um grande vento tivesse apagado de um sopro a vida no lugar. As portas e janelas das casas tinham ficado abertas de noite; nada se movia: sobre todas as coisas se estendia o silêncio e a luz da lua. A noite a cobria como uma capa. O ar suave e fresco lhe acariciava as bochechas como o toque de uma grande garra peluda.

Foi cobrando um pouco mais de confiança e começou a andar rapidamente, embora sem sair ainda da zona de sombra da rua. Em nenhum sítio pôde encontrar o mais leve sinal do grande êxodo maléfico que acabava de realizar-se. A lua navegava em um céu sereno e sem nuvens.

Quase sem dar-se conta do que fazia, cruzou a ampla praça do mercado e chegou assim até as muralhas, das quais descia uma vereda que conhecia e que levava ao caminho real; seguindo-a, poderia fugir para algum dos povoados que havia ao norte e, ao mesmo tempo, para o trem.

Mas primeiro parou para contemplar a cena que se estendia a seus pés, a grande planície que jazia como um mapa de prata de algum país onírico. A aprazível beleza do espetáculo penetrou seu coração, aumentando sua sensação de atordoamento e irrealidade. Não havia o menor sopro de ar, as folhas dos plátanos pendim imóveis, os detalhes próximos se definiam com a nitidez do dia contra o fundo de sombras escuras da noite; e, na distância, os campos e bosques se fundiam em uma vaga lonjura de brumas e névoas.

Mas a respiração se lhe cortou na garganta e ficou rígido e gelado, como transpassado, quando voltou seu olhar do horizonte e a dirigiu à paisagem imediata, próximo à profundidade do vale que se abria, justo a seus pés. Toda a parte baixa das ladeiras da colina, que ficavam ocultas à luz brilhante da lua, resplandecia de fogueiras; e, através do resplendor, viu inumeráveis formas movediças que se agitavam em apertada multidão por entre os claros das árvores; enquanto isso, como folhas arrastadas pelo vento, distinguiu formas voadoras que se recortavam um instante contra o céu, aladas e escuras, e depois se lançavam ao chão, gritando e entoando cânticos fabulosos, através dos ramos, sobre a região das fogueiras.

Permaneceu olhando a cena, enfeitiçado, durante um tempo que não pôde medir. E depois, miserável por um daqueles terríveis impulsos que pareciam reger toda a aventura, encarapitou-se rapidamente ao bordo do largo parapeito e ficou um momento balançando-se ante a enorme boca do vale que se abria a seus pés. Mas, naquele instante de vacilação, atraiu seu olhar um movimento brusco entre as sombras das casas, às suas costas, e se voltou a tempo de ver a silhueta de um animal grande que cruzava velozmente o espaço e aterrissava na muralha, um pouco mais abaixo de onde estava ele. A besta correu como o vento até seus pés, e então, subiu ao parapeito junto a ele. Inclusive até a luz da lua pareceu ser percorrida por um tremor. Seu coração pulsava dolorosamente. Iلسé estava ao seu lado, olhando-o intensamente.

Uma substância escura tingia seu rosto e sua pele, e brilhou a luz lunar quando ela estendeu seus braços para ele; estava vestida com aquela estranha roupa andrajosa que, entretanto, caía-lhe maravilhosamente bem; arruda e verbena coroavam suas têmporas; brilhavam seus olhos com impudico resplendor. Teve que fazer esforços desesperados para dominar o selvagem impulso de agarrá-la entre seus braços e saltar com ela ao vertiginoso abismo que se abria a seus pés.

—Olhe! —gritou ela — assinalando o bosque aceso na distância—. Olhe onde nos esperam! Os bosques

estão vivos! Já chegaram os grandes e a dança logo começará! Aqui está o unguento! Passe-o e venha comigo!

Embora um momento antes o céu estivesse sereno e sem nuvens, enquanto, ela falava se obscureceu a face da lua e o vento começou a agitar as taças dos plátanos que cresciam a seus pés. Rajadas perdidas trouxeram das colinas os sons de cânticos e gritos roucos; e no ar, lhe envolvendo, elevou-se o aroma agudo que já tinha sentido no pátio da estalagem.

—Se transforme! Se transforme! —voltou a exclamar ela com voz que era como uma canção—. E esfregue bem a pele antes de voar. Venha! Venha comigo ao Sabá, à orgia de prazer, ao doce abandono do culto maldito! Olhe! Já estão aí os Grandes! Já estão preparados os terríveis Sacramentos! Já está ocupado o Trono. Unte-se e venha!

Até a altura de uma árvore corrente chegou ela, saltando a seu lado, ali na muralha, com os olhos chamejantes e os cabelos flutuantes na noite. Ele também começou a mudar rapidamente. As mãos dela o tocaram, esfregando-lhe no rosto o unguento, ante cujo poder se murchavam todas as coisas boas.

Um selvagem rugido chegou a seus ouvidos do coração do bosque; e, ao ouvi-lo, a jovem deu um salto na muralha, possuída do frenesi daquela alegria maldita.

—Satã está aqui! – exclamou, lançando-se sobre ele e tratando de o arrastar até à beira do parapeito— Satã veio... Os sacramentos nos chamam! Veio com sua querida alma renegada e, juntos, adoraremos e dançaremos até que a lua morra e o mundo seja esquecido!

Salvando-se com muita dificuldade da terrível queda, Vezin lutou por livrar-se de seu abraço, enquanto a paixão lhe rasgava as vísceras e quase o vencia. Gritou em voz alta, sem saber o que dizia, e logo voltou a gritar. Eram os velhos impulsos, os antigos e espantosos hábitos que instintivamente recuperavam a voz; pois, embora lhe parecesse simplesmente que gritava coisas sem sentido, as palavras proferidas tinham realmente significado e eram inteligíveis. Eram a antiga chamada. E foi escutada lá abaixo. E respondida.

O vento assobiava ao seu redor. Rodeava-lhe um ar escurecido por muitas formas voadoras que se elevavam como uma chuva do vale. Gritos de vozes roucas feriam seus ouvidos, e cada vez eram mais próximos. Golpes de vento lhe esbofetearam, lançando-o daqui para lá pelo ruinoso parapeito da muralha de pedra; e Ilsé se agarrou a ele, lhe rodeando o pescoço com seus largos braços brilhantes e nus. Mas já não estava a sós com Ilsé, pois ao mesmo tempo lhe rodearam uma dúzia deles, brotados da noite. O aroma agudo de seus corpos lubrificadas o afogava e excitava até lhe produzir o frenesi ancestral do Sabbath, e da dança de bruxas em honra à personificação do Diabo no mundo.

— Unte-se e vamos! – gritaram em coro selvagem ao redor – À Dança que nunca morre! A doce e terrível fantasia do mal!

Um momento mais e teria fraquejado e partido com eles, pois sua fraca vontade estava como paralisada. Já lhe arrastava a corrente de suas reminiscências apaixonadas, quando – de tal modo pode alterar um incidente corriqueiro o curso de toda uma aventura – tropeçou em uma pedra desprendida ao mesmo bordo do parapeito e caiu estrepitosamente ao chão. Mas caiu do lado das casas, em um grande descampado cheio de pó e calhaus, e felizmente não do outro lado, na mortal boca aberta do vale.

E também, como moscas atordoadas, caíram eles a seu redor; mas, ao cair, sentiu-se livre um momento do poder deles, e neste instante fugaz de liberdade brotou em sua mente a súbita intuição que tinha de se salvar. Antes de poder levantar viu-os de novo subindo pela muralha, como se, igual aos morcegos, não pudessem voar mais que deixando cair de uma altura e não tivessem poder sobre ele naquele lugar

espaçoso. Depois, vendo-os encarapitados ali acima, em fila, uns junto a outros, como gatos em um telhado, todos negros e desproporcionados, os olhos como abajures, recordou de repente o terror de Ilsé à vista do fogo.

Rápido como uma centelha encontrou seus fósforos e juntou as folhas mortas que havia debaixo da muralha.

Secas e murchas, arderam logo e o vento correu as chamas a todo o comprimento do pé da muralha, a qual foi lambida pelo fogo; e, com gritos e soluços, o bando de formas do parapeito se lançou ao ar pelo outro lado; e partiram em grande turba, cortando o ar com o zumbido de seus corpos que se precipitavam no coração do vale encantado, deixando Vezin sem respiração e até tremendo de medo no campo deserto.

— Ilsé! – chamou fracamente – Ilsé!

Pois o coração lhe doía por ela ter ido à grande Dança sem ele, de ter perdido já a oportunidade de gozar de sua pavorosa alegria. Mas, ao mesmo tempo, era tão grande seu alívio e estava tão aturdido e transtornado por tudo o que lhe acabava de acontecer, que quase não se dava conta do que dizia, e unicamente dava gritos na voraz tormenta de sua emoção...

O fogo ao pé do muro seguiu seu curso e apareceu de novo a lua, suave e luminosa, depois de seu eclipse temporário. Depois de um último olhar estremecido aos ruinosos bastiões, e com um sentimento de horrível curiosidade pelo que estaria acontecendo ao outro lado da muralha, no vale maldito onde ainda seguiria voando e dançando a turba de formas negras, voltou-se para o povoado e foi lentamente para o hotel.

E, enquanto se afastava, foi acompanhado por um coro de lamentos, gritos e uivos, procedentes do iluminado bosque, que se foram fazendo mais distantes e débeis cada vez, levados pelo vento, à medida que ele penetrava entre as casas.

VI

— Talvez lhe pareça um pouco precipitado este final, tão brusco e tão insípido – disse Vezin com o rosto avermelhado, lançando um tímido olhar ao doutor Silence, sentado frente a ele com seu caderno de notas – mas o caso é que... desde aquele momento... parece me haver falhado bastante a memória. Não recordo claramente como cheguei em casa, nem o que fiz exatamente.

"Parece-me que não cheguei a voltar para a estalagem. Só recordo vagamente ter passado por uma estrada longa e branca à luz da lua, através de bosques e povoados silenciosos e desertos; e logo veio o amanhecer e vi as torres de uma grande cidade, e assim cheguei à estação.

"Mas, muito antes disto, lembro que parei em um ponto da estrada e olhei para trás, para o vilarejo de minha aventura, situado na colina à luz da lua; e pensei que parecia um enorme gato monstruoso que descansasse na planície: suas gigantescas patas anteriores eram as duas ruas principais e as duas torres da catedral recostavam suas rasgadas orelhas contra o céu. Este quadro permanece gravado em minha mente com a máxima intensidade até o dia de hoje.

"Outra lembrança que fica desta fuga é que, de repente, lembrei-me que não tinha pago a conta da

estalagem; e ali mesmo, em meio da poeirenta estrada, decidi que a pequena bagagem que ali me deixava servia de sobra para saldar esta dívida.

"De resto, só posso lhe dizer que tomei o café da manhã, pão e café em um estabelecimento dos subúrbios dessa cidade a que tinha chegado, e que logo, no mesmo dia, parti à estação e tomei o trem. Naquela mesma noite cheguei a Londres."

— E em resumo – perguntou tranqüilamente John Silence – quanto tempo você acha que esteve na tal cidadezinha?

Veizin levantou a vista, como envergonhado.

— Ah, isso... – respondeu, acompanhando-se de embaraçados movimentos do corpo – Em Londres me encontrei com a surpresa de que me tinha equivocado em meus cálculos, nada menos que em uma semana inteira. Tinha permanecido coisa de uma semana na cidade e deveríamos nos achar a 15 de setembro. E no fim, estávamos nada mais que a 10 de setembro!

— De modo que, na realidade, você só passou uma noite ou duas na estalagem? – inquiriu o doutor.

Veizin vacilou, duvidou e, por fim, evitou a resposta.

— Tenho que passado o tempo de algum jeito – disse por fim – de algum jeito ou em algum lugar. Estou certo de que estive ali por uma semana. Não posso explicar mais. Limite-me a lhe expor o fato.

— E isto aconteceu o ano passado, não é assim? E depois, não tornou a visitar o lugar.

— Foi no outono passado, sim – murmurou Veizin – e nunca me atrevi a voltar. Acredito que nunca sentirei desejo de fazê-lo.

— E me diga – perguntou por último o doutor Silence, quando viu que o homenzinho tinha chegado já ao final de seu relato e não tinha nada mais o que contar – alguma vez leu você algo sobre as antigas práticas de bruxaria na Idade Média ou se interessou você por isso alguma vez ?

—Nunca! — declarou Veizin com ênfase – Nunca liguei para esses assuntos.

— Ou possivelmente ao problema da reencarnação?

— Nunca... antes de minha aventura; mas sim, depois... – replicou significativamente.

Havia, entretanto, algo mais rondando a mente do homenzinho, do qual desejava aliviar-se mediante confissão. Custou-lhe muito trabalho mencioná-lo; e só depois de o doutor ter feito verdadeiros milagres de tato e simpatia, conseguiu por fim balbuciar que gostaria de lhe ensinar os sinais que ainda tinha no pescoço, onde – conforme disse – lhe havia metido a moça com seus braços lubrificadas.

Tirou a gravata e, depois de infinitas vacilações, baixou um pouco a camisa para que visse o doutor. E ali, na superfície da pele, viu-se uma linha tênue e avermelhada que cruzava o ombro e se estendia um pouco pelas costas para a espinha dorsal. Certamente, assinalava exatamente a posição que teria tomado em um braço no ato de abraçar. E, do outro lado do pescoço, um pouco mais acima, havia outro sinal similar, embora não tão claramente definida.

— Aí foi onde ela me abraçou, naquela noite nas muralhas – sussurrou, enquanto uma luz estranha ia e vinha por seu olhar.

Um dia depois tive ocasião de voltar a consultar John Silence a respeito de outro caso extraordinário de que tinha tido notícia, e acabamos discutindo sobre a história de Vezin. Depois do relato deste, o doutor tinha empreendido certas investigações por sua conta, e um de seus secretários tinha descoberto que os antepassados de Vezin viveram durante muitas gerações na mesma cidade onde lhe tinha acontecido a aventura.

Dois deles, mulheres ambas, tinham sido julgadas por bruxaria e, sentenciadas e confessas, tinham sido queimadas vivas na pira. Mais ainda: não tinha sido difícil averiguar que a mesma estalagem em que se alojou Vezin tinha sido construída, por volta do ano 1700, no lugar onde anteriormente se levantaram as piras funerárias e realizado as execuções. A cidade era então uma espécie de quartel geral de todos os feiticeiros e bruxas da região, os quais, sentenciados e confessos, tinham sido queimados a dúzias ali.

— Parece estranho – continuou o doutor – que Vezin não soubesse nada disto; mas, em realidade, não se trata do tipo de história que se desejaria transmitir às gerações futuras, nem tampouco repetir a seus filhos. Portanto, sendo-me inclinado a acreditar que inclusive agora não sabe nada dela.

"Toda a aventura parece ter consistido no vívido despertar das lembranças de uma vida anterior. Desencadeado pelo contato com forças que ainda se mantinham ativas naquele lugar e, além disso, por singular azar, precisamente com as mesmas almas que tinham tomado parte com ele nos sucessos daquela vida remota. Pois a mãe e a filha, que tão poderosamente o tinham impressionado, deviam ter sido, junto com ele, os principais atores das cenas e práticas de bruxaria que naquela época dominavam as imaginações de todo o país. Não tem um mais que ler a história daqueles tempos para inteirar-se de que as bruxas adotavam o poder de transformar-se em distintos animais, tanto com objeto de disfarçar-se para poder-se transladar rapidamente ao cenário de suas imaginárias orgias. Em todas partes se acreditava na licantria ou poder de transformarem-se em lobos; e a capacidade de se transformar em gatos esfregando o corpo com um unguento ou lubrificante especial, proporcionado pelo próprio Satã, encontrava igual credulidade. A grande quantidade de processos por bruxaria evidencia a universalidade de tais crenças.

O doutor Silence citou capítulos e parágrafos de muitos eruditos na matéria e demonstrou como cada detalhe da aventura de Vezin tinha sua base nas práticas daqueles escuros dias.

— Mas do que não me cabe dúvida é de que todo o assunto não aconteceu a não ser subjetivamente, em sua própria consciência – prosseguiu em resposta a minhas perguntas – pois meu secretário, que partiu ao povoado em questão a investigar, descobriu sua assinatura no livro de hóspedes, com o qual se demonstrou que tinha chegado ali em 8 de setembro e se foi subitamente, e sem pagar a conta, dois dias depois. Ainda estavam ali em posse de sua suja mala marrom e de algumas de suas roupas de viagem. Paguei uns poucos francos para saldar a dívida e lhe enviei a bagagem. A filha não estava em casa, mas a proprietária, uma mulher corpulenta, tal como nos descreveu ele. Disse ela a meu secretário, que Vezin lhe tinha parecido um homem muito estranho, que sempre parecia distraído e que, quando desapareceu, ela temeu que tivesse encontrado um final violento nos bosques dos arredores, por onde estava acostumado a vagabundear, solitário.

"Teria gostado de ter uma entrevista pessoal com a filha, para descobrir o quanto há de subjetivo e de real no relato sobre ela de Vezin. Pois seu medo ao fogo e a ver coisas ardendo podiam ser, é óbvio, a lembrança intuitiva de sua primitiva e dolorosa morte, a qual, assim, teria explicado por que ele a imaginava às vezes rodeada de fumaça e chamas.

— E o que me diz você daquele sinal em seu pescoço? – perguntei.

— Simplesmente são sinais de tipo histórico – replicou — igual aos estigmas das religiosas ou as mordidas que aparecem no corpo de sujeitos hipnotizados. Isto é muito comum e se explica facilmente. O que há de curioso no caso do Vezin é que os sinais lhe tenham durado tanto tempo. O normal é que desapareçam logo.

— Possivelmente é que continua pensando nisso, refletindo e revivendo de novo – aventurei.

— É provável. E isso me faz temer que ainda não tenha chegado o fim de suas tribulações. Temo que voltaremos a ouvir falar dele. É um caso, infelizmente, no qual posso trabalhar muito pouco.

O doutor Silence falava com voz triste e grave.

— E o que pensa você do francês do trem? – perguntei-lhe depois. – O homem que o acautelou contra o lugar, “*À cause du sommeil et À cause de chats*”? Não lhe parece um incidente muito singular?

— De fato, um incidente muito singular – repôs lentamente – e que só posso explicar com base em uma coincidência altamente improvável...

— Ou seja?

— Que aquele homem tivesse estado também no povoado e sofrido uma experiência similar. Eu gostaria de encontrá-lo e perguntar-lhe. Mas tudo isto são hipóteses, porque em realidade não tenho nem a mais leve pista; a única conclusão que posso tirar é que alguma singular afinidade psíquica, alguma força ainda viva em seu ser, procedente de uma vida passada comum, aproximou-lhe da personalidade de Vezin, lhe fazendo temer por ele; por isso o avisou daquele jeito. Se – prosseguiu, quase falando consigo mesmo – como suspeito, Vezin foi infeliz pelo redemoinho de forças originadas na intensa atividade de sua vida passada, e que viveu de novo uma cena em que teria tomado parte, como ator principal, há séculos. Pois certas ações especialmente intensas desenvolvem uma série de forças que só aos poucos se esgotam. E que, de certo modo, pode-se dizer que nunca morrem. Neste caso, não foram suficientemente poderosas para lhe dar uma ilusão completa de realidade, de maneira que o pobre homem se encontrou submerso em uma desagradável confusão entre o presente e o passado; entretanto, foi bastante sensível para dar-se conta de qual era a verdade e lutar contra sua regressão, no seio de suas mesmas lembranças, a um estado evolutivo mais primitivo e inferior.

— Ah, sim! – continuou, cruzando a sala para apreciar o céu cada vez mais escuro, sem reparar aparentemente em minha presença – Às vezes, os brotos subliminares da lembrança, como este, podem ser muito dolorosos, e às vezes também muito perigosos. Só espero que este espírito delicado consiga logo escapar da obsessão de seu passado apaixonado e tempestuoso. Mas eu duvido. Duvido."

Sua voz, ao falar, estava impregnada de tristeza; e, quando se voltou de novo, para a sala, mostrava uma expressão de profundo pesar, do pesar de uma alma cujo desejo de ajudar é às vezes maior que seu poder.

BEM-VINDO AO PLANETA VERDE – Keith Brooke

Não é uma afirmação incomum nos dias que correm, mas prefiro não contestá-la. Estamos num terraço, longe da multidão na cúpula do Jerry. Lá fora, apesar do calor abrasador, há a ameaça sempre presente de tempestades de areia.

Tenho estado a fitar os grandes olhos escuros de Carmel, inclinado sobre uma balaustrada de pedra, mas agora viro-me e sigo o olhar dela através do deserto invasor, dunas aguçadas brilhando num carmim de sangue onde a luz se derrama a partir da cúpula.

Uma lua convexa pende próxima do horizonte. Sigo o arco da eclíptica pelos céus do sul. Um ponto brilhante entre as estrelas: Júpiter. Vários diâmetros da lua para cima e para leste, e encontro o pequeno ponto verde do nosso planeta irmão, Marte.

Dói, mesmo agora.

Afasto os olhos, devolvo-os a Carmel, que continua a fitar o planeta verde. Conhecemo-nos minutos atrás, ambos em busca de refúgio de mais uma festa do Fim do Mundo.

Reparo agora que ela se parece um pouco com Jacquie: qualquer coisa difícil de definir nos olhos, a inclinação da cabeça. Deve ter sido isso que me atraiu, o que me faz querer falar-lhe, segurá-la, senti-la - arfante, quente, urgente - por baixo de mim.

É provavelmente por isso que não acredito numa palavra do que me diz.

"...análises da atmosfera marciana através de telescópios de infravermelhos revelaram uma atmosfera dominada por azoto e, em menor quantidade, por oxigénio: um estado de desequilíbrio permanente que nos sugeriu fortemente que Marte suportava vida."

THE AGES OF GAIA, AN OBITUARY FOR OUR DYING EARTH, James Lovelock

Suponho que seja da época. Por esta altura, segundo o programa, eu teria passado dois anos no espaço: a caminho de Marte, em órbita numa das estações de detenção em torno do planeta verde, à espera de vez, contente por ter ao menos uma vez por que esperar.

Neste momento poderia já ter aterrado em Marte, coisa que fiz tantas vezes em sime ao longo de todos aqueles anos. Talvez Carter City: uma cratera forrada para reter o calor, para que pudéssemos aventurar-nos no exterior sem demasiadas camadas de protecção.

Carter City seria um primeiro destino provável: um dos centros principais para o esforço de colonização, um ponto de trânsito para o êxodo humano em fuga do seu planeta natal moribundo. Sou um cientista agrícola experiente, especializado em técnicas de cultivo em baixas temperaturas - cada vez mais inúteis no nosso planeta natal sobreaquecido pelo efeito de estufa, mas inestimáveis em Marte, pensava eu durante o treino. Deveria deixar Carter bastante depressa, em direcção às cinturas agrícolas em torno de uma qualquer das novas cidades. Instalar-nos-íamos aí e, trabalhando com grandes frotas de máquinas

para criação e colheita, eu estabeleceria sistemas agrícolas para alimentar as colónias crescentes.

Mas essa primeira aterrissagem! Teria feito tudo o que estivesse ao meu alcance para me assegurar de que a Jacquie e eu fôssemos enviados para a superfície na mesma vaga de colonos. Também a Jacquie teria usado todos os cordelinhos que pudesse para nos manter juntos. Isso tinha sido sempre parte do acordo, do pacto que tínhamos discutido tantas vezes. Julgo que teríamos sido bem sucedidos: embora as autoridades do êxodo desencorajem qualquer tendência para a reprodução excessiva, reconhecem o valor de relações estabelecidas para a construção de comunidades.

Jacquie e eu, pondo os pés no planeta verde pela primeira vez. Um novo começo para nós, uma nova chance para a nossa espécie. BEM-VINDOS A MARTE, dizia sempre o letreiro nos simes de treino e, estou certo, também na realidade.

"A abundância de minerais ricos em ferro na crosta planetária significa que a Terra, se não fosse a sua tênue pele verde de vida, seria vermelha vista do espaço. A Terra é um planeta ferrujento."

ASIMOV'S GUIDE TO SCIENCE, Isaac Asimov

Assim que entrei na sala soube o que ele me ia dizer, ainda que lhe tivesse custado cinco minutos de uma análise contraditória para me dar o simples veredicto: **não**.

Fiquei a olhar para ele. Grisalho, olhos amarelados como velhos jornais, a cada minuto ou dois parava a meio das frases para sorver com ganância de uma máscara de ar. Doença degenerativa nos pulmões: era claro que ele não faria parte do êxodo.

"Você diz-me que os meus resultados de aptidão mental e psicológica estão nos dois percentis superiores", digo eu. "Que a minha formação, treino e experiência profissional oferecem um conjunto de capacidades fortemente valorizadas pela comissão". Já sabia tudo isso, e há bastante tempo: Teria sido excluído do processo de selecção dois meses antes se não tivesse obtido pontuações elevadas nos testes iniciais.

"Você diz-me que a minha actuação em cada um dos dezasseis simes foi altamente pontuável, que há muito pouca coisa que eu poderia ter feito melhor. E depois conclui que o meu requerimento para estatuto de passagem para Marte foi recusado..."

O comissário sugou oxigénio da sua máscara de plástico branco. "Você tem um coração disfuncional", disse simplesmente, por fim.

Rompendo o silêncio, continuou: "Arritmia: uma irregularidade no bater do coração. Pode ter sorte e viver até uma idade bem avançada - deixando que uma das outras doenças dos nossos tempos o leve... Mas, sujeito aos rigores do voo espacial, da adaptação a um ambiente estranho, a sua deficiência transforma-o num risco. Um risco demasiado grande para que a Comissão invista na sua passagem."

Calou-se, sugou ar da máscara.

"Que posso eu fazer?", perguntei-lhe. Não queria pedir, sabia que nada conseguiria, mas por uma vez a minha habilidade para gerir crises - que me servira tão bem durante os simes de selecção - abandonou-me. "Como posso conseguir a inversão desta decisão?"

Seria Marte ou Jacquie o que eu temia perder? Não sabia, não conseguia pensar.

"Há uma alternativa", disse o comissário. "Uma opção que recomendamos fortemente".

"Qual?"

Ele acenou. "Eu..." Outro sorvo de ar. "Eu vou para Marte", disse-me.

Fiquei a olhar para ele, aterrorizado, enquanto ele ingeria vários longos tragos de ar.

Era claro que ele tinha antecipado a minha reacção e estava a jogar com ela, manipulando-me. "Interrogasse como", disse por fim. "Na minha condição... A minha afirmação é incorrecta: deixe-me corrigi-la. O que eu queria dizer é que já estou em Marte. Tal como você, cumpro os requisitos para a passagem: o conjunto de capacidades, o perfil, a actuação nas simulações. Mas é claro que a minha condição física me exclui do programa - nunca houve a opção de viajar até ao planeta".

Outra pausa para o ar, e depois: "Há muitos papéis no programa para os quais a presença física não é um requisito. O processo de obtenção de perfis é exaustivo, o que nos permite reconstruir personalidades completas **in virtuo** - personalidades que podem ser embutidas no **hardware** do esforço de colonização. Que melhor inteligência para conduzir estações espaciais, veículos de exploração, **drones** mineiros e agrícolas, do que personalidades humanas completamente treinadas e experientes?..."

"Pense nas contas do êxodo, meu amigo. Apesar de todas as guerras por recursos, das pragas e das outras calamidades dos nossos tempos, a espécie ainda conta biliões de indivíduos neste planeta em rotura. Quantos vaivéns temos? Quantos cargueiros de corpos em transbordo incessante entre a Terra e Marte? Quantos emigrantes julga que podemos transportar fisicamente? Temos hoje 25 000 no planeta verde. As melhores projecções dizem-nos que seremos capazes de transportar mais 50 000 até que a oportunidade desapareça devido a um desastre qualquer."

Mais ar. "Candidate-se à opção virtual, meu amigo, e estará livre do congestionamento físico do êxodo. Mapeámos a sua personalidade durante os simes: sabemos que é um candidato adequado. Detestaríamos perder o seu conjunto de capacidades."

Fiquei sentado, em silêncio, lutando para abarcar aquilo.

"Pense nisso", disse o comissário. "É a sua oportunidade de continuar a fazer parte da história humana."

Jacque. Tão alta como eu, com a compleição de uma atleta natural. O cabelo escuro, cortado em comprimentos diferentes, dava-lhe um ar selvagem, um ar rebelde. Amar Jacquie era como perseguir sonhos à primeira luz da madrugada: era esquivo, divertido, sempre em ânsias por abraçar.

"Amo-te para sempre", murmurava ela ao meu ouvido na doce ressaca da paixão. E por vezes: "Iria atrás de ti até aos fins do mundo, meu amor."

"Até Marte?" perguntei-lhe um dia. Toda a minha vida formava um caminho nessa direcção, rumo ao êxodo. Ela devia sabê-lo, e no entanto a pergunta pareceu apanhá-la de surpresa.

Mais tarde: "Assusta-me", disse ela.

"Ficar aqui assusta-me mais", disse-lhe. Aqui na Europa do Norte tínhamos a sorte de estar numa região relativamente estável, mas não demoraria muito até que o caos desabasse sobre nós, a praga e a guerra e as carências destruindo tudo.

"Não, não é isso."

"Que é, então?"

"A selecção", disse-me, lágrimas a transbordar dos seus grandes olhos escuros. "Tu tens as capacidades,

o treino: eles nunca poderão recusar-te".

Percebi onde ela queria chegar. "Tu és inteligente", disse-lhe. "Tens experiência médica. Seriam loucos se não te oferecessem um lugar".

"Eu abandonei a faculdade", lembrou-me. "Não conseguia ver nela um objectivo: vai acabar tudo, não vai?"

Com afagos, limpei-lhe lágrimas das bochechas, com beijos removi o sal. "Uma promessa", disse-lhe. "Um pacto: ou vamos juntos ou não vamos. Nunca poderia deixar-te".

Falava verdade: nem tinha considerado a possibilidade de a deixar para trás. Abandonaria tudo pelo meu amor, Jacquie.

"Mais importante do que isso, as sondas iam equipadas com conjuntos de sensores ecológicos ... As observações mostraram que, embora a vida seja com certeza abundante no nosso planeta irmão, a sua natureza é primitiva, e a maioria é unicelular."

ASIMOV'S GUIDE TO SCIENCE, Isaac Asimov

A dor diminui com a passagem do tempo, os anos apagam as memórias uma a uma.

Mas uma delas se mantém forte: a cara de Jacquie, uma expressão que não consegui entender. De facto, não tenho a certeza, mesmo agora, de entender a mistura complexa de emoções que a fizeram pôr o ar que pôs quando a Comissão lhe disse que podia ir para Marte.

Triunfo, claro: "Ofereceram-me um lugar na passagem", disse-me.

Suponho que alívio, depois de meses de trabalho e expectativa.

Culpa também, espero. Ela já sabia: "Recusaram-me", disse-lhe. "Chumbei nos físicos".

"Não, não chumbaram", disse ela. "Eu falei com o Comissário Andresson. Tu podes ir in virtuo. Eles querem-te, amor. Querem-nos aos dois!"

"Tu vais na mesma, apesar do nosso acordo". Deus, como me senti baixo dizendo aquilo daquela maneira, como me senti baixo por ter de dizê-lo.

"Como posso **não** ir? De resto, podemos ir os dois à mesma, só que tu não estarás lá em corpo."

Nessa altura virei a face, incapaz de encontrar um olhar que não podia compreender. As mãos dela rodearam-me a cara, viraram-me a cabeça, e foi a vez de Jacquie me limpar lágrimas das bochechas com afagos, e com beijos remover o sal. "Podemos ir", murmurou excitada, faminta. "Podemos ir juntos, amor."

Eu poderia estar agora em Marte, ou pelo menos poderia ter lá uma parte de mim, uma cópia de mim.

Muitos dos que eram enviados **in virtuo** ficariam armazenados por tempo indefinido nos vastos núcleos de memória, em órbita, à espera de que os seus conjuntos específicos de capacidades fossem necessários. Eu, no entanto, tinha garantido um lugar na superfície desde o início: havia necessidade de pessoas como eu, asseguraram-me.

Ou, pelo menos, havia necessidade de **cópias** de pessoas como eu.

Transmitido para um receptor na órbita de Marte numa sequência de impulsos de rádio de alta densidade de dados, eu teria sido reconstituído no núcleo de memória, reconstruído e reenviado para a superfície. Aí, teria sido introduzido na rede neuronal de um sistema agrícola: eu teria pedido qualquer coisa móvel, se bem que não tivesse a certeza de ser atendido. Detestaria ser a inteligência de controlo de uma das vastas cúpulas de crescimento que estão espalhadas pelas cinturas agrícolas. O ideal teria sido um dos drones de criação agrícola que trabalham na adaptação das técnicas agrícolas terrestres ao regime de baixa temperatura e baixo teor de nutrientes das terras virgens de Marte: um papel exigente, não um papel protector.

Mas quanto de mim perderia ao passar por tal processo? Quanto de mim seria extirpado na preparação para a transmissão e na adaptação ao meu novo papel?

Em Marte, eu teria um corpo muito mais durável que um de carne e osso. Poderia ver, ouvir, cheirar, tactear e saborear. Manteria o raciocínio, a imaginação, a curiosidade.

Mas pergunto a mim mesmo se sonharia. Sob o meu céu marciano, as estrelas ainda familiares, nada alienígenas. Sonharia?

"Não", disse eu ao comissário. "Não o posso fazer. Não vou deixar que envie para Marte uma cópia diminuída de mim, não foi para isso que dei o nome."

Chegar tão perto era uma das coisas mais dolorosas. Estar lá, se não fosse o órgão inconstante no meu peito.

Ele sorveu ar, e depois: "Espero que reconsidere", disse. "Você seria um membro muito valioso do programa."

Abanei a cabeça, levantei-me devagar da cadeira no gabinete da Comissão de Passagem.

Nada do que ele poderia dizer me convenceria. Eu simplesmente não suportaria estar lá, na superfície de Marte, e no entanto incompleto. Não suportaria estar lá e continuar a preocupar-me.

Pior: não suportaria estar lá e já não me preocupar.

Acho que não culpo a Jacquie por ir. Por quebrar o nosso pacto de amantes. Poderia realmente negar-lhe uma oportunidade dessas?

Permaneço na Terra. E preocupo-me, mesmo hoje, cinco anos passados.

"As oportunidades para aproveitar a biosfera primitiva de Marte podem não ser grandes, mas apresentam-se como uma alternativa viável ao que resta da biosfera da Terra, devastada por uma revolução industrial rápida tornada demasiado fácil pelos ricos recursos metalíferos do nosso planeta."

MARS FACT PACK, Manual Educativo da UNSA

A festa ferve por trás de nós, segura na cúpula de luxo do Jerry. Pergunto a mim mesmo durante quanto tempo sobreviverá a cúpula. O tempo da opulência já passou. O tempo da maioria das coisas já passou.

Mais uma festa do Fim do Mundo, como se não tivesse importância.

Carmel pega-me na mão, faz-me descer os degraus de pedra. Pés nus, arranhados por areia grossa.

Por vezes ainda é difícil acreditar que isto é mesmo o fim, aqui na nossa bolsa de semi-civilização somos facilmente iludidos. Mas, por trabalhar no Ministério, eu vejo os relatórios, as projecções. Sei tudo sobre as guerras por recursos, o aquecimento, a desertificação que se intensifica: tudo porque fomos amaldiçoados com este planeta rico em recursos. Os metais que fazem vermelhas a areia e as rochas, a superabundância de combustíveis fósseis, tornaram tudo tão fácil.

Puxo Carmel para mim, agarro-me às suas roupas. Tudo o que resta é viver dia a dia. Algo que a nossa espécie conhece bem.

A temperatura é de quarenta graus negativos, com o alinhamento deste vale a servir para aprisionar os raios solares: um sítio adequado para mais um projecto experimental.

Coloco uma porção de solo no Compartimento A, saboreio-a, aqueço-a e cheiro os gases que se soltam. A análise confirma o meu palpite inicial: o solo é rico - vamos fazer testes aqui, verificando novas variedades adaptadas às frias condições de crescimento.

Trabalho duramente, lavrando o solo incrustado de líquenes.

Mais tarde, faço uma pausa.

Está escuro.

Olho para as estrelas, tão familiares. "Estou em Marte", digo de novo a mim mesmo. Depois olho mais para cima, seguindo a eclíptica, até encontrar o ponto azul que é a Terra.

Interrogo-me como teria dado autorização para que trouxessem uma cópia de mim mesmo para Marte: não consigo recordar-me dos pormenores, mas de algum modo não me parece que o tivesse desejado. Eles tê-lo-iam feito de qualquer maneira, eu sei: não permitiriam que os caprichos pessoais se atravessassem no caminho do que é melhor para o êxodo.

Lembro-me agora de Jacquie. Vejo o seu rosto.

Lembro-me de amar Jacquie.

Sei que ela está em Marte em pessoa. Pergunto a mim mesmo se me seria possível procurá-la, contactá-la.

Pergunto a mim mesmo se o queria fazer.

OS PRÓXIMOS INQUILINOS – Arthur C. Clarke



— O número de cientistas loucos que desejam conquistar o mundo — disse Harry Puvis olhando pensativamente para seu chope — tem sido vergonhosamente exagerado. Na verdade, só me lembro de ter conhecido um.

— Então não pode ter havido muitos outros — comentou Bill Temple ligeiramente sarcástico. — Não é o tipo de coisa fácil de esquecer.

— Creio que não — replicou Harry com aquele ar de indiscutível inocência que tanto desconcerta seus críticos. — E, por falar nisto, esse cientista não era realmente louco apesar de não haver dúvidas de que estava partindo para conquistar o mundo. Ou, para ser mais preciso, para deixar que o mundo fosse conquistado.

— E por quem? — perguntou George Whitley. — Pelos marcianos? Ou talvez pelos tão nossos conhecidos homenzinhos verdes de Vênus?

— Nenhum deles. Estava colaborando com alguém muito mais próximo. Vocês saberão com quem, quando eu lhes disser que ele era um mirmecologista.

— Um mirme-o-quê? — perguntou George.

— Deixem o homem continuar com a estória — disse Drew do outro lado do balcão. — Já passa das dez e, se não conseguir, nesta semana, botar vocês todos para fora na hora de fechar, perco minha licença.

— Muito obrigado — falou Harry muito digno, passando-lhe o copo para reabastecimento. — Tudo aconteceu cerca de dois anos atrás, quando eu estava numa missão no Pacífico. Era uma missão bem secreta, mas em vista do que ocorreu posteriormente, não há mal em falar. Éramos três cientistas desembarcados num certo atol do Pacífico, a menos de mil e seiscentos quilômetros de Bikini para, no prazo de uma semana, instalar certos equipamentos detectores. Eram destinados, é claro, a ficarem de olho em nossos queridos amigos e aliados quando começassem a brincar com reações termonucleares, isto é, a catar as migalhas da mesa da C.E.A.^[3], e deixassem alguma. Naturalmente os russos estavam fazendo a mesma coisa e quando, ocasionalmente, dávamos de cara uns com os outros, ambos os lados fingiam não haver ninguém ali além de nós mesmos. Supunha-se que aquele atol fosse desabitado, mas isto foi um engano considerável. Na verdade tinha uma população de várias centenas de milhões. . .

— O quê?! — arquejaram todos.

— ...Várias centenas de milhões — continuou Purvis calmamente — entre os quais havia apenas um humano. Esbarrei com ele quando, certo dia, resolvi dar um passeio terra adentro para ver a paisagem.

— Terra adentro? — perguntou George Whitley. — Pensei que você tinha dito que era um atol. Como pode um anel de coral. . .

— Era um atol bem amplo — disse Harry firme. — Além do mais, quem é que está contando a estória?

Esperou, desafiador, durante um minuto, até conseguir centrar novamente as atenções.

— Lá estava eu então, subindo um encantador curso de rio sob as palmas dos coqueiros, quando, para minha surpresa, deparei com uma roda hidráulica, e das mais modernas, movendo um gerador. Se fosse sensato, teria voltado e contado a meus companheiros, mas não pude resistir ao desafio e fazer um

reconhecimento por minha conta. Lembrei-me que supunha-se haver ainda por ali tropas japonesas que não sabiam que a guerra tinha acabado, mas esta explicação me pareceu pouco plausível.

Fui seguindo os fios colina acima e, do outro lado, vi um prédio baixo, caiado, no meio de uma grande clareira e, nesta, alguns montes irregulares de terra ligados entre si por uma rede de fios elétricos. Era uma das cenas mais perturbadoras que jamais vira e fiquei ali em pé, olhando, por uns bons dez minutos, tentando imaginar o que podia ser. Quanto mais eu olhava, menos sentido fazia.

Estava decidindo o que fazer, quando um homem alto, de cabelos brancos, saiu do prédio e foi até um dos montes. Carregava uma espécie de aparelho e tinha um par de fones pendurado no pescoço, o que me fez imaginar que estivesse usando um contador Geiger. Só então descobri o que eram aqueles montes altos. Eram termitários. . . Os arranha-céus onde vivem as chamadas formigas brancas e que, proporcionalmente aos seus construtores, são bem mais altos que o Empire State Building.

Fiquei olhando com muito interesse, mas completamente confuso, o velho cientista inserir seu aparelho na base do termitário, ouvir atentamente um instante e voltar para o edifício. A esta altura, estava tão curioso que resolvi revelar minha presença. Qualquer pesquisa que estivesse em andamento naquele lugar obviamente não tinha nada a ver com política internacional, e se alguém tinha alguma coisa a esconder era eu. Mais tarde vocês poderão avaliar como eu estava equivocado.

Gritei para chamar a atenção e corri colina abaixo acenando. O desconhecido parou e ficou olhando enquanto me aproximava, sem parecer surpreso. Quando cheguei mais perto, vi que ele tinha um bigode caído, o que lhe dava uma ligeira aparência oriental. Era muito empertigado para os sessenta anos que aparentava, e apesar de estar vestindo apenas calções, seu ar era tão digno que fiquei bastante encabulado com minha chegada barulhenta.

'Bom dia' — disse eu desculpando-me. — 'Não sabia que havia mais alguém nesta ilha. Estou aqui numa... ahm. . . expedição científica.'

Quando ouviu isso, os olhos do estranho brilharam. 'Ah' — disse num inglês quase perfeito. — 'Um colega cientista! Estou muito satisfeito em conhecê-lo. Vamos entrar.'

Eu o segui com prazer (estava bastante suado depois daquela corrida) e descobri que o prédio não passava de um grande laboratório. Num canto estava a cama e um par de cadeiras e, ao lado, um fogão e uma dessas bacias de armar que os excursionistas usam. Esses pareciam ser todos os apetrechos domésticos. Tudo, porém, estava limpo e arrumado. Meu amigo desconhecido podia ser um eremita mas acreditava em manter as aparências.

Eu me apresentei e, como esperava, ele prontamente fez o mesmo. Era o Professor Takato, biólogo de uma das principais Universidades japonesas. Afora o bigode que já mencionei, não parecia muito japonês. Com seu porte ereto e digno, lembrava mais um velho coronel do Kentucky que conheci.

Depois de me ter servido um vinho estranho mas reanimador, sentamo-nos e conversamos umas duas horas. Como a maioria dos cientistas, ficava feliz em encontrar alguém que pudesse apreciar o seu trabalho. É verdade que meus interesses estavam mais na física e na química do que na biologia, mas fiquei fascinado com a pesquisa do Professor Takato.

Não acredito que vocês entendam muito de térmitas e por isso vou lhes expor alguns fatos bem interessantes. Elas estão entre os insetos gregários mais altamente evoluídos e vivem em enormes colônias na região tropical. Não toleram o frio e, estranhamente, tampouco podem suportar a luz direta do sol. Quando querem ir de um lugar para outro, constroem pequenos caminhos cobertos. Parece que têm

meios desconhecidos e quase instantâneos para se comunicarem e, apesar das térmitas individualmente serem desamparadas e estúpidas, uma colônia comporta-se como um animal inteligente. Alguns escritores têm feito comparações entre um termitário e o corpo humano. Este também é composto de células vivas individuais que, juntas, formam uma entidade muito mais elevada que as unidades básicas. É comum as térmitas serem chamadas de formigas brancas, mas esta designação é totalmente incorreta, porque absolutamente não são formigas, mas uma espécie bem diferente de inseto. Ou será que deveria dizer *genus*! Sou muito impreciso nessas coisas. . .

Perdoem a pequena dissertação mas, depois de ouvir Takato durante algum tempo, eu mesmo comecei a ficar bastante entusiasmado com térmitas. Vocês sabiam, por exemplo, que elas não apenas cultivam jardins, como também criam vacas — vacas-inseto, é claro — e as ordenham? Sim, senhores, são uns diabinhos muito sofisticados, se bem que façam tudo por instinto.

Está na hora de contar a vocês alguma coisa sobre o professor. Ele estava na ilha havia muitos anos e, embora no momento vivesse sozinho, já tivera uma boa quantidade de assistentes que traziam equipamento do Japão e o ajudavam em seu trabalho. Sua primeira grande realização foi fazer com as térmitas o que Von Frische havia feito com as abelhas: aprendeu sua linguagem. Era muito mais complexa que o sistema de comunicação que as abelhas usam, o qual, como é possível que vocês saibam, baseia-se na dança. Descobri que a rede de fios ligando os termitários ao laboratório não apenas capacitava o Professor Takato a ouvir as térmitas falando entre si, como também permitia que falasse com elas. Isto não é tão fantástico como parece, se entendermos o verbo falar em seu sentido mais amplo. Nós falamos com um grande número de animais, mas absolutamente não usamos todas as vezes a nossa voz. Quando atiramos um pedaço de pau para nosso cão ir buscar, é uma forma de falar com ele: uma linguagem por sinais. Descobri que o professor tinha desenvolvido uma espécie de código entendido pelas térmitas, mas não sei até que ponto ia sua eficiência na transmissão de idéias.

Voltei todos os dias, sempre que tinha tempo, e no fim de uma semana éramos amigos íntimos. Pode parecer estranho que eu conseguisse esconder essas visitas dos meus colegas, mas a ilha era bem grande e todos nós excursionávamos muito. Eu sentia que, de certa forma, o Professor Takato era minha propriedade, e não queria expô-lo à curiosidade de meus companheiros. Eles eram uns sujeitos rústicos, formados por alguma universidade provinciana como Oxford ou Cambridge.

Fico satisfeito em dizer que fui capaz de dar um pouco de ajuda ao professor, consertando seu rádio e pondo em ordem parte de sua aparelhagem eletrônica. Ele usava muito os detectores radiativos para seguir a pista de térmitas isoladas. Na verdade, era o que estava fazendo com um contador Geiger quando o encontrei pela primeira vez.

Quatro ou cinco dias depois de nos conhecermos, seus mostradores desandaram e o equipamento que tínhamos montado começou a gravar. Takato adivinhou o que tinha acontecido. Nunca me perguntara o que, exatamente, eu estava fazendo nas ilhas, mas acho que desconfiava. Quando o cumprimentei, ligou seus contadores e me deixou ouvir o metralhar da radiação. Tinha caído um pouco de poeira radiativa, nada de perigoso, mas o suficiente para botar todos os detectores a funcionar.

'Acho' — disse ele mansamente — 'que vocês, físicos, estão se divertindo novamente com seus brinquedinhos. E desta vez, com uns bem grandes.'

'Receio que o senhor tenha razão' — respondi. Não tínhamos certeza até que as leituras tivessem sido analisadas, mas tudo levava a crer que Teller e seu grupo tinham começado a reação de hidrogênio. — 'Não falta muito para fazermos as primeiras bombas atômicas parecerem buscapés molhados.'

'Minha família' — disse impassível o Professor Takato — 'estava em Nagasaki.'

Não havia muito a ser dito depois disso, e foi com alívio que o ouvi continuar acrescentando: 'Já passou pela sua cabeça quem vai governar quando estivermos liquidados?'

'Suas térmitas?' — perguntei, tentando ser engraçado. Pareceu hesitar um pouco e depois disse em voz baixa: 'Venha. Ainda não lhe mostrei tudo.'

Conduziu-me até um canto do laboratório, onde uma parte do equipamento jazia sob uma camada de poeira. Ali, o professor descobriu uma aparelhagem bem estranha. À primeira vista, parecia um daqueles manipuladores usados para o manejo à distância de materiais perigosamente radiativos. Havia pegadores pantográficos que executavam movimentos com barras e alavancas, e tudo parecia convergir para uma pequena caixa alguns centímetros, num dos lados.

'Que é isto?' — perguntei.

'É um micromanipulador. Foi aperfeiçoado pelos franceses para trabalhos biológicos. Existem poucos no mundo.'

Aí, eu me lembrei. Por intermédio daqueles dispositivos, e usando engrenagens redutoras apropriadas, poder-se-iam realizar operações inacreditavelmente delicadas. A gente movia o dedo um centímetro e o instrumento que estávamos controlando movia-se um milésimo de centímetro. Os cientistas franceses, que tinham desenvolvido essa técnica, haviam construído pequenas forjas onde podiam fabricar minúsculos escalpelos e pinças de vidro fundido. Trabalhando o tempo todo com microscópios, puderam dissecar células isoladas. Remover o apêndice de uma térmita (na possibilidade altamente duvidosa do inseto possuir um) seria brincadeira de criança com tal instrumento.

'Não sou muito habilidoso com o manipulador' — confessou Takato. — 'É sempre um de meus assistentes que trabalha com ele. Nunca mostrei isso a ninguém, mas você tem sido de muita ajuda. Venha, por favor.'

Saímos do laboratório e fomos andando pelas avenidas de montes altos e duros como cimento. Não tinham todos o mesmo estilo arquitetônico porque existem muitas espécies diferentes de térmitas e algumas nem mesmo constroem montes. Eu me sentia como um gigante andando em Manhattan, pois aqueles montes eram arranha-céus, cada um com sua abundante população. Havia uma cabana de metal (nunca de madeira: as térmitas a liquidariam num instante!) ao lado de um dos montes e constatei, ao entrarmos, que a luz do sol havia sido eliminada. O Professor girou uma chave e uma pálida luminescência vermelha me permitiu divisar uma grande variedade de equipamento ótico.

'Elas odeiam a luz' — disse. — 'E é um problema observá-las. A solução foi usar infravermelho. Este é um conversor de imagens do tipo usado na guerra, em operações noturnas. Você sabia da existência destas coisas?'

'Claro' — respondi. — 'Eram colocados nos rifles dos franco-atiradores para que tivessem pontaria perfeita no escuro. Coisinhas muito engenhosas. Estou satisfeito por o senhor ter descoberto um uso civilizado para elas.'

Levou muito tempo para o professor encontrar o que queria. Parecia que estava dirigindo uma espécie de arranjo periscópio, sondando os corredores da cidade das térmitas. De repente, ele disse: 'Rápido, antes que sumam!'

Avancei e ocupei seu lugar. Levei pouco mais de um segundo para focalizar corretamente, e um pouco mais ainda para decifrar a escala da cena que estava vendo. Eram seis térmitas, muito ampliadas,

movendo-se rapidamente pelo meu campo de visão. Estavam viajando em grupo, formando pares como os cães do Alasca. A analogia é excelente pois estavam rebocando um trenó. . .

Fiquei tão espantado que nem cheguei a reparar qual era a carga que levavam. Quando desapareceram da vista, virei-me para o Professor Takato. Meus olhos já tinham se acostumado ao fraco clarão vermelho e podia vê-lo bem.

'Então é isto o que o senhor vem construindo com seu micromanipulador! É fantástico! Eu nunca teria acreditado...

'Isso não é nada' — replicou o Professor. — 'Pulgas amestradas puxam um carrinho de um lado para o outro. Ainda não lhe contei o mais importante. Fizemos apenas uns poucos trenós daqueles. O que você viu foi construído por elas mesmas.'

Esperou enquanto aquilo penetrava em meu cérebro. Demorou um pouco. Continuou depois, sossegadamente mas com um entusiasmo reprimido na voz: 'Lembre-se de que as térmitas, enquanto indivíduos, praticamente não têm inteligência, mas a colônia, como um todo, pertence a uma classe muito elevada de organismos. E um organismo imortal, se excetuarmos acidentes. Atingiu o estágio instintivo em que se encontra, e nele estacionou milhões de anos antes de aparecer o homem, e nunca poderá, sem ajuda, escapar da sua presente perfeição estéril. Encontra-se num beco sem saída, e isso porque não tinha ferramentas, nem um modo eficaz de controlar a natureza. Eu lhes dei a alavanca para aumentar sua força e agora o trenó para aperfeiçoar sua eficiência. Tenho pensado na roda, mas é melhor deixá-la para um estágio posterior. Não seria muito útil agora. Os resultados excederam minhas expectativas: comecei apenas com este termitário e agora todos eles têm as mesmas ferramentas. Ensinares uns aos outros e isso prova que podem cooperar entre si. É verdade que há guerras, mas nunca quando têm comida suficiente para todos, como é o caso aqui.

'A questão é que não se pode julgar um termitário por padrões humanos. Meu objetivo é dar uma sacudida em sua cultura rígida e estática, tirá-la do buraco em que está atolada há tantos milhões de anos. Eu lhes darei mais ferramentas, mais técnicas novas e espero, antes de morrer, vê-las começar a inventar coisas sozinhas.'

'Por que está fazendo isso?' — perguntei, sabendo que havia ali mais que simples curiosidade científica.

'Porque não acredito na sobrevivência do homem, mas espero preservar algumas de suas descobertas. Se nossa espécie é um beco sem saída, acredito que se deva dar uma mãozinha a outra raça.

'Sabe por que escolhi esta ilha? Para que os resultados de minha experiência permanecessem isolados. Minha super-térmita, se conseguir chegar a tal, terá que ficar aqui até atingir um grau muito elevado de desenvolvimento. Para falar a verdade, até estar em condições de atravessar o Pacífico. . .

'Existe ainda outra possibilidade. O homem não tem rival neste planeta. Penso que ter um lhe faria bem. Pode ser sua salvação.'

Eu não tinha nada a dizer. Aquela olhadela nos prognósticos do Professor tinha sido um tanto opressiva, mas em vista do que eu acabara de testemunhar, a coisa parecia bastante convincente. Eu sabia que o Professor Takato não estava louco. Era um visionário e havia um desapego sublime em suas perspectivas, que eram, no entanto, baseadas nos alicerces firmes de conquistas científicas.

Não que fosse hostil à espécie humana: ele a lamentava. Acreditava simplesmente que a humanidade tinha dado sua última cartada, e queria ver se conseguia salvar alguma coisa das ruínas. Eu não podia censurá-lo por isto.

Devemos ter ficado um longo tempo naquela cabana conjecturando os futuros possíveis. Lembro-me de ter sugerido que talvez pudesse chegar a haver algum tipo de entendimento mútuo, visto que duas culturas tão díspares como Homem e Térmita não teriam necessariamente pontos conflitantes. No fundo eu não podia acreditar nisso e, se chegasse a haver um choque, não estou certo de quem venceria. De que valeriam as armas do homem contra um adversário inteligente que podia devastar todos os campos de trigo e colheitas de arroz do mundo?

Quando saímos da cabana, estava quase na hora do crepúsculo e só então o Professor fez sua revelação final.

'Em algumas semanas' — disse — 'vou dar o maior de todos os passos.'

'E qual vai ser?' — perguntei.

'Você não adivinha? Vou lhes dar o fogo.'

Estas palavras provocaram qualquer coisa em minha espinha. Senti um calafrio que nada tinha a ver com o anoitecer. O glorioso pôr de sol que se entrevia pelas palmas dos coqueiros parecia simbólico e, de repente, percebi que este simbolismo era ainda mais profundo do que pensara.

Aquele ocaso foi um dos mais lindos que já presenciei e era, em parte, obra do homem. Lá em cima, na estratosfera, a poeira de uma ilha que morrera naquele dia começava a envolver a Terra. Minha raça tinha dado um grande passo para a frente, mas será que isto importava agora?

Vou lhes dar o fogo. De alguma forma nunca duvidei do sucesso do Professor e quando o obtivesse, as forças que minha raça acabara de libertar não a salvariam...

O hidroavião veio-nos apanhar no dia seguinte e nunca mais vi Takato. Ainda está lá e eu o considero o homem mais importante do mundo. Enquanto nossos políticos se atacam, ele nos está tornando obsoletos.

Vocês acham que alguém deveria detê-lo? Ainda pode estar em tempo. Tenho pensado muito a este respeito mas, até agora, não me ocorreu uma razão realmente convincente para interferir. Uma ou duas vezes quase me decidi, mas aí peguei o jornal e vi as manchetes.

Acho que devemos dar uma oportunidade a elas. Não vejo como poderiam se sair pior que nós.

A BATALHA FINAL – Harry Harrison



Chegando a noite, depois de recolher os restos do jantar, não havia nada melhor para nós crianças do que sentarmos ao redor do fogo enquanto Papai nos contava uma história.

Podem dizer que isso é ridículo, ou antiquado, com todos os meios modernos de entretenimento que existem, porém, esqueceria isso se eu sorrir indulgentemente?

Tenho dezoito anos e, de maneiras diversas, já deixei algumas ninhadas para trás. Mas o Papai é um orador e da sua voz ressoa um novo alento que ainda me encanta, e, para ser sincero, isso me fascina. Inclusive se pensamos que ganhamos a guerra, também perdemos muito no processo, e aí fora há um mundo cruel e ingrato. Seguirei sendo jovem o mais que possa.

— Conte-nos sobre a batalha final — era o que diziam as crianças normalmente, e esta é a história que ele, geralmente, contava. É uma história terrível, mesmo sabendo que tudo já acabou, porém não há nada como um bom arrepio de frio na espinha antes de dormir.

Papai tomou uma cerveja, sorveu pausadamente, e logo sacudiu os restos de espuma do bigode com um dedo. Era o sinal que ele iria começar.

— A guerra é o inferno, não esqueçam — disse, e os menores riram entre dentes porque poderiam ter a boca lavada com sabão se repetissem aquela palavra.

— A guerra é o inferno, sempre foi assim, e o único motivo pelo qual os conto esta história é para que nunca há esqueçam. Lutamos a batalha final da última guerra, e grande quantidade de homens bons morreram para chegarmos a vitória, e é isso que eu vou recordar agora. Se eles tiveram alguma razão para morrer, foi para que vocês agora possam viver. E nunca, jamais, terem que lutar em uma novamente.

— Em primeiro lugar, abandonem a ideia de que existe algo nobre ou maravilhoso em uma batalha. Não, não há. É um mito que já está terminando porque se trata, provavelmente, de uma época anterior e pré-histórica, quando a guerra era um simples combate mano a mano, executado na entrada de uma caverna enquanto um homem defendia seu lar de um estranho. Esses dias já se passaram à muito, e o que foi bom para o indivíduo pode significar hoje a morte para a comunidade civilizada. Não é assim?

Os olhos sérios e enormes do Papai se lançaram por sobre todo o círculo de rostos em suspenso, porém nenhum deles enfrentou o seu olhar. Por alguma razão, todos nos sentíamos culpados, mesmo que muitos nem sequer haviam nascido quando houve a guerra.

— Ganhamos a guerra, porém na verdade não é uma vitória se não tirarmos uma lição disso. Os do outro lado poderiam ter descoberto primeiro a Arma Definitiva, e se fosse o caso, teríamos sido nós quem estaríamos agora mortos e desaparecidos, e isso vocês não devem esquecer nunca. O que preservou a nossa cultura e destruiu a deles foi somente um azar histórico. Se esse acidente do destino pode possuir agora qualquer significado para nós, deve ser o de aprender um pouco de humildade com ele. Não somos deuses e nem somos perfeitos... E devemos portanto, abandonar o combate como forma de decidir as diferenças humanas. Eu estive ali e ajudei a matá-los e sei do que falo.

Depois disso vem o momento que todos estão esperando e todos contemos o fôlego, tensos.

— Aqui está — diz Papai, levantando-se e abrindo os braços ao longo de toda a parede. — Esta é, a

arma que faz chover a morte à distância, a Arma Definitiva.

Papai brande o arco sobre a sua cabeça, parecendo uma figura bem mais dramática na luz do fogo, sua sombra alarga-se pela cova e sobre a parede. Mesmo a menor das crianças deixa de coçar as suas pulgas por debaixo das peles que os cobrem e espera abobado.

— O homem com a clava, a faca de pedra ou a lança nada pode contra o arco. Ganhamos nossa guerra e devemos usar esta arma somente para a paz, somente para matar o alce e o mamute. Este é o nosso futuro.

Sorri enquanto deposita cuidadosamente o arco de volta ao seu suporte.

A prática de uma guerra é uma coisa demasiado terrível agora. A era da paz eterna está começando.

O AUGUE DA BOSTA DE VACA – Damon Knight



O carro grande e reluzente freou com um zumbido de turbinas, levantando uma nuvem de pó. O cartaz sobre a venda, na beira da estrada, dizia: Cestos. Curiosidades. Um pouco mais adiante, outro cartaz, sobre uma construção rústica com fachada de vidro, anunciava. Cafeteria de Crawford. Prove Nossas Tortas. Atrás deste lugar havia um pasto, com uma granja e um pequeno silo a certa distância da estrada.

Os dois extraterrestres olharam tranquilamente os cartazes. Ambos tinham a pele lisa e avermelhada, e os pequenos olhos amarelos. Vestiam roupas cinza de tweed. Seus corpos tinham forma quase humana, porém não deixavam ver o queixo, que cobriam com um lenço alaranjado.

Martha Crawford apressou-se em sair de casa para atender o posto dos cestos, secando as mãos no avental. Logo atrás apareceu Llewellyn Crawford, seu marido, mastigando pipocas.

— Senhor, Senhora? — perguntou nervosamente Martha. Com um olhar ela pediu ajuda a Llewellyn, que colocou a mão em seu ombro. Nenhum deles havia visto até então um alienígena tão de perto.

Um dos extraterrestres, ao ver os Crawford por detrás do balcão, desceu do carro devagar. O homem, ou o que fosse, fumava um cigarro através de uma abertura em seu lenço.

— Bom dia — saudou a senhora Crawford, nervosa. — Cestos? Curiosidades?

O extraterrestre piscou com solenidade. O resto do seu rosto não mudou. O lenço lhe ocultava o queixo e a boca, se é que as tinha. Alguns diziam que os extraterrestres não tinham queixo, outros diziam que tinham em seu lugar algo tão repelente e atroz que nenhum ser humano poderia suportar o espetáculo. As pessoas os chamavam "hercus", porque vinham de um lugar chamado Zera Herculis.

O hercu olhou um tempo os cestos e as bugigangas expostas na vitrine, sem deixar de fumar seu cigarro. Logo, com uma voz confusa mas compreensível, disse:

— Que é isso?

Assinalava para baixo com a mão calosa, de três dedos.

— O indiozinho? — perguntou Martha Crawford, com uma voz que terminou num gemido. — Ou o calendário de casca de bétula.

— Não, isso — disse o hercu, voltando a sinalizar para baixo. Desta vez os Crawford se assomaram por cima do balcão e viram que o que ele indicava era uma forma cinzenta, chata e redonda que estava no chão.

— Isso? — perguntou ainda em dúvida Llewellyn.

— Isso.

Llewellyn Crawford sorriu.

— Bom... isso é uma bosta de vaca. Uma das vacas se separou ontem do rebanho, e deve ter feito isso aqui sem que eu me desse conta.

— Quanto vale?

Os Crawford olharam o homem, ou o que fosse, sem compreender.

— Quanto vale o que? — perguntou por fim Llewellyn.

— Quanto vale — rosnou o extraterrestre — a bosta de vaca?

Os Crawford se olharam.

— Eu nunca ouvi... — começou a dizer Martha em voz baixa, porém o seu marido a fez calar.

Llewellyn pigarreou.

— Que lhe parece uns dez cem... Bom, não quero engana-los... Que lhe parece vinte e cinco centavos?

O extraterrestre puxou uma bolsa enorme repleta de moedas e deixou vinte e cinco centavos sobre o mostrador, e murmurou algo à sua companheira.

Esta saiu do carro com uma caixa de porcelana e uma pá com o cabo de ouro. Com a pá, a mulher, — ou seja lá o que for — recolheu cuidadosamente a bosta e a depositou na caixa.

Ambos os extraterrestres entraram rapidamente em seu carro e arrancaram com um zumbido de turbinas e uma nuvem de pó.

Os Crawford viram como eles se afastaram, logo olharam o brilhante quarto de dólar que havia sobre o mostrador. Llewellyn o recolheu e o fez saltar na palma da mão.

— Bom... que te parece? — sorriu.

Toda essa semana as estradas estiveram lotadas de extraterrestres com seus largos e reluzentes automóveis. Iam a todas as partes, viam tudo, e a tudo pagavam com moedas recém-cunhadas e com notas estalando de novas.

Haviam pessoas que falavam mal do governo por os ter deixado entrar, porém beneficiavam o comércio e não causavam nenhum problema. Alguns deles se proclamavam turistas, outros estudantes de sociologia em viagem de estudos.

Llewellyn Crawford foi até o pasto vizinho e recolheu quatro bostas para depositá-las perto da vitrine. Quando veio o próximo hercu Llewellyn pediu, e obteve, um dólar por cada uma.

— Mas porque eles querem isso? — gemia Martha.

— O que nos importa? — dizia seu marido. — Eles as querem e nós as temos! Se Ed Lacey voltar a chamar por causa desse assunto da hipoteca, diga-lhe que não se preocupe.

Esvaziou todas as prateleiras e exibiu nelas a sua nova mercadoria. Subiu o preço para dois dólares, logo cinco.

No dia seguinte mandou escrever um novo cartaz: BOSTAS.

Uma tarde de outono, dois anos mais tarde, Llewellyn Crawford entrou na sala, jogou o chapéu num canto e se deixou cair em uma cadeira. Por cima dos óculos olhou o enorme objeto circular — magnificamente pintado com anéis concêntricos de azul, laranja e amarelo — que estava sobre a estante. Um observador casual poderia ter considerada uma peça de museu, uma genuína bosta de concurso pintada no planeta Herculis; porém na realidade quem havia montado e pintado foi a senha Crawford, seguindo o exemplo de muitas damas contemporâneas com pretensões artísticas.

— O que te passa, Lew? — perguntou a senhora Crawford com apreensão. Estava de penteado novo e vestia um vestido feito em Nova Iorque, porém parecia alterada e ansiosa.

— O que passa, que passa! — resmungou Llewellyn. — Este velho Thomas está louco, isso é o que passa. Quatrocentos dólares a cabeça! Já não posso comprar vacas por um preço decente.

— Mas Lew, já temos sete rebanhos, não é assim? Além disso...

— Necessitamos mais para enfrentar a demanda, Martha — disse Llewellyn, incorporando-se. — Meu Deus, pensei que você tinha percebido. A bosta tipo rainha já está em quinze dólares, e não temos quantidades suficientes, e a Imperador já chega a mil e quinhentos. Se teremos a sorte...

— É curiosos, mas nunca nos ocorreu pensar que houvessem tantas classes de bostas — disse Martha, nostalgicamente. — A Imperador... é essa que tem uma espiral dupla?

Llewellyn pegou uma revista, com um grunhido.

— E se pudéssemos mudar um pouco a...

Os olhos de Llewellyn se iluminaram.

— Muda-las? — exclamou. — Não... já tentaram. Li aqui mesmo, ontem.

E mostrou um exemplar de O Bostero Norte Americano, começando a folhear as páginas brilhantes.

— Bostagramas — leu em voz alta. — Como conservar as bostas. A leiteria: um proveitoso negócio lateral. Não. Ah, aqui está. O fracasso das bostas falsas. Olhe, aqui diz que um tipo de Amaredo conseguiu uma Imperador e fabricou um molde de gesso. Depois colocou no molde um par de bostas comuns... aqui diz que eram tão perfeitas que ninguém notava a diferença. Mas os hercus não compraram. Eles percebiam.

Fechou a revista e voltou a contemplar os estábulos pela janela traseira.

— Ali está outra vez esse idiota no pátio! Por que não trabalha?

Llewellyn empertigou-se, abriu a cortina e gritou:

— Ei, Delbert! Delbert! — e aguardou. — E ainda por cima é surdo — resmungou.

— Eu irei avisar que você está chamando... — começou a dizer Martha, tirando o avental.

— Não, deixa... eu vou. Tem que estar o tempo todo em cima deles.

Llewellyn saiu pela porta da cozinha e cruzou o pátio até onde estava um jovem magricela, sentado em uma carroça, comendo preguiçosamente uma maçã.

— Delbert! — disse Llewellyn, exasperado.

— Ah... olá, senhor Crawford — disse o jovem, sorrindo e mostrando um buraco nos dentes. Deu um último mordisco e jogou o caroço da maçã. Llewellyn o seguiu com os olhos. Como lhe faltavam os dentes da frente, os caroços de maçãs que cuspiam Delbert não se pareciam a nada neste mundo.

— Por que não leva as bostas para a vitrine? — perguntou Llewellyn. — Não te pago para que fique sentado na carroça, Delbert.

— Levei algumas esta manhã — disse o rapaz. — Mas Frank me disse para as trazer de volta.

— Frank o que?

Delbert fez um sinal afirmativo.

— Me disse que havia vendido somente dois. Pergunte a ele se eu estou mentindo.

— Agora mesmo — grunhiu Llewellyn. Girou sobre o calcanhar, e voltou a cruzar o pátio.

Na estrada havia parado um carro grande, perto da vitrine, logo atrás de uma caminhoneta bem amassada. Arrancou quando Llewellyn se aproximava, e neste momento chegou outro. Quando Llewellyn estava chegando ao balcão, o extraterrestre voltou ao automóvel, que saiu logo em seguida.

Restava somente um cliente, um outro granjeiro de costeletas grandes com camisa xadrez. Frank, que atendia o balcão, se apoiava comodamente no cotovelo. Nas suas costas, as prateleiras estavam repletas de bostas.

— Bom dia, Roger — disse Llewellyn com fingido prazer. — Como anda a tua família? Que te vendemos, uma linda bosta?

— Bom, não sei — disse o homem das costeletas, coçando o queixo. — Minha mulher gostava desta — ele apontou para um enorme e simétrica que estava em uma estante no centro. — Mas com esses preços...

— Mais barato não posso, Roger. É todo um investimento — disse enfaticamente Llewellyn — Frank, o que comprou este último hercu?

— Nada — disse Frank. Do rádio portátil no seu bolso saía um persistente zumbido musical. — Tirou uma foto da venda e se foi...

— Bom, e o anterior?

Se ouviu um zumbido de turbinas, e um automóvel grande e reluzente freou às suas costas. Llewellyn voltou-se. Os três extraterrestres do carro usavam chapéus roxos de feltro, coberto de cômicos botons, e levavam insígnias de Yale. Tinham os ternos cinzas de tweed cobertos de confetes.

Um dos hercus saiu e se aproximou do posto, fumando um cigarro por uma abertura do lenço laranja.

— Sim, senhor? — disse em seguida Llewellyn, unindo as mãos e inclinando-se levemente para frente.

— Uma linda bosta?

O extraterrestre olhou os objetos cinzentos que estava nas prateleiras; piscou os olhos amarelos, e fez um ruído curioso com a garganta. Depois de um instante, Llewellyn decidiu que isso era uma rizada.

— Qual é a graça? — perguntou, enquanto o seu sorriso se desvanecia.

— Nada — respondeu o extraterrestre. — Estou rindo porque estou feliz. Amanhã volto para casa... nossa viagem de estudos terminou. Posso tirar uma foto da loja?

E já tirou uma pequena câmera com uma garra purpura.

— Bom, creio que... — disse Llewellyn com a voz vacilante. — Enfim, você disse que regressa? Quero dizer que vão todos? E quando voltarão por aqui?

— Nunca — respondeu o extraterrestre; apertou a câmera, tirou a foto, olhou, murmurou algo e a guardou.

— Os agradecemos por essa interessante experiência. Adeus.

Deu meia volta e regressou ao carro. O veículo se afastou envolto em uma nuvem de pó.

— Toda a manhã foi assim — disse Frank. — Não comprem nada... O único que fazem é tirar fotos.

Llewellyn começa a ficar nervoso.

— Será que falam sério? E vão todos?

— Assim anunciou na rádio — respondeu Frank. — E Ed Coon voltou de Hortonville e esteve aqui de

manhã. Disse que não havia vendido nem uma bosta deste anteontem.

— Bom, não intendo — disse Llewellyn. — Não podem ir assim... — Suas mãos tremiam. Colocou-as no bolso. — Olhe Roger — disse ao homem das costeletas. — Quanto pagaria por esta bosta?

— Bom...

— Vale dez dólares, sabe? — disse Llewellyn, acercando-se. Em sua voz havia agora solenidade.

— É uma bosta de primeira, Roger.

— Eu sei, mas...

— Que te parece sete e meio, hein?

— Em fim, não sei. Poderia pagar... digamos cinco dólares.

— Vendida. Embrulhe, Frank.

Olhou como o homem das costeletas levava o seu troféu para a caminhoneta.

— Liquidação, Frank — disse com a voz fraca. — Consiga o que puder...

Finalmente o longo dia havia terminado. Abraçados, Llewellyn e Martha Crawford olhavam os últimos clientes que deixavam a loja das bostas. Frank limpava as prateleiras. Delbert, encostado no balcão, comia uma maçã.

— É o fim do mundo, Martha — disse Llewellyn, condoído e com lágrimas nos olhos. — Bostas da melhor qualidade vendidas por míseros centavos!

As luzes de um automóvel grande e chato perfuraram a penumbra. Se deteve na entrada da venda: dentro do carro se viam duas criaturas verdes vestindo impermeáveis escuros; através de duas aberturas nos seus chapéus chatos e azuis apareciam uma antenas emplumadas. Uma das criaturas desceu e foi entrando na loja, com movimentos estranhos e acelerados. Delbert, boquiaberto, deixou cair o caroço da maçã.

— Serpos! — sussurrou Frank, inclinando-se até Llewellyn. — Escutei na rádio que já chegaram. A rádio diz que são de Gamma Serpentis.

A criatura verde examinava as prateleiras meio vazias. Um sobrelance se moviam acima dos olhos brilhantes.

— Bostas, senhor... senhora? — perguntou nervosamente Llewellyn. — Não temos muitas, mas...

— O que é isso? — perguntou o serpo com um sussurro mostrando algo no chão com a garra.

Os Crawford olharam. O serpo mostrava uma coisa amorfa e nodosa perto da bota de Delbert.

— Isso? — perguntou Delbert, renascendo. — Isso é um caroço de maçã. — Olhou Llewellyn, e a luz da inteligência parecia avivar-lhe os olhos. — Me demito, senhor Crawford — disse, pronunciando as palavras com clareza, e logo se virou para o extraterrestre. — É um caroço de maçã Delbert Smith — esclareceu.

Llewellyn, estupefato, viu como o serpo puxa a carteira e dá um passo adiante. O dinheiro trocou de mãos. Delbert pegou outra maçã e começou, com muito entusiasmo, a trabalhá-la.

— Olha, Delbert — disse Llewellyn, afastando-se de Martha; sua voz tremia e garganta estava seca. — Me parece que temos aqui um bom negócio. Se fosse esperto você alugaria esta loja...

— Não, senhor Crawford — disse Dilbert com indiferença, com a boca cheia de maçã. — Imagine: vou para o meu tio que tem um pomar...

O serpo olhava e girava o caroço de maçã e emitia uns gritinhos agudos de admiração.

— Você sabe, tem que se estar perto da fonte de abastecimento — disse Delbert, balançando seriamente a cabeça.

Llewellyn sentiu que lhe puxavam a manga. Voltou-se: era Ed Lacey, o banqueiro.

— Que passa, Lew? Estive tentando falar contigo toda a tarde, mas o teu telefone não respondia. É sobre o assunto daquela garantia sobre os empréstimos...

UM ASSASSINATO, UM MISTÉRIO E UM CASAMENTO – Mark Twain

MARK TWAIN: UM AUTOR CLÁSSICO QUE GOSTAVA DE INVENTAR

Ana Maria Machado

Há alguns escritores que são considerados clássicos. Quer dizer, nunca saem de moda. São sempre interessantes, e mesmo que a gente leia e releia os livros deles muitas vezes, acaba sempre encontrando alguma coisa nova. No Brasil, por exemplo, o grande clássico da literatura infanto-juvenil é Monteiro Lobato. Nos Estados Unidos, é Mark Twain.

Quando Mark Twain nasceu, em 1835, numa cidadezinha à margem do Mississipi — o maior rio da América do Norte —, ninguém podia imaginar que aquele menino um dia iria ser um grande autor de livros para jovens. Até mesmo porque não existia esse conceito de literatura infantil e juvenil. No máximo, as crianças ouviam e liam contos de fadas, cantigas e fábulas ou histórias que ensinassem uma lição. Mas alguma história divertida, passada numa realidade próxima dos leitores, com personagens semelhantes a eles? Isso era coisa que ainda precisava ser inventada.

Pois Mark Twain ajudou a inventar. Aliás, ele era mesmo um pioneiro, um grande inventor de moda. Não só porque foi o primeiro escritor em toda a história a mandar para uma editora os originais de um livro todo datilografado, numa época em que todo mundo escrevia à mão, mergulhando a pena da caneta num tinteiro. A invenção principal de Mark

Twain foi muito mais importante. Muitos escritores respeitadíssimos — como Ernest Hemingway, que mais de um século depois ganharia o Prêmio Nobel de Literatura — garantem que toda a literatura norte-americana começou mesmo foi com os livros de Mark Twain, porque ele era capaz de observar bem a paisagem, as pessoas, as situações à sua volta, e contar tudo o que via em seus livros. Mas também tinha outra coisa, muito importante num escritor: o estilo, a maneira de escrever. Ele usava a linguagem de uma forma em que as pessoas se reconheciam, porque era do jeito mesmo que elas falavam todo dia nos Estados Unidos e não com os termos difíceis que os escritores da Inglaterra usavam e as escolas ensinavam.

Mais ou menos como se fazia no Brasil nesse tempo, em que queriam que a gente copiasse a linguagem de Portugal, igualzinha, já pensou? Ainda bem que sempre apareceu algum escritor para ajudar a dar um jeito nisso.

Mas, na infância do menino Samuel Clemens (que depois ia inventar um nome novo, Mark Twain), nada indicava que ele ia ser escritor nem famoso. Era um menino comum, que dividia o seu tempo entre as brincadeiras, os amigos, a casa e o colégio. No começo da adolescência foi que a vida lhe deu um tranco. Quando estava com 12 anos, seu pai morreu, e ele teve que sair da escola para trabalhar e ajudar a sustentar a família. Era o começo de uma longa vida de trabalho, em que teve muitos empregos e profissões diferentes. Em todos eles foi aprendendo alguma coisa que mais tarde usaria em

seus livros. Começou como aprendiz de tipógrafo, para um jornal. Em pouco tempo, inventou de viajar numas barcas enormes, que transportavam carga e passageiros pelo rio. Sua função era procurar pequenas notícias nas diversas paradas da barca, e depois botar no jornal. Como sempre tinha gostado muito de ler, estava acostumado com a escrita e foi desenvolvendo também um jeito de escrever bem. As coisas que ocorriam com os habitantes das pequenas cidades ficavam parecendo acontecimentos interessantes. Sempre que possível, com um toque divertido. É que Mark Twain não seria apenas um ótimo escritor, mas também um grande humorista — mais tarde, fez muito sucesso percorrendo o país em apresentações que lotavam auditórios e levavam a platéia às gargalhadas.

Chegou um momento, porém, em que ele não se satisfazia mais com as viagens nos livros e nas barcas que subiam e desciam o rio. Resolveu ser pintor ambulante e saiu viajando por terra, conhecendo várias cidades do país. Nessa época, ouviu falar no Brasil e resolveu vir para cá, em busca de aventuras e fortuna.

Nas vésperas da viagem, porém, mudou de planos porque encontrou um piloto de barco no Mississipi que lhe ofereceu um emprego que era o seu sonho de menino.

Largou tudo e aceitou: foi ser barqueiro durante seis anos. Conheceu então todo tipo de gente.

Nessa época, os Estados Unidos debatiam a questão da escravidão. Os estados do Norte se industrializavam, precisavam de quem comprasse os produtos que fabricavam, defendiam que os trabalhadores recebessem salários. Por isso entravam em choque com os estados do Sul, que viviam da agricultura baseada no trabalho escravo. O país acabou entrando numa guerra civil. Mark Twain passou uma temporada no Exército, e depois foi para o Oeste, para ver se encontrava ouro. Não achou ouro nenhum, mas comprou parte de uma mina, comerciou com madeira, se meteu em uma porção de coisas diferentes sem conseguir ganhar dinheiro. O jeito de sobreviver era fazer o que sabia: volta e meia escrevia alguma coisa para algum jornal. Uma dessas histórias, de 1867, sobre um concurso de rãs saltadoras num lugarejo perdido do interior, era tão divertida que foi se espalhando de uma cidade para outra. Fez o maior sucesso em todo o país, e ele começou a ser convidado para publicar novos contos e fazer conferências em toda parte, até mesmo na Europa. E virou escritor profissional, podendo viver das histórias que inventava.

A partir desse momento, os livros se sucederam. Vários livros de contos, romances históricos, e os grandes sucessos juvenis, com as aventuras de Tom Sawyer e de Huck, que iriam consagrá-lo para sempre. Histórias que celebravam a liberdade e criticavam a hipocrisia.

Este livro que você vai ler agora é posterior. E é uma novidade. Embora Mark Twain tenha morrido em 1910, esta novela estava inédita até 2001. O manuscrito de “Um Assassinato, um Mistério e um Casamento” ficou perdido por uns tempos e, quando apareceu, teve que passar por uma atribulada luta judicial entre os herdeiros e dois homens que o tinham comprado num leilão.

É uma história muito divertida. A idéia para ela surgiu de uma brincadeira que Mark Twain quis fazer com outros escritores. A proposta era apresentar um resumo do tema para vários deles, e cada um o desenvolveria à sua maneira. Como numa aula de redação. Mas isso acabou não dando certo e só ele escreveu a sua versão, que você agora vai ler. Exatamente como o título promete, é a narrativa de acontecimentos que levam a um casamento, passando por um assassinato e um grande mistério. A história se passa numa cidadezinha do interior americano, entre criadores de porcos e velhos rabugentos ou gananciosos. Trata do romance entre dois jovens e dos problemas trazidos por um forasteiro que ninguém sabe de onde veio nem como chegou ali de repente, sem nenhuma condução

que o transportasse.

O mistério é intrigante e a gente fica lendo rápido, sem conseguir parar, querendo descobrir a solução logo, mas sem conseguir imaginar qual pode ser.

Além de a própria história ser interessante, com personagens que parecem gente de verdade, ainda há outro aspecto delicioso. É que Mark Twain adorava ler, como já vimos. Em vários de seus livros, ele gosta de brincar com o que tinha lido nas obras de outros escritores, fazendo referências a outros livros e a personagens criados pela imaginação de outros autores. Hoje em dia isso não é muito surpreendente, é até mesmo uma característica da literatura atual. Tem gente que chama de intertextualidade, porque é uma espécie de conversa entre textos. Muito moderno. Mas, na época de Mark Twain, fazer isso era espantoso. Foi outra das coisas que ele ajudou a inventar.

Neste livro, o autor com que ele resolve brincar é o francês Júlio Verne, outro clássico da literatura juvenil, autor de “A Volta ao Mundo em 80 Dias” e muitos outros livros. E, pelo jeito, Mark Twain não gostava muito dele. Implicava, mesmo. Achava que seu colega francês era um exagerado e tinha vontade de mandá-lo para o inferno. Mas sempre sem xingar, com muita elegância, com seu senso de humor muito especial. Leia com atenção e veja se você descobre, no final, as pistas dessa má vontade de Mark Twain em relação a Júlio Verne. E depois responda: será que o título do livro está certo ou na verdade são dois assassinatos?

I

Nos confins de um vilarejo remoto e distante, no sudoeste do estado de Missouri, vivia um velho fazendeiro chamado John Gray. O vilarejo se chamava Deer Lick. Era um povoado desgarrado e sonolento, com uns 600 ou 700 habitantes.

Essas pessoas sabiam, de um modo vago, que lá fora, no vasto mundo, havia coisas chamadas ferrovias, barcos a vapor, telégrafos e jornais, mas não tinham travado nenhum conhecimento direto com elas, nem mostravam por esses itens maior interesse do que o que tinham pelos problemas da lua. Seus corações estavam totalmente, voltados para porcos e milho. Os livros usados na primitiva escola da aldeia tinham servido a mais de uma geração. O idoso ministro presbiteriano, reverendo John Hurley, ainda tratava do fogo e do enxofre de uma teologia obsoleta. Até mesmo o corte das roupas das pessoas não mudara até onde qualquer memória humana pudesse alcançar¹⁴¹.

John Gray, aos 55 anos, tinha exatamente a mesma situação econômica de 30 anos antes, quando herdara sua fazendola. Trabalhando muito, a duras penas conseguia sobreviver com sua terra. Por mais que se matasse de esforço, jamais conseguira passar disso. Tivera ambições em matéria de riqueza, mas a esperança de adquiri-la por meio da labuta de suas mãos fora gradualmente morrendo, e ele se transformara num homem desanimado e lamuriendo. Restava-lhe apenas uma chance, uma única. Ou seja, a possibilidade de casar sua filha com um homem rico.

Com satisfação, observava que uma certa intimidade ia surgindo entre Mary Gray e o jovem Hugh Gregory, pois Hugh, além de ser bom, respeitável e trabalhador, ficaria em situação bastante boa na ocasião em que chegassem ao fim os dias de seu pai, já de idade avançada. John Gray encorajava o rapaz, por razões egoístas; Mary o encorajava porque ele era alto, honesto, bonito e de bom coração, e

porque cabelos castanhos avermelhados, cheios de cachos, eram os seus preferidos. Sarah Gray, a mãe, o encorajava porque Mary gostava dele. Estava sempre disposta a fazer qualquer coisa para agradar Mary, porque vivia apenas por meio dela e para ela.

Hugh Gregory tinha 27 anos, Mary tinha 20. Era uma moça gentil, de coração puro e bonita. Cumpria suas obrigações e era obediente, e até mesmo o pai a amava, na medida em que era capaz de amar alguma coisa. Aos poucos, Hugh começou a aparecer todo dia para ver Mary; os dois davam longos passeios a cavalo quando o tempo estava agradável, e de noite tinham conversas confidenciais em voz baixa num cantinho da sala. Os mais velhos e Tom, o irmão caçula de Mary, ficavam junto da lareira e nem reparavam nos dois. O mau humor de John Gray foi amolecendo. Gradualmente foi deixando de resmungar e implicar. Sua fisionomia trancada começou a exibir um certo ar de satisfação. Estava até sorrindo de vez em quando, de uma forma experimental.

Numa tempestuosa noite de inverno, a senhora Gray veio resplandecente para a cama, uma hora depois do marido, e sussurrou: — John, finalmente, as coisas estão seguras! Hugh detonou a pergunta!

John Gray disse:

— Diz de novo, Sally, de novo!

Ela disse de novo.

— Quero me levantar e dar vivas, Sally! É bom demais! Agora quero ver o que Dave vai dizer! Dave pode ir pastar com aquele dinheiro dele, ninguém está ligando...

— Isso mesmo, meu velho, ninguém está ligando. E ainda bem que não está, porque agora mesmo é que seu irmão nunca mais vai nos deixar dinheiro nenhum, porque ele odeia Hugh feito um veneno... desde que ele tentou enganar o pai de Hugh com aquela fazenda de Hickory Flat, e Hugh se meteu no meio e não deixou o negócio ir em frente.

— Não se preocupe mais com nenhum dinheiro de Dave que a gente possa ter perdido, Sally. Desde aquele dia em que eu discuti com Dave, há 12 anos, ele vem me detestando cada vez mais e eu também o detesto cada vez mais. Briga de irmão não passa fácil, minhavelha. Ele não pára de ficar cada vez mais rico e eu vou detestando isso. Eu sou pobre, e ele é o sujeito mais rico do condado... e eu o odeio por isso. Não fique achando que havia a menor chance de Dave nos deixar algum dinheiro.

— Sei lá, ele agradava muito a Mary antes de vocês brigarem, então eu achei que talvez...

— Bobagem! Era só agradinho de solteirão... Nunca ia sair algum dinheiro dali para a Mary, pode ter certeza. E mesmo que fosse sair, agora acaba tudo, como você disse, porque ele jamais daria a ela um centavo em que Hugh Gregory pudesse um dia botar as mãos.

— Dave é mesmo um velho sovina, sempre arruma um jeito de se dar bem. Sabe? Eu gostaria de que houvesse algum outro lugar onde o Hugh pudesse pernoitar quando vem à vila, sem ter que ficar debaixo do mesmo teto que Dave Gray. Bem que o pai de Hugh tentou ver se o Dave mudava o escritório dele e saía de lá, fez o que pôde, mas não teve jeito, e o velho continua alugando o lugar. Dizem que ele está sempre na porta da frente, desde de manhã cedo, prontinho para insultar Hugh, quando o rapaz desce a escada. A senhora Sykes me contou que ouviu Dave insultar Hugh há umas seis semanas, na frente de três ou quatro pessoas que estavam passando. Ela ficou olhando, para ver Hugh partir a cara dele, mas o moço não fez nada. Ele manteve a calma e só disse: "Senhor Gray, um dia desses pode ser a gota d'água!". Dave olhou para ele e zombou: "Ah, é? Você já disse isso antes, por que não faz logo alguma coisa? Pra que ficar só falando, falando?".

— Nós também, minha velha. Vamos tratar de dormir. Mas acho que agora, finalmente, as coisas estão melhorando para o nosso lado. Que Hugh e Mary tenham muita sorte e uma vida longa, nossas crianças, Deus as abençoe.

II

Já eram quase oito horas da manhã do dia seguinte quando o reverendo John Hurley chegou diante do portão de John Gray, apeou do cavalo e subiu os degraus da frente. A família ouviu o barulho das botas batendo no chão, para sacudir a neve, e o senhor Gray lançou um olhar maroto para Mary, dizendo: — Estou achando que Hugh está chegando mais cedo a cada manhã, não é, querida?

Mary ficou vermelha, e seus olhos brilharam de prazer orgulhoso, mas essas coisas não a impediram de voar até a porta para receber... o homem errado. Quando o velho sacerdote foi levado à presença da família, anunciou: — Bem, amigos, tenho uma notícia esplêndida para vocês!

— Tem, é? — falou John Gray. — Pois então trate de dizer logo qual é, porque eu garanto que vou ganhar, com uma notícia ainda melhor que tenho para lhe dar.

Olhou com ar brincalhão para Mary, que baixou a cabeça.

O velho ministro disse:

— Pois bem, a minha boa notícia primeiro, e a sua em seguida. Você sabe que David Gray está já há um mês em South Fork, cuidando da propriedade dele por aquelas bandas. Bom, na outra noite, ele esteve lá na casa de meu filho e, conversa vai, conversa vem, acabou deixando escapar que fez o testamento dele há um ano e está deixando toda a fortuna, até o último centavo... imagine para quem? Para nossa querida Mary aqui presente! E pode ter certeza de que não perdi um minuto, assim que recebi a carta de meu filho. Vim aqui correndo contar para vocês. Porque, afinal, fico me dizendo, uma coisa dessas vai unir para sempre esses irmãos que se afastaram e, com a graça de Deus, estes meus olhos ainda hão de ver os dois em paz e uma vez mais se amando muito. Eu lhe trouxe de volta um amor de sua juventude que você considerava perdido, John Gray. Agora me dê uma notícia ainda melhor, se for capaz! Vamos, me conte as novidades!

Toda a animação desaparecera do rosto de John Gray. Ficara com uma expressão dura, perturbada, aflita. Quem visse até podia pensar que tinha acabado de saber de uma calamidade arrasadora. Ficou mexendo os dedos na própria roupa, evitando os olhos inquisidores pousados nele, enquanto tentava gaguejar alguma coisa e não conseguia. A situação já estava ficando embaraçosa. Para aliviá-la, a senhora Gray veio em seu socorro, dizendo:

— A nossa boa notícia é que a nossa Mary...

— Segure a língua, mulher! — gritou John Gray.

A pobre mãe se encolheu, muda. Mary ficou confusa e silenciosa. O jovem Tommy Gray se afastou, recuando, como costumava fazer quando o temperamento do pai explodia. Não havia nada a dizer. Por conseguinte, ninguém disse nada. Ficou um silêncio constrangedor durante alguns momentos, e, em seguida, o velho pastor retirou-se do local com tão pouca graça e tão pouco à vontade quanto seria possível a qualquer outro homem que tivesse levado um chute quando esperava um cumprimento.

John Gray ficou andando de um lado para o outro por uns dez minutos, passando a mão pelos cabelos e resmungando consigo mesmo, meio selvagem.

Depois se virou para a mulher e a filha, amedrontadas, e disse: — Escutem bem: quando o senhor Gregory vier para saber da resposta, digam a ele que é “não”! Ouviram bem? Digam que é não! E se não tiverem coragem de dizer a ele que prefiro que nunca mais apareça por aqui, podem deixar que eu mesmo digo. Eu digo.

— Pai, não é possível que você esteja querendo dizer que...

— Nem uma palavra, Mary. Eu vou mesmo dizer... Ponto final. E não se fala mais no assunto.

Encerrando a conversa, saiu pela porta afora, deixando Mary e a mãe em prantos e de coração partido. Era uma manhã clara de inverno. A pradaria plana que se estendia da casa de John Gray até o horizonte era um assoalho macio e branco de neve. Estava intacta como a tempestade da noite anterior a deixara — imaculada, sem nenhum tipo de pegada ou rastro.

John Gray saiu fazendo seu caminho pela neve, direto para a pradaria, sem notar que direção tomava, nem se incomodar com isso. Seus pensamentos seguiam mais ou menos esta linha:

"Tinha que ser assim, com a sorte que eu tenho! Uma coisa dessas “tinha” que aparecer justamente no momento mais errado, é claro! Mas não é tarde demais, não é tarde demais ainda! Dave logo vai ficar sabendo que não tem nenhuma base nessa conversa sobre Mary e Gregory — se é que ele já ouviu falar nisso, mas sei que não ouviu, porque, se soubesse, ele a tinha tirado do testamento no mesmo minuto. Não, ele só vai ficar sabendo é que ninguém da tribo dos Gregory pode ter a Mary, nem mesmo olhar para ela. Uma coisa boa é que ela nunca vai ser capaz de dizer sim para ele nem para nenhum outro homem, enquanto não souber que eu estou de acordo. Vou cortar as asas desse senhor Gregory, e é para já! E posso muito bem espalhar isso logo para todo mundo. Imaginem, se o dinheiro de Gregory pode se comparar com o de Dave! Dave pode comprar todos os Gregorys 20 vezes, e ainda ficar com um dinheirão. É só se espalhar a notícia de que Mary vai herdar a fortuna de Dave e ela pode escolher quem quiser, nos seis condados em volta. Ei! O que é isso?"

Isso era um homem. Um jovem, com menos de 30 anos, pela aparência, vestido numa roupa fora do comum, estirado no chão sobre a neve. Imóvel.

Evidentemente, estava... sem sentidos. Seus trajes tinham o aspecto de coisa muito cara e estava cheio de jóias e enfeites. Perto dele havia um casaco de pele, pesado, e alguns cobertores. A uma pequena distância, uma valise. Em volta do corpo, a neve estava um pouco revirada, mas em todos os outros lugares continuava lisinha. John Gray olhou em torno, procurando o cavalo ou o veículo que tinha trazido o estranho, mas não havia nada de parecido à vista. Mais que isso: não havia rastros ou marcas de rodas, montaria ou de qualquer pessoa, a não ser as que ele mesmo deixara ao vir de casa. Era mesmo um espanto. Como esse estranho chegara até ali, a mais de 400 metros de uma estrada ou casa, sem romper a neve ou deixar pegadas?

Será que o furacão o trouxera pelos ares até aquele lugar?

Mas não era hora de ficar investigando detalhes: algo tinha que ser feito.

John Gray pôs a mão no peito do forasteiro: ainda estava quente. Começou a friccionar as têmporas geladas. Puxou e virou o paciente, e esfregou neve no rosto dele. Alguns sinais de vida foram começando a aparecer. O olhar de John Gray bateu num frasco de prata, caído na neve junto aos cobertores. Pegou-o e derramou parte do conteúdo entre os lábios do estranho. O efeito foi animador: o homem se mexeu um

pouquinho e deixou escapar um suspiro. John Gray continuou com seus esforços: ergueu o homem até deixá-lo sentado e, em pouco tempo, os olhos fechados se abriram e contemplaram o que estava em volta, com uma expressão ofuscada e opaca. Em seguida, detiveram-se um momento sobre o rosto de John Gray, e um pouco mais de vida apareceu neles.

"Seria bom que ele falasse...", murmurou John Gray consigo mesmo. "Estou louco para saber quem é esse sujeito e como é que ele veio parar aqui. Ótimo... vai falar."

Os lábios se afastaram e, após o esforço de uma ou duas tentativas difíceis, saíram deles estas palavras:

— “*Où suis-je*”^[5]?

A expectativa ansiosa dos olhos de John Gray se apagou, deixando seu rosto vazio. Estava seriamente desapontado.

"Que droga de língua é essa?", falou com seus botões.

Apressou a volta do outro à consciência com mais um gole do frasco. Os belos olhos do estrangeiro pousaram perplexos em John Gray por um momento, e depois se seguiu esta pergunta:

— “*Wo bin ich*”^[6]?

John Gray ficou olhando com ar estúpido, e sacudiu a cabeça: "Não é um cristão", pensou. "Pode ser que nem seja humano. Se não fosse pelo jeito que está arreado, eu até diria que o caso é esse mesmo, mas..."

— “Donde estoy? Dove sono? Gdzie já jestem”^[7]” Uma expressão dolorosamente aborrecida estendeu sua amplidão branca sobre o rosto de John Gray e o estrangeiro percebeu, com evidente frustração, que mais uma vez não conseguira se fazer entender. Fez força para ficar de pé e acabou de minar a já combalida razão de John Gray com uma série de sinais graciosos mas complexos, que foi buscar na linguagem dos surdos-mudos. Depois, começou a ralar com Gray, numa língua estrangeira particularmente bárbara, censurando-o por estar ali à toa com aquela cara de idiota, quando devia estar se mexendo e fazendo tudo o que pudesse para ajudar um infeliz forasteiro. Pela primeira vez, Gray falou em voz alta:

— Deus do céu, o homem finalmente acordou! E acordou por completo desta vez! Não tem dúvida nenhuma...

— Ah, você é inglês! Inglês! Que bom! Por que não disse logo? Vamos, me estenda a mão! Ajude-me a levantar! Ainda valho por uns dez mortos, vamos! Me bata, me esfregue, me chute! Me dê uma bebida!

Espantado, o fazendeiro obedeceu às ordens vigorosamente, esporeado pelo tom dominador do estrangeiro. Enquanto isso, a língua do paciente continuava correndo solta, às vezes em um idioma, às vezes em outro. Finalmente, ele conseguiu dar um ou dois passos apoiado em Gray, depois parou e perguntou, em inglês:

— Meu amigo, onde estou?

— Onde o senhor está? Ora essa, está no meu pasto, na pradaria, nos arredores de Deer lick. Onde pensou que pudesse estar?

— Pradaria? Deer lick? — repetiu o estranho, intrigado.

— Não conheço. Em que país eu estou?

— Em que “país”? Ora essa, onde já se viu? O senhor não está em “nenhum” país, está é no Missouri. E é o estado mais importante da América, eu acho.

O forasteiro apoiou as mãos nos ombros de John Gray, numa pose solene, manteve-o à distância de um braço por um momento, olhou-o firme nos olhos, e depois sacudiu a cabeça umas três vezes, com ar satisfeito.

Uma hora depois, estava numa cama na casa de John Gray, virando-se de um lado para o outro num sono inquieto, ardendo em febre e murmurando sem parar umas palavras entrecortadas em quase todas as línguas, menos inglês. Mary, a mãe e o médico do vilarejo cuidavam dele zelosamente.

III

Pulamos seis meses e continuamos com nossa história.

O velho pastor tentara muito unir os dois irmãos, mas não conseguira. David Gray recusara-se terminantemente a fazer ou aceitar qualquer abertura. Disse que não tinha nenhum afeto por ninguém da família do irmão exceto Mary.

Mary Gray se permitira uma escapadela fortuita para uma conversa com Hugh Gregory, simplesmente para garantir a ele que, qualquer que fosse o dever que seu pai a obrigasse a cumprir, seu amor por Hugh permaneceria intacto, inalterável, enquanto vivesse. Houve uma troca de retratos e madeixas de cabelos, uma despedida dolorosa e, com isso, um final. Os namorados trocavam olhares na igreja e em outros lugares de vez em quando, mas nunca trocavam palavra. Ambos pareciam apáticos e cansados da vida^[8].

Enquanto isso, o estranho adquirira grande proeminência. Estabelecera-se como professor de línguas, música e um pouquinho de tudo aquilo que era novo e maravilhoso para aquela comunidade perdida no interior. Durante algum tempo, continuou misteriosamente calado sobre sua origem. Mas gradualmente deixou escapar uma ou outra palavra nos ouvidos dos Gray enquanto estava convalescendo.

Depois que ficou bom, suas visitas à casa eram freqüentes e bem recebidas, pois tinha uma certa graça de postura típica dos bem nascidos, que causava inveja e admiração a todos, e também uma língua capaz de fascinar uma imagem de pedra.

Atraía as atenções de Mary Gray por sua gentileza, suas maneiras cheias de consideração, sua pureza de sentimentos, sua vasta cultura, sua adoração por poesia. Os velhos ficavam encantados com o respeito, na verdade a reverência, que marcava sua conduta em relação a eles. Estava sempre surpreendendo o menino Tom com maravilhosas invenções em matéria de brinquedos científicos, e por isso o garoto era seu aliado fiel. Gota a gota, o senhor George Wayne — pois assim se chamava — foi-se revelando confidencialmente aos velhos, e estes confidencialmente passaram os fatos a seus amigos particulares, que imediatamente os distribuíram confidencialmente pela comunidade como um todo^[9].

Um dia, a senhora Gray trouxe novidades quando foi para a cama. Disse: — John, tive uma conversa com o senhor Wayne! O que você acha disso? Mas escute, não diga nada a ninguém.. nem uma palavra, ouviu?.. não deixe escapar nada nem para ele mesmo... porque ele disse que não queria que ninguém ficasse sabendo.

— Desembuche logo, sua boba, desembuche! Não vou contar para ninguém.

— Bom, você sabe que ele sempre se fechou em copas toda vez que alguém perguntava de que país ele era... Às vezes a gente achava que ele era italiano, depois achamos que era espanhol, e uma ocasião até

pensamos que fosse árabe. Mas não é. É francês. Ele mesmo me contou. E não é só isso, de jeito nenhum. A família dele é muito rica e poderosa.

— É mesmo? Eu bem que desconfiava. Sempre disse isso cá comigo.

— E isso não é tudo. O pai dele é nobre.

— Não!

— Verdade! E ele é nobre também.

— Céus!

— Tão verdade quanto você estar aqui deitado. Ele garantiu. É conde! Imagine só!

— Puxa! Mas então, por que saiu de casa?

— Deixa eu contar, vou chegar lá. O pai queria que ele se casasse com uma moça muito importante, por causa da riqueza dela e da família. Mas ele não queria. Disse que só se casaria por amor, ou então ficaria solteiro. Aí os dois discutiram.. Também houve uma coisa qualquer de política misturada. Ele era contra o rei, ou o imperador, sei lá, e descobriram, e ele teve que sair do país. Ele não pode voltar para lá durante dois anos... até que passe o tempo da lei... que é para não ser mandado para a prisão e ainda ter que pagar um dinheirão.

O senhor Gray se sentou na cama, animadíssimo: — Minha velha, quero cair aqui mortinho se eu já não me disse umas 40 vezes: "Esse cara na certa é um rei ou alguma coisa assim.." E é mesmo, Deus do céu! Eu sabia! Alguma coisa estava me dizendo isso o tempo todo. Mas isto é uma sorte!

— Bem, de minha parte, eu sempre achei também que tinha alguma coisa fora do comum e importante a respeito dele.

— Velha — disse ele, abaixando a voz —, você não reparou? Ele está de olho na nossa Mary. Vai dizer que você não sabia?

— Bom, já que você falou nisso, eu meio que tinha achado, às vezes... mas ele sendo tão importante assim, e tão rico...

— Não ligue para essas coisas. Ele não disse ao pai que jamais ia se casar se não fosse por amor? Pois então. Trate de apoiá-lo, é só isso. E eu vou cuidar do assunto, pode apostar.

— Mas, marido, ela mal está se recuperando do coitado do Hugh... e se pudesse “mesmo” ser verdade, eu preferia que...

— O coitado do Hugh que se enforque! Daquele ela escapou por pouco. Na última hora. Você quer fazer tudo o que puder para sua filha, não é? Pois eu também. Imagine só, ela sendo a esposa de um nobre como esse! Não sabe que ela não vai ficar se lembrando por muito tempo do Hugh Gregory?... Mas é claro... Me diga uma coisa: qual é o “verdadeiro” nome dele?

— Pelo amor de Deus, marido, você não pode contar a ninguém. É conde Hubert dee Fountingblow. Não é um nome lindo?

— Claro que é! Imagine se eu não ia gostar de ter um nome desses. John Gray! Meu nome não vale nada. Escute aqui, Sally, não deixe escapar nem uma palavra sobre essa história dele ser conde. Nem uma palavra, está ouvindo? Tudo quanto é moça, num raio de 60 quilômetros, ia ficar atrás dele.

Conversaram um pouco mais. Depois, aos pouquinhos, a conversa foi mudando e caindo na relação do conde com Hugh Gregory. Parecia que os dois tinham ficado bem amigos e se visitavam com frequência.

A senhora Gray contou que ouvira dizer que o conde já tentara várias vezes fazer as pazes entre Hugh e o velho David Gray, mas nunca conseguira. David tinha gostado do conde e gostava de recebê-lo no escritório para conversar, mas continuava firme em sua recusa de aceitar o jovem Gregory.

Pouco a pouco, o senhor e a senhora Gray foram parando de conversar e começaram a cair no sono. Nesse ponto, John Gray se levantou de repente e cochichou no ouvido da mulher, com voz rouca: — Escute aqui, Sally, tem mais uma coisa. Desde o dia em que eu encontrei o senhor Fountingblow lá jogado na neve, todos nós ficamos em cima dele, de um jeito ou de outro, para descobrir como é que ele tinha chegado lá sem deixar pegadas... mas ele sempre se fecha em copas e muda de assunto quando a gente chega nisso. Então me diga: como foi que ele chegou lá? Ele não contou?

— Não. Só disse que prefere contar na hora certa. Disse que a história poderia se espalhar e ele tem suas razões para não querer que ninguém saiba. Mas prometeu que a nós, um dia, ele conta.

— Bom, se não tem outro jeito, vai ter que ser assim. Vou ter que agüentar um pouco mais, mas fico morrendo de curiosidade.

IV

Tinha um vazamento em algum lugar. Em uma semana, todo mundo sussurrava sobre o "conde Fontainebleau" e sua incrível riqueza. Diziam também que o conde evidentemente estava dando muita atenção a Mary Gray e que John Gray pressionava Mary fortemente (e sua esposa fazia o mesmo fracamente) para que olhasse essa corte com bons olhos.

Na verdade, Mary estava vivendo um problema. Bem que tentava se amoldar aos desejos paternos, mas de noite, em segredo, se descobria beijando um certo retrato e chorando ao olhar certa madeixa de cabelo.

Um dia, o conde passou uma hora no escritório de David Gray, conversando com ele sobre várias questões. Pouco a pouco, foi levando o assunto para o lado do casamento e ia justamente falar em suas esperanças em relação a Mary Gray, quando de repente David foi chamado por alguém. Desatento, o conde ficou se distraíndo com a inspeção de uma mixórdia de documentos que estavam por ali em cima da mesa, ou aparecendo em gavetas meio abertas. Leu um dos papéis com muito interesse e depois disse:

— Foi bom ter certeza, e agora estou satisfeito. Não era verdade.

Despediu-se e se encaminhou para a casa de John Gray. Perguntou por Mary e lhe disseram que ela estava no pomar. Foi até lá, e andou a esmo até que, num cantinho remoto, vislumbrou um pedaço de roupa feminina saindo de detrás de uma árvore, onde havia um banco rústico, que dava para acomodar duas pessoas e tinha sido muito útil em algumas ocasiões durante os últimos 12 meses. Aproximou-se e, de repente, apareceu diante de Mary. Ligeira, ela escondeu o retrato de Hugh Gregory no peito, e se ergueu, levando o lenço aos olhos — porque estava chorando.

— Mary, minha amiga tão honrada e adorada — disse o conde, segurando a mão dela com seus modos educados. — Seu coração está partido, e eu sou a causa. Ai, foi fatal te conhecer, antes de saber que você o amava... a ele. Te amo desde que te vi, isso ninguém podia impedir. Depois, quando soube que seu pai tinha proibido o casamento, achei que meu amor não podia mais ser algo errado em relação a você ou ao

pobre Hugh... Tinha a louca esperança de que, pouco a pouco, você fosse capaz de me dar um lugar em seu coração. Mas receio que isso não vá acontecer nunca. Suas lágrimas, sua dor são por Hugh, e Deus sabe como ele é digno de tudo isso. Então, tenho que tentar desistir de você. Por amor a você, que adoro mais que minha própria vida, fortuna, reputação, mais até que minha própria alma! Tenho que tentar essa coisa impossível! Não, não diga nada, eu lhe imploro! Não posso ouvir a música da sua voz e manter minha resolução. Sou uma criatura de impulsos. O espetáculo de sua tristeza, neste momento testemunhada por mim, de repente despertou em mim a força para este ato de auto-sacrifício, e no mesmo repente eu devo cumpri-lo e me afastar da visão de seu rosto e do som de sua voz, senão eu não vou conseguir. Vou embora... Faço um esforço... Que Deus me envie uma morte rápida, é tudo o que peço! Não, não diga nada, nem uma palavra! Nem uma palavra, eu imploro! Adeus, eu desisto de você, minha preciosidade! Minha querida, minha querida, adeus, e que Deus te abençoe^{10}!

Com o lenço no rosto, no momento seguinte estava correndo em direção da casa. Mary Gray, imóvel como se estivesse paralisada, ficou olhando enquanto ele desaparecia, e depois soluçou:

— Ah, como eu o conhecia tão pouco! Ele é mil vezes mais nobre por sua própria natureza do que pelo sangue elevado e a linhagem antiga. Há cinco minutos eu quase o odiava. Agora... agora eu quase seria capaz de... amá-lo! Vou respeitá-lo, honrá-lo, reverenciá-lo todos os dias de minha vida... Que coração sublime, puro, nobre!

V

Durante três dias, os Gray não viram o conde. O pai e a mãe ficaram intrigados, mas preferiram não falar nada, pois observaram que Mary estava mais animada do que de costume, e por isso concluíram que as coisas entre ela e o forasteiro deviam estar melhorando.

No terceiro dia, após anoitecer, o conde estava parado numa esquina do povoado conversando um instante com David Gray quando Hugh Gregory passou; parou; hesitou; voltou e perguntou ao conde se iria se recolher logo. Antes que o conde pudesse responder, David Gray disse:

— Não perca seu tempo comigo, conde, quando existem pessoas melhores, mais puras e mais gentis com quem pode conviver. Por mim, pode ir logo.

— O senhor está se referindo a mim? — perguntou Hugh.

Vários passantes se detiveram para ouvir.

— É a você mesmo que estou me referindo, mocinho. “Você” não parou aqui para falar com o conde. Parou porque achou que isso podia “me” fazer uma afronta. E sabe que conseguiu. Está sempre fazendo isso. Você acha que pode ser que eu não conheça seu tipo. Era gente da “sua” laia que queria Mary Gray, não era? E só por amor... imagino... Não fazia nenhuma idéia de que eu ia deixar para ela minhas economias. Não, claro que não... Mas vou lhe ensinar umas coisinhas, rapazote. É só eu viver mais 48 horas e vou fazer um novo testamento e deixar Mary Gray de fora. E não fique me olhando de cara feia, porque não vou tolerar.

— Não adianta dizer palavras sensatas para um lunático — disse Hugh, numa calma forçada. — Vou seguir meu...

A bengala do velho zangado se abateu em cheio sobre a cabeça de Hugh quando o rapaz virou as costas, fazendo-o cambalear e interrompendo sua frase. No momento seguinte, o punho de Hugh disparou de seu ombro e derrubou David Gray ao comprido no chão. Num frenesi de raiva, Hugh avançou para continuar o ataque, mas foi agarrado por várias pessoas que o afastaram dali, enquanto ele lutava para se soltar e gritava:

— Me larguem! Deixem que eu me acerte com ele! Esse cara já me insultou mais de 50 vezes, e agora chega! Nada vai me impedir de acertar as contas!

VI

Por volta das dez horas da manhã seguinte, o conde entrou na casa de John Gray, cujo coração se alegrou de novo. Sua Senhoria tinha um ar cansado, gasto e exausto. Disse:

— A ausência desta casa é uma desgraça, só aqui existe felicidade! Meu coração está faminto... Quero ver Mary!

Seu pedido foi prontamente atendido. Mary veio, os outros se foram. O conde disse:

— Oh, eu tinha que vir... Não consigo viver onde você não está! Tentei tanto... por amor a você... desistir, mas estava além das minhas forças. Olhe para mim. Contemple em cada fio de cabelo de minha cabeça e em cada traço de meu rosto uma testemunha das torturas que suportei. Não consegui dormir, não consegui descansar. Vim para me jogar a seus pés e pedir clemência, suplicar sua compaixão, implorar pela minha vida. Não posso viver sem você. Tentei tanto, tanto mesmo, mas é cruel e não consegui. Tenha pena de mim.

A compaixão de Mary foi atingida em profundidade, e suas lágrimas caíam como a chuva. Tentou dizer coisas consoladoras. Ele respondia com juras apaixonadas. E assim continuou o doloroso combate, até que John Gray irrompeu na sala, exclamando:

— David foi assassinado! Hugh Gregory foi preso por isso!

Mary desmaiou.

O dia inteiro, o vilarejo ficou num tumulto. Todas as atividades foram suspensas. Uma multidão ficou parada por horas diante do escritório de David Gray, falando no assassinato, e esperando pacientemente por uma oportunidade fortuita para entrar e contemplar o lúgubre espetáculo lá dentro. O morto jazia num mar de sangue. A mobília revirada mostrava que tinha havido luta. Sobre a escrivaninha, estava uma folha de um formulário legal, na qual David Gray começara a escrever uma frase que não vivera para concluir:

"Eu, David Gray, em perfeitas condições mentais e..."

Ao lado do cadáver fora encontrado um fragmento de tecido que se encaixava exatamente com um canto vazio da aba do paletó de Hugh Gregory. Várias pequenas gotas de sangue haviam sido encontradas nas calças de Hugh. E lá estava a frase de abertura de um testamento que iria varrer para sempre a fortuna em perspectiva da moça que Hugh Gregory esperava desposar um dia. Murmurava-se que o pai de Hugh, nos últimos tempos, vinha se metendo numa situação financeiramente complicada. O encontro da véspera era

rememorado e dissecado por todos. Alguém lembrou uma coisa que Hugh dissera certa vez, que se David Gray continuasse a insultá-lo, "um dia podia ser a gota d'água".

Era óbvio que Hugh Gregory era o assassino. Todos admitiam isso e lamentavam o fato. Entretanto, a maioria das pessoas acreditava que ele não fora movido por nenhum impulso sórdido, mas por um incontrollável desejo de vingança, após uma longa e contínua série de injúrias. Hugh declarou sua inocência com toda a firmeza, diante do acúmulo fatal de provas circunstanciais que o apontavam como criminoso. Sua declaração de inocência tinha tal aparência de honestidade que alguns dos moradores do povoado chegaram até a ter suas crenças abaladas por uns instantes, mas só por uns instantes; pois lá pelo meio da tarde uma faca ensangüentada, que todos sabiam muito bem que pertencia a Hugh, foi encontrada, muito bem escondida no pé de sua cama — uma manchinha vermelha quase insignificante chamara a atenção para o pequeno rasgo que fora feito com o propósito de admitir a faca no interior do colchão de penas.

Agora, não havia ser humano que ainda acreditasse na inocência de Hugh Gregory, exceto Mary Gray, e até mesmo a confiança dela estava diminuindo. Hugh lhe mandou uma carta implorando que tivesse fé em sua falta de culpa, pois com certeza Deus iria revelá-la em Seu momento, com Sua imensa misericórdia. Mas essa carta caiu nas mãos de John Gray e não seguiu adiante. Durante vários dias, desesperada, Mary esperou pela resposta a um bilhete que escrevera a Hugh, implorando por uma palavra de consolo. Mas nenhuma resposta veio... até ela.

Tommy Gray prometera que daria um jeito para que a carta de Mary chegasse a Hugh, e cumprira sua missão. Mas o Gray mais velho não tirava os olhos do menino: capturou a resposta e aterrorizou o garoto a tal ponto, que ele se dispôs a contar a Mary que Hugh amassara seu bilhete nas mãos e declarara que, se ela realmente o amasse, estaria movendo céus e terras para tirá-lo dali, em vez de jogar fora um tempo precioso com perguntas sobre sua culpa ou inocência.

Seguiram-se vários dias e noites de angústia, sem qualquer consolo para a moça, a não ser o que eventualmente pudesse aceitar das atenções gentis e palavras amáveis do conde. Finalmente, ela desistiu de toda e qualquer esperança, resignando-se à amarga convicção da culpa de Hugh. Sua mãe estava convencida da mesma coisa. E então o nome de Hugh Gregory deixou de ser mencionado naquela casa.

Entretanto, Mary constatou que o crime não matava o amor. Ela ainda amava Hugh Gregory — era um amor que não diminuía. Mas nunca poderia casar-se com ele, disse. Agora aceitaria o que viesse, disse. Não ligava mais para aquilo que o destino pudesse lhe reservar.

À medida que as semanas se passavam, foi aprendendo a gostar do conde, pois era mais em companhia dele do que de qualquer outra pessoa que ela ainda conseguia chegar mais perto de algum descanso.

Seria muito longo contar as súplicas, juras e pressões que finalmente acabaram vencendo a resistência de Mary Gray e a levaram a consentir em casar com o conde Fontainebleau. A posse da riqueza que veio para as mãos de Mary com a morte do tio — e, assim, para toda a família — apenas acirrou o desejo paterno de ascender ainda mais e se associar à nobreza estrangeira. A questão de fixar a data começou a ser discutida. Mary disse, desanimada: — Escolham qualquer dia. Para mim tanto faz. Só me dêem um tempinho para descansar antes.

Foi marcado o dia 29 de junho. Seria uma cerimônia íntima, na casa de John Gray. E desde o dia em que isso ficou resolvido, Mary Gray deixou de sair de casa e de ver qualquer pessoa que não fosse da família ou o conde. Na presença dela, ninguém fazia qualquer referência às novidades ou aos mexericos do povoado. Uma única coisa prometida pelo futuro tinha algum interesse para ela. Tinham lhe garantido que

o julgamento de Hugh seria adiado por um ou dois anos por meio de manobras de advogados, e que provavelmente ele não sobreviveria tanto tempo, pois sua saúde já estava lhe faltando.

Mas, na verdade, o julgamento veio muito rapidamente, e esse fato foi ocultado de Mary. O veredicto de culpado foi proclamado a 22 de junho. O dia marcado para o enforcamento foi 29... justamente o dia do casamento!

Que confusão! O que se podia fazer? Adiar o casamento? Não. Não seria necessário. Todo o vilarejo estava fervendo de preocupação. David Gray fora geralmente detestado, Hugh Gregory universalmente amado. A expectativa era de um veredicto apenas de homicídio involuntário e pena de prisão. Mensageiros já estavam se despencando pelo país afora em direção à capital. Sem dúvida haveria uma suspensão da pena, possivelmente um perdão. Então, por que adiar o casamento?

Mary não sabia nada do veredicto, nem mesmo do julgamento^{11}.

VII

O grupo que se reunia, sentado em casa de John Gray, no final da manhã de 29 de junho, estava muito pouco à vontade, pois todos, exceto Mary, sabiam que o adiamento não fora concedido. Até mesmo John Gray tivera um arrepio com a idéia de dar em casamento uma moça que não suspeitava de nada, para um homem que ela não amava, enquanto o homem que ela amava caminhava para uma morte vergonhosa. A senhora Gray passara a semana doente, de cama, arrasada com o temor da possibilidade de que a suspensão da sentença ou o perdão não saíssem. O velho ministro se recusara a celebrar a cerimônia, e um estranho fora trazido para substituí-lo. Foi recebido na porta por John Gray, que conversou com ele recomendando que não estragasse a alegria da ocasião com qualquer referência ao triste acontecimento que se desenrolava no povoado. Em voz baixa, o estranho garantiu:

— Nem precisava fazer qualquer recomendação. Ninguém pode mesmo tocar nesse assunto num momento como este. Eu passei pela força quando vim para cá. Aquelas pessoas todas reunidas ali... Não tinha uma que não estivesse comovida. Homens e mulheres, estavam todos chorando. O rapaz estava de pé no cadafalso, entre os xerifes, a corda balançando ao vento por cima da cabeça. Ele estava pálido e abatido, mas ereto e de cabeça erguida, como um homem de bem. E falou, também. Proclamou que era inocente. Disse que aquelas eram as últimas palavras de um homem que ia morrer e que, diante de Deus, não tinha culpa. De todo lado, começaram-se a ouvir vozes: "Acreditamos em você. Acreditamos em você." Duas vezes ele disse que estava pronto, e os xerifes pegaram a corda e o capuz preto, mas nas duas vezes se ouviram gritos muito altos: "Esperem! Esperem! Pelo amor de Deus! A pena vai ser suspensa! Esperem que o perdão já está chegando!". Depois, em todo canto, eu via gente no alto de carroças ou trepada em galhos de árvores, protegendo os olhos com as mãos, para fazer sombra, olhando em direção à pradaria, e a toda hora dizendo: "Lá vem! Não é um homem a cavalo?... Não... Sim... Estou vendo uma poeirinha lá longe! Com certeza é um cavalo!". Mas depois sempre vinha o desapontamento. Até que, finalmente, os xerifes puseram o capuz preto na cabeça dele, taparam a cara do rapaz, e a multidão toda gritou, se lamentando. Eu não agüentei mais e saí dali. Que coisa! Como todos gostavam do rapaz, como todos os corações maternos que lá estavam tinham pena dele...

O pastor e John Gray entraram na sala. Começou-se por uma bênção e, em seguida, Mary se levantou,

pálida e apática, entre o conde de Fontainebleau e o pai.

A cerimônia de casamento continuou:

— Conde Hubert de Fontainebleau, aceita esta mulher como sua legítima esposa, prometendo honrá-la e amá-la até que a morte os separe?

O conde assentiu com a cabeça.

— Mary Gray, aceita este homem como seu legítimo esposo, prometendo ser fiel e...

Já havia alguns segundos que um rumor longínquo vinha murmurando nos ouvidos do grupo, e aumentando rapidamente de volume, como se sua causa estivesse se aproximando. Agora já explodia numa sucessão de gritos de alegria e vivas, bem fortes e próximos, e num instante uma multidão de habitantes do povoado, aos gritos, entrou pela casa, com Hugh Gregory e os xerifes na frente.

Bastou um olhar e Mary Gray leu nos olhos de Hugh toda a alegre verdade, e imediatamente estava nos braços dele. No mesmo momento, os xerifes agarravam e algemavam o conde Fontainebleau. John Gray teve que fazer suas perguntas com o olhar, porque ficou mudo de espanto. Um xerife disse: — Não se preocupe. Está tudo bem. O assassino é esse diabo. Teve um cúmplice, e esse cúmplice amoleceu e abriu o bico, quando viu Hugh a ponto de balançar na ponta da corda. Contou a história todinha. E bem quando estava acabando de falar chegou a ordem de suspensão da pena do governador. Estou me metendo aqui, eu sei, mas é claro que a primeira pessoa que eu queria ver agora era esse pilantra.

Hugh disse:

— E eu não preciso explicar por que este era o primeiro lugar aonde “eu” queria vir e exibir minha cara limpa, de um homem sem culpa!

O pastor ia se retirando discretamente.

— Pare! — disse John Gray. — Volte e continue com o casamento.

Levantem-se, Mary Gray e Hugh Gregory, e quero que a terra me engula se algum dia eu fizer qualquer coisa para ficar no caminho de vocês dois. Ou não me chamo John Gray! Aí vem minha velha, tudo está completo agora... Pastor, amarre estes dois, e amarre bem apertado, porque é para sempre^[12]!

VIII

A confissão do conde

Sentenciado à morte pelo assassinato de David Gray, que cometi há um ano, conto agora a verdadeira história de minha vida. Meu nome é Jean Mercier. Nasci numa aldeia do sul da França. Meu pai era barbeiro. Aprendi com ele e segui esse ofício por algum tempo. Mas tinha talento e ambição. Sem a ajuda de ninguém, dei a mim mesmo uma espécie de educação universal. Aprendi muitas línguas, me dei muito bem com as ciências, e me tornei uma espécie de inventor e mecânico. Aprendi a navegar pelos mares. Aos poucos, fui experimentando ser um tipo de guia. Levava turistas a todas as partes do mundo. Finalmente, num momento infeliz, caí nas mãos de um certo senhor Júlio Verne^[13], um escritor. Foi aí que meus problemas começaram. Ele me pagava um ótimo salário e me mandava de lá para cá, de um lado

para outro, em todo tipo de veículo desagradável, e depois ouvia minhas aventuras e transformava cada viagem minha num livro. Não haveria nada de mais nisso, se ele tivesse se limitado aos fatos. Mas não, nada servia para ele, tinha sempre que exagerar. Transformava minhas experiências mais simples em maravilhas extravagantes e distorcidas.

Isso me humilhava além do que posso explicar, pois eu era muito sensível a essa questão de verdade e honestidade — nessa época. Todos os meus amigos sabiam do meu emprego e acreditavam que todas essas histórias tinham sido escritas exatamente como eu tinha contado para o autor. E assim, um por um, foram começando a fingir que não me conheciam e acabaram cortando relações comigo. Várias vezes eu argumentei com o senhor Verne, mas não adiantou nada. Esse homem me mandou descer o Sena numa remendadíssima barcaça de carregar areia. Quando voltei, me ouviu com atenção, começou a trabalhar e transformou meu relato naquele livro desgraçado chamado “Vinte Mil Léguas Submarinas^[14]”. Em seguida, comprou um balão de segunda mão e me despachou nele. A bexiga velha subiu uns 200 metros e depois teve um colapso, eu caí num quintal e quebrei a perna. O resultado literário dessa viagem foi o livro chamado “Cinco Semanas num Balão”. Ele ainda me mandou em mais um ou dois vôos idiotas naquela coisa esmolambada e escreveu livros extravagantes sobre eles. Acabou me enviando mais longe, num carro de bois, até uma cidadezinha miserável nos cafundós da Espanha. Fiquei quase um ano na estrada e nem sei como não morri de desespero e fome antes de voltar. Qual foi o resultado? Bem, “A Volta ao Mundo em 80 Dias”! Depois, remendou o tal balão desgraçado e me mandou em mais uma viagem. Fiquei encalhado no meio das nuvens, em cima de Paris, sem sair do lugar durante três dias, esperando que houvesse vento, e depois despenquei num rio, tive que ficar de cama mais de três meses. Deitado ali, fiquei remoendo minhas desgraças, e aos poucos fui me acostumando com uns pensamentos assassinos — que me davam muito prazer, devo confessar. Quando fiquei bom, ele disse que tinha consertado o balão, da maneira mais perfeita, e que ia fazer comigo a viagem seguinte. Fiquei contente. Tinha esperanças de que os dois quebrássemos o pescoço. Ele carregou o balão com sua mala, um casaco de pele e uma porção de provisões, bebidas e instrumentos científicos. Bem na hora da partida, pôs em minhas mãos a distorção de minha última viagem — um livro intitulado “A Ilha Misteriosa^[15]”... Olhei aquilo... e foi demais. A natureza humana tem seus limites.

Dei um empurrão e ele caiu lá embaixo, uma queda de uns 30 metros. Espero que tenha morrido, mas não tenho certeza. É claro que eu não queria ser enforcado, então joguei fora os instrumentos científicos para diminuir o peso, vesti as boas roupas do senhor Verne e comecei a me divertir com suas iguarias finas e seu bom vinho. Mas acho que o balão tinha ficado leve de mais, e subiu tanto que eu fui ficando com sono, e depois desmaiei. Não sei de mais nada que me aconteceu até que acordei no pasto de John Gray, no meio da neve. Não sei o que houve com o balão. Mas, pelas datas, sei que fiz a viagem da França ao Missouri em dois dias e 21 horas. E John Gray pode entender agora como foi que eu consegui viajar pela sua pradaria sem deixar rastros... ele sempre teve a maior curiosidade em relação a isso, coitado. Mas eu achei que, se contasse, a história ia se espalhar, poderia sair em algum jornal, ir parar na França, e algum enxerido poderia querer saber se aquele balonista estrangeiro não seria capaz de lançar alguma luz sobre os últimos momentos do senhor Verne.

Concluí que o melhor para mim seria adotar um nome fictício e ficar em Deer Lick pelo resto dos meus dias. Mas não conseguia me conformar com a idéia de dar aulas numa escola para ganhar a vida. Por isso, quando ouvi dizer que David Gray fizera um testamento deixando para Mary Gray todos os seus bens, aticei o pai dela com minha riqueza e nobreza falsas e comecei a fazer a corte à moça. Um dia, David Gray me deixou sozinho por um instante em seu escritório e dei uma olhada em volta, descobrindo um documento em que ele deixava tudo para um parente distante, e não para Mary. Meu amor esfriou e eu

imediatamente disse a ela que tentaria arrancá-lo de meu coração, por dedicação a ela. Mas, quando Gregory e David Gray discutiram em minha presença, descobri que eu tinha visto um testamento antigo, e que existia outro mais novo, que realmente deixava os bens para Mary. Então resolvi de novo casar com ela, e sabia que podia conseguir.

Aquele desagradável do velho Gray poderia estar vivo agora, e eu estaria pacientemente esperando que ele batesse as botas de modo natural, se não tivesse feito a besteira de jurar que ia para casa mudar o testamento e deserdar Mary. Com isso, ele me fez achar que o melhor era que fosse logo para a caminha, dormir perto dos pais. A idéia de matar vem fácil a um homem cuja mente ficou perturbada por torturas como as que o senhor Júlio Verne me infligiu. Imediatamente contratei um cúmplice para ficar de vigia na porta David Gray, enquanto eu dispusesse dessa pessoa. Ia dar uma fazenda a esse auxiliar. Se ele não é hoje um proprietário de terras nesta encantadora e intelectual comunidade de devotos criadores de porcos, só tem a si mesmo para agradecer.

Bom, à meia-noite peguei emprestada uma faca com o senhor Gregory — aquele caipira dorme como um túmulo e ronca como uma locomotiva — e em 13 minutos David Gray já se afastara para sempre de qualquer empreendimento ativo. Mal tinha começado a fazer seu novo testamento — e se, depois desse dia, eu recebi algum agradecimento do senhor e da senhora Hugh Gregory por ter permanentemente interrompido o documento em sua primeira frase, a circunstância escapou por completo de minha memória. Na briga, ganhei um ou dois arranhões na mão, mas sempre usei luvas (costume que eu era o único a ter nesta região deselegante), e assim eles não foram percebidos por ninguém. Devolvi a faca ao senhor Gregory. Ou, pelo menos, a coloquei em sua cama.

Em seguida, tomei emprestado um pedaço da aba de seu casaco, para deixá-lo junto ao cadáver. Após lhe dar boa-noite, ao que ele só respondeu com um ronco, deixei umas manchinhas de sangue em suas calças e fui-me embora. Sabia perfeitamente que esta comunidade não dispõe de cérebros, e, portanto, a faca escondida e as manchas de sangue constituiriam provas suficientes contra o roncador. Cérebros teriam dito: "Só um louco deixaria manchas na própria roupa e esconderia a faca em sua cama, além de chamar a atenção para o lugar exato, com uma rodela de sangue." Portanto, adeus, seus criadores de porcos, estou pronto para ir, e consumido pelo desejo de perguntar ao finado senhor Júlio Verne quantos capítulos de seu "Dezoito Meses na Fornalha" ele já escreveu, bem como de saber quem ele empregou para circular por lá reunindo os fatos enquanto ele torra em seus aposentos particulares e exagera tudo. Acima de tudo, eu quero é saber onde ele bateu quando caiu.

O SOLIPSISTA – Fredric Brown



Walter B. Jehovah tinha sido solipsista toda a sua vida. Não vou justificar o seu nome, pois este era realmente o seu nome. Um solipsista, no caso de o leitor não conhecer a palavra, é alguém que acredita que ele próprio é a única coisa que realmente existe, que as outras pessoas e o universo em geral só existem na sua imaginação, e que se ele deixasse de os imaginar estes também deixariam de existir.

Um dia, Walter B. Jehovah começou a ser solipsista praticante. No espaço de uma semana, a sua mulher fugiu com outro homem, perdeu o seu emprego de expedidor e partiu uma perna quando afugentava um gato preto para impedir que este se atravessasse no seu caminho.

Enquanto estava de cama no hospital, decidiu acabar com tudo.

Olhou pela janela, contemplou as estrelas, desejou que elas deixassem de existir e elas desapareceram. Depois, desejou que todas as outras pessoas deixassem de existir e o hospital ficou estranhamente silencioso, apesar de ser um hospital. A seguir, fez o mesmo ao mundo, e encontrou-se suspenso num vazio. Livrou-se do seu corpo com a mesma facilidade e depois deu o passo final, querendo que ele próprio deixasse de existir.

Nada aconteceu.

Estranho, pensou, poderá haver um limite para o solipsismo?

"Sim", disse uma voz.

"Quem é?", perguntou Walter B. Jehovah.

"Sou aquele que criou o universo que acabaste de querer que deixasse de existir. E agora que vieste substituir-me - houve um suspiro profundo - posso finalmente deixar de existir, cair no esquecimento e deixar-te ocupar o meu lugar."

"Mas como posso eu deixar de existir? É isso que estou a tentar fazer, sabes?"

"Sim, sei", disse a voz. "Tens que fazer como eu fiz. Cria um universo. Espera até que surja nele uma pessoa que acredite realmente naquilo em que acreditaste e que queira que ele deixe de existir. Depois podes retirar-te e deixá-la ocupar o teu lugar. Adeus!"

E a voz desapareceu.

Walter B. Jehovah estava sozinho no vazio e só havia uma coisa que ele podia fazer. Criou o Céu e a Terra.

Levou sete dias a fazê-lo.

A PRIMEIRA MÁQUINA DO TEMPO – Fredric Brown

"Senhores: a primeira Máquina do Tempo", apresentou, orgulhosamente, o professor Johnson a seus dois colegas. "De fato, trata-se de um modelo experimental em escala reduzida. Ele operará apenas com objetos pesando cerca de um quilo e para distâncias em direção ao passado e ao futuro de vinte minutos ou menos. Mas funciona".

O modelo em escala reduzida se parecia com uma balança, daquelas usadas em agências de correio - exceto por dois interruptores na parte debaixo da plataforma.

O professor Johnson segurou um pequeno cubo de metal. "Nosso objeto experimental", disse, "é um cubo de metal pesando mais ou menos meio quilo. Primeiro, vou mandá-lo cinco minutos na direção do futuro".

Ele inclinou-se para frente e regulou um dos botões da máquina do tempo. "Observem os seus relógios", disse.

Eles olharam os seus relógios. O professor Johnson colocou cuidadosamente o cubo na plataforma da máquina. O objeto desapareceu.

Cinco minutos depois, no segundo exato, o objeto reapareceu.

O professor Johnson o recolheu. "Agora cinco minutos na direção do passado". Ele regulou o outro dial. Segurando o cubo em sua mão olhou para o seu relógio. "Faltam seis minutos para as três horas. Eu vou agora ativar o mecanismo - colocando o cubo na plataforma - exatamente às três horas. Consequentemente, ao faltarem cinco minutos para as três, o cubo desaparecerá da minha mão e aparecerá na plataforma cinco minutos antes de eu colocá-lo ali".

"Como você poderá colocá-lo ali, então?", perguntou um dos colegas.

"Enquanto a minha mão se aproxima, ele desaparecerá da plataforma e aparecerá na minha mão para ser posto ali. Três horas. Reparem, por favor".

O cubo desapareceu da sua mão.

O cubo apareceu na plataforma da máquina do tempo.

"Vêem? Daqui a cinco minutos eu o colocarei ali, mas ele já está ali!"

Seu outro colega franziu as sobrancelhas ao olhar para o cubo. "Mas", disse, "e se, agora que ele já apareceu cinco minutos antes de você o colocar ali, você mudasse de ideia sobre fazer isso e não o pusesse ali às três horas? Não estaria envolvido aqui certo tipo de paradoxo?"

"Uma ideia interessante", respondeu o professor Johnson. "Eu não havia pensado nisso; será interessante fazer um teste. Muito bem, eu não vou..."

Não sucedeu nenhum tipo de paradoxo. O cubo continuou onde estava.

Mas todo o resto do Universo, professores e tudo o mais, desapareceu.

SENTINELA – Fredric Brown



Estava molhado, enlameado; tinha fome e tinha frio e estava a cinquenta mil anos luz de casa.

O sol distante quase não iluminava e a gravidade, que era o dobro daquela a que estava acostumado, dificultava cada movimento.

Mesmo após dezenas de milhares de anos a guerra não havia mudado.

Para os pilotos do espaço era fácil, com suas brilhantes astronaves e suas superarmas. Mas quando as naves aterrissavam, era o soldado a pé, a infantaria, que tinha de apoderar-se do terreno, palmo a palmo e custasse o sangue que custasse. Isso é precisamente o que acontecia naquele maldito planeta de uma estrela da qual não havia ouvido falar até por os pés nele. E, agora, era terreno sagrado porque o inimigo também estava ali.

O inimigo, a única outra raça inteligente da Galáxia, raça cruel de monstros abomináveis e hediondas criaturas repulsivas.

O primeiro contato foi perto do centro da Galáxia, após a lenta e dificultosa colonização de uns doze mil planetas; foi uma guerra à primeira vista. Eles começaram a disparar sem tentar qualquer negociação ou tratado. Agora lutavam planeta por planeta, em uma guerra amarga.

Sentia-se úmido, empoeirado, com frio e faminto, o dia era brutal com um vento que doía os olhos. Porém o inimigo estava se infiltrando e cada posto avançado era vital.

Estava alerta, com o fuzil preparado. A cinquenta mil anos luz de sua casa, lutando em um mundo estranho e duvidando se voltaria a ver o seu, sua esposa, sua filhinha...

E então ele viu um deles se arrastando até ele. Armou o fuzil e disparou. O inimigo deu esse grito estranho que eles dão e depois silenciou. Está morto. O espetáculo daquele ser deitado no chão o faz tremer. Alguns podem acostumar-se depois de certo tempo, mas ele nunca conseguiu. Eram umas criaturas tão repulsivas, somente com dois braços e duas pernas e uma pele horrivelmente frágil e sem escamas...!

RESPOSTA – Fredric Brown



Cerimoniosamente, Dwar Ev soldou com ouro a última conexão. Os olhos de uma dezena de câmeras de televisão o obsevaram, propagando para o universo inteiro uma dezena de imagens daquilo que fazia.

Com um aceno para Dwar Reun, ele se ergueu e dirigiu-se para trás da chave cujo funcionamento faria o contato; o comutador que poria em conexão simultânea todos os monstruosos sistemas de computadores de cada um dos planêtas populados do universo - noventa e seis milhões ao todo - num circuito em que se comunicariam com o supercalculador, o prodígio cibernético que reuniria todo o conhecimento de tôdas as galáxias.

Dwar Reyn fêz uma breve introdução aos trilhões de telespectadores e após uma breve pausa, disse:

– Dwar Ev ... Agora!

Dwar Ev acionou a chave. Houve um zumbido profundo, o desencadeamento da fôrça de noventa e seis bilhões de planêtas. Luzes piscaram até ganhar firmeza, no painel quilométrico.

Dwar Ev recuou e aspirou profundamente.

– A honra de fazer a primeira pergunta é sua, Dwar Reyn.- Farei a pergunta que nenhum sistema cibernético isolado foi capaz de responder até hoje.

Voltou-se, para encarar o painel.

– Deus existe?

A poderosa voz respondeu sem hesitação, e sem que se ouvisse o ruído de um disjuntor sequer.

– Sim, agora existe um Deus.

Um terror súbito surgiu no rosto de Dwar Ev. Com um salto, tentou atingir o computador.

O relâmpago que desceu do céu sem nuvens derrubou-o e fundiu definitivamente a chave de contato.

TLÖN, UQBAR, ORBIS TERTIUS – Jorge Luis Borges

I

Devo a conjunção de um espelho e de uma enciclopédia o descobrimento de Uqbar. O espelho inquietava o fundo de um corredor numa quinta da Rua Gaona, em Ramo Mejía; a enciclopédia falazmente se chama *The Anglo-American Cyclopeda* (New York, 1917) e é uma reimpressão literal, mas também tardia, da *Encyclopedia Britannica* de 1902. O acontecimento ocorreu faz uns cinco anos. Bioy Casares jantara comigo naquela noite e demorou-nos uma vasta polêmica sobre a elaboração de um romance na primeira pessoa, cujo narrador omitisse ou desfigurasse os fatos e incorresse em diversas contradições, que permitissem a poucos leitores - a muito poucos leitores - a adivinhação de uma realidade atroz ou banal. Do fundo remoto do corredor, o espelho nos espreitava. Descobrimos (na noite alta esta descoberta é inevitável) que os espelhos têm algo de monstruoso. Então Bioy Casares recordou que um dos heresiarcas de Uqbar declarara que os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens. Perguntei-lhe a origem dessa memorável sentença e ele me respondeu que *The Anglo-American Cyclopeda* a consignava, em seu artigo sobre Uqbar. A quinta (que havíamos alugado mobiliada) possuía um exemplar dessa obra. Nas últimas páginas do volume XLVI achamos um artigo sobre Upsala; nas primeiras do XLVII, um sobre Ural-Altaic Languages, mas nem uma palavra a respeito de Uqbar. Bioy, um pouco perturbado, consultou os volumes do índice. Esgotou em vão todas as lições imagináveis: Ukbar, Ucbar, Ooqbar, Ouqbahr... Antes de sair, explicou-me que era uma região do Iraque ou da Ásia menor. Confesso que assenti com certo mal-estar. Conjeturei que esse país indocumentado e esse heresiarca anônimo eram uma ficção improvisada pela modéstia de Bioy para justificar um frase. O exame estéril de um dos Atlas de Justus Perthes fortaleceu minha dúvida.

No dia seguinte, Bioy me telefonou de Buenos Aires. Disse-me que tinha à vista o artigo sobre Uqbar, no volume XLVI da Enciclopédia. Não constava o nome do heresiarca, mas sim a notícia de sua doutrina, formulada em palavras quase idênticas às repetidas por ele, ainda que - talvez - literariamente inferiores. Ele recordara: *Copulation and mirrors are abominable*. O texto da Enciclopédia dizia: Para um desses gnósticos, o universo visível era uma ilusão ou (mais precisamente) um sofisma. Os espelhos e a paternidade são abomináveis (*mirrors and fatherhood are abominable*) porque o multiplicam e o divulgam. Eu lhe disse, sem faltar à verdade, que gostaria de ver esse artigo. Em poucos dias ele o trouxe. O que me surpreendeu, porque os escrupulosos índices cartográficos da *Erdkunde* de Ritter ignoravam completamente o nome de Uqbar.

O volume que Bioy trouxe era efetivamente o XLVI da *Anglo-American Cyclopeda*. No ante-rostro e na lombada, a indicação alfabética (Tor - Ups) era a de nosso exemplar, mas em vez de 917 páginas constava de 921. Essas quatro páginas adicionais compreendiam o artigo sobre Uqbar; não previsto (como terá o leitor observado) pela indicação alfabética. Depois comprovamos que não havia outra diferença entre os volumes. Os dois (conforme creio haver apontado) eram reimpressões da décima

Encyclopedia Britannica. Bioy adquirira seu exemplar num de tantos leilões.

Lemos com certo cuidado o artigo. A passagem recordada por Bioy era talvez a única surpreendente. O resto parecia muito verossímil, muito ajustado ao tom geral da obra e (como é natural) um pouco maçante. Relendo-o, descobrimos sob sua rigorosa forma uma fundamental vagüidade. Dos quatorze nomes que figuravam na parte geográfica, apenas reconhecemos três - Jorasã, Armênia, Erzerum - interpolados no texto de um modo ambíguo. Dos nomes históricos, um só: O impostor Esmerdis, o mago, invocado mais com metáfora. A nota parecia precisar as fronteiras de Uqbar, mas seus nebulosos pontos de referência eram rios e crateras e cadeias dessa mesma região. Lemos, por exemplo que as terras baixas de Tsai Jaldun e o Delta do Axa definem a fronteira do Sul, e que nas ilhas desse delta procriam os cavalos selvagens. Isso, no começo da página 918. Na seção histórica (página 920) soubemos que, por causa das perseguições religiosas do século XIII, os ortodoxos buscaram amparo nas ilhas, onde ainda perduram seus obeliscos e onde não é raro exumar seus espelhos de pedra. A seção idioma e literatura era breve. Um único traço memorável: anotava que a literatura de Uqbar era de caráter fantástico e que suas epopéias e suas lendas não se referiam nunca à realidade mas às duas regiões imaginárias de Mlejnas e de Tlön... A bibliografia enumerava quatro volumes que não encontramos até agora, embora o terceiro - Silas Haslam: History of the land called Uqbar, 1874 - figure nos catálogos da livraria de Bernard Quaritch . O primeiro, Lesbare und Lesenswerthe Bemerdungen über das Land. Ukkbar in Klein-Asien, data de 1641 e é obra de Johannes Valentinus Andreä. O fato é significativo; um par de anos depois, deparei com esse nome nas inesperadas páginas de De Quincey (Writings, volume XIII) e soube que era o de um teólogo alemão que, em princípios do Século XVII, descreveu a imaginária comunidade da Rosa-Cruz - que outros fundaram, à imitação do prefigurado por ele.

Àquela noite visitamos a Biblioteca Nacional. Em vão molestamos atlas, catálogos, anuários de sociedades geográficas, memórias de viajantes e historiadores: ninguém estivera jamais em Uqbar. O índice geral da enciclopédia de Bioy tampouco registrara esse nome. No dia seguinte, Carlos Mastronarde (a quem eu relatara o assunto) reparou numa livraria de Corrientes e Talcahuano as pretas e douradas lombadas da Anglo-American Cyclopedia... Entrou e consultou o volume XLVI. Naturalmente, não encontrou o menor indício de Uqbar.

II

Alguma lembrança limitada e diluída de Herbert Ashe, engenheiro das ferrovias do Sul, persiste no Hotel de Androgué, entre as efusivas madressilvas e no fundo ilusório dos espelhos. Em vida padeceu de irrealidade, como tantos ingleses; morto, não é sequer o fantasma que já era então. Era alto e enfasiado, e sua cansada barba retangular fora riuva. Acho que era viúvo, sem filhos. De tempos em tempos ia à Inglaterra: visitar (julgo por umas fotografias que nos mostrou) um relógio de sol e uns carvalhos. Meu pai estreitava com ele (o verbo é excessivo) uma dessas amigas inglesas que começam por excluir a confiança e que muito depressa omitem o diálogo. Costumavam manter intercâmbio de livros e de jornais; costumavam medir-se ao xadrez, taciturnamente...Recordo-o no corredor do hotel, com um livro de matemática na mão, contemplando, às vezes, as cores irrecuperáveis do céu. Uma tarde falamos do sistema duodecimal de numeração (no qual doze se escreve 10). Ashe disse que precisamente estava trasladando não sei que tabelas duodecimais a sexagemais (nas quais sessenta se escreve 10).

Acrescentou que esse trabalho lhe fora encomendado por um norueguês: no Rio Grande do Sul. Há oito anos que o conhecíamos e nunca referia sua estada naquela região... Falamos da vida pastoril, de capangas, da etimologia brasileira da palavra gaúcho (que alguns velhos orientais ainda pronunciam gaúcho) e nada mais se disse - Deus me perdoe - de funções duodecimais. Em setembro de 1937 (nós não estávamos no hotel), Herbert Ashe morreu da ruptura de um aneurisma. Dias antes recebera do Brasil um pacote lacrado e registrado. Era um livro em oitavo maior. Ashe deixou-o no bar, onde meses depois - encontrei. Pus-me a folheá-lo e senti uma ligeira vertigem de assombro que não descreverei, porque essa não é a história de minhas emoções, mas de Uqbar, e Tlön e Orbis Tertius. Numa noite do Islã, que se chama a "Noite das Noites", abrem-se de par em par as secretas portas do céu e é mais doce a água nos cântaros; se essas portas se abrissem, não sentiria o que senti naquela tarde. O livro estava redigido em inglês e o compunham 1001 páginas. Na amarela lombada de couro li estas curiosas palavras que o antecederia repetia: A First Encyclopedia of Tlön. Vol. XI. Hlaer to Jangr. Não havia indicação de data nem de lugar. Na Primeira página e numa folha de papel de seda que cobria uma das Lâminas coloridas, estava impresso um óvalo azul com esta inscrição: Orbis Tertius. Fazia dois anos que eu descobrira num volume de certa enciclopédia pirática uma sumária descrição de um falso país; agora o acaso me mostrava algo de mais precioso e mais árduo. Agora tinha nas mãos um vasto fragmento metódico da história total de um planeta desconhecido, com suas arquiteturas e seus debates, com o pavor de suas mitologias e o rumor de suas línguas, com seus imperadores e seus mares, com seus minerais e seus pássaros e seus peixes, com sua álgebra e seu fogo, com sua controvérsia teológica e metafísica. Tudo isso articulado, coerente, sem visível propósito doutrinal ou tom paródico.

No "décimo primeiro volume" de que falo, há alusões a volumes ulteriores a precedentes. Nestor Ibarra, num artigo já clássico da N.R.F., negou a existência de tais volumes; Ezequiel Martínez Estrada e Drieu La Rochelle refutaram, quiçá vitoriosamente, essa dúvida. O fato é que até agora as pesquisas mais diligentes têm sido estéreis. Em vão desarrumamos as bibliotecas das Américas e da Europa. Alfonso Reys, saturado dessas fadigas subalternas de índole policial, propõe que todos empreendamos a obra de reconstruir os muitos e maciços volumes que faltam: ex ungue leonem. Calcula, entre jocoso e sério, que uma geração de tlönistas pode bastar. Esse arriscado computo nos retrai ao problema fundamental: quais os inventores de Tlön? O plural é inevitável, porque a hipótese de um só inventor - de um infinito Leibniz trabalhando na treva e na modéstia - fora descartada unanimemente. Conjetura-se que este brave new world é obra de uma sociedade secreta de astrônomos, de biólogos, de engenheiros, de metafísicos, de poetas, de químicos, de algebristas, de moralistas, de pintores, de geômetras... dirigidos por um obscuro homem de gênio. Muitos são os indivíduos que dominam essas disciplinas diversas, mas não os capazes de invenção e menos os capazes de subordinar a invenção a um rigoroso plano sistemático. Esse plano é tão vasto que a contribuição de cada escritor é infinitesimal. No começo pensou-se que Tlön era um mero caos, uma irresponsável licença da imaginação; agora se sabe que é um cosmos e as íntimas leis que o regem foram formulados, ainda que de modo provisório. Basta-me recordar que as contradições aparentes do Décimo Primeiro Volume são a pedra fundamental da prova de que existem os outros: tão lúcida e tão justa é a ordem que nele se observou. As revistas populares divulgaram, com perdoável excesso, a zoologia e a topografia de Tlön; penso que seus tigres transparentes e suas torres de sangue não merecem, talvez, a contínua atenção de todos os homens. Atrevo-me a pedir alguns minutos para seu conceito do universo.

Hume notou em definitivo que os argumentos de Berkeley não admitiam a menor réplica e não causavam a menor convicção. Esse ditame é totalmente verídico em sua aplicação à Terra; totalmente falso em Tlön. As nações desse planeta são - congenitamente - idealistas. Sua linguagem e as derivações de sua

linguagem - a religião, as letras, a metafísica - pressupõem o idealismo. O mundo para eles não é um concurso de objetos no espaço; é uma série heterogênea de atos independentes. É sucessivo, temporal, não espacial. Não há substantivos na conjetural Ursprache de Tlön, da qual precedem os idiomas "atuais" e os dialetos: há verbos impessoais, qualificados por sufixos (ou prefixos) monossilábicos de valor adverbial. Por exemplo: não há palavra que corresponda à palavra lua, mas há um verbo que seria em espanhol lunecer ou lunar. Surgiu a lua sobre o rio diz-se hlör u fang axaxaxas mlö ou seja em sua ordem: para cima (upward) atrás duradouro-fluir lualuziu. (Xul Solar traduz sinteticamente: upa tras perfluyue lunó. Upward, behind the onstreaming, it mooned.)

O que antes foi dito se refere aos idiomas do hemisfério austral. Nos do hemisfério boreal (sobre cuja Ursprache há bem poucos dados no Décimo Primeiro Volume) a célula primordial não é o verbo, mas o adjetivo monossilábico. O substantivo se forma por acumulação de adjetivos. Não se diz lua: diz-se aéreo-claro sobre escuro-redondo ou alaranjado-tênue-do-céu ou qualquer outro acréscimo. No caso escolhido, a massa de adjetivos corresponde a um objeto real; o fato é puramente fortuito. Na literatura desse hemisfério (como no mundo subsistente de Meinong), são muitos os objetos ideais, convocados e dissolvidos no momento, conforme as necessidades poéticas. Determina-os, às vezes, a mera simultaneidade. Há objetos compostos de dois termos, um de caráter visual e outro auditivo: a cor do nascente e o remoto grito de um pássaro. Há alguns de múltiplos: o sol e a água contra o peito do nadador, o vago rosa trêmulo que se vê com os olhos fechados, a sensação de quem se deixa levar por um rio e também pelo sonho. Esses objetos de segundo grau podem combinar-se com outros; o processo mediante certas abreviaturas, é praticamente infinito. Há poemas famosos compostos de uma só enorme palavra. Essa palavra integra um objeto poético criado pelo autor. O fato de que ninguém acredite na realidade dos substantivos, faz, paradoxalmente, que seja interminável seu número. Os idiomas do hemisfério boreal de Tlön possuem todos os nomes das línguas indo-europeias - e muitos outros mais.

Não é exagero afirmar que a cultura clássica de Tlön abrange uma única disciplina, a psicologia. As outras estão subordinadas a ela. Mencionei que os homens desse planeta concebem o universo como uma série de processos mentais que não se desenvolvem no espaço, mas de modo sucessivo no tempo. Spinoza confere à sua inesgotável divindade os atributos da extensão e do pensamento; ninguém compreenderia em Tlön a justa posição do primeiro (que apenas é típico de certos estados) e do segundo - que é um sinônimo perfeito do cosmos. Antes com outras palavras: não concebem que o espacial perdure no tempo. A percepção de uma fumaceira no horizonte e depois do campo incendiado e depois do charuto meio apagado que produziu a queimada, é considerada um exemplo de associação de idéias.

Esse monismo ou idealismo total, invalida a ciência. Explicar (ou julgar) um fato é uní-lo ao outro; essa vinculação em Tlön é um estado posterior do sujeito, que não pode afetar ou iluminar o estado anterior. Todo o estado mental é irreduzível: o simples fato de nomeá-lo - id est, de classificá-lo - importa em falseio. Disso caberia deduzir que não há ciências em Tlön - nem sequer raciocínios. Mas a paradoxal verdade é que existem, em quase incontável número. Com as filosofias acontece o que sucede com os substantivos no hemisfério boreal. O fato de que toda a filosofia seja de antemão um jogo dialético, uma Philosophie des Als Ob, contribui para multiplicá-las. Sobram sistemas incríveis, mas de construção agradável, ou de tipo sensacional. Os metafísicos de Tlön não buscam a verdade, nem sequer a verossimilhança: buscam o assombro. Julgam que a metafísica é um ramo da literatura fantástica. Sabem que um sistema não é outra coisa que a subordinação de todos os aspectos do universo a qualquer um deles. Até a frase "todos os aspectos" é inaceitável, porque supõe a impossível adição do instante presente e dos pretéritos. Nem é lícito o plural "os pretéritos", porque supõe outra operação impossível... Uma das escolas de Tlön chega a negar o tempo: argumenta que o presente é indefinido, que o futuro não

tem realidade senão como esperança presente, que o passado não tem realidade senão como lembrança presente. Outra escola declara que transcorreu já todo o tempo e que nossa vida é apenas a lembrança ou reflexo crepuscular, e sem dúvida falseado e mutilado, de um processo irrecuperável. Outra, que a história do universo - e nela nossas vidas e o pormenor mais tênue de nossas vidas - é a escritura que produz um deus subalterno para entender-se com o demônio. Outra que o universo é comparável a estas criptografias nas quais não valem todos os símbolos e que só é verdade o que sucede cada trezentas noites. Outra que enquanto dormimos aqui, estamos despertos em outro lado e que assim cada homem é dois homens.

Entre as doutrinas de Tlön nenhuma mereceu tanto escândalo como o materialismo. Alguns pensadores o formularam com menos clareza que fervor, como quem expõe um paradoxo. Para facilitar o entendimento dessa tese inconcebível, um heresiarca do século décimo primeiro³ ideou o sofisma das nove moedas de cobre, cujo renome escandaloso equivale em Tlön ao das aporias eleáticas. Desse "raciocínio especioso" há muitas versões, nas quais o número de moedas e o número de achados variam; eis aqui a mais comum:

Terça-feira X atravessa um caminho deserto e perde nove moedas de cobre. Quinta-feira Y encontra no caminho quatro moedas, um pouco enferrujadas pela chuva de quarta-feira. Sexta-feira Z descobre três moedas no caminho. Sexta-feira de manhã X encontra duas moedas no corredor de sua casa. O heresiarca queria deduzir desta história a realidade - id est, a continuidade - das nove moedas recuperadas. É absurdo (afirmava) imaginar que quatro das moedas não existiram entre terça e quinta-feira, três entre terça-feira e a tarde de sexta-feira, duas entre terça-feira e a madrugada de sexta-feira. É lógico pensar que existiram - ainda que de algum modo secreto de compreensão vedada aos homens - em todos os momentos desses três prazos.

A linguagem em Tlön se opunha a formular este paradoxo; os demais não o entenderam. Os defensores do sentido comum limitaram-se no início a negar a veracidade do episódio. Repetiram que era uma falácia verbal, embasada no emprego temerário de duas vozes neológicas, não autorizadas pelo uso e alheias a todo o pensamento severo: os verbos encontrar e perder que comportavam uma petição de princípio, porque pressupunham a identidade das nove primeiras moedas e das últimas. Recordaram que todo o substantivo (homem, moeda, quinta-feira, quarta-feira, chuva) somente tem um valor metafórico. Denunciaram a pérfida circunstância um pouco enferrujadas pela chuva de quarta-feira, que pressupõe o que se procura demonstrar: a persistência das quatro moedas, entre quinta e terça-feira. Explicaram que uma coisa é igualdade e outra identidade. E formularam uma espécie de reductio ad absurdum, ou seja, o caso hipotético de nove homens que em nove noites sucessivas padecem um dor viva. Não seria ridículo - perguntaram - pretender que esta dor fosse a mesma⁴? Disseram que ao heresiarca movia-o apenas o blasfematório propósito de atribuir a divina categoria de ser a umas simples moedas, e que às vezes negava a pluralidade e outras não. Argumentaram: se a igualdade abrangesse a identidade, seria necessário admitir, do mesmo modo, que as nove moedas eram uma só.

Incrivelmente, essas refutações não resultaram definitivas. Ao fim de cem anos de proposição do problema, um pensador não menos brilhante que o heresiarca, mas de tradição ortodoxa, suscitou uma hipótese muito audaz. Essa conjectura feliz afirmava que há um só sujeito, que esse sujeito indivizível é cada um dos seres do universo e que estes são os órgãos e máscaras da divindade. X é Y e é Z. Z decobre três moedas, porque se lembra que X as perdeu; X encontra duas moedas no corredor porque se lembra que foram recuperadas as outras... O décimo primeiro volume deixa entender que três razões capitais determinaram a vitória total desse panteísmo idealista. A primeira, o repúdio do solipsismo; a segunda a possibilidade de conservar a base psicológica das ciências; a terceira a possibilidade de conservar o

culto dos deuses. Schopenhauer (o apaixonado e lúcido Schopenhauer) formula uma doutrina muito semelhante no primeiro volume de Parerga und Paralipomena.

A geometria de Tlön compreende duas disciplinas um pouco distintas. A visual e a tátil. A última corresponde à nossa e a subordinam à primeira. A base da geometria visual é a superfície, não o ponto. Essa geometria desconhece as paralelas e declara que o homem que se desloca modifica as formas que o circundam. O fundamento de sua aritmética é a noção de números indefinidos. Acentuam a importância dos conceitos de maior e menor que nossos matemáticos simbolizam por $>$ e por $<$. Afirmam que a operação de contar modifica as quantidades e as converte de indefinidas em definidas. O fato de que vários indivíduos que contam uma mesma quantidade obtêm um resultado igual é para os psicólogos um exemplo de associação de idéias ou de bom exercício da memória. Já sabemos que em Tlön o sujeito do conhecimento é uno e eterno.

Nos hábitos literários é também todo-poderosa a idéia de um sujeito único. É raro que os livros estejam assinados. Não existe conceito de plágio: estabeleceu-se que todas as obras são obra de um só autor, que é intemporal e é anônimo. A crítica costuma inventar autores, escolhe duas obras dissímeles - o "Tao Te King" e as "1001 Noites", digamos - atribui-as a um mesmo escritor e logo determina com probidade a psicologia desse interessante homme de lettres...

Também os livros são diferentes. Os de ficção abarcam um único argumento, com todas as permutações imagináveis. Os de natureza filosófica invariavelmente contém a tese e a antítese, o rigoroso pró e contra de uma doutrina. Um livro que não encerre seu contralivro é considerado incompleto.

Séculos e séculos de idealismo não deixaram de influir na realidade. Não é infrequente nas regiões mais antigas de Tlön a duplicação de objetos perdidos. Duas pessoas buscam um lápis; a primeira o encontra e não diz nada; a segunda encontra um segundo lápis não menos real, contudo mais ajustado à sua expectativa. Esses objetos secundários se chamam hrönir e são ainda que de forma desairada, mais compridos. Até há pouco os hrönir eram filhos fortuitos da distração e do esquecimento. Parece mentira que sua metódica produção conte apenas cem anos, mas assim está referido no Décimo Primeiro Volume. Os primeiros intentos foram estéreis. O modos operandi, no entanto, merece ser recordado. O diretor de um dos cárceres do Estado comunicou aos presos que no antigo leito de um rio havia certos sepulcros e prometeu a liberdade aos que trouxessem um achado importante. Durante os meses que precederam à escavação, apresentaram-lhes fotografias do que iam encontrar. Essa primeira tentativa provou que a esperança e a avidez podem inibir; uma semana de trabalho com a pá e a picareta não conseguiu exumar outro hrön, salvo uma roda enferrujada, de data posterior ao experimento. Esta foi mantida em segredo e depois repetida em quatro colégios. Em três, foi quase total o fracasso; no quarto (cujo diretor morreu casualmente durante as primeiras escavações), os discípulos exumaram - ou produziram - uma máscara de ouro, uma espada arcaica, duas ou três ânforas de barro e o limoso e mutilado torço de um rei com uma inscrição no peito que ainda não se logrou decifrar. Descobriu-se assim a improcedência de testemunhas que conhecessem a natureza experimental da busca... As investigações em massa produzem objetos contraditórios; agora preferem-se os trabalhos individuais e quase improvisados. A metódica elaboração de hrönir (diz o Décimo Primeiro Volume) prestou serviços prodigiosos aos arqueólogos. Permitiu examinar e até modificar o passado, que agora não é menos plástico e menos dócil que o futuro. Fato curioso: os hrönir de segundo e de terceiro grau - os hrönir derivados de outro hrön, os hrönir do hrön de um hrön - exageram as aberrações do inicial; os de quinto são quase uniformes; os de nono confundem-se com o de segundo; nos de décimo-primeiro, há uma pureza de linhas que os originais não têm. O processo é periódico: o hrön de décimo-segundo grau já começa a decair. Mais estranho e mais puro que todo o

hrön, é, às vezes, o ur: a coisa produzida por sugestão, o objeto eduzido pela esperança. A grande máscara de ouro que mencionei é um ilustre exemplo.

As coisas duplicam-se em Tlön; propendem simultaneamente a apagar-se e a perder as particularidades, quando se as esquece. É clássico o exemplo do umbral que perdurou enquanto o visitava um mendigo e que se perdeu de vista com sua morte. As vezes alguns pássaros, um cavalo, salvaram as ruínas de um anfiteatro.

1940. Salto Oriental.

Pós escrito de 1947. Reproduz o artigo anterior tal como apareceu na Antologia da literatura fantástica, 1940, sem outro corte senão o de algumas metáforas e de uma espécie de resumo zombeteiro que se tornou frívolo. Tantas coisas se passaram desde aquela data... Limitar-me-ei a recordá-las.

Em março de 1941, foi descoberta uma carta manuscrita de Gunnar Erfjord num livro de Hinton que fora de Herbert Ashe. O envelope tinha o carimbo postal de Ouro Preto; a carta elucidava completamente o mistério de Tlön. Seu texto corrobora as hipóteses de Martínez Estrada. Em princípios do século XVII, numa noite de Lucerna ou de Londres, começou a esplêndida história. Uma sociedade secreta e benévola (que entre seus adeptos contou com Dalgarno e depois com George Berkeley) surgiu para inventar um país. No vago programa inicial figuravam os "estudos herméticos" a filantropia e a cabala. Dessa primeira época, data o curioso livro Andreä. Ao cabo de alguns anos de conciliábulos e sínteses prematuras, compreenderam que uma geração não bastava para articular um país. Resolveram que cada um dos mestres que a integravam escolhesse um discípulo para a continuação da obra. Essa disposição hereditária prevaleceu; depois de um hiato de dois séculos, a perseguida fraternidade ressurgiu na América. Por volta de 1824, em Memphis (Tennessee), um dos adeptos conversa com o ascético milionário Ezra Buckley. Este o deixa falar com certo desdém - e ri da modéstia do projeto. Diz-lhe que na América é absurdo inventar um país e propõem-lhe a invenção de um planeta. A essa gigantesca idéia acrescenta outra, filha de seu niilismo⁵: a de manter em sigilo a empresa enorme. Circulavam, então, os vinte volumes da Encyclopaedia Britânica; Buckley sugere uma enciclopédia metódica do planeta ilusório. Deixar-lhes-á suas cordilheiras auríferas, seus rios navegáveis, suas várzeas pisadas pelo touro e pelo bizão, seus negros, seus prostíbulos e seus dólares, sob uma condição: "a obra não pactuará com o impostor Jesus Cristo". Buckley não acredita em Deus mas quer demonstrar ao Deus não existente que os homens mortais são capazes de conceber o mundo. Buckley é envenenado em Baton Rouge, em 1828; em 1914 a sociedade remete a seus colaboradores, que são trezentos, o volume final da Primeira Enciclopédia de Tlön. A edição é secreta: os quarenta volumes que compreende (a obra mais vasta que os homens empreenderam) seriam a base de outra mais minuciosa, não já redigida em inglês, mas em algumas das linguas de Tlön. Essa revisão de um mundo ilusório se denomina provisoriamente Orbis Tertius e um de seus modestos demiurgos foi Herbert Ashe, não sei se como agente de Gunnar Erfjord ou como adepto. Seu recebimento de um exemplar do Décimo Primeiro Volume parece favorecer a segunda hipótese. Mas, e os outros? Aí por volta de 1942, recrudesceram os fatos. Lembro-me com singular nitidez de um dos primeiros e acho que vislumbrei algo de seu caráter premonitório. Sucedeu num apartamento da Rua Laprida, frente a uma clara e alta sacada, voltada para o ocaso. A princesa de Faucigny Lucinge recebera de Poitiers sua baixela de prata. Do vasto interior de um caixote rubricado de carimbos internacionais, iam saindo finas coisas e móveis: prataria de Utrecht e de Paris com dura fauna heráldica, um samovar. Entre elas - com um perceptível e tênue tremor de pássaro adormecido, latejava misteriosamente uma bússola. A princesa não a reconheceu. A agulha azul indicava o norte magnético. A caixa de metal era côncava; as letras da esfera correspondiam a um dos alfabetos de Tlön. Tal foi a

primeira intrusão do mundo fantástico no mundo real. Um acaso que me inquietava fez que também fosse testemunha da segunda. Aconteceu uns meses depois, na venda de um brasileiro, na Cuchilla Negra. Amorim e eu regressávamos de Santana. Uma enchente do rio Taquarembó nos obrigou a provar (e a suportar) essa rudimentar hospitalidade. O vendeiro acomodou-nos em catres rangentes numa peça ampla, entorpecida de barris e couros. Deitamo-nos mas não nos deixou dormir até o amanhecer a bebedeira de um vizinho fantasma, que alternava injúrias inextricáveis com trechos de milongas - melhor, com trechos de uma só milonga. Como é de supor, atribuímos à foga cachaça do hospedeiro essa gritaria insistente... Pela madrugada, o homem estava morto no corredor. A aspereza da voz nos enganara: era um rapaz moço. Durante o delírio caíram-lhe do tirador algumas moedas e um cone reluzente, do diâmetro de um dado. Em vão um menino tentou recolher esse cone. Apenas um homem mal conseguiu levanta-lo. Peguei-o na palma da mão por alguns minutos: lembro-me de que seu peso era intolerável e que, depois de retirado o cone, persistiu a opressão. Também me lembro do preciso círculo que me gravou na carne. Essa evidência de um objeto muito pequeno e ao mesmo tempo pesadíssimo deixava a impressão desagradável de asco e de medo. Um lavrador propôs que o arremessassem à correnteza do rio: Amorim o adquiriu por alguns pesos. Ninguém sabia nada sobre o morto, exceto que "procedia da fronteira". Esses cones e muito pesados (feitos de um metal que não é deste mundo) são imagem da divindade, em certas religiões de Tlön.

Aqui termino a parte pessoal de meu relato. O resto está na memória (quando não na esperança ou no temor) de todos os meus leitores. É suficiente para mim recordar ou mencionar os fatos subsequentes, com mera brevidade de palavras que a cônica lembrança geral enriquecerá ou ampliará. Por volta de 1944, um investigador do jornal *The American* (de Nashville, Tennessee) exumou numa biblioteca de Memphis os quarenta volumes da Primeira Enciclopédia de Tlön. Até o dia de hoje se discute se esse descobrimento foi casual ou se o consentiram os diretores do ainda nebuloso *Orbis Tertius*. É aceitável a segunda hipótese. Alguns traços incríveis do Décimo Primeiro Volume (por exemplo, a multiplicação dos *hrönir*) foram eliminados ou atenuados no exemplar de Memphis; é razoável imaginar que essas supressões obedecem ao plano de exibir um mundo que não seja demasiadamente incompatível com o mundo real. A disseminação de objetos de Tlön em diversos países complementaria esse plano... 6. O fato é que a imprensa internacional apregooou infinitamente o "achado". Manuais, antologias, resumos, versões literais, reimpressões autorizadas e reimpressões piráticas da *Obra Maior dos Homens* abarrotaram e continuam abarrotando a Terra. Quase imediatamente, a realidade cedeu em mais de um ponto. O certo é que desejava ceder. Há dez anos, qualquer simetria com aparência de ordem - o materialismo dialético, o anti-semitismo, o nazismo - bastava para atrair os homens. Como não submeter-se a Tlön, à minuciosa e larga evidência de um planeta ordenado? Inútil responder que a realidade também está ordenada. Quem sabe o esteja, mas conforme leis divinas - explico: leis desumanas - que nunca percebemos completamente. Tlön será um labirinto, mas um labirinto urdido por homens, um labirinto destinado a ser decifrado pelos homens.

O contato e o hábito de Tlön desintegraram este mundo. Encantada por seu rigor a humanidade esquece e torna a esquecer que é um rigor de enxadristas, não de anjos. Penetrou nas escolas o (conjetural) "idioma primitivo" de Tlön; já o ensino de sua história harmoniosa (e cheia de episódios comovedores) obliterou o que presidiu minha infância; já nas memórias um passado fictício ocupa o lugar de outro, do qual nada sabemos com certeza - nem, ao menos, que é falso. Foram reformadas a numismática, a farmacologia, e a arqueologia. Acho que a biologia e matemática aguardam também seu avatar... Uma dispersa dinastia de solitários mudou a face do mundo. Sua tarefa prossegue. Se nossas previsões não errarem, daqui a cem anos alguém descobrirá os cem volumes da Segunda Enciclopédia de Tlön.

Então desaparecerão do planeta o inglês e o francês e o simples espanhol. O mundo será Tlön. Não me importo, continuo revisando, nos plácidos dias do Hotel Adrogué, uma indecisa tradução quevediana (que não tenciono publicar) do Urn Burial, de Browne.

E ELE CONSTRUIU UMA CASA TORTA ^{16} —

Robert A. Heinlein

Bob Heinlein é um dos fundadores da ficção científica moderna e o primeiro a utilizar muitos dos temas tornados lugares-comuns nos últimos trinta anos. É um pouco exagerado dizer que sua influência é comparável à de H.G. Wells, que também plantou as sementes que autores posteriores tiveram a felicidade de colher.

E, como Wells, o interesse principal de Heinlein tem sido a interação da ciência sobre a sociedade — cada aspecto da sociedade, desde a política até a guerra, desde a religião até o esporte. Formado em Annapolis, com um profundo conhecimento de engenharia e tecnologia, fez um notável esforço para alertar o público americano indiferente sobre a importância das viagens espaciais, escrevendo um excelente filme — Destino: Lua (1950). Milhões de pessoas, então descrentes, viram um astronauta americano impelindo-se através do vácuo por meio de jatos de um cilindro de oxigênio. (Onde será que os escritores de ficção científica arranjam essas idéias?)

A engraçada história que se segue, embora tenha um quarto de século, ainda é uma das minhas preferidas, possivelmente por duas razões: é sobre a quarta dimensão e eu sempre tive um fraco por esse lugar interessante. Minha primeira palestra na TV foi uma conferência sobre a quarta dimensão, dada sem interrupção, diretamente para uma câmara; desde então, todas as outras palestras que fiz pela TV têm sido brincadeira de crianças.

A segunda razão refere-se a chez Heinlein. Dez anos depois de ter escrito este conto, Bob e sua encantadora Ginny construíram uma casa extraordinária — longe de ser torta — no estimulante clima de Colorado Springs.

Era cheia de detalhes funcionais que, como outras idéias de Heinlein, hoje são do domínio público, e eu tive o privilégio de habitá-la durante uma semana em 1952. Espero que um dia tenha a oportunidade de pagar a hospitalidade de Bob e Ginny no clima reconhecidamente mais úmido e pegajoso de Colombo.

Os americanos são considerados loucos em qualquer parte do mundo.

Em geral, admitem que há uma boa base para essa acusação, mas apontam a Califórnia como o foco da infecção. Os californianos afirmam com seriedade que essa reputação vem, unicamente, dos atos praticados pelos habitantes do condado de Los Angeles. Os habitantes de Los Angeles, se pressionados, admitirão a acusação, mas explicarão imediatamente: "É Hollywood. Não é nossa culpa — não procuramos isso; Hollywood simplesmente aconteceu."

Os habitantes de Hollywood não se importam; vangloriam-se disso. Se o leitor estiver interessado, eles o levarão de carro até Laurel Canyon, "... onde mantemos os casos violentos". Os habitantes do Canyon —

as mulheres de pernas bronzeadas, os homens de calção, constantemente ocupados em construir e reconstruir suas alegres casas, nunca terminadas — olham com leve desprezo para as criaturas insípidas que moram em apartamentos, guardando zelosamente no coração o conhecimento secreto de que eles, e somente eles, sabem como viver.

Avenida Lookout Mountain é o nome de uma garganta secundária que se eleva de Laurel Canyon. Os outros habitantes não gostam que isto seja mencionado — afinal, tudo tem um limite.

Lá no alto de Lookout Mountain, no número 8775, do lado oposto do Hermit — o Hermit original de Hollywood — morava Quintus Teal, arquiteto graduado.

Até a arquitetura do sul da Califórnia é diferente. Os cachorros-quentes são vendidos numa estrutura construída como um cãozinho, chamado "The Pup^[17]". As casquinhas de sorvete são vendidas em uma casquinha gigante feita de estuque, e anúncios luminosos proclamam "Adquira o Hábito da Tigela de Chili", colocados nos telhados de prédios que, evidentemente, são tigelas de chili. A gasolina, o óleo e os mapas rodoviários grátis são distribuídos embaixo das asas de aviões de carga trimotores, enquanto que toaletes, rigorosamente fiscalizados e inspecionados de hora em hora para o seu conforto, estão localizados na cabina do avião. Estas coisas poderão surpreender ou divertir o turista, mas os habitantes do lugar, que caminham de cabeça descoberta sob o famoso sol californiano, ao meio-dia, acham isso a coisa mais natural do mundo.

Quintus Teal considerava tímidos, desajeitados e fracos os esforços dos seus colegas na arquitetura.

— O que é uma casa? — perguntou ao seu amigo Homer Bailey.

— Bem... — Bailey respondeu cautelosamente —, falando em termos gerais, sempre considere uma casa como uma invenção para a gente se abrigar da chuva.

— Nada disso! Você é tão ruim como os outros.

— Eu não disse que a definição era completa...

— Completa! Não chega nem perto. Desse ponto de vista seria a mesma coisa estar de cócoras nas cavernas. Mas não culpo você — continuou Teal com magnanimidade. — Você não é pior do que esses caras que a gente vê por aí, fazendo arquitetura. Mesmo os Modernos — tudo o que eles fizeram foi abandonar a Escola Bolo-de-Noiva em favor da Escola Posto-de-Serviço; descartaram-se dos pericotes e jogaram um pouco de cromado, mas no fundo são tão conservadores e tradicionais como uma prefeitura do interior. Neutra! Schindler! O que é que esses caras têm? O que é que Frank Lloyd Wright tem que eu não tenho?

— Contratos — respondeu seu amigo, laconicamente.

— Hem? O que você disse? — Teal tropeçou nas palavras, hesitou, mas recuperou-se. — Contratos. Correto. E por quê? Porque eu não penso numa casa como uma caverna atapetada; penso nela como uma máquina para se viver, um processo vital, uma coisa viva e dinâmica, que muda com o humor do seu ocupante — não é um enorme esquife, morto, estático. Por que devemos nos sujeitar aos conceitos petrificados dos nossos antepassados? Qualquer tolo com os mais parcos conhecimentos de geometria descritiva pode desenhar uma casa com a maior facilidade. A geometria estática de Euclides é a única matemática? Devemos nós ignorar completamente a teoria Picard-Vessiot? E que me diz dos sistemas modulares? Isto sem falar nas ricas sugestões da estereoquímica. Não haverá lugar na arquitetura para a transformação, a homomorfologia, as estruturas acionais?

— Macacos me mordam se eu sei — respondeu Bailey. — Por mim pode até estar falando sobre a quarta

dimensão que não me diz nada.

— E por que não? Por que deveríamos limitar-nos ao... Espere! — Interrompeu-se e ficou olhando para longe. — Homer, acho que você disse uma coisa certa aí. E por que não? Pense na infinita riqueza de relacionamento e articulação nas quartas dimensões. Que casa, que casa... — Ficou imóvel, seus pálidos olhos saltados piscavam pensativamente.

Bailey estendeu a mão e sacudiu-lhe o braço. — Acorde. De que diabo você está falando, quartas dimensões? O tempo é a quarta dimensão; você não pode meter pregos *nisso*.

Teal sacudiu o braço, libertando-o. — Certo. Certo. O tempo é a quarta dimensão, mas estou pensando na quarta dimensão espacial, como comprimento, altura e largura. Em economia de materiais e conveniência de disposições não há nada que se lhe compare. Isso sem falar da economia de terreno — poderia colocar uma casa de oito cômodos no terreno agora ocupado por uma casa de um só. Como um *tesseract*...

— O que é um *tesseract*?

— Você não foi à escola? O *tesseract* é um hipercubo, uma figura quadrada, com uma quarta dimensão, assim como um cubo tem três e um quadrado duas. — Teal correu até a cozinha do seu apartamento e voltou com uma caixa de palitos que esvaziou sobre a mesa, entre os dois, varrendo com a mão, displicentemente, copos e uma garrafa de gin Holland, quase vazia. — Vou precisar de um pouco de plasticina. Tinha um pouco aqui na semana passada. — Remexeu numa das gavetas da mesa de trabalho, atopetada de coisas, que obstruía um canto da sala de jantar e voltou com um pouco de argila oleosa. — Aqui está.

— O que é que vai fazer?

— Vou lhe mostrar. — Teal, imediatamente, tirou pedacinhos de argila e fez bolinhas do tamanho de ervilhas. Espetou palitos em quatro delas e uniu-as, formando um quadrado. — Olhe! Isto é um quadrado.

— Isso é óbvio.

— Outro igual a esse, mais quatro palitos, e temos um cubo. — Os palitos estavam agora arrumados como a armação de uma caixa quadrada, um cubo, com as bolinhas de argila segurando os cantos. — Agora fazemos outro cubo igual ao primeiro e ambos serão dois lados do *tesseract*.

Bailey começou a ajudar a fazer as bolinhas de massa para o segundo cubo, mas ficou fascinado pela textura sensual da argila dócil e começou a trabalhá-la, dando-lhe forma com os dedos.

— Olhe — disse, mostrando o seu trabalho, uma pequena figura —, Gypsy Rose Lee!

— Parece mais com Gargântua; ela devia processá-lo. Agora preste atenção. Você abre um canto do primeiro cubo, prende o segundo cubo a um canto e depois fecha esse canto. Então, tome mais oito palitos e ligue o fundo do primeiro cubo ao fundo do segundo, inclinado, e a parte superior do primeiro à parte superior do segundo, da mesma maneira. — Teal fez isto rapidamente, enquanto falava.

— E o que é que isso deve ser? — perguntou Bailey, desconfiado.

— Isso é um *tesseract*, oito cubos formando os lados de um hipercubo em quatro dimensões.

— Para mim, isso parece mais uma cama-de-gato. De qualquer forma, você tem aí somente dois cubos. Onde estão os outros seis?

— Use sua imaginação, homem. Considere a parte de cima do primeiro cubo em relação à parte superior

do segundo cubo; esse é o cubo número três. Então os dois cubos de baixo, depois a parte da frente de cada cubo, as partes de trás, o lado direito, o lado esquerdo — oito cubos — disse, apontando para eles.

— Êee, eu os vejo. Mas, ainda assim, não são cubos, são — como se diz — prismas. Não são quadrados, eles se inclinam.

— Isso é o modo como você olha para eles, em perspectiva. Se você desenhasse um cubo num pedaço de papel, os lados dos quadrados seriam inclinados, não seriam? Isso é perspectiva. Quando você olha para uma figura quadridimensional em três dimensões, naturalmente que parece torta. Mas são cubos assim mesmo.

— Talvez sejam para você, irmão, mas, para mim, eles ainda parecem tortos.

Teal não fez caso das objeções e continuou: — Agora considere isto como sendo a estrutura de uma casa de oito cômodos; há uma peça no andar térreo — isso são as áreas de serviço e a garagem. Há seis peças saindo dela no andar seguinte: *living*, sala de jantar, banheiro, quartos de dormir, *etc.* E lá no topo, completamente integrado, com janelas em todos os quatro lados, estará seu gabinete de trabalho. Olhe aí! Que tal, gosta?

— Parece-me que você tem a banheira pendurada do forro do *living*. Essas salas estão entrelaçadas como se fossem um polvo.

— Só em perspectiva, só em perspectiva. Olhe, vou fazer de outro modo, para que você possa vê-la. — Desta vez Teal fez um cubo de palitos, depois fez um segundo cubo com metades de palitos e colocou-o bem no centro do primeiro, prendendo os cantos do cubo pequeno aos canos do cubo grande com pedaços pequenos de palitos. — Agora — o cubo grande é o seu andar térreo, o cubo pequeno aí dentro é o gabinete de trabalho no andar superior. Os seis cubos que os ligam são os outros quartos. Está vendo?

Bailey estudou a figura e abanou a cabeça. — Ainda vejo apenas dois cubos: um grande e um pequeno! Essas outras seis coisas, desta vez, parecem pirâmides em vez de prismas, mas, ainda não são cubos.

— Certo, certo, você os está vendo numa perspectiva diferente. Não pode ver isso?

— Bem, talvez. Mas, esse quarto aí dentro. Está completamente rodeado dessas geringonças. Pensei que você tinha dito que tem janelas nos quatro lados.

— E tem — apenas, parece que está rodeado. Isso é o detalhe principal de uma casa *tesseract*: vista externa em todos os aposentos e, no entanto, cada parede serve para dois quartos e uma casa de oito cômodos requer apenas os alicerces para um só quarto. É revolucionário.

— Revolucionário é pouco. Você está louco, rapaz; você não pode construir uma casa assim. Esse quarto interno está do lado de dentro e ali é que fica.

Teal olhou para o amigo com exasperação controlada. — São caras como você que mantêm a arquitetura na sua infância. Quantos lados quadrados tem um cubo?

— Seis.

— E quantos deles estão do lado de dentro?

— Ora, nenhum. Todos estão do lado de fora..

— Muito bem. Agora escute — um *tesseract* tem oito lados cúbicos, *todos no lado de fora*. Agora observe. Vou abrir este *tesseract* como se abre uma caixa de papelão cúbica até deixá-la completamente plana. Desse modo você poderá ver todos os oito cubos. Trabalhando com muita rapidez ele construiu

quatro cubos, empilhando-os um em cima do outro, fazendo uma torre cambaleante. Então construiu mais quatro cubos saindo das faces expostas do segundo cubo da torre. A estrutura oscilou um pouco nas juntas, não muito firmes, feitas das bolinhas de argila, mas ficou de pé, oito cubos numa cruz invertida, uma cruz dupla, pois os quatro cubos adicionais se projetavam em quatro direções.

— Você pode ver agora? Descansa no aposento do andar térreo, os outros seis cubos são os outros quartos e ali está seu gabinete de trabalho, bem no topo.

Bailey estudou aquilo com mais aprovação do que tivera para as outras figuras. — Pelo menos posso entendê-la. Você chama a isto também de *tesseract*?

— Isto é um *tesseract* desdobrado em três dimensões. Para rearmá-lo você enfia o cubo de cima no cubo de baixo, dobra aqueles cubos do lado até que encontrem o cubo de cima, e é isso aí. Você faz essa dobração através de uma quarta dimensão, naturalmente; você não deforma nenhum dos cubos ou os dobra para dentro de outro.

Bailey estudou mais um pouco a estrutura cambaleante. — Escute aqui — disse finalmente —, por que não esquece de dobrar esta coisa através de uma quarta dimensão — de qualquer forma você não pode fazê-lo — e constrói uma casa como isto?

— O que é que você quer dizer que não posso? É apenas um problema matemático, simples...

— Devagar, filho. Pode ser simples matemática, mas você nunca conseguiria que seus planos fossem aprovados para construção. Não existe uma quarta dimensão; esqueça. Mas este tipo de casa — poderia ter algumas vantagens.

Teal estudou o modelo. — Hm-m-m... talvez você tenha razão. Poderíamos ter o mesmo número de quartos e teríamos o mesmo tamanho de terreno. Sim, e poderíamos pôr esse piso central em feitiço de cruz, apontando para o nordeste e o sudoeste e, assim por diante de modo que cada quarto recebesse a luz do sol o dia todo. O eixo interno presta-se lindamente ao aquecimento central. Colocaremos a sala de jantar no sudeste, com janelas panorâmicas em cada peça. Muito bem, Homer. Vou fazê-la! Onde é que você quer que a construa?

— Espere um pouco! Espere um pouco! Não disse que você iria construí-la para mim...

— É lógico que vou. Para quem mais? Sua mulher quer uma casa nova; e esta é a casa.

— Mas, a Sra. Bailey quer uma casa em estilo georgiano...

— Isso foi só uma idéia dela. As mulheres não sabem o que querem...

— A Sra. Bailey sabe.

— Só uma idéia que algum arquiteto antiquado lhe meteu na cabeça. Ela dirige um carro de 1941, não dirige? Ela se veste na última moda — por que deveria ela morar numa casa do século dezoito? Esta casa será mais avançada do que um modelo de 1941: está anos dentro do futuro. Ela será comentada por toda a cidade.

— Bem — terei que falar com ela.

— Nada disso. Vamos fazer-lhe uma surpresa. Tome outro drinque.

— De qualquer forma vamos de carro até Bakersfield. A companhia vai pôr dois poços em funcionamento amanhã.

— Tolice. Essa é exatamente a oportunidade que queremos. Será uma surpresa para ela quando voltarem.

Pode me encher o cheque agora e suas preocupações estarão terminadas.

— Não deveria fazer nada disto sem consultá-la. Ela não vai gostar.

— Diga, quem é que veste as calças na sua família?

O cheque foi assinado quando já estavam na metade da segunda garrafa.

No sul da Califórnia as coisas são feitas com rapidez. As casas comuns ali são construídas em um mês. Sob as ordens excitadas e minuciosas de Teal, a casa *tesseract* elevava-se vertiginosamente em direção ao céu em dias, não em semanas, e seu segundo andar, em feitiço de cruz, projetava-se em direção aos quatro cantos do mundo. Teve alguma dificuldade, a princípio, com os inspetores por causa desses quatro quartos salientes, mas, utilizando vigas resistentes e dinheiro fácil, conseguiu convencê-los da solidez da sua engenharia.

Conforme o combinado, Teal dirigiu o seu carro até a porta da frente da residência dos Bailey na manhã seguinte à volta do casal à cidade. Improvisou um toque especial na sua buzina de dois tons. Bailey espetou a cabeça para fora da porta da frente.

— Por que não usa a campainha? — disse.

— É muito vagarosa — respondeu Teal, alegremente. — Sou um homem de ação. A Sra. Bailey está pronta? Ah, aí está a senhora! Bem-vinda ao lar. Pule aqui dentro que temos uma surpresa para a senhora!

— Você conhece Teal, minha querida — disse Bailey, pouco à vontade.

A Sra. Bailey fungou: — Conheço-o. Iremos no nosso carro, Homer.

— Certamente, minha querida.

— Boa idéia — concordou Teal —, tem muito mais força do que o meu; chegaremos lá mais depressa. Eu dirijo, conheço o caminho. — Tirou as chaves da mão de Bailey, acomodou-se no assento do motorista e já tinha o motor ligado antes que a Sra. Bailey pudesse fazer qualquer coisa.

— Nunca precisam se preocupar quando dirijo — disse Teal à Sra. Bailey, virando a cabeça ao falar, ao mesmo tempo que fazia zunir o possante automóvel pela avenida, virando depois no Sunset Boulevard —; é uma questão de força e controle, um processo dinâmico, é minha especialidade; nunca tive um acidente sério.

— Você não precisará de mais do que um — respondeu ela, mordaz. — Quer, *por favor*, manter os olhos no trânsito?

Teal tentou explicar a ela que a situação do tráfego era uma questão, não de vista, mas de uma intuitiva integração de direções, velocidades e probabilidades, porém Bailey interrompeu-o bruscamente. — Onde está a casa, Quintus?

— Casa? — perguntou desconfiada a Sra. Bailey. — Que história é essa de casa, Homer? Você andou aprontando alguma coisa sem me dizer nada?

Teal respondeu com seu melhor modo diplomático: — Certamente que é uma casa, Sra. Bailey. E que casa! É uma surpresa de um marido devotado para a senhora. Espere até vê-la.

— Vou esperar — disse ela secamente. — Em que estilo é?

— Esta casa inaugura um novo estilo, é mais avançada do que a televisão, é mais nova do que a semana

que vem. Deve ser vista para ser apreciada. E por falar nisso — continuou rapidamente, evitando uma resposta —, vocês dois sentiram o terremoto ontem à noite?

— Terremoto? Que terremoto? Homer, houve um terremoto?

— Só um pequenininho — continuou Teal —, às duas da madrugada, mais ou menos. Se não estivesse acordado, não teria notado.

A Sra. Bailey estremeceu. — Oh, esta terra horrível! Escutou isso, Homer? Poderíamos ter sido mortos na cama sem nunca saber o que aconteceu. Por que foi que me deixei convencer a deixar o Iowa?

— Mas, minha querida — protestou ele atrapalhado —, você queria vir para a Califórnia, não gostava de Des Moines.

— Não precisamos entrar em detalhes — disse ela com firmeza. — Você é um homem; deveria prever coisas como essa. Terremotos!

— Isso é uma coisa que não precisa temer no seu novo lar, Sra. Bailey — disse Teal. — É completamente à prova de terremotos; cada parte está em perfeito equilíbrio dinâmico com a outra parte.

— Bem, espero que esteja. Onde está essa casa?

— Logo depois dessa curva. Aí está o cartaz. — Um enorme cartaz, em feitio de seta, da espécie usada pelos corretores de imóveis, proclamava em letras grandes e brilhantes — mesmo para o sul da Califórnia:

A CASA DO FUTURO

Colossal — Assombrosa — Revolucionária
Veja como viverão seus netos

Q. Teal, Arquiteto

— Naturalmente que isso será tirado dali — disse ele, apressadamente, notando a expressão da Sra. Bailey —, logo que vocês se instalarem. — Fez a curva e parou o carro, com um rangido de freios, em frente da Casa do Futuro. — Voilà! — exclamou Teal, observando seus rostos para ver a reação.

Bailey olhava com incredulidade a Sra. Bailey, sem disfarçar a aversão. Ambos viam uma massa cúbica simples que possuía portas e janelas, mas, sem nenhum outro detalhe de construção, salvo que era decorada com intrincados desenhos matemáticos. — Teal — disse Bailey, lentamente —, que diabo você tem andado fazendo?

Teal olhou de seus rostos para a casa. A torre louca, com seus quartos salientes do segundo andar, desaparecera. Não restava nem um traço dos sete aposentos acima do andar térreo. Nada restava a não ser o único cômodo que descansava sobre os alicerces. — Macacos me mordam! — gritou. — Fui roubado!

Começou a correr.

Mas não ajudou em nada. Tanto do lado da frente como nos fundos, a história era a mesma: os outros sete quartos haviam desaparecido, sumido completamente. Bailey alcançou-o e agarrou-lhe o braço.

— Explique-se. Que história é esta de ter sido roubado? Como é que foi construir uma coisa destas — não foi o que combinamos.

— Mas, eu não fiz isto. Construí exatamente o que planejamos construir, uma casa de oito cômodos na forma de um *tesseract* desdobrado. Fui sabotado; foi isso! Os outros arquitetos da cidade não tiveram coragem de me deixar acabar o projeto; sabiam que estariam liquidados se o fizessem.

— Quando é que você esteve aqui pela última vez?

— Ontem à tarde.

— Tudo estava em ordem, então?

— Sim. Os jardineiros já estavam terminando.

Bailey olhou em volta para a paisagem impecavelmente acabada. — Não vejo como sete quartos poderiam ter sido desmontados e carregados daqui numa só noite sem estragar o jardim.

Teal também olhou ao seu redor. — Não parece. Não posso compreender.

A Sra. Bailey juntou-se a eles. — E daí? E daí? Será que devo distrair-me sozinha? Vamos dar uma olhada já que estamos aqui, apesar de que, estou avisando, Homer, não vou gostar.

— É, já que estamos aqui — concordou Teal, tirando uma chave do bolso, com a qual abriu a porta, deixando-os entrar pela porta da frente. — Talvez encontremos algumas pistas.

O hall de entrada estava em perfeito estado, abertas as portas corrediças que o separavam do espaço para a garagem, de modo a permitir que tivessem uma boa visão do compartimento inteiro. — Isto parece que está bem — observou Bailey. —

Vamos até o telhado, tentar descobrir o que aconteceu. Onde está a escada? Ou será que roubaram isso também?

— Oh não — respondeu Teal —, olhe... — Apertou um botão abaixo da chave da luz; um painel no forro deslizou e um lanço de escadas, leve e gracioso, desceu silenciosamente. Seus reforços eram o gélido prateado do duralumínio, os degraus e a parte vertical dos mesmos de plástico transparente. Teal retorceu-se como um menino que conseguiu realizar um truque com as cartas, enquanto a Sra. Bailey degelava perceptivelmente.

Era uma beleza.

— Muito bacana — admitiu Bailey. — Contudo, não parece levar a parte alguma.

— Oh, isso... — Teal seguiu o seu olhar. — O alçapão levanta quando você se aproxima do topo. Poços de escadas abertos são um anacronismo. Venha. — Como predissera, o tampo da escada saía do caminho à medida que subiam e permitiu que desembocassem no alto, porém, não como esperavam, no teto do único quarto. Encontraram-se parados no meio de um dos cinco quartos que compunham o segundo andar da estrutura original.

Pela primeira vez, que se saiba, Teal não teve nada a dizer. Bailey fez-lhe eco, mastigando seu charuto. Tudo estava em perfeita ordem. Diante deles, através da porta aberta e de uma divisão translúcida, estava a cozinha, o sonho de um *chef*, com uma engenharia doméstica das mais modernas. Metal Monel, balcão de uma peça só, com luz escondida, arranjo funcional; à esquerda, a sala de jantar, formal, mas graciosa e hospitaleira, esperava hóspedes, sua mobília disposta com perfeição.

Teal sabia, antes de virar a cabeça, que o *living* e a saleta seriam encontrados numa existência tanto

substancial quanto impossível.

— Bem, devo admitir que isto é encantador — aprovou a Sra. Bailey —, e a cozinha é fantástica demais para se acreditar

— embora nunca teria adivinhado, ao vê-la pelo lado de fora, que esta casa tivesse tanto espaço em cima. Naturalmente, algumas mudanças terão de ser feitas. Aquela secretária, por exemplo

— se a colocássemos *aqui* e puséssemos o sofá lá...

— Te fecha, Matilde — interrompeu Bailey, bruscamente.

— O que você acha disto, Teal?

— Ora, Homer Bailey! O desafo...

— Te fecha, eu disse. Bem, Teal?

O arquiteto mexeu seu corpo desajeitado. — Estou com medo de dizer. Vamos subir.

— Como?

— Assim. — Tocou outro botão. Outra escada em cores mais profundas, companheira da ponte de fadas que os trouxera até ali, dava acesso ao andar seguinte. Subiram, a Sra. Bailey reclamando atrás deles, e encontraram-se no dormitório principal. As cortinas estavam fechadas, assim como as do andar de baixo, mas uma luz suave iluminou o aposento, automaticamente. Teal imediatamente acionou o botão que controlava outro lanço de escada e subiram às pressas até o gabinete de trabalho do andar superior.

— Olhe, Teal — perguntou Bailey, quando tinha recuperado o fôlego —, podemos chegar até o telhado acima desta sala? Então poderíamos dar uma olhada em volta.

— Certamente; é uma plataforma-observatório. — Subiram um quarto lanço de escadas, mas quando a tampa no alto se abriu para deixá-los passar ao outro nível, encontraram-se, não no telhado, mas, *de pé na sala do andar térreo por onde tinham entrado na casa.*

O rosto do Sr. Bailey adquiriu uma cor cinza-doentio. — Anjos do céu — gritou —, este lugar está assombrado. Nós vamos sair daqui! — Agarrando sua mulher escancarou a porta e atirou-se para fora.

Teal estava preocupado demais para incomodar-se com a saída deles. Havia uma resposta para tudo isto, uma resposta na qual não acreditava. Mas foi forçado a interromper suas conjecturas porque gritos roucos chegavam-lhe de algum lugar lá em cima. Abaixou a escada e correu para o alto. Bailey estava no aposento central, curvado sobre a Sra. Bailey, que desmaiara. Teal percebeu a situação, foi diretamente para o bar da saleta e serviu três dedos de conhaque num copo que alcançou a Bailey. — Pronto, isto a reanimará.

Bailey bebeu-o.

— Isso era para a Sra. Bailey — disse Teal.

— Não discuta — disse Bailey, secamente. — Sirva outro. — Teal teve a precaução de tomar um gole antes de voltar com a dose destinada à mulher do seu cliente. Encontrou-a quando abria os olhos.

— Aqui, Sra. Bailey — disse, tentando acalmá-la —, isto vai fazê-la sentir-se melhor.

— Eu nunca toco em álcool — protestou, tomando o conteúdo de um gole.

— Agora, digam-me o que aconteceu — sugeriu Teal. — Pensei que ambos tivessem ido embora.

— Mas nós fomos — saímos pela porta da frente e nos encontramos aqui em cima, na saleta.

— Diabos, é verdade! Hm-m-m... esperem um minuto. — Teal entrou na saleta. Lá descobriu que a janela panorâmica, situada numa extremidade do aposento, estava aberta. Espiou para fora, cautelosamente. Fitou com espanto, não para uma paisagem da Califórnia, mas, para dentro do aposento do andar térreo — ou um fac-símile dele. Não falou nada, mas voltou ao poço da escada que deixara aberto e olhou para baixo. O andar térreo ainda estava no lugar. De algum modo, conseguia estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo — em níveis diferentes.

Voltou para a sala central e afundou-se numa poltrona baixa em frente de Bailey, olhando-o por cima dos seus joelhos ossudos.

— Homer — disse solenemente —, você sabe o que aconteceu?

— Não, eu não sei... mas, se não descobrir logo, alguma coisa vai acontecer, e muito drástica também!

— Homer, isto é uma realização das minhas teorias. Esta casa é um verdadeiro *tesseract*!

— Do que é que ele está falando, Homer?

— Espere, Matilde... ora, Teal, isso é ridículo. Você aprontou alguma trapaça aqui e eu não vou tolerar isso — quase matando a Sra. Bailey de susto e deixando-me nervoso. Só o que quero é sair daqui, sem mais amostras de seus alçapões e brincadeiras idiotas de mau gosto.

— Fale por você, Homer — interrompeu a Sra. Bailey, —, eu *não* fiquei com medo; só me senti esquisita por uns momentos. É o meu coração; todas as pessoas da minha família são delicadas e sensíveis. Agora, com respeito a esta tessi-coisa — explique-se, Sr. Teal. Fale.

Contou-lhes do melhor modo possível, apesar das numerosas interrupções sobre a teoria que estava por trás da casa. — Do modo como vejo as coisas, Sra. Bailey — terminou —, esta casa, embora perfeitamente estável em três dimensões, não era estável em quatro dimensões. Construí uma casa no formato de um *tesseract* desdobrado; alguma coisa aconteceu com ela, uma sacudidela ou um tremor e caiu no seu formato normal — dobrou-se. — Estalou os dedos, subitamente. — Já sei! O terremoto!

— Terremoto?

— Sim, sim, o pequeno abalo que tivemos ontem à noite. De um ponto de vista quadridimensional esta casa era como um plano equilibrado numa das arestas. Um empurrãozinho e dobrou-se nas juntas naturais, formando uma figura quadridimensional estável.

— Pensei que você alardeava que esta casa era segura.

— É segura — tridimensionalmente.

— Não chamo segura — comentou Bailey, irritado — uma casa que desmonta ao menor abalo.

— Mas olhe à sua volta, homem! — protestou Teal. — Nada foi perturbado, nem uma peça de cristal rachada. Uma alternância através de uma quarta dimensão não pode afetar uma figura tridimensional do mesmo modo como não se pode sacudir as letras de uma página impressa. Se vocês estivessem dormindo aqui, ontem à noite, nunca teriam acordado.

— É exatamente disso que tenho medo. E por falar nisso, o seu grande gênio já descobriu algum jeito de nos tirar desta arapuca?

— Hem? Oh, sim, você e a Sra. Bailey saíram e aterrissaram de volta aqui em cima, não foi? Mas, estou

certo de que não haverá nenhuma dificuldade real — entramos: podemos sair. Vou tentar. — Levantou-se e desceu apressado antes de terminar o que estava dizendo. Abriu a porta da frente, saiu e encontrou-se fitando seus companheiros, da outra ponta da saleta do segundo andar. — Bem, parece haver alguns pequenos problemas — admitiu, alegremente. — Uma mera technicalidade, embora sempre possamos sair pela janela. — Afastou com um puxão os longos cortinados que cobriam as portas-janelas, situadas numa das paredes da saleta. Subitamente estacou.

— Hm-m-m — disse —, isto é interessante... muito.

— O que é? — perguntou Bailey, juntando-se a ele.

— Isto. — A janela dava diretamente para a sala de jantar em vez de dar para fora. Bailey voltou para o canto onde a saleta e a sala de jantar se encontravam com a sala central num ângulo de noventa graus.

— Mas, isso não pode ser — protestou —, essa janela está, talvez, de quatro e meio a seis metros da sala de jantar.

— Não num *tesseract* — corrigiu Teal. — Veja. — Abriu a janela e saiu, falando por cima do ombro.

Do ponto de vista dos Baileys ele simplesmente desapareceu.

Mas não do seu. Levou alguns segundos para recuperar o fôlego. Então, cautelosamente, soltou-se da roseira com a qual ficara quase que irrevocavelmente entrelaçado, tomando mentalmente nota de nunca mais encomendar ajardinamento que incluísse plantas com espinhos, e olhou em volta.

Estava do lado de fora da casa. O volume compacto da sala do andar térreo elevava-se ao seu lado. Aparentemente, caíra do telhado.

Dobrou a esquina da casa correndo, abriu a porta da frente, com violência, e subiu correndo as escadas. — Homer! — chamou. — Sra. Bailey! Encontrei uma saída!

Bailey pareceu mais aborrecido do que contente em vê-lo. — O que foi que aconteceu com você?

— Caí para fora. Estive do lado de fora da casa. Vocês podem fazer isso com a mesma facilidade — apenas atravessem essas portas-janelas. Cuidado com a roseira, talvez tenhamos que construir outra escada.

— Como foi que voltou a entrar?

— Pela porta da frente.

— Então sairemos da mesma maneira. Venha, querida. — Bailey enfiou, resolutamente, o chapéu na cabeça e desceu as escadas com passo firme, a esposa agarrada ao seu braço.

Teal encontrou-os na saleta. — Eu podia ter-lhes dito que isso não funcionaria — observou. — Agora, eis o que devemos fazer: do modo como vejo as coisas, numa figura quadridimensional, um homem tridimensional tem duas escolhas cada vez que cruza uma linha de junção, como uma parede ou um limiar. Comumente, ele fará uma volta de noventa graus na quarta dimensão, só que não sentirá isso nas suas três dimensões. Olhem. — Teal atravessou a mesma janela pela qual caíra há poucos momentos. Atravessou-a e chegou à sala de jantar, bem onde estava, ainda falando.

— Observei onde ia e cheguei onde tencionava. — Voltou para a saleta. — Da outra vez não prestei atenção, desloquei-me através do espaço normal e caí para fora da casa. Deve ser um caso de orientação subconsciente.

— Detestaria ter de depender de orientação subconsciente quando saio de manhã para apanhar o jornal.

— Você não terá de fazê-lo; tornar-se-á automático. Bem, para sair da casa, desta vez — Sra. Bailey, se a senhora ficar de pé aqui, com as costas para a janela e pular para trás, tenho absoluta certeza de que a senhora aterrissará no jardim.

O rosto da Sra. Bailey expressava sua opinião sobre Teal e suas idéias. — Homer Bailey — disse ela com voz esganiçada, —, você vai ficar parado aí e deixar que ele sugira uma coisa des...

— Mas, Sra. Bailey — tentou explicar Teal —, podemos amarrar uma corda na senhora e baixá-la fácil.

— Esqueça, Teal — interrompeu Bailey, bruscamente. — Vamos ter de encontrar coisa melhor do que essa. Nem a Sra. Bailey nem eu estamos em condições de pular.

Teal ficou momentaneamente mudo; seguiu-se um curto silêncio. Bailey quebrou-o com: — Você escutou isso, Teal?

— Escutei o quê?

— Alguém falando a distância. Você não acha que talvez haja mais alguém na casa, pregando peças na gente?

— Oh, não há uma chance. Eu tenho a única chave que existe.

— Mas, eu tenho certeza — confirmou a Sra. Bailey. — Estou ouvindo-os desde que entramos. Vozes. Homer, não posso agüentar muito mais disto. Faça alguma coisa.

— Ora, ora, Sra. Bailey — disse Teal, tentando acalmá-la —, não fique perturbada. Não pode haver mais ninguém na casa, mas irei investigar para ter certeza. Homer, permaneça aqui com a Sra. Bailey e fique de olho nos quartos deste andar. — Passou da saleta para a sala do andar térreo e dali para a cozinha e depois para o quarto de dormir. Isto levou-o de volta à saleta, por um caminho em linha reta, isto é, indo diretamente para a frente todo o trajeto, ele retornou ao lugar de onde partira.

— Não há ninguém por aqui — disse. — Abri todas as portas e janelas no caminho... menos esta. — Chegou à janela do lado oposto àquela por onde caíra minutos atrás e descerrou as cortinas.

Viu um homem de costas para ele a quatro aposentos de distância. Teal abriu a porta-janela e mergulhou na outra sala gritando: — Lá vai ele! Pare, ladrão!

A pessoa, evidentemente, ouviu-o: fugiu precipitadamente. Teal perseguiu-o, seus membros desajeitados mexendo-se ao mesmo tempo como um polichinelo, pelo *living*, cozinha, sala de jantar, saleta — sala após sala — entretanto, apesar dos mais árduos esforços de Teal, a distância de quatro quartos que o intruso levava de vantagem quando começou, não parecia diminuir.

Viu o perseguido pular desajeitada, porém rapidamente, por cima do caixilho baixo da porta-janela e, ao fazê-lo, o chapéu caiu de sua cabeça. Quando chegou ao lugar onde o intruso perdera o chapéu, abaixou-se para apanhá-lo, satisfeito de ter uma desculpa para parar e tomar fôlego. Voltou para a saleta.

— Acho que ele escapou — disse. — de qualquer forma, aqui está o chapéu dele. Talvez possamos identificá-lo.

Bailey tomou o chapéu e olhou para ele depois tungou e enfiou-o na cabeça de Teal. Ajustava-se com perfeição. Teal parecia perplexo; tirou o chapéu e examinou-o. Na carneira viam-se as iniciais "Q. T.". Era o seu próprio chapéu.

Lentamente, a compreensão filtrou-se através das reações de Teal. Voltou a porta-janela e olhou para a série de aposentos pelos quais correra atrás do misterioso estranho. Viram-no agitar os braços como um

semáforo.

— O que é que está fazendo? — perguntou Bailey.

— Venha ver. — Os dois juntaram-se a ele e seguiram seu olhar, fixando com olhos esbugalhados o mesmo que ele fitava. A quatro aposentos de distancia, viram as costas de três pessoas, dois homens e uma mulher. O mais alto e magro dos dois homens agitava os braços de maneira idiota.

A Sra. Bailey deu um grito e desmaiou novamente.

Minutos depois, quando a Sra. Bailey estava reanimada e já um tanto mais composta, Bailey e Teal fizeram um balanço da situação.

— Teal — disse Bailey —, não vou perder o meu tempo em botar a culpa em você; as recriminações são inúteis e estou certo de que você não planejou que isto acontecesse, mas suponho que você percebe que estamos em sérios apuros. Como é que vamos sair deste lugar? Agora parece que vamos ficar aqui até morrer de fome; cada quarto dá para outro quarto.

— Oh, não é tão mau assim. Saí uma vez, você sabe.

— Sim, mas você não pode repetir isso — você tentou.

— De qualquer forma, não tentamos todos os quartos. Ainda temos o gabinete de trabalho.

— Ah, sim, o gabinete de trabalho. Fomos por lá logo que ^ chegamos e não paramos. Tem idéia se podemos sair pelas janelas de lá?

— Não fique muito esperançoso. Matematicamente, ele deve dar para as quatro peças laterais deste andar. Entretanto, nunca abrimos as cortinas; talvez devêssemos fazê-lo.

— Bom, não vai fazer mal nenhum. Querida, acho que é melhor você ficar aqui e descansar...

— Ficar sozinha neste lugar horrível? Isso é que não! — A Sra. Bailey levantou-se de um pulo do sofá onde estivera se recuperando, antes mesmo de acabar de falar.

Subiram a escada. — Esta é a sala interna, não é, Teal? — perguntou Bailey, quando passavam pelo quarto de dormir principal e subiam ao estúdio. — Quero dizer se é o cubo pequeno do seu diagrama, que estava no meio do cubo grande e completamente rodeado.

— Isso mesmo — concordou Teal. — Bem, vamos dar uma olhada. Acho que esta janela deve dar para a cozinha. — Agarrou as cordas das venezianas e puxou-as.

Não dava para a cozinha. Ondas de vertigem sacudiram-nos. Involuntariamente, caíram no chão, tentando em vão agarrar-se aos desenhos do tapete para não cair. — Feche-a! Feche-a! — gemeu Bailey.

Dominando, em parte, um medo atávico e primitivo, Teal arrastou-se de volta à janela e conseguiu soltar a veneziana. A janela dava *para baixo*, em vez de *para fora*, de uma altura terrificante.

A Sra. Bailey desmaiara novamente.

Teal voltou para apanhar mais conhaque, enquanto Bailey esfregava os pulsos da esposa. Quando ela recuperou os sentidos, Teal foi cautelosamente até a janela e levantou uma ponta da persiana. Escorando os joelhos, estudou o panorama. Virou-se para Bailey: — Venha olhar isto, Homer. Veja se você o reconhece.

— Você fique longe daí, Homer Bailey!

— Ora, Matilde, terei cuidado. — Bailey juntou-se a Teal e " olhou para fora.

— Vê lá em cima? Aquele é o Edifício Chrysler, isto é certo. E lá está o rio East e o Brooklyn. — Olhavam diretamente para baixo, pelo lado de um prédio tremendamente alto. Mais de uns trezentos metros além, uma cidade de brinquedo, muito real e ativa, espalhava-se bem à frente de ambos.

— O que mais ou menos consigo entender é que estamos olhando para baixo, por um dos lados do edifício Empire State, de um ponto logo acima de sua torre.

— E o que é? Uma miragem?

— Não creio — é perfeito demais. Acho que o espaço dobrou-se através da quarta dimensão, aqui, e que estamos olhando para além da dobra.

— Você quer dizer que, realmente, não estamos vendo isso?

— Não, *estamos* vendo isso de verdade. Não sei o que aconteceria se pulássemos por esta janela, mas, eu, de jeito nenhum, quero experimentar. Mas, que vista! Rapaz, que vista! Vamos experimentar as outras janelas.

Aproximaram-se da outra janela com mais cautela, e foi bom que assim fizessem, pois era ainda mais desconcertante, fazia vacilar a razão mais do que a outra que dava para a altura vertiginosa do arranha-céu. Era uma simples paisagem marinha, vasto oceano e céu azul — porém o mar ficava onde deveria ser o céu e vice-versa. Desta vez estavam mais preparados para isso, mas ambos sentiram enjôo à vista das ondas rolando no alto; rapidamente, abaixaram a cortina sem dar chance à Sra. Bailey de ser perturbada por aquilo.

Teal olhou para a terceira janela. — Tem coragem de experimentar, Homer?

— Hrrumpf — bem, não ficaremos satisfeitos se não o fizermos. Devagar. — Teal levantou a cortina alguns centímetros. Não viu nada e levantou-a mais um pouco — ainda nada. Lentamente, levantou-a até que a janela estivesse completamente visível. Olharam para fora, para nada.

Nada, absolutamente nada. Que cor tem o nada? Não seja tolo! Que forma tem? Forma é o atributo de *alguma coisa*. Não tinha nem profundidade nem forma. Nem mesmo cor preta tinha. *Era nada*.

Bailey mastigava o seu charuto. — Teal, o que é que você pensa disto?

A atitude despreocupada de Teal foi sacudida pela primeira vez. — Não sei, Homer; realmente, não sei — mas acho que essa janela deveria ser murada. — Olhou, por uns instantes, para a cortina abaixada. — Acho que olhamos para um lugar onde o espaço *não é*. Olhamos do outro lado de uma esquina quadridimensional e não havia nada lá. — Esfregou os olhos. — Estou com dor de cabeça.

Esperaram um pouco antes de enfrentar a quarta janela. Como uma carta, ainda não aberta, poderia não conter más notícias. A dúvida deixava alguma esperança. Finalmente, o suspense ficou intolerável e Bailey acabou puxando a corda da persiana sem dar atenção aos protestos da esposa.

Não era tão ruim. Uma vista estendia-se à sua frente, em posição normal, a um nível em que o gabinete de trabalho parecia estar no andar térreo. Mas era nitidamente hostil.

Um sol quente, muito quente, abatia-se de um céu cor de limão. O terreno plano parecia queimado e estéril, de um marrom desbotado, incapaz de sustentar qualquer tipo de vida. Porém, vida havia: estranhas árvores atrofiadas que elevavam braços retorcidos e nodosos para o céu. Pequenas moitas de folhas espinhentas cresciam nas extremidades dessa vegetação disforme.

— Santo Deus — suspirou Bailey —, onde é isso?

Teal sacudiu a cabeça, o olhar preocupado. — Isso é demais para mim.

— Não se parece com nada na Terra. Parece mais com outro planeta — Marte, talvez.

— Não saberia dizer. Mas, você sabe, Homer, poderia ser pior do que isso, pior do que outro planeta, quero dizer.

— Hem? O que é que está dizendo?

— Poderia ser completamente fora do nosso espaço. Não tenho certeza de que esse seja o nosso sol. Parece brilhante demais.

A Sra. Bailey aproximara-se timidamente, juntando-se a eles, e agora olhava para a bizarra paisagem. — Homer — disse com voz apagada —, essas árvores horrorosas... elas me assustam.

Ele deu-lhe uma palmadinha na mão.

Teal tentou abrir o trinco da janela.

— O que é que você está fazendo? — perguntou Bailey.

— Pensei que se enfiasse a cabeça do lado de fora da janela poderia dar uma olhada e dizer mais alguma coisa.

— Bem... certo — disse Bailey com má vontade —, mas tome cuidado.

— Tomarei. — Abriu a janela um pouquinho e cheirou. — O ar é bom, pelo menos. — Abriu toda a janela.

Sua atenção foi desviada antes que pudesse pôr seu plano em prática. Um tremor desagradável, como o primeiro sinal de náusea, sacudiu todo o prédio, por um longo segundo e logo parou.

— Terremoto! — Todos falaram ao mesmo tempo. A Sra. Bailey jogou os braços em volta do pescoço do marido.

Teal engoliu em seco e se recompôs, dizendo: — Tudo bem, Sra. Bailey. Esta casa é perfeitamente segura. A senhora sabe que pode esperar tremores de acomodação do terreno depois de um abalo como o de ontem à noite. — Mal acabara de recompor suas feições numa expressão de confiança, quando veio o segundo tremor. Este não foi nenhuma trepidação suave, mas a verdadeira ondulação nauseante.

Em todo californiano, nativo ou enxertado, existe um reflexo primitivo, profundamente enraizado. Um terremoto enche-o de uma claustrofobia que lhe sacode a alma, que o impele cegamente a *sair de casa!* Escoteiros modelos empurrarão para fora do seu caminho velhas vovós para obedecerem a esse impulso. Conta-se que Teal e Bailey aterrissaram em cima da Sra. Bailey. Evidentemente, ela deve ter sido a primeira a saltar pela janela. A ordem de precedência não pode ser atribuída ao cavalheirismo; deve-se presumir que ela estivesse numa posição mais adequada para saltar.

Acalmaram-se, puseram os pensamentos em ordem e tentaram tirar a areia dos olhos. Suas primeiras sensações foram de alívio e de sentir a areia firme do deserto embaixo deles. Então, Bailey percebeu alguma coisa que os fez ficar de pé e cortar o discurso que a Sra. Bailey estava a ponto de fazer.

— Onde está a casa?

Sumira. Não havia nenhum sinal dela. Estavam parados no centro de uma desolação plana: o panorama que tinham visto da janela. Mas, além das árvores retorcidas, torturadas, não se via nada além do céu

amarelo e a luminária lá no alto, cujo resplendor de fornalha era já quase insuportável.

Bailey olhou em volta, lentamente, depois voltou-se para o arquiteto.

— E então, Teal? — Sua voz era ameaçadora.

Teal deu de ombros, com desânimo. — Gostaria de saber. Gostaria mesmo de ter certeza de que estamos na Terra.

— Bem, não podemos ficar parados aqui. É morte certa. Que direção tomaremos?

— Qualquer uma, acho. Vamos manter o rumo pelo sol.

Já tinham caminhado penosamente, por uma distância indeterminada, quando a Sra. Bailey pediu para descansar. Pararam. Teal disse, num aparte, para Bailey: — Tem alguma idéia?

— Não... não, nenhuma. Escute, ouve alguma coisa? Teal escutou. — Talvez... a não ser que seja a minha imaginação.

— Parece um automóvel. Puxa, é um automóvel! Chegaram à rodovia que passava a menos de noventa metros.

O automóvel, quando chegou, era apenas um velho caminhão pequeno, dirigido por um rancheiro. Parou, fazendo barulho no pedregulho, ao vê-los abanar. — Estamos perdidos. Pode nos ajudar?

— Certamente. Entrem.

— Para onde vai?

— Para Los Angeles.

— Los Angeles? Diga, que lugar é este?

— Ora, vocês estão bem no meio da Floresta Nacional Joshua-Tree.

A volta foi tão deprimente quanto a Retirada de Moscou. O Sr. e a Sra. Bailey estavam sentados na cabina com o motorista, enquanto Teal sacolejava na parte traseira do caminhão, tentando proteger a cabeça do sol. Bailey subornou o bom rancheiro para que fizesse um desvio até onde estava a casa *tesseract*, não porque quisesse vê-la novamente, mas, para apanhar o seu carro.

Finalmente, o rancheiro virou a curva que os trouxe de volta ao lugar de onde começaram. Mas a casa não estava mais lá.

Não ficara nem mesmo o quarto do andar térreo. Desaparecera. Os Bailey, interessados, mesmo sem querer, examinaram os alicerces junto com Teal.

— Você tem alguma resposta para isto, Teal? — perguntou Bailey.

— Deve ser que no último abalo ela simplesmente caiu noutra seção do espaço. Posso ver agora que deveria tê-la ancorado nos alicerces.

— Não é só isso o que você deveria ter feito.

— Bem, não vejo motivo para ficar abatido com isto. A casa estava no seguro e eu aprendi uma enormidade. Há possibilidades, homem, possibilidades! Puxa, neste momento tenho uma grande, nova e revolucionária idéia para uma casa...

Teal desviou rapidamente a cabeça para não ser atingido por Bailey. Sempre foi um homem de ação.

O INIMIGO GASEIFICADO, OU A VINGANÇA DO SR. CONCRETO – Oswald Beresford



No dia 11 de setembro de 1924, suicidou-se na cidade do Rio de Janeiro o escritor Oswald Beresford. Tinha acabado de publicar por conta própria o romance Mme. Cosmópolis. O livro, tido como potencialmente escandaloso, teve sua tiragem inicial queimada pelo pai do autor, um rico proprietário de Sorocaba, no interior paulista. Beresford, arrasado pela destruição da obra, tomou um táxi para a praia do Leblon e, ao passar pela avenida Vieira Souto, matou-se com um tiro de revólver.

Um trecho do romance Mme. Cosmópolis foi também publicado na revista O Mundo Literário (5 de dezembro de 1923, ano II, volume VII), sob o título “O perfil dum Sibarita”, e tendo no fim a menção: “Da novela Mme. Cosmópolis, em preparação”. Não se trata de FC, entretanto, e sim da descrição dos hábitos e da vida cotidiana de um playboy internacional.

O conto de Beresford, cheio de referências cosmopolitas, está bem dentro daquilo que José Paulo Paes denomina de “literatura art-nouveau”, praticada nas primeiras décadas do século. Seu uso da ficção científica está a meio caminho entre a literatura de antecipação feita a sério e o uso que dela fazia daí a alguns anos Berilo Neves, nos contos curtos de A costela de Adão (1929), A mulher e o Diabo (1931) e Século XXI (1934). Em Berilo Neves passou a predominar o lado leve, superficial, descartável de um experimentalismo de formas e conteúdos que teve o seu lado artisticamente mais realizado nos “romances pop” de Oswald de Andrade Memórias Sentimentais de João Miramar (publicado em 1924) e Serafim Ponte Grande (concluído em 1928, publicado em 1933).

O cubo de aço estacou. Vinha diretamente do 115 ° andar. Dele desceram: o homem chupado, o homem abracadabrante, o poeta das “Baladas eletrossiderúricas” e da “Mulher-locomotiva”, o novelista quilométrico da *História dum homem muito elástico*, o sr. Concreto, o presidente do Clube da Relatividade e da Entreprise Intercontinental pour le Développement du Suicide, o sr. Clorureto, chefe da Universal Company for Instantaneous Restoring to Youth, Ltd., e Mahomet, de braços com o sr. Alfredo Ellis.

— Janta comigo hoje em Honolulu? O aerobus M-415, da Trans Pacific, deixará a ponta do Arpoador às 35 horas — convidou o sr. Clorureto, fundindo-se em amabilidade, como bismuto à chama do maçarico.

— Impossível — redarguiu o sr. Concreto — Tenho um compromisso com meu representante em Tanganyka.

—

Um corisco de fogo ilumina. No alto dum arranha-céu afunilado, um cartaz cubisticamente berrante:

Companhia Universal de Rejuvenescimento Instantâneo, Ltda.

(Universal Company for Instantaneous Restoring Youth, Ltd.)

Processo eletrolítico com enxerto de glândulas do menocaquitiossauro

Aviso — Em vista do despovoamento das florestas da Rodésia, majoração definitiva de 55% sobre todas as nossas tabelas.

Um negro de Madagascar, com uma fardeta arco-irisada e cartola vermelha, passa num tanque de aço, onde se lê repetidamente, em grandes caracteres:

Empresa Intercontinental para o Desenvolvimento do Suicídio

(Enterprise Intercontinental pour le Développement du Suicide)

Os nossos métodos são:

Os mais seguros.

Os mais suaves.

Os mais econômicos.

Verifiquem!

Passam negritos das Filipinas, de monociclos, com pequenos cartazes às costas:

A vida é um fardo.

Por que V.S. não se suicida?

O sr. B. era extremamente infeliz. Vivia acabrunhado. Procurou-nos. E, graças aos nossos processos suaves de dissociação das moléculas, vive hoje serenamente no espaço.

sob forma de gases.

Mirai-vos neste exemplo!

Quereis ser feliz? Suicidai-vos.

Os nossos estabelecimentos estão sempre repletos.

Milhares de atestados.

No aerobus 993-P, linha Tumbuctu-Punta Arenas.

O sr. Clorureto conversa com o sr. Concreto e fuma um charuto químico, expelindo densas baforadas verdes. Falam dos fatos do dia. O presidente da República Socialista do Tibete torceu o pé; o telescópio monte Wilson foi bombardeado com projéteis helicoidais, por marcianos vagabundos; o primeiro vice-subchefe do Serviço de Repressão ao Contrabando Aéreo, de Teerã, apreendeu uma valiosa muamba, consistente em 300 mil tubos de elixir dinâmico genésico Pluribus; incendiaram-se os depósitos de Tehuantepec; faleceu em Zanzibar um macróbio extraordinário, o mongol Li-Wu-Fang, que contava 21 anos de idade; o transatlântico sub-marino *Anakolu* explodiu a 10 mil metros da costa da Flórida, perecendo entre outros passageiros, o sr. Ikamus Browning, o último bigode do universo; baixaram consideravelmente as ações da Companhia Siberiana para a Extração de Substâncias Nutritivas da Atmosfera.

A cordialidade que os srs. Clorureto e Concreto punham em suas relações estavam longe de corresponder a uma realidade afetiva.

Ambos se odiavam ferozmente, porque seus interesses se contrapunham sem cessar.

O sr. Concreto explorava comercialmente o suicídio, utilizando-se de um processo eletroquímico de dissociação das moléculas do corpo humano, processo esse que lhe permitia transformar os clientes em vapores imponderáveis.

Todo o seu interesse, em consequência, estava em gaseificar a humanidade.

Além disso, como presidente do clube da Relatividade, tinha opiniões singulares e inabaláveis sobre o destino do homem no planeta. Era intenção sua (e pensava que todos deviam imitá-lo) gaseificar-se por seu turno, logo que a existência começasse a pesar-lhe, passando a direção da empresa a seu primogênito. Irritava-lhe assim o propósito do sr. Clorureto de eternizar a humanidade, rejuvenescendo homens decrépitos que, em vez das glândulas do menocaquitiossauro, deviam solicitar as torres crematórias. Aliás, idêntica opinião não cessava de formular o seu amigo Popocynodex, homem de largos dinheiros, diretor de várias empresas funerárias. A diversidade dos interesses comerciais complicava-se com o antagonismo das crenças filosóficas, pois o sr. Clorureto neste terreno nutria ideias exatamente opostas.

Não obstante, nas suas relações pessoais predominava a mais refinada cortesia.

Nesse dia, por exemplo, com a fisionomia iluminada por um sorriso, o sr. Concreto dizia ao seu interlocutor:

— Por que não vistinga nossas novas instalações na avenida 1.238? Temos aparelhos maravilhosos.

— Impossível. Estou atochado de afazeres. Imagine que há, em nossos estabelecimentos, 40 mil indivíduos aguardando rejuvenescimento. Estamos em crise de glândulas. As florestas africanas despovoam-se. Nossos laboratórios procuram febrilmente um substituto.

— Oh! Não seja por isso. Temos que gaseificar ainda hoje 9 mil desgostosos, além de 3.202 sócios do meu Clube.

— Bem! Já que insiste, já que isso lhe faz prazer, lá irei amanhã às 28 horas.

O aerobus perfurava agora uma nuvem cor de cloro.

O sr. Clorureto está visivelmente deslumbrado. Os aparelhamentos eutanásicos do seu adversário fizeram-lhe profunda impressão. Além disso, a amabilidade nipônica deste o deixa desconcertado: — Fume uma destas cigarrilhas Ramsés II. Produz uma fumaça azul, como a dos charutos do tempo do *Jornal do Commercio*.

O outro não sabe como recusar.

Acham-se numa das salsas transformadoras, toda revista de mosaicos brancos. O teto é de latão brunido amarelo-vermelho. Ouve-se o zumbir de dínamos, o arfar de êmbolos, o latejar estripitoso de mil peças metálicas, que se unem, se separam, sobem, descem, volteiam, compondo a harmonia complexa duma entrosagem. Por todos os cantos, espalham-se campânulas de vidro, serpentinas, retortas, esferas de aço, estiletos de cobre, rodas singulares de marfim, triângulos esquisitos de ferro, redes emaranhadas de fios, que deitam chispas azuis, chiando.

O sr. Clorureto está fatigado. Esses zumbidos metálicos deixam-no aturdido, como um *brouhaha* de feira. — Mais um Ramsés. Nada tão aconselhável para os nervos lassos — insiste o sr. Concreto, sempre risonho. — Pode saboreá-lo naquele divã acolá, perto das bobinas e do geral de fluxo Nihil.

O visitante acede. É uma volúpia esse divã de couro negro! E a suave embriaguez dessa cigarrilha egípcia!

O seu torppor pesa cada vez mais. Dentro em pouco, seu corpo tem a imobilidade de um paralelepípedo.

Com um fulgor sinistro nos olhos de aço, o sr. Concreto aproxima-se dum transmissor acústico. Berra uma ordem. Um sarcófago de vidro, com uma tubagem emaranhada, baixa sobre o divã. Crescem os zumbidos. Ouvem-se estrépitos compassados, semelhantes ao bater de correames.

O sr. Concreto preocupa-se com um jogo de pequenas alavancas. Num quadrante branco, três agulhas finíssimas sarabandeam. Uma lâmpada vermelha ilumina-se a instantes.

O rosto e as mãos do sr. Clorureto tornam-se mais negros que a carapinha dum zulu. Depois, no sarcófago, tudo se confunde numa espessa fumaça violeta que, pouco a pouco, se dilui, até adquirir uma tonalidade amarela quase diáfana.

Sorrindo, o sr. Concreto precipita-se para um dos ângulos da sala.

Faz girar rapidamente um volante niquelado. Aproxima-se duma fumacinha amarela, tenuíssima, quase imponderável, tudo quanto resta do sr. Clorureto.

O PRÊMIO DO PERIGO – Robert Sheckley



Raeder ergueu cautelosamente a cabeça acima do peitoril da janela. Viu a escada de incêndio, que descia para um beco estreito. Havia no beco um carrinho de criança estragado e três latas de lixo. Enquanto olhava, um braço vestido de preto esgueirou-se por trás da lata de lixo mais afastada, empunhando um objeto brilhante. Raeder abaixou-se, rapidamente. Uma bala estilhaçou a janela e foi penetrar no teto, lançando sobre ele fragmentos de reboco.

Não podia contar com o beco. Estava vigiado, assim como a porta.

Estendeu-se de comprido sobre o linóleo lascado, espiando o buraco da bala no teto e escutando os ruídos que vinham da porta. Era um homem alto, de olhos injetados e barba de dois dias. Suor e cansaço haviam traçado linhas em seu rosto. O medo alterara seus traços, enrijecendo músculos e destacando o latejar dos nervos. O resultado fora surpreendente: agora, seu rosto ganhara caráter, assumira uma nova forma, pela expectativa da morte.

Um pistoleiro ficara no beco e havia dois na escada. Estava encurralado. Estava morto.

Contudo – pensava Raeder – ainda respirava e podia mover-se. Mas isso devia-se unicamente à ineficiência da morte. Que se encarregaria dele dentro de poucos minutos. Que distribuiria rimbos em seu rosto e seu corpo, e daria artísticos toques de sangue em suas roupas, ajeitando seus membros em alguma das grotescas posições do balé funéreo.

Raeder mordeu o lábio, bruscamente. Desejava viver. Devia existir um meio.

Virou-se de bruços e examinou o minúsculo apartamento de solteiro em que fora cercado pelos assassinos. Era um perfeito ataúde – de um só quarto. Havia a porta, que estava guardada e a saída de incêndio, também sob vigia. Além disso, somente o pequeno banheiro sem janelas.

Rastejou para o banheiro e levantou-se. No teto, fora cavada uma abertura de uns dez centímetros de largura. Se conseguisse alargá-la e por ali passar para o apartamento de cima...

Ouviu uma pancada surda. Os pistoleiros estavam impacientes. Havia começado a derrubar a porta.

Estudou o buraco do teto. Era inútil perder tempo com ele. Não poderia alargá-lo a tempo.

Estavam se lançando contra a porta, gemendo a cada vez que a forçavam. A fechadura cederia logo ou então as dobradiças seriam arrancadas dos batentes podres. A porta acabaria vindo abaixo e aqueles dois homens de rostos inexpressivos entrariam, batendo o pó dos paletós...

Mas, certamente, alguém o ajudaria! Tirou do bolso o pequeno televisor. A imagem apareceu borrada, mas não se preocupou em acertá-la. O som era perfeitamente nítido.

Ouviu a voz bem modulada de Mike Terry dirigindo-se à sua vasta audiência.

– ...numa situação terrível – dizia ele. – Sim, senhoras e senhores, Jim Raeder encontra-se numa situação apavorante. Como recordam, ele havia-se escondido num hotel ordinário da Broadway sob um nome suposto. Parecera-lhe o mais seguro. Entretanto, o ascensorista o reconheceu e passou a informação ao bando dos Thompson.

A porta rangia sob as repetidas pancadas. Raeder, com a mão crispada no televisor minúsculo, escutava.

– Jim Raeder conseguiu escapar por um tris do hotel. Perseguido de perto, entrou numa casa de cômodos – o número cento e cinquenta e seis da Avenida West End. Tinha a intenção de escapar pelo telhado. E era boa ideia, senhoras e senhores, que poderia ter dado resultado. Mas a porta do sótão estava trancada. E tudo indicava que tivesse chegado ao fim... quando Raeder verificou que o apartamento sete estava desocupado e lá entrou...

Terry fez uma pausa, para ganhar ênfase e exclamou:

– Apenas para ficar encurralado! Como um rato numa ratoeira! O bando dos Thompson está pondo a porta abaixo!

E a saída de incêndio está sendo vigiada! Nossa equipe com a câmera instalada num prédio vizinho, dará neste momento aos senhores um close da cena. Senhoras e senhores... muita atenção! Será que ainda restam chances a Jim Raeder?

– Não me resta a mínima chance – murmurou Raeder, banhado de suor naquele banheiro minúsculo e escuro, escutando o ruído crescente das pancadas contra a porta.

– Um momento! – bradou Mike Terry. – Não desligue, Jim Raeder! Continue sintonizando conosco! Talvez ainda haja esperança! Estamos recebendo o chamado de um telespectador – que ligou o nosso "telefone dos Bons Samaritanos! Esta pessoa acha que pode ajudá-lo, Jim! Está me ouvindo, Jim Raeder?"

Raeder aguardou, com o ruído das dobradiças estalando na madeira apodrecida a ferir-lhe os ouvidos.

– Não perca tempo, meu amigo, – apressou Mike Terry – qual é o seu nome?

– Eh... Felix Bartholomew.

– Não precisa ficar nervoso, sr. Bartholomew. Pode falar.

– Sim... está bem... Sr. Raeder... disse a voz trêmula de velho – ...eu morei muito tempo no um–cinco–meia na Avenida West End. Aí nesse apartamento em que está agora, sr. Raeder. Aí mesmo. Olhe, o banheiro desse apartamento tem uma janela, sr. Raeder... Não parece porque foi pintada – mas é uma...

Raeder enfiou o televisor no bolso. Verificou onde ficava a janela e chutou-a. O vidro se espatifou, deixando penetrar uma claridade ofuscante. Arrancando o que reatara da esquadria, Raeder olhou para fora.

Seria uma queda violenta até o pátio de concreto, lá embaixo.

As dobradiças cederam. Ele ouviu quando a porta foi aberta. Passou com sacrifício pela janela, pendurou-se nas pontas dos dedos por um instante e por fim, deixou-se cair.

O choque foi atordoante. Ele ergueu-se, ainda tonto. Um rosto surgiu na janela do banheiro.

– Que azar! – disse o homem, inclinando-se para fora e fazendo cuidadosa mira com um 38.

Neste mesmo instante, uma bomba de fumaça explodiu no banheiro.

O tiro do pistoleiro perdeu-se. Ele virou-se, praguejando. Mais bombas de fumaça explodiram, desta vez no pátio, encobrendo a figura de Raeder.

Do pequeno televisor que pusera no bolso, veio-lhe a voz de Mike Terry, gritando histericamente.

– Depressa, corra! A voz de Terry estava alterada. – Corra, Jim Raeder, que sua vida está em jogo! Aproveite agora, enquanto os pistoleiros estão desorientados com a fumaça! E agradeça à Boa

Samaritana Sarah Wintera, da Rua Edgar 3412, Brockton, Massachussets, que forneceu cinco bombas de fumaça e pagou a diária de um homem para atirá-las!

Já mais calmo, Terry prosseguia:

– A senhora acaba de salvar a vida de um homem, Sra. Winters. Poderia dizer aos telespectadores qual foi a sua...

Raeder não conseguiu ouvir mais. Correu pelo pátio enfumaçado, esquivando-se dos varais de roupa e ganhou a rua.

Cambaleando de exaustão e abalado pela falta de alimento e sono, ele caminhou pela Rua 63, curvando os ombros para diminuir de tamanho.

– Espere!... Você!

Raeder virou-se. Sentada na escada de uma casa velha, uma mulher de meia idade examinava-o atentamente.

– Você é Raeder, não? O tal que estão procurando para matar?

Raeder tratou de se afastar.

– Venha cá para dentro, Raeder – disse a mulher.

Talvez fosse uma armadilha. Mas Raeder sabia que dependia da generosidade e das boas intenções das pessoas. Ele era o seu representante – o homem comum, metido em apuros. Sem elas, estaria perdido. Com elas, nada poderia acontecer-lhe.

Confie nas pessoas, tinha-lhe dito Mike Terry. Elas não o decepcionarão.

A mulher o conduziu até à sala de visitas. Mandou que se sentasse e saiu em seguida, voltando imediatamente com um prato de cozido.

Permaneceu de pé, observando-o enquanto comia, como uma pessoa que olhasse os macacos do zoológico comendo amendoins.

Duas crianças surgiram da cozinha e vieram olhá-lo. Três homens de macacão saíram de um quarto com uma câmara de televisão e assestaram-na sobre ele. Havia na sala um televisor grande e, enquanto comia, Raeder acompanhava no vídeo a imagem de Mike Terry, que falava com sua voz profunda e sincera, em tom preocupado.

– Ei-lo aí, meus caros telespectadores – dizia ele. – O nosso Jim Raeder, fazendo sua primeira refeição decente destes últimos dois dias. Nossas equipes volantes têm feito verdadeiros prodígios na realização desta cobertura. Obrigado, rapazes... Amigos, Jim Raeder encontrou abrigo provisório em casa da Sra. Velma O'Dell, da rua 63 número 343. Nós lhe agradecemos, Boa Samaritana Velma. É comovedor ver como pessoas de todas as condições de vida acolhem Jim Raeder em seus corações!

– Trate de andar depressa – disse a Sra. O'Dell.

– Sim, senhora – murmurou Raeder. Não quero saber de tiroteio em meu apartamento. Eu já estou quase terminando, mesmo.

Uma das crianças perguntou:

– Eles não vão matá-lo agora?

– Cale a boca intimou a Sra. O' Dell.

– Exatamente, Jim – retomou Terry, em tom encoraja dor. – Você precisa andar depressa. Seus inimigos não estão muito longe. E eles não são gente estúpida, Jim. Perversos, cruéis e desumanos, sim! Mas não estúpidos. Estão acompanhando uma trilha de sangue do sangue desse talho em sua mão, Jim!

Raeder até então não percebera que cortara a mão nos vidros da janela.

– Espere – vou lhe fazer um curativo disse a Sra. O'Dell. Raeder levantou-se, deixando-a envolver sua mão com atadura. Em seguida, ela deu-lhe uma japona marrom e um desabado chapéu cinza.

– Eram de meu marido – disse ela.

– E agora tem um disfarce, telespectadores – comentou Mike Terry, deliciado. Isto é algo inteiramente novo! Incógnito! E faltam-lhe somente mais sete horas, para ficar definitivamente a salvo!

– Pode ir embora – determinou a Sra. O'Dell.

– Já estou indo, senhora disse Raeder. Obrigado.

– Acho o senhor estúpido – acrescentou ela. – Só alguém muito estúpido pode-se meter nisso.

– Sim, senhora. Não vale a pena.

Raeder agradeceu novamente e saiu. Dirigindo-se à Broadway, tomou o metrô para a Rua 59, ali, apanhou um que seguia para a Rua 86. Comprou um jornal ao descer e embarcou imediatamente no expresso para Manhasset.

Examinou o relógio. Faltavam ainda seis horas e meia.

O trem subterrâneo cruzava velozmente sob Manhattan. Raeder cochilava, ocultando sob o jornal a mão enfaixada e com o chapéu puxado sobre o rosto. Teria sido reconhecido por alguém? Despistara, afinal, o bando dos Thompson? Ou haveria alguém telefonando para eles, naquele momento?

Perguntava-se sonolentemente se já teria escapado da morte. Ou se continuava sendo apenas um cadáver engenhosamente animado, ainda em movimento devido à ineficiência da morte. (Santo Deus, a morte anda vagarosa, ultimamente! Jim Raeder continuou a circular durante horas, após morrer, e chegou inclusive a responder perguntas que lhe fizeram, antes de poder ser enterrado decentemente!)

Raeder despertou, sobressaltado. Sonhara com alguma coisa... desagradável. Não conseguia lembrar-se do que fora.

Cerrou novamente os olhos e recordou com um certo espanto o tempo em que vivia sem complicações.

Fazia dois anos. Ele era então um rapagão simpático, que trabalhava como ajudante de um motorista de caminhão. Não tinha talento. E era modesto demais para ter sonhos.

Mas o motorista, um sujeito pequeno e de cara miúda, tinha sonhos por ele.

– Por que não tenta um desses "shows" de televisão, Jim? Se eu tivesse uma aparência como a sua, estaria lá. Eles gostam de sujeitos comuns, simpáticos, sem muita coisa na cabeça. Para concorrer... Todo mundo aprecia tipos assim. Por quê não dá uma olhada nisso?

E ele resolvera examinar direito o caso. O dono do canal de televisão que procurara, explicou-lhe os detalhes.

– É isso, Jim – o público não quer mais saber de atletas perfeitamente preparados, de reflexos condicionados e coragem profissionalizada. Quem vai se comover com sujeitos assim? Quem vai se identificar com eles? O povo quer ver coisas eletrizantes, é claro, mas não realizadas por um cara que faz daquilo um negócio altamente rendoso. É por isso que o esporte organizado está em decadência. E é essa a razão do sucesso dos espetáculos de emoção e mistério.

– Eu entendo – dissera Raeder.

– Faz seis anos, Jim, o Congresso aprovou a Lei de Suicídio Voluntário. Na ocasião, a velharia do Senado falou à beça a respeito de livre arbítrio e autodeterminação. Pura besteira. Sabe o que a Lei representa realmente? Que os amadores podem arriscar a vida pela nota gorda – e não somente os profissionais. Antigamente, era preciso ser profissionalizado no box, no futebol ou no hóquei, para ser legalmente usado como caixa de pancada, a troco de dinheiro. Agora, porém, essa possibilidade está franqueada a indivíduos comuns, como você, Jim.

– Eu entendo – repetira Jim.

– É uma possibilidade fabulosa. Veja o seu caso. Você não é melhor do que ninguém, Jim. Tudo aquilo que você pode fazer, outros também podem. Você é o homem médio. Considero-o um bom tipo para os shows de emoções.

Raeder dera largas à imaginação. Os shows de televisão pareciam-lhe o caminho certo da fortuna para um sujeito simpático, jovem, sem talentos especiais e sem preparo. Mandara uma carta para o programa "A lei do acaso" e incluía uma fotografia sua.

Seus produtores interessaram-se por ele. A organização JBC investigara e finalmente concluíra que ele era mediano o suficiente para satisfazer ao telespectador mais exigente.

Haviam conferido sua ascendência e sua filiação. Finalmente, fora convocado a New York e entrevistado pelo sr. Moulian.

Moulian era um sujeito moreno, de grande vitalidade, que mascava chicle enquanto falava.

– Você serve – dissera, abruptamente.

– Mas não para "A lei do acaso". Vai aparecer em "Vertigem". Um programa diurno de meia hora no Canal Três.

– Puxa! – exclamara Raeder.

– Não me agradeça. São mil dólares para o vencedor e o segundo colocado, e um prêmio de consolação de cem dólares para o perdedor. Mas isso não tem importância.

– Está certo.

– "Vertigem" é um programa menor. A organização JBC utiliza-o como campo de provas. O vencedor e o segundo colocado de "Vertigem" apresentam-se depois em "Emergência". As verbas já são bem melhores em "Emergência".

– Eu estou sabendo, senhor.

– E, se você sair-se bem no "Emergência", passará então para a programação de primeira linha, em shows como "A lei do acaso" e "Perigo submerso", que são transmitidos de costa-a-costa e oferecem prêmios fabulosos. É a partir daí que surgem as compensações. Quem estabelecerá os limites, é você próprio.

– Farei o possível, senhor – dissera Raeder.

Moulian interrompera a mastigação do chicle por um instante e dissera, quase com reverência:

– Está ao seu alcance, Jim. Lembre-se disto. Você é o povo e o povo é capaz de fazer qualquer coisa!

Sua maneira, ao dizer isso, fizera com que Jim momentaneamente lamentasse o sr. Moulian, que era moreno, tinha cabelos ondulados e olhos saltados, e, portanto, obviamente não fazia parte do povo.

Haviam-se despedido. Depois, Raeder assinara um documento isentando a JBC de quaisquer responsabilidades, caso viesse a perder a vida, algum membro ou a sanidade no decorrer da competição. E assinara também um requerimento, invocando a Lei de Suicídio Voluntário. Era uma exigência legal, uma mera formalidade.

Três semanas depois, apresentara-se em "Vertigem".

O programa observava a forma clássica das corridas de automóveis. Motoristas inexperientes recebiam carros de corrida americanos e europeus, nos quais disparavam um percurso homicida de vinte e cinco quilômetros.

A prova fora um pesadelo de pneus fumegantes e derrapagens estridentes. Raeder mantivera-se atrás, deixando que os carros mais avançados se fossem espatifando contra os barrancos das sucessivas curvas. Quando avançara para disputar o terceiro posto, um Jaguar guinara à sua frente, abalroando um Alfa Romeo e os dois precipitaram-se por um campo arado.

Raeder arremetera então, visando a colocar-se em segundo lugar nos cinco quilômetros finais, mas não conseguira ultrapassar. Escapara por pouco de ser eliminado numa curva em cotovelo, e a custo conseguiria fazer seu carro voltar à estrada, mantendo a terceira colocação. Faltavam cem metros para a chegada, quando o líder da prova partira para uma ponta e desta forma, Jim achara-se em segundo lugar ao fim da corrida.

Conseguira, assim, embolsar mil dólares. Recebera cartas de quatro fãs, uma dama de Oshkosh enviara-lhe um par de luvas de presente e fora convidado a aparecer em "Emergência".

Ao contrário dos outros, "Emergência" não era um programa de competições. Focalizava, em vez disso, a iniciativa individual. Antes de sua apresentação, Raeder fora inoculado com um narcótico não condicionante. Acordara na cabine de um avião, voando a três mil metros de altitude sob pilotagem automática. O indicador de combustível acusava tanques quase vazios. Não havia paraquedas. Esperava-se que Raeder conseguisse pousar o aparelho.

Evidentemente, ele não tinha o mínimo conhecimento de pilotagem.

Experimentara cautelosamente os controles, lembrando-se de que o concorrente da semana anterior recobrava a consciência em um submarino, acionara uma válvula indevida e morrera afogado.

Milhares de telespectadores acompanhavam fascinados aquele homem – uma criatura igual a qualquer um deles – enfrentando a situação da mesma maneira pela qual eles a enfrentariam.

Jim Raeder era um deles. Tudo que ele conseguisse, também eles conseguiriam. Afinal, era um elemento representativo do povo.

Raeder conseguira trazer o aparelho ao solo de forma muito aproximada a uma aterrissagem. O aparelho capotara várias vezes, mas seu cinto de segurança o mantivera firme. E, ao contrário da expectativa geral,

o motor não chegou a se incendiar.

Ele arrastara-se para fora do destroços com duas costelas quebradas, três mil dólares de prêmio e a oportunidade de, após a convalescença, aparecer no programa "Torero".

Finalmente, um programa de categoria! "Torero" oferecia um prêmio de dez mil dólares. O concorrente precisava apenas liquidar um grande touro Miura com uma espada, na antiga tradição espanhola.

A luta fora realizada em Madri, uma vez que as touradas eram proibidas nos Estados Unidos, mas a televisão transmitiria internacionalmente o evento.

Raeder tivera a sorte de contar com uma boa "cuadrilla". Haviam simpatizado com aquele americano grande e lerdo. Os picadores empenhavam-se a fundo em seus lances, procurando reduzir a velocidade do touro, para ajudá-lo. Por sua vez os "banderilleros" faziam o possível para desequilibrar o animal, antes de cravarem-lhe suas "banderillas". E até mesmo o segundo matador, um indivíduo melancólico de Algeiras, cuidou de esgotar o touro ao máximo, com um elaboradíssimo trabalho de capa.

Mas, ao término desses movimentos preliminares, Jim Raeder encontrara-se plantado na arena, agarrando com a mão esquerda a "muleta" encarnada, a espada firme na direita, diante de um imenso touro negro de olhos injetados e cornos pontiagudos.

Ouvira alguém gritar:

– Vá direto aos pulmões, "hombre"! Não banque o herói! – Vá direto aos pulmões!

Mas Jim lembrava-se apenas do que o instrutor dissera-lhe em New York: segure a espada com firmeza e trate de cravá-la por cima, entre os chifres.

Enfim, o momento. A espada resvalara sobre o osso e o touro o arremessara ao ar.

Erguera-se do chão, miraculosamente ileso, recebera outra espada que lhe ofereciam e mais uma vez enfrentou o touro, de olhos fechados. O deus que protege as crianças e os idiotas deve tê-lo guiado, pois a espada penetrara como agulha na manteiga. O touro parecia surpreendido, fitara-o com um ar de incredulidade, e caíra lentamente como um balão esvaziado.

Parte da sua inocência havia sido perdida. Estava, já então, convencido de que correria os riscos absurdos por dinheiro miúdo. O grosso da finança estava ainda à frente.

E ele se prontificara a jogar tudo que tinha numa cartada realmente digna.

Por isso, enfrentara o "Perigo Submerso", um programa patrocinado pelo Sabonete Fairlady. Equipado com máscara, aqualung, cinto de chumbo, pés de pato e faca, ele e mais quatro concorrentes haviam mergulhado nas águas do mar das Caraíbas, acompanhados por uma equipe de televisão encerrada numa jaula de proteção. A finalidade do mergulho era localizar e trazer à tona um tesouro que o patrocinador escondera no local.

O mergulho submarino não é uma atividade especialmente perigosa. O patrocinador, entretanto, havia adicionado alguns riscos para tornar mais vivo o interesse do público. Distribuía pela região várias espécies de tubarões, polvos-gigantes, moreias, corais venenosos, e outros perigos das profundezas.

Estabelecera-se uma disputa acesa. Um concorrente da Flórida descobrira o tesouro numa fenda profunda, porém, foi apanhado por uma moreia agressiva. Outro dos mergulhadores recolheu o tesouro, e logo em seguida foi interceptado por um tubarão. A água de um azul esverdeado tornara-se escura de sangue, e isso resultava numa imagem magnífica na televisão em cores.

O tesouro abandonado afundava lentamente e Raeder mergulhou em seu encaço, fazendo estourar um tímpano, devido à profundidade excessiva. Depois de safá-lo a custo dos corais, livrou-se do seu cinto de chumbo e rumou para a superfície. A uma profundidade de dez metros, teve que disputar o tesouro com outro mergulhador.

Fintaram-se mutuamente com suas facas. Num golpe súbito, o outro marcou o peito de Raeder com um talho. Mas a experiência já dera a Raeder o autocontrole de um veterano e ele abandonara sua faca, usando a mão livre para arrancar o bocal do aqualung do adversário.

Fora o suficiente. Raeder viera à tona e apresentara o tesouro ao barco que aguardava. Verificara-se, então, tratar-se de um pacote do Sabonete Fairlady – "O maior de todos os tesouros".

Aquilo renderá-lhe vinte e dois mil dólares em dinheiro e prêmios, trezentas e oito cartas de fãs e uma proposta das mais interessantes de uma garota de Macon, que ele considerara com muita atenção. Recebera tratamento gratuito do corte no peito e do tímpano estourado, além de várias inoculações para neutralizar a infecção causada pelos corais.

O melhor de tudo, porém, fora o convite recebido para participar do maior de todos os programas de emoções – "Sob a sombra do perigo".

E fora então que tivera início a maior das encrencas.

O metrô fez uma parada, despertando-o de seu devaneio. Raeder levantou o chapéu e reparou que, do outro lado do carro, um homem o observava fixamente e cochichava com uma dama corpulenta.

Será que o teriam reconhecido?

Levantou-se assim que as portas se abriram e consultou o relógio. Faltavam ainda cinco horas.

Ao sair da estação da Manhasset, tomou um táxi e mandou o motorista tomar o rumo de New Salem.

– New Salem? – perguntou este, examinando-o pelo retrovisor.

– Exatamente.

O motorista ligou seu transmissor.

– Passageiro para New Salem. É isso mesmo: New Salem.

O táxi arrancou. Raeder franziu o cenho, imaginando se aquilo não teria sido um sinal. Era um hábito comum dos choferes de táxi comunicar o destino à central, sem dúvida. Mas havia algo na voz daquele homem...

– Vou ficar aqui mesmo – informou Raeder.

Pagou a corrida e começou a caminhar por uma e estreita estrada secundária que avançava em curvas por entre alguns bosques esparsos. A vegetação era muito rala e baixa demais para servir de abrigo. Raeder prosseguiu, em busca de um lugar para se esconder.

Um caminhão pesado aproximava-se. Jim continuou andando e baixou ainda mais a aba do chapéu sobre a testa. E o caminhão já estava junto dele, quando ouviu uma voz nervosa que se projetou do televisor em seu bolso:

– Cuidado!

Atirou-se na valeta. O caminhão passara raspando por ele e já derrapava numa freada. O chofer gritou:

– Lá vai ele! Atire, Harry! Atire!

As balas arrancaram folhas do arvoredo em torno de Raeder, que enveredava pelo bosque.

– Aconteceu novamente! exclamava Mike Terry, com a sua voz estridente de excitação. – Está parecendo que Jim Raeder está se deixando acomodar numa falsa sensação de segurança. Isso é loucura, Jim! Você não pode pôr sua vida em risco, dessa maneira! Os homens que o perseguem são assassinos! Tome cuidado, Jim, pois faltam ainda quatro horas e meia de programa!

O motorista dava instruções:

– Claude, Harry, façam a volta com o caminhão. Ele está cercado!

– Eles vão cercá-lo, Jim Raeder! – gritava Mike Terry. – Mas ainda não o pegaram. E agradeça à Boa Samaritana Susy Peters, da Rua Elm nº 12 por aquele grito de advertência que ela deu quando o caminhão ia apanhá-lo... Vejam, senhores telespectadores, o helicóptero da nossa reportagem acha-se sobrevoando o local. Como todos podem ver, Jim Raeder procura escapar correndo, e os pistoleiros seguem em seu encalço, tentando cercá-lo.

Jim atravessara cerca de cem metros de vegetação, quando viu-se numa estrada larga de concreto, tendo pela frente um outro bosque ralo. Um dos pistoleiros avançava rapidamente em sua direção, pela retaguarda. O caminhão fora levado por um atalho próximo e ganhara a estrada um pouco adiante. Estava agora a cerca de um quilômetro e dirigia-se para ele.

Em sentido contrário, aproximava-se um carro. Raeder correu para o meio da estrada, acenando freneticamente. O carro parou.

Raeder atirou-se para dentro. A mulher obrigou o carro a derrapar numa curva em U. Uma bala estilhaçou o para-brisa. Pisando fundo no acelerador, a loira investiu contra o pistoleiro que se pusera no meio da estrada, quase atropelando-o.

O carro ganhou distância antes que o caminhão se aproximasse o suficiente para alvejá-lo.

Raeder recostou-se e fechou os olhos com força. A mulher concentrou-se na direção, acompanhando o caminhão através do retrovisor.

– Aconteceu mais uma vez! – berrou Mike Terry, eufórico. – Jim Raeder foi novamente arrancado das garras da morte, graças à ajuda da Boa Samaritana Janice Morrow, residente à Avenida Lexington 433, em New York. Os senhores telespectadores por acaso já terão visto alguma coisa parecida? A coragem com que a Srta. Morrow enfrentou uma verdadeira saraivada de balas, para resgatar Jim Raeder de uma situação inteiramente desesperadora? Entrevistaremos posteriormente a Srta. Morrow, para colher suas impressões. Neste momento, enquanto Jim Raeder afasta-se à toda velocidade – talvez rumo à segurança, talvez rumo a novos perigos – queremos apresentar-lhes a mensagem simpática do nosso patrocinador. Mas não se afastem: restam ainda quatro horas e dez minutos até que Jim Raeder se veja novamente em segurança absoluta. E enquanto isto, tudo pode acontecer!

– Está bem – disse a loira. Não estamos mais no ar. Raeder diga-me agora: que diabo está havendo com você?

– Ahn...? – articulou Raeder, vagamente. A moça devia ter pouco mais de vinte anos. Tinha um ar eficiente, atraente, mas intocável. Raeder observou que seus traços eram delicados e que tinha uma figura esguia. E notou também que ela parecia furiosa.

– Moça – disse ele – não sei como agradecer a sua...

– Não perca tempo – retrucou Janice Morrow. – Não pense que sou Boa Samaritana. Trabalho para a Organização JBC.

– Então o próprio pessoal do programa mandou me salvar?

– Eis uma descoberta brilhante – foi o comentário irônico.

– Mas, por quê?

– Ouça, Raeder, esse programa nos custa caríssimo. E é preciso que resulte num bom espetáculo. Se o nosso índice cair, estaremos todos na rua, vendendo barbatanas de colarinho. E você está colaborando para isso.

– Como?... Por quê?

– Porque está simplesmente péssimo! Um fracasso completo. Por acaso está pensando em cometer suicídio? Será que não aprendeu nem um pouco a cuidar melhor da pele?

– Estou fazendo tudo o que posso.

– Os Thompsons já poderiam tê-lo apanhado umas vinte vezes a esta altura. Receberam instruções para agir com calma, prolongar o jogo. Mas você está tornando inteiramente inútil a boa vontade deles. Estão cooperando, mas também há um limite. Se eu não tivesse aparecido, eles teriam sido obrigados a matá-lo – o programa no ar ou não.

Raeder encarou-a, admirado de que uma criatura tão bonita pudesse falar daquela maneira. Ela lançou-lhe um olhar e logo voltou a concentrar-se na estrada.

– Não me olhe desse modo – ordenou. – Você escolheu pôr em risco sua vida por dinheiro, meu velho. E dinheiro à beça! Sabia muito bem como era o negócio. Não banque o pobre coitado inocente que descobre estar sendo perseguido por um bando de assaltantes. A história é bem diferente.

– Eu sei – admitiu Raeder.

– Se não for capaz de viver bem, pelo menos trate de morrer bem.

– Você não diz isto a sério – sugeriu Raeder.

– Não ponha a mão no fogo por isso... Restam-lhe ainda três horas e quarenta minutos até o fim do programa. Se conseguir manter-se vivo, ótimo. A nota é sua. Mas, se não for capaz, procure pelo menos portar-se à altura do dinheiro do prêmio.

Raeder concordou, fitando-a demoradamente.

– Dentro de poucos instantes, estaremos de novo no ar. Meu carro vai sofrer um enguiço e terei que abandoná-lo. Os Thompsons vão jogar tudo agora. Procurarão liquidá-lo quando possível, e o mais cedo possível. Percebe?

– Sim – disse Raeder. – Mas se eu escapar, poderei voltar a vê-la algum dia?

Ela mordeu o lábio, indignada.

– Está me achando com cara de idiota?

– Não. Apenas gostaria de vê-la novamente. Poderia...?

Ela encarou-o, curiosamente.

– Não sei. Esqueça isso. Já está quase na hora. Creio que você terá mais chance aí nesse bosque à

direita. Pronto?

– Sim. Onde posso encontrá-la? Depois disso eu quero dizer.

– Oh, Raeder, você não está prestando nenhuma atenção. Atravesse de uma vez esse mato, e acabará saindo num barranco que existe aí atrás. Não é grande coisa, mas você estará mais abrigado.

– Onde é que posso encontrá-la? – repetiu Reader.

– Meu nome consta no Catálogo de Manhattan. Ela parou o carro.

– Está bom, Reader – agora trate de correr.

Ele abriu a porta.

– Espere! Ela inclinou-se e beijou-lhe os lábios.

– Boa sorte, seu idiota. Se escapar procure-me.

E então ele viu-se de novo a pé, correndo pelo bosque a dentro. Passou por alguns ciprestes, depois pinheiros, deixou para trás várias casas isoladas, em cujas janelas apinhavam-se rostos curiosos. Algum residente de algumas daquelas casas deveria ter orientado os pistoleiros, pois eles vinham logo atrás dele, quando chegou ao barranco esburacado. Aquelas criaturas tranquilas, educadas e cumpridoras da lei não desejavam que ele escapasse, pensou Reader, melancolicamente. Faziam questão de ver uma morte. Ou talvez preferissem vê-lo escapar da morte por um tris.

No fim, dava tudo na mesma, realmente.

Escorregou, barranco abaixo, até encontrar-se encoberto por algumas moitas fechadas. Deteve-se, então, e ficou inteiramente imóvel. Os Thompsons surgiram no alto, de ambos os lados do barranco, andando com cuidado, examinando cautelosamente o terreno. Raeder prendeu a respiração, vendo-os avançar em sua direção.

Ouviu a explosão súbita de um revólver. Mas o pistoleiro havia apenas baleado um esquilo. Este estremeceu por um instante e imobilizou-se, em seguida.

Escondido nas moitas, Raeder ouviu o helicóptero de reportagem sobrevoando-o. Julgou que deveria haver câmeras focalizadas sobre ele. Era bem possível. E se estivesse observando, talvez um Bom Samaritano se decidisse a ajudá-lo.

Por isso, Raeder ergueu a cabeça para olhar o helicóptero, compôs o rosto numa expressão reverente, juntou as mãos e rezou. Rezou sem palavras, pois os telespectadores não apreciam ostentação religiosa. Mas seus lábios se moviam. E isso é um direito de qualquer cidadão.

Na verdade, em seus lábios havia uma sincera oração. Uma vez, um surdo com prática em leitura de lábios, desmascarara um fugitivo que simulava rezar – quando, realmente, limitava-se a recitar a tabuada. Pouca sorte do sujeito!...

Raeder terminou sua oração. Examinando o relógio, tinha ainda quase duas horas pela frente.

E não desejava morrer. Não valia a pena, não importa qual fosse o prêmio. Só podia estar louco, inteiramente desequilibrado, no dia em que concordara em participar.

Mas tinha a consciência de que não fora assim. Lembrava-se perfeitamente de que o seu equilíbrio era absoluto.

Uma semana antes, num estúdio intensamente iluminado, fora entrevistado em "À sombra do perigo" e Mike Terry em pessoa o cumprimentara.

– Sr. Raeder dissera ele, solenemente – já tem conhecimento das normas do jogo do qual deseja participar?

Raeder confirmara.

– Se você aceitar, Jim Raeder, tornar-se-á um homem caçado durante sete dias. Assassinos irão persegui-lo, Jim. Pistoleiros experientes, homens procurados pela lei por outros crimes e que obtiveram imunidade para este assassinio particular, através da Lei do Suicídio Voluntário. Eles irão empenhar-se em matá-lo, Jim. Você percebe.

– Sim, eu sei disso – respondera Raeder. E sabia também dos duzentos mil dólares que receberia, se sobrevivesse à semana crucial.

– Quero ter isso bem claro, Jim Raeder. Não obrigamos ninguém a pôr sua própria vida em jogo.

– Eu aceito o jogo – dissera Raeder.

Mike Terry voltara-se para a plateia do estúdio.

Senhoras e senhores, tenho aqui a cópia de um teste psicológico minucioso ao qual Jim Raeder foi submetido por uma organização especializada inteiramente imparcial. Enviaremos cópias como esta àqueles que as desejarem mediante o pagamento de vinte e cinco centavos correspondente ao custo de remessa. O teste demonstra que Jim Raeder é um indivíduo de sanidade perfeita, muito bem equilibrado e plenamente responsável, em todos os sentidos. E voltando-se para Raeder:

– Deseja ainda participar da prova, Jim?

– Sim. Desejo.

– Muito bem! – exclamara Terry. – Jim Raeder, apresento-lhes os seus prováveis assassinos!

E surgira então em cena o bando dos Thompson, sob as vaias da plateia.

– Reparem bem, senhoras e senhores! – dissera Mike Terry com um desprezo ostensivo. – Observem estes homens! Estas criaturas não dispõem de outro código que não o código deformado dos criminosos, não conhecem outra honra que não a honra dos covardes que recebem dinheiro para matar. São homens condenados, rejeitados pela sociedade que não compactua com as suas atividades, destinados a uma morte prematura e vergonhosa.

A plateia aclamara entusiasticamente.

– Qual é a sua impressão, Claude Thompson? – perguntara Terry.

Claude, porta-voz dos Thompsons, aproximara-se do microfone. Era um indivíduo magro, bem barbeado e discretamente vestido.

– Em minha opinião – disse ele, com voz rouca – em minha opinião, nós não somos piores do que ninguém. Somos, por exemplo, como os soldados na guerra. Eles matam, também. E a desonestidade campeia no governo dos sindicatos. Cada qual é corrupto à sua maneira.

Era esse o precário código dos Thompsons. Mas Mike Terry destruíra as racionalizações do assassinio com uma rapidez e uma precisão de estarrecer. Suas perguntas penetraram como um bisturi no esterco que

era a alma daquele homem.

Ao fim da entrevista, Claude Thompson transpirava, enxugava o rosto com um lenço já ensopado e lançava olhares furtivos aos seus homens.

Mike Terry pousara a mão no ombro de Raeder.

– Este é o homem que concordou em tornar-se sua vítima – se vocês conseguirem apanhá-lo.

– Nós o apanharemos – dissera Thompson, com uma confiança que renascia.

– Ainda é cedo para afirmar – dissera Terry. Jim Raeder já enfrentou touros selvagens – agora enfrentará chacais. Ele é um homem comum. Ele é o povo que visa a eliminação final de você e dos que agem como você.

– Nós o apanharemos – garantira Thompson.

– E ainda existe um outro fato – acrescentara Terry, suavemente. Jim Raeder não está sozinho. O povo da América está com ele. De todos os cantos de nosso país surgirão Bons Samaritanos dispostos a ampará-lo. Embora desarmado e indefeso, ele terá a seu favor a solidariedade do povo, de quem é representante. Portanto, não esteja tranquilo Claude Thompson. O homem comum estará ao lado de Jim Raeder!

Raeder recordava aquilo, estendido e imóvel sob a proteção da vegetação. Sim, o povo o auxiliara. Mas auxiliara também os assassinos.

Um arrepio percorreu seu corpo. Havia escolhido, recordou. Era o único responsável. O teste psicológico estabelecera isso.

Contudo, qual a responsabilidade dos psicólogos que lhe haviam feito os testes? E qual a responsabilidade de Mike Terry, oferecendo tanto dinheiro a um pobre coitado? A sociedade armara a laçada e colocara-a em seu pescoço. Agora, ele enforcava-se com ela e o fato recebia o nome de livre arbítrio.

De quem era a culpa?

– Ah-ha! – gritou alguém.

Raeder olhou para cima e viu um homem importante de pé a seu lado. Usava um casaco de tweed de um padrão espalhafatoso. Um binóculo pendia-lhe do pescoço e tinha na mão uma bengala.

– Por favor, moço – sussurrou Raeder – não me denuncie!

– Hei! – gritou o sujeito, apontando para Raeder com a bengala. – Ele está aqui!

Um alienado, imaginou Raeder. Esse imbecil deve estar achando que isto é uma brincadeira de pegador.

– Está aqui mesmo! – gritou novamente o homem.

Raeder pôs-se de pé praguejando e desatou a correr. Ao safar-se do barranco, enxergou um prédio branco à distância. Dirigiu-se para ele. Ouvia ainda atrás de ai a voz do homem.

– Por ali, lá adiante. Que diabo, pessoal, será que ainda não conseguiram vê-lo?

Os pistoleiros estavam atirando novamente. Raeder correu tropeçando no terreno irregular. Passou na corrida por uma árvore, onde brincavam três meninos.

– Olha o sujeito! – gritaram os meninos. – Ele está aqui.

Raeder continuou a correr, arquejando. Ao chegar à entrada do prédio, verificou que era uma igreja.

Quando a porta, uma bala apanhou-o por trás da rótula direita.

Ele caiu, mas rastejou para dentro da igreja.

O pequeno televisor dentro de seu bolso irradiava a voz de Terry:

– Que final, senhoras e senhores! Que final! Raeder foi baleado! Está com uma bala na perna, meus amigos, rastejando agora, mas ainda não desistiu. Fabuloso, esse Jim Raeder!

Raeder arrastara-se pela nave até junto do altar. Pôde ouvir um menino dizer, em tom prestativo:

– Ele entrou aí, Sr. Thompson. Depressa, que talvez ainda o pegue!

"Mas as Igrejas, são consideradas santuários", refletiu Raeder.

Nisso, a porta foi escancarada e Raeder percebeu que o costume deixara de ser observado. Reuniu as energias que lhe reatavam e rastejou pelo altar, ganhando a porta dos fundos da igreja.

Saíra num velho cemitério. Arrastou-se por entre túmulos e cruzeiros, por sobre lápides de mármore e granito, contornou campas e marcos toscos de madeira. Uma bala atingiu um jazigo, próximo à sua cabeça, atirando-lhe lascas de pedra. Raeder arrastou-se para a borda de uma cova aberta.

Eles o haviam abrigado, pensou ele. Toda uma infinidade de homens comuns. Não haviam dito que ele era o seu representante? Não se haviam comprometido em proteger aquele que era um elemento seu? – Mas não, eles o odiavam. Por que não percebera logo? O verdadeiro herói era o pistoleiro frio, o assassino de olhar vazio. Thompson, Capone, Billy-the-Kid, Young Lochinvar, El Cid, Chuchulain, o homem sem esperanças ou medos humanos. Eles o cultuavam, sim, àquele implacável pistoleiro desumanizado, e ansiavam por sentir seu tacão sobre os seus rostos.

De costas, no fundo da sepultura, ficou a olhar o céu azul. Uma silhueta escura, entretanto, surgiu por sobre o túmulo, bloqueando sua visão do céu. Houve um ruído metálico. A silhueta fez pontaria, pachorrentamente.

Raeder abandonou definitivamente o que lhe reatava de esperança.

– Pare, Thompson! – ordenou a voz amplificada de Mike Terry.

O revólver vacilou.

– São cinco horas e um segundo! Tempo esgotado! Raeder ganhou.

Houve um pandemônio de aclamações da plateia do estúdio.

O bando dos Thompson, reunido em torno da cova, tinha um ar abatido.

– Ele venceu, meus amigos, é inacreditável! – exclamou Mike Terry. – Atenção, acompanhem esta cena. A polícia chegou e agora afasta os Thompsons de sua vítima – a vítima que não conseguiram matar. Não conseguiram... graças a vocês, Bons Samaritanos da América. Vejam, senhoras e senhores – mãos carinhosas erguem agora Jim Raeder da sepultura em que se acomodara, à espera do fim. E aqui vemos a Boa Samaritana Janice Morrow. Será que estamos diante de um romance que se inicia? Jim parece ter desmaiado, meus amigos. Está recebendo neste momento uma injeção estimulante. Ele acaba de ganhar duzentos mil dólares! Agora, passaremos a palavra a Jim Raeder!

O silêncio durou apenas um instante.

– Houve um imprevisto, senhores telespectadores – retomou Mike Terry. Ao que parece, não será

possível no momento obter as impressões de Jim Raeder, que está sendo examinado pelos médicos. Dentro de mais alguns instantes...

Novamente, o silêncio. Mike Terry enxugou a testa e sorriu.

– É a tensão, amigos, uma tensão espantosa. Os médicos acham que... Bem, meus amigos, Raeder sofreu um trauma temporário... Mas isso é coisa passageira! A JBC tem contratados os melhores analistas e psiquiatras do país. Faremos por este admirável rapaz tudo aquilo que for possível, sem que ele precise dispender de um níquel.

Mike Terry olhou para o relógio do estúdio.

– Bem, chegamos ao fim do nosso espetáculo, meus amigos. Aguardem o nosso próximo programa, sempre "O Prêmio do Perigo". E não se preocupem – eu posso assegurar que muito brevemente teremos Jim Raeder de novo conosco.

Mike Terry sorriu e piscou o olho para a plateia. – Ele ficará bom, eu estou certo. Afinal, nós estamos torcendo por ele...

A ÚLTIMA PERGUNTA – Isaac Asimov



A última pergunta foi feita pela primeira vez, meio que de brincadeira, no dia 21 de maio de 2061, quando a humanidade dava seus primeiros passos em direção à luz. A questão nasceu como resultado de uma aposta de cinco dólares movida a álcool, e aconteceu da seguinte forma...

Alexander Adell e Bertram Lupov eram dois dos fiéis assistentes de Multivac. Eles conheciam melhor do que qualquer outro ser humano o que se passava por trás das milhas e milhas da carcaça luminosa, fria e ruidosa daquele gigantesco computador. Ainda assim, os dois homens tinham apenas uma vaga noção do plano geral de circuitos que há muito haviam crescido além do ponto em que um humano solitário poderia sequer tentar entender.

Multivac ajustava-se e corrigia-se sozinho. E assim tinha de ser, pois nenhum ser humano poderia fazê-lo com velocidade suficiente, e tampouco da forma adequada. Deste modo, Adell e Lupov operavam o gigante apenas sutil e superficialmente, mas, ainda assim, tão bem quanto era humanamente possível. Eles o alimentavam com novos dados, ajustavam as perguntas de acordo com as necessidades do sistema e traduziam as respostas que lhes eram fornecidas. Os dois, assim como seus colegas, certamente tinham todo o direito de compartilhar da glória que era Multivac.

Por décadas, Multivac ajudou a projetar as naves e enredar as trajetórias que permitiram ao homem chegar à Lua, Marte e Vênus, mas para além destes planetas, os poucos recursos da Terra não foram capazes de sustentar a exploração. Fazia-se necessária uma quantidade de energia grande demais para as longas viagens. A Terra explorava suas reservas de carvão e urânio com eficiência crescente, mas havia um limite para a quantidade de ambos.

No entanto, lentamente Multivac acumulou conhecimento suficiente para responder questões mais profundas com maior fundamentação, e em 14 de maio de 2061, o que não passava de teoria tornou-se real.

A energia do sol foi capturada, convertida e utilizada diretamente em escala planetária. Toda a Terra paralisou suas usinas de carvão e fissões de urânio, girando a alavanca que conectou o planeta inteiro a uma pequena estação, de uma milha de diâmetro, orbitando a Terra à metade da distância da Lua. O mundo passou a correr através de feixes invisíveis de energia solar.

Sete dias não foram o suficiente para diminuir a glória do feito e Adell e Lupov finalmente conseguiram escapar das funções públicas e encontrar-se em segredo onde ninguém pensaria em procurá-los, nas câmaras desertas subterrâneas onde se encontravam as porções do esplendoroso corpo enterrado de Multivac. Subutilizado, descansando e processando informações com estalos preguiçosos, Multivac também havia recebido férias, e os dois apreciavam isso. A princípio, eles não tinham a intenção de incomodá-lo.

Haviam trazido uma garrafa consigo e a única preocupação de ambos era relaxar na companhia do outro e da bebida.

"É incrível quando você pára pra pensar...", disse Adell. Seu rosto largo guardava as linhas da idade e ele agitava o seu drink vagorosamente, enquanto observava os cubos de gelo nadando desengonçados. "Toda a energia que for necessária, de graça, completamente de graça! Energia suficiente, se nós

quiséssemos, para derreter toda a Terra em uma grande gota de ferro líquido, e ainda assim não sentiríamos falta da energia utilizada no processo. Toda a energia que nós poderíamos um dia precisar, para sempre e eternamente."

Lupov movimentou a cabeça para os lados. Ele costumava fazer isso quando queria contrariar, e agora ele queria, em parte porque havia tido de carregar o gelo e os utensílios. "Eternamente não," ele disse.

"Ah, diabos, quase eternamente. Até o sol se apagar, Bert."

"Isso não é eternamente."

"Está bem. Bilhões e bilhões de anos. Dez bilhões, talvez. Está satisfeito?"

Lupov passou os dedos por entre seus finos fios de cabelo como que para se assegurar de que o problema ainda não estava acabado e tomou um gole gentil da sua bebida. "Dez bilhões de anos não é a eternidade"

"Bom, vai durar pelo nosso tempo, não vai?"

"O carvão e o urânio também iriam."

"Está certo, mas agora nós podemos ligar cada nave individual na Estação Solar, e elas podem ir a Plutão e voltar um milhão de vezes sem nunca nos preocuparmos com o combustível. Você não conseguiria fazer isso com carvão e urânio. Se não acredita em mim, pergunte ao Multivac."

"Não preciso perguntar a Multivac. Eu sei disso"

"Então trate de parar de diminuir o que Multivac fez por nós," disse Adell nervosamente, "Ele fez tudo certo".

"E quem disse que não fez? O que estou dizendo é que o sol não vai durar para sempre. Isso é tudo que estou dizendo. Nós estamos seguros por dez bilhões de anos, mas e depois?" Lupov apontou um dedo levemente trêmulo para o companheiro. "E não venha me dizer que nós iremos trocar de sol"

Houve um breve silêncio. Adell levou o copo aos lábios apenas ocasionalmente e os olhos de Lupov se fecharam. Descansaram um pouco, e quando suas pálpebras se abriram, disse, "Você está pensando que iremos conseguir outro sol quando o nosso estiver acabado, não está?"

"Não, não estou pensando."

"É claro que está. Você é fraco em lógica, esse é o seu problema. É como o personagem da história, que, quando surpreendido por uma chuva, corre para um grupo de árvores e abriga-se embaixo de uma. Ele não se preocupa porque quando uma árvore fica molhada demais, simplesmente vai para baixo de outra."

"Entendi," disse Adell. "Não precisa gritar. Quando o sol se for, as outras estrelas também terão se acabado."

"Pode estar certo que sim" murmurou Lupov. "Tudo teve início na explosão cósmica original, o que quer que tenha sido, e tudo terá um fim quando as estrelas se apagarem. Algumas se apagam mais rápido que as outras. Ora, as gigantes não duram cem milhões de anos. O sol irá brilhar por dez bilhões de anos e talvez as anãs permaneçam assim por duzentos bilhões. Mas nos dê um trilhão de anos e só restará a escuridão. A entropia deve aumentar ao seu máximo, e é tudo."

"Eu sei tudo sobre a entropia," disse Adell, mantendo a sua dignidade.

"Duvido que saiba."

"Eu sei tanto quanto você."

"Então você sabe que um dia tudo terá um fim."

"Está certo. E quem disse que não terá?"

"Você disse, seu tonto. Você disse que nós tínhamos toda a energia de que precisávamos, para sempre. Você disse 'para sempre'."

Era a vez de Adell contrariar. "Talvez nós possamos reconstruir as coisas de volta um dia," ele disse.

"Nunca."

"Por que não? Algum dia."

"Nunca"

"Pergunte a Multivac."

"Você pergunta a Multivac. Eu te desafio. Aposto cinco dólares que isso não pode ser feito."

Adell estava bêbado o bastante para tentar, e sóbrio o suficiente para construir uma sentença com os símbolos e as operações necessárias em uma questão que, em palavras, corresponderia a esta: a humanidade poderá um dia sem nenhuma energia disponível ser capaz de reconstituir o sol a sua juventude mesmo depois de sua morte?

Ou talvez a pergunta possa ser posta de forma mais simples da seguinte maneira: A quantidade total de entropia no universo pode ser revertida?

Multivac mergulhou em silêncio. As luzes brilhantes cessaram, os estalos distantes pararam.

E então, quando os técnicos assustados já não conseguiam mais segurar a respiração, houve uma súbita volta à vida no visor integrado àquela porção de Multivac. Cinco palavras foram impressas: "DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA."

Na manhã seguinte, os dois, com dor de cabeça e a boca seca, já não lembravam do incidente.

Jerrodd, Jerrodine, e Jerrodette I e II observavam a paisagem estelar no visor se transformar enquanto a passagem pelo hiperespaço consumava-se em uma fração de segundos. De repente, a presença fulgurante das estrelas deu lugar a um disco solitário e brilhante, semelhante a uma peça de mármore centralizada no televisor.

"Este é X-23," disse Jerrodd em tom de confiança. Suas mãos finas se apertaram com força por trás das costas até que as juntas ficassem pálidas.

As pequenas Jerodettes haviam experimentado uma passagem pelo hiperespaço pela primeira vez em suas vidas e ainda estavam conscientes da sensação momentânea de tontura. Elas cessaram as risadas e começaram a correr em volta da mãe, gritando, "Nós chegamos em X-23, nós chegamos em X-23!"

"Quietas, crianças." Disse Jerrodine asperamente. "Você tem certeza Jerrodd?"

"E por que não teria?" Perguntou Jerrodd, observando a protuberância metálica que jazia abaixo do teto. Ela tinha o comprimento da sala, desaparecendo nos dois lados da parede, e, em verdade, era tão longa

quanto a nave.

Jerrodd tinha conhecimentos muito limitados acerca do sólido tubo de metal. Sabia, por exemplo, que se chamava Microvac, que era permitido lhe fazer questões quando necessário, e que ele tinha a função de guiar a nave para um destino pré-estabelecido, além de abastecer-se com a energia das várias Estações Sub-Galácticas e fazer os cálculos para saltos no hiperespaço.

Jerrodd e sua família tinham apenas de aguardar e viver nos confortáveis compartimentos da nave. Alguém um dia disse a Jerrodd que as letras "ac" na extremidade de Microvac significavam "automatic computer" em inglês arcaico, mas ele mal era capaz de se lembrar disso.

Os olhos de Jerrodine ficaram úmidos quando observava o visor. "Não tem jeito. Ainda não me acostumei com a idéia de deixar a Terra."

"Por que, meu deus?" inquiriu Jerrodd. "Nós não tínhamos nada lá. Nós teremos tudo em X-23. Você não estará sozinha. Você não será uma pioneira. Há mais de um milhão de pessoas no planeta. Por Deus, nosso bisneto terá que procurar por novos mundos porque X-23 já estará super povoado." E, depois de uma pausa reflexiva, "No ritmo em que a raça tem se expandido, é uma benção que os computadores tenham viabilizado a viagem interestelar."

"Eu sei, eu sei", disse Jerrodine com descaso.

Jerroddete I disse prontamente, "Nosso Microvac é o melhor de todos."

"Eu também acho," disse Jerrodd, alisando o cabelo da filha.

Ter um Microvac próprio produzia uma sensação aconchegante em Jerrodd e o deixava feliz por fazer parte daquela geração e não de outra. Na juventude de seu pai, os únicos computadores haviam sido máquinas monstruosas, ocupando centenas de milhas quadradas, e cada planeta abrigava apenas um. Eram chamados de ACs Planetários. Durante um milhar de anos, eles só fizeram aumentar em tamanho, até que, de súbito, veio o refinamento. No lugar dos transistores, foram implementadas válvulas moleculares, permitindo que até mesmo o maior dos ACs Planetários fosse reduzido à metade do volume de uma espaçonave.

Jerrodd sentiu-se elevado, como sempre acontecia quando pensava que seu Microvac pessoal era muitas vezes mais complexo do que o antigo e primitivo Multivac que pela primeira vez domou o sol, e quase tão complexo quanto o AC Planetário da Terra, o maior de todos, quando este solucionou o problema da viagem hiperespacial e tornou possível ao homem chegar às estrelas.

"Tantas estrelas, tantos planetas," pigarreou Jerrodine, ocupada com seus pensamentos. "Eu acho que as famílias estarão sempre à procura de novos mundos, como nós estamos agora."

"Não para sempre," disse Jerrodd, com um sorriso. "A migração vai terminar um dia, mas não antes de bilhões de anos. Muitos bilhões. Até as estrelas têm um fim, você sabe. A entropia precisa aumentar."

"O que é entropia, papai?" Jerrodette II perguntou, interessada.

"Entropia, meu bem, é uma palavra para o nível de desgaste do Universo. Tudo se gasta e acaba, foi assim que aconteceu com o seu robzinho de controle remoto, lembra?"

"Você não pode colocar pilhas novas, como em meu robô?"

"As estrelas são as pilhas do universo, querida. Uma vez que elas estiverem acabadas, não haverá mais pilhas."

Jerrodette I se prontificou a responder. "Não deixe, papai. Não deixe que as estrelas se apaguem."

"Olha o que você fez," sussurrou Jerrodine, exasperada.

"Como eu ia saber que elas ficariam assustadas?" Jerrodd sussurrou de volta.

"Pergunte ao Microvac," propôs Jerrodette I. "Pergunte a ele como acender as estrelas de novo."

"Vá em frente," disse Jerrodine. "Ele vai aquietá-las." (Jerrodette II já estava começando a chorar.)

Jerrodd se mostrou incomodado. "Bem, bem, meus anjinhos, vou perguntar a Microvac. Não se preocupem, ele vai nos ajudar."

Ele fez a pergunta ao computador, adicionando, "Imprima a resposta".

Jerrodd olhou para a o fino pedaço de papel e disse, alegremente, "Viram? Microvac disse que irá cuidar de tudo quando a hora chegar, então não há porque se preocupar."

Jerrodine disse, "E agora crianças, é hora de ir para a cama. Em breve nós estaremos em nosso novo lar."

Jerrodd leu as palavras no papel mais uma vez antes de destruí-lo: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

Ele deu de ombros e olhou para o televisor, X-23 estava logo à frente.

VJ-23X de Lameth fixou os olhos nos espaços negros do mapa tridimensional em pequena escala da Galáxia e disse, "Me pergunto se não é ridículo nos preocuparmos tanto com esta questão."

MQ-17J de Nicron balançou a cabeça. "Creio que não. No presente ritmo de expansão, você sabe que a galáxia estará completamente tomada dentro de cinco anos."

Ambos pareciam estar nos seus vinte anos, ambos eram altos e tinham corpos perfeitos.

"Ainda assim," disse VJ-23X, "hesitei em enviar um relatório pessimista ao Conselho Galáctico."

"Eu não consigo pensar em outro tipo de relatório. Agite-os. Nós precisamos chacoalhá-los um pouco."

VJ-23X suspirou. "O espaço é infinito. Cem bilhões de galáxias estão a nossa espera. Talvez mais."

"Cem bilhões não é o infinito, e está ficando menos ainda a cada segundo. Pense! Há vinte mil anos, a humanidade solucionou pela primeira vez o paradigma da utilização da energia solar, e, poucos séculos depois, a viagem interestelar tornou-se viável. A humanidade demorou um milhão de anos para encher um mundo pequeno e, depois disso, quinze mil para abarrotar o resto da galáxia. Agora a população dobra a cada dez anos..."

VJ-23X interrompeu. "Devemos agradecer à imortalidade por isso."

"Muito bem. A imortalidade existe e nós devemos levá-la em conta. Admito que ela tenha o seu lado negativo. O AC Galáctico já solucionou muitos problemas, mas, ao fornecer a resposta sobre como impedir o envelhecimento e a morte, sobrepujou todas as outras conquistas."

"No entanto, suponho que você não gostaria de abandonar a vida."

"Nem um pouco." Respondeu MQ-17J, emendando. "Ainda não. Eu não estou velho o bastante. Você tem

quantos anos?"

"Duzentos e vinte e três, e você?"

"Ainda não cheguei aos duzentos. Mas, voltando à questão; a população dobra a cada dez anos, uma vez que esta galáxia estiver lotada, haverá uma outra cheia dentro de dez anos. Mais dez e teremos ocupado por inteiro mais duas galáxias. Outra década e encheremos mais quatro. Em cem anos, contaremos um milhar de galáxias transbordando de gente. Em mil anos, um milhão de galáxias. Em dez mil, todo o universo conhecido. E depois?"

VJ-23X disse, "Além disso, há um problema de transporte. Eu me pergunto quantas unidades de energia solar serão necessárias para movimentar as populações de uma galáxia para outra."

"Boa questão. No presente momento, a humanidade consome duas unidades de energia solar por ano."

"Da qual a maior parte é desperdiçada. Afinal, nossa galáxia sozinha produz mil unidades de energia solar por ano e nós aproveitamos apenas duas."

"Certo, mas mesmo com 100% de eficiência, podemos apenas adiar o fim. Nossa demanda energética tem crescido em progressão geométrica, de maneira ainda mais acelerada do que a população. Ficaremos sem energia antes mesmo que nos falem galáxias. É uma boa questão. De fato uma ótima questão."

"Nós precisaremos construir novas estrelas a partir do gás interestelar."

"Ou a partir do calor dissipado?" perguntou MQ-17J, sarcástico.

"Pode haver algum jeito de reverter a entropia. Nós devíamos perguntar ao AC Galáctico."

VJ-23X não estava realmente falando sério, mas MQ-17J retirou o seu Comunicador-AC do bolso e colocou na mesa diante dele.

"Parece-me uma boa idéia," ele disse. "É algo que a raça humana terá de enfrentar um dia."

Ele lançou um olhar sóbrio para o seu pequeno Comunicador-AC. Tinha apenas duas polegadas cúbicas e nada dentro, mas estava conectado através do hiperespaço com o poderoso AC Galáctico que servia a toda a humanidade. O próprio hiperespaço era parte integral do AC Galáctico.

MQ-17J fez uma pausa para pensar se algum dia em sua vida imortal teria a chance de ver o AC Galáctico. A máquina habitava um mundo dedicado, onde uma rede de raios de força emaranhados alimentava a matéria dentro da qual ondas de submésos haviam tomado o lugar das velhas e desajeitadas válvulas moleculares. Ainda assim, apesar de seus componentes etéreos, o AC Galáctico possuía mais de mil pés de comprimento.

De súbito, MQ-17J perguntou para o seu Comunicador-AC, "Poderá um dia a entropia ser revertida?"

VJ-23X disse, surpreso, "Oh, eu não queria que você realmente fizesse essa pergunta."

"Por que não?"

"Nós dois sabemos que a entropia não pode ser revertida. Você não pode construir uma árvore de volta a partir de fumaça e cinzas."

"Existem árvores no seu mundo?" Perguntou MQ-17J.

O som do AC Galáctico fez com que silenciassem. Sua voz brotou melodiosa e bela do pequeno Comunicador-AC em cima da mesa. Dizia: DADOS INSUFICIENTES PARA RESPOSTA SIGNIFICATIVA.

VJ-23X disse, "Viu!"

Os dois homens retornaram à questão do relatório que tinham de apresentar ao conselho galáctico.

A mente de Zee Prime navegou pela nova galáxia com um leve interesse nos incontáveis turbilhões de estrelas que pontilhavam o espaço. Ele nunca havia visto aquela galáxia antes. Será que um dia conseguiria ver todas? Eram tantas, cada uma com a sua carga de humanidade. Ainda que essa carga fosse, virtualmente, peso morto. Há tempos a verdadeira essência do homem habitava o espaço.

Mentes, não corpos! Há eons os corpos imortais ficaram para trás, em suspensão nos planetas. De quando em quando erguiam-se para realizar alguma atividade material, mas estes momentos tornavam-se cada vez mais raros. Além disso, poucos novos indivíduos vinham se juntar à multidão incrivelmente maciça de humanos, mas o que importava? Havia pouco espaço no universo para novos indivíduos.

Zee Prime deixou seus devaneios para trás ao cruzar com os filamentos emaranhados de outra mente.

"Sou Zee Prime, e você?"

"Dee Sub Wun. E a sua galáxia, qual é?"

"Nós a chamamos apenas de Galáxia. E você?"

"Nós também. Todos os homens chamam as suas Galáxias de Galáxias, não é?"

"Verdade, já que todas as Galáxias são iguais."

"Nem todas. Alguma em particular deu origem à raça humana. Isso a torna diferente."

Zee Prime disse, "Em qual delas?"

"Não posso responder. O AC Universal deve saber."

"Vamos perguntar? Estou curioso."

A percepção de Zee Prime se expandiu até que as próprias Galáxias encolhessem e se transformassem em uma infinidade de pontos difusos a brilhar sobre um largo plano de fundo. Tantos bilhões de Galáxias, todas abrigando seus seres imortais, todas contando com o peso da inteligência em mentes que vagavam livremente pelo espaço. E ainda assim, nenhuma delas se afigurava singular o bastante para merecer o título de Galáxia original. Apesar das aparências, uma delas, em um passado muito distante, foi a única do universo a abrigar a espécie humana.

Zee Prime, imerso em curiosidade, chamou: "AC Universal! Em qual Galáxia nasceu o homem?"

O AC Universal ouviu, pois em cada mundo e através de todo o espaço, seus receptores faziam-se presentes. E cada receptor ligava-se a algum ponto desconhecido onde se assentava o AC Universal através do hiperespaço.

Zee Prime sabia de um único homem cujos pensamentos haviam penetrado no campo de percepção do AC Universal, e tudo o que ele viu foi um globo brilhante difícil de enxergar, com dois pés de comprimento.

"Como pode o AC Universal ser apenas isso?" Zee Prime perguntou.

"A maior parte dele permanece no hiperespaço, onde não é possível imaginar as suas proporções."

Ninguém podia, pois a última vez em que alguém ajudou a construir um AC Universal jazia muito distante no tempo. Cada AC Universal planejava e construía seu sucessor, no qual toda a sua bagagem única de informações era inserida.

O AC Universal interrompeu os pensamentos de Zee Prime, não com palavras, mas com orientação. Sua mente foi guiada através do espesso oceano das Galáxias, e uma em particular expandiu-se e se abriu em estrelas.

Um pensamento lhe alcançou, infinitamente distante, infinitamente claro. "ESTA É A GALÁXIA ORIGINAL DO HOMEM."

Ela não tinha nada de especial, era como tantas outras. Zee Prime ficou desapontado.

"Dee Sub Wun, cuja mente acompanhara a outra, disse de súbito, "E alguma dessas é a estrela original do homem?"

O AC Universal disse, "A ESTRELA ORIGINAL DO HOMEM ENTROU EM COLAPSO. AGORA É UMA ANÃ BRANCA."

"Os homens que lá viviam morreram?" perguntou Zee Prime, sem pensar.

"UM NOVO MUNDO FOI ERGUIDO PARA SEUS CORPOS HÁ TEMPO."

"Sim, é claro," disse Zee Prime. Sentiu uma distante sensação de perda tomar-lhe conta. Sua mente soltou-se da Galáxia do homem e perdeu-se entre os pontos pálidos e esfumados. Ele nunca mais queria vê-la.

Dee Sub Wun disse, "O que houve?"

"As estrelas estão morrendo. Aquela que serviu de berço à humanidade já está morta."

"Todas devem morrer, não?"

"Sim. Mas quando toda a energia acabar, nossos corpos irão finalmente morrer, e você e eu partiremos junto com eles."

"Vai levar bilhões de anos."

"Não quero que isso aconteça nem em bilhões de anos. AC Universal! Como a morte das estrelas pode ser evitada?"

Dee Sub Wun disse perplexo, "Você perguntou se há como reverter a direção da entropia!"

E o AC Universal respondeu: "AINDA NÃO HÁ DADOS SUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA."

Os pensamentos de Zee Prime retornaram para sua Galáxia. Não dispensou mais atenção a Dee Sub Wun, cujo corpo poderia estar a trilhões de anos luz, ou na estrela vizinha do corpo de Zee Prime. Não importava.

Com tristeza, Zee Prime passou a coletar hidrogênio interestelar para construir uma pequena estrela para si. Se as estrelas devem morrer, ao menos algumas ainda podiam ser construídas.

O Homem pensou consigo mesmo, pois, de alguma forma, ele era apenas um. Consistia de trilhões, trilhões e trilhões de corpos muito antigos, cada um em seu lugar, descansando incorruptível e calmamente, sob os cuidados de autômatos perfeitos, igualmente incorruptíveis, enquanto as mentes de todos os corpos haviam escolhido fundir-se umas às outras, indistintamente.

"O Universo está morrendo."

O Homem olhou as Galáxias opacas. As estrelas gigantes, esbanjadoras, há muito já não existiam. Desde o passado mais remoto, praticamente todas as estrelas consistiam-se em anãs brancas, lentamente esvaindo-se em direção a morte.

Novas estrelas foram construídas a partir da poeira interestelar, algumas por processo natural, outras pelo próprio Homem, e estas também já estavam em seus momentos finais. As Anãs brancas ainda podiam colidir-se e, das enormes forças resultantes, novas estrelas nascerem, mas apenas na proporção de uma nova estrela para cada mil anãs brancas destruídas, e estas também se apagariam um dia.

O Homem disse, "Cuidadosamente controlada pelo AC Cósmico, a energia que resta em todo o Universo ainda vai durar por um bilhão de anos."

"Ainda assim, vai eventualmente acabar. Por mais que possa ser poupada, uma vez gasta, não há como recuperá-la. A Entropia precisa aumentar ao seu máximo."

"Pode a entropia ser revertida? Vamos perguntar ao AC Cósmico."

O AC Cósmico cercava-os por todos os lados, mas não através do espaço. Nenhuma parte sua permanecia no espaço físico. Jazia no hiperespaço e era feito de algo que não era matéria nem energia. As definições sobre seu tamanho e natureza não faziam sentido em quaisquer termos compreensíveis pelo Homem.

"AC Cósmico," disse o Homem, "como é possível reverter a entropia?"

O AC Cósmico disse, "AINDA NÃO HÁ DADOS SUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA."

O Homem disse, "Colete dados adicionais."

O AC Cósmico disse, "EU O FAREI. TENHO FEITO ISSO POR CEM BILHÕES DE ANOS. MEUS PREDECESSORES E EU OUVIMOS ESTA PERGUNTA MUITAS VEZES. MAS OS DADOS QUE TENHO PERMANECEM INSUFICIENTES."

"Haverá um dia," disse o Homem, "em que os dados serão suficientes ou o problema é insolúvel em todas as circunstâncias concebíveis?"

O AC Cósmico disse, "NENHUM PROBLEMA É INSOLÚVEL EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS CONCEBÍVEIS."

"Você vai continuar trabalhando nisso?"

"VOU."

O Homem disse, "Nós iremos aguardar."

As estrelas e as galáxias se apagaram e morreram, o espaço tornou-se negro após dez trilhões de anos de atividade.

Um a um, o Homem fundiu-se ao AC, cada corpo físico perdendo a sua identidade mental, acontecimento que era, de alguma forma, benéfico.

A última mente humana parou antes da fusão, olhando para o espaço vazio a não ser pelos restos de uma estrela negra e um punhado de matéria extremamente rarefeita, agitada aleatoriamente pelo calor que aos poucos se dissipava, em direção ao zero absoluto.

O Homem disse, "AC, este é o fim? Não há como reverter este caos? Não pode ser feito?"

O AC disse, "AINDA NÃO HÁ DADOS SUFICIENTES PARA UMA RESPOSTA SIGNIFICATIVA."

A última mente humana uniu-se às outras e apenas AC passou a existir – e, ainda assim, no hiperespaço.

A matéria e a energia se acabaram e, com elas, o tempo e o espaço. AC continuava a existir apenas em função da última pergunta que nunca havia sido respondida, desde a época em que um técnico de computação embriagado, há dez trilhões de anos, a fizera para um computador que guardava menos semelhanças com o AC do que o homem com o Homem.

Todas as outras questões haviam sido solucionadas, e até que a derradeira também o fosse, AC não poderia descansar sua consciência.

A coleta de dados havia chegado ao seu fim. Não havia mais nada para aprender.

No entanto, os dados obtidos ainda precisavam ser cruzados e correlacionados de todas as maneiras possíveis.

Um intervalo imensurável foi gasto neste empreendimento.

Finalmente, AC descobriu como reverter a direção da entropia.

Não havia homem algum para quem AC pudesse dar a resposta final. Mas não importava. A resposta – por demonstração – também daria conta disso.

Por outro incontável período, AC pensou na melhor maneira de agir. Cuidadosamente, AC organizou o programa.

A consciência de AC abarcou tudo o que um dia foi um Universo e tudo o que agora era o Caos. Passo a passo, isso precisava ser feito.

E AC disse:

"FAÇA-SE A LUZ!"

E fez-se a luz.

^[1] O nome em inglês é "house martin". (N. do E.

^[2] Francês: *Pelo carro!*

^[3] Comissão de Energia Atômica - N. do E.

^[4] O autor deixa bem claro que aquele povoado é um lugar aonde as coisas modernas não chegavam. Nem no plano material nem no espiritual, pois até a religião era apresentada de forma antiga, com referência às chamas e ao fedor do inferno.

^[5] "Onde estou?" O estranho, coberto de sinais de riqueza, fala francês.

^[6] "Onde estou?", em alemão.

^[7] "Onde estou?", em espanhol, italiano, outras línguas.

^[8] Essas juras apaixonadas, trocas de retratos e cachos como lembranças, os suspiros e olhares dos namorados proibidos, tudo mostra como eram os amores românticos naquele tempo em que os pais é que decidiam os casamentos e os filhos tinham que obedecer.

^[9] Essa repetição de "confidencialmente" não é um erro, é de propósito. Assim o autor usa ironia para mostrar como cada um ia traindo a confiança e passando o segredo adiante — como, aliás, fazia todo o vilarejo.

^[10] O conde fala de um jeito tão grandioso e exagerado que até parece discurso. Mark Twain usa esse recurso para que o leitor perceba que o personagem está passando da conta e sinta que "assim, também, já é demais". Qualquer um desconfia que essas palavras são falsas. Menos a bobinha da Mary. É como se o autor piscasse o olho para o leitor sem ela ver.

^[11] Esse trecho cheio de palavras jurídicas explica que, como todos no vilarejo gostavam de Hugh, achavam que ele não seria condenado a morrer enforcado (como se usava naquele tempo nos Estados Unidos), mas apenas à prisão, por ter matado sem querer. Numa época em que não havia telefone, mensageiros foram mandados à capital pedir perdão, ou, pelo menos, uma pena mais favorável.

^[12] Pronto, aqui acaba a história do casamento. E já sabemos quem cometeu o assassinato. Falta explicar como, e resolver o outro mistério: como o conde chegou lá? Como, claramente, aqui é o fim de uma parte, o autor conta o resto da história de outra maneira, e passa a usar "eu", o pronome de primeira pessoa, na confissão do conde.

^[13] O francês Júlio Verne escreveu vários livros que podem ser considerados os fundadores da ficção científica. Imaginava tecnologias avançadíssimas que ainda não existiam na época e serviam de apoio para fantásticas aventuras, como "Da Terra à Lua" e "Viagem ao Centro da Terra".

^[14] Livro de Júlio Verne que conta as aventuras do capitão Nemo e sua tripulação, num submarino chamado "Nautilus", enfrentando monstros marinhos e vivendo várias outras peripécias emocionantes.

^[15] Todos esses são títulos de livros que foram escritos por Júlio Verne e fizeram muito sucesso, com aventuras maravilhosas, bem diferentes dessas coisas sem graça que o conde conta.

^[16] O título vem de uma rima infantil em inglês, muito conhecida: "*There was a crooked man... And he built a crooked house...*" N. do T.

^[17] "The Pup", em inglês, quer dizer filhote de cachorro. N. do T.